

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Marilce Ivama de Freitas

**Impactos da readaptação na constituição da identidade
docente**

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

SÃO PAULO - SP

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Marilce Ivama de Freitas

**Impactos da readaptação na constituição da identidade
docente**

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

Tese apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo –
PUC-SP, como exigência parcial para
obtenção do título de Doutora em
Educação: Psicologia da Educação,
sob orientação da Prof. Dra. Mitsuko
Aparecida Makino Antunes

SÃO PAULO - SP

2021

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data:

Email: marilceivama@uol.com.br

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

F866 Freitas, Marilce Ivama de
Impactos da readaptação na constituição da
identidade docente. / Marilce Ivama de Freitas. --
São Paulo: [s.n.], 2021.
264p. il. ; cm.

Orientadora: Mitsuko Aparecida Makino Antunes.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, (Mestrado Profissional) -- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da
Educação.

1. metamorfose. 2. identidade. 3. identidade
docente. 4. professor readaptado. I. Antunes,
Mitsuko Aparecida Makino. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da
Educação. III. Título.

CDD

Banca Examinadora

*Dedico esta tese a todas as
pessoas que possibilitaram a
construção desse processo.*

COMO UM RIO

*Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho
para a esperança.
E de lavar do límpido
a mágoa da mancha,
como o rio que leva,
e lava.*

*Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
como o rio decifra
o segredo do chão.*

*Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar.*

*Como um rio, aceitar
essas súbitas ondas
feitas de água impuras
que afloram a escondida
verdade nas funduras.*

*Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.*

*Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.*

(Thiago de Mello, 1981)

Agradecimento à CAPES:

O presente foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NÚMERO DE PROCESSO No. 88887.165777/2018-00

AGRADECIMENTOS

Nesse sentido, um único mestre-modelo não é suficiente para dar conta de todas as nossas dimensões pessoais e dessa forma elegemos modelos como referências para uma ou mais dimensões dos papéis que exercemos. (RONCA, V. M. F. 2007, p. 24)

Agradeço a todos os meus “mestres-modelos” que contribuíram nos caminhos que trilhei, que me apoiaram, me incentivaram e possibilitaram que eu chegasse até aqui.

Aos meus primeiros “mestres-modelos”, meu pai, Massaro (em memória) e minha mãe, Neusa, que foram modelos de muitas dimensões, minha eterna gratidão. Não sou capaz de contabilizar as aprendizagens que me proporcionaram, e ainda proporcionam, não apenas quanto à maternidade, mas também profissionalmente. Sem seus ensinamentos e apoio eu não seria quem sou hoje.

À minha sogra, Lurdes, meus cunhados e irmãos, pela compreensão diante de inúmeras ausências nos encontros familiares.

Às minhas filhas e sobrinhos, que apesar da pouca idade, são, para mim, “mestres-modelos”, de amor incondicional, de companheirismo e de incentivo. Obrigada não apenas pela compreensão diante dos diversos dias que não pude estar presente, mas, principalmente pelos abraços, sorrisos e carinhos que me fortaleceram.

Ao meu marido, José, homem brilhante e companheiro, pela parceria de vida, paciência, cuidados, incentivos, apoio constantes e por ser meu porto seguro, sou imensamente grata.

Aos meus amigos, cujos vínculos se iniciaram profissionalmente, cujos nomes não citarei, mas agradeço por serem mestres que fortaleceram minhas posturas profissionais, que me mobilizaram a agir, a refletir, a mudar e a não desistir. Tive a oportunidade de encontrar mestres maravilhosos nas unidades escolares em que atuei e sou-lhes grata por tantos compartilhamentos.

Agradeço imensamente às professoras que concordaram em compartilhar suas histórias para esta tese. Elas sempre contribuíram muito para a construção do meu olhar e das minhas intervenções em relação aos profissionais

readaptados com quem trabalho. Tenho certeza que suas histórias contribuirão para transformar outros olhares também.

Quanto às pessoas que encontrei em minha formação na PUC-SP, nem sei como expressar o que sinto. Meus “mestres-modelos” são muito especiais, inesquecíveis e admiráveis. Ainda no mestrado me encantei com estes mestres, que transbordam conhecimento e sabedoria apenas com sua presença.

À minha orientadora, Professora Doutora Mitsuko Aparecida Makino Antunes, a quem admiro profundamente, agradeço não apenas pela orientação e pelas contribuições na elaboração desta tese, mas também pela paciência e compreensão em relação aos obstáculos enfrentados neste percurso. Ao iniciar o curso projetei um futuro com possibilidade de dedicação de tempo integral, ao menos durante dois anos, o que não se concretizou. Diante da realidade dada precisei distribuir o tempo para tentar dar conta de todos os papéis que ocupo, necessitando, assim, de sua compreensão quanto aos prazos.

Aos professores da banca agradeço as diversas contribuições que, certamente, não se limitaram à construção desta tese. Ao Professor Doutor Antonio Carlos Caruso Ronca, presente em minha história desde a orientação do mestrado, uma referência para toda vida. À Professora Doutora Lindabel, que tive a oportunidade de conhecer na qualificação, agradeço as provocações e sugestões que ampliaram os olhares desta tese. Ao Professor Doutor Heloani agradeço as reflexões ofertadas por suas produções. Minha gratidão à Professora Doutora Laurinda, que me afeta e inspira, por suas intervenções tão profundas e, ao mesmo tempo, acolhedoras, indicando caminhos e compartilhando percepções que qualificaram esta tese. E, por fim, agradeço imensamente à Professora Doutora Vera Placco, com quem convivi ao longo destes quatro anos, participando do Projeto “Desafios da escola na atualidade: Qual a escola do século XXI?”, pelo acolhimento, pelo apoio, por seus apontamentos

Neste espaço, de muito aprendizado, conheci pesquisadores, estudiosos, a quem tenho em alta estima e a quem agradeço por todas as reflexões e construções que realizamos. Dentre estes “mestres-modelos” quero destacar uma grande amiga, que é um verdadeiro presente em minha vida, Danielle Girotti Callas, a quem agradeço por tantas trocas, orientações e apoio.

FREITAS, M. I. **Impactos da readaptação na constituição da identidade docente**. 2021. 264 p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Marilce Ivama de Freitas

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender a interferência da readaptação na identidade docente, a partir do ponto de vista de professoras readaptadas, da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram realizadas entrevistas não-diretivas com seis professoras readaptadas, tendo como principal base teórica a Teoria da Identidade de Ciampa. Para a construção dos conceitos e a análise dos conteúdos apresentados pelas professoras recorreu-se também a outros autores, como Dubar (2003, 2005, 2009), Dejours (2007, 2015), Heloani (2004, 2015), Nóvoa (2007) e Placco e Souza (2015, 2016), dentre outros. O levantamento bibliográfico mostrou a presença de poucos estudos sobre a readaptação docente e, portanto, a necessidade de ampliação e aprofundamento do tema. Os dados do “Portal da Transparência” mostram o aumento de casos de readaptação docente, que, na cidade de São Paulo, representaram 9% do total de professores, sendo que o maior índice de readaptação está entre os professores que atendem crianças e adolescentes no Ensino Fundamental II e Médio. A partir do conteúdo apresentado nas seis entrevistas foram formulados 5 eixos: 1- Como começa a se narrar e escolha profissional, 2- Readaptação, 3- Condições e organização do trabalho, 4- PPP e equipe gestora e 5- Processos de mesmice e metamorfose, cuja análise possibilitou a percepção de que a readaptação impacta na constituição da identidade docente, cujo processo gerará mesmices e metamorfoses em função das experiências vividas, havendo a necessidade de olhares mais atentos e mudanças de encaminhamentos para a minimização dos impactos negativos.

Palavras-chave: readaptação docente, metamorfose, identidade, identidade docente, professor readaptado.

FREITAS, M. I. **Impacts of readaptation on the constitution of teacher's identity**. 2021. 264 p. Thesis (Doctorate in Education: Educational Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Marilce Ivama de Freitas

ABSTRACT

This study aims to understand the interference of readaptation in teacher's identity, from the point of view of readapted teachers, who works in the Public Education Network in the City of São Paulo. For the development of this research, non-directive interviews were conducted with six readapted teachers, having Ciampa's Theory of Identity as the main theoretical basis. For the concepts' building and the analysis of the contents presented by the teachers, other authors were also studied, such as Dubar (2003, 2005, 2009), Dejours (2007, 2015), Heloani (2004, 2015), Nóvoa (2007) and Placco and Souza (2015, 2016), among others. The literature review showed the presence of few studies on teacher readaptation and, therefore, the necessity to expand and to deepen the theme. The data from the "Portal da Transparência" (Transparency Portal) demonstrate the increase in cases of teacher's readaptation, which, in the city of São Paulo, accounted for 9% of the total number of teachers, with the highest rate of readaptation being among teachers serving children and adolescents in the middle and high school. From the content presented in the six interviews, five axes were formulated: 1- How to start one's narrative and professional choice, 2- Readaptation, 3- Work conditions and organization, 4- PPP (Political Pedagogical Project) and management team and 5- Sameness and metamorphosis processes, whose analysis enabled the perception that readaptation impacts on the constitution of the teacher's identity, whose process will generate sameness and metamorphoses, according to the lived experiences, with the need for more attentive gazes and changes in directions to minimize the negative impacts.

Keywords: Teacher's readaptation. Metamorphose. Identity. Teacher's Identity. Readapted teacher.

FREITAS, M. I. **Impactes de la réadaptation dans la constitution de l'identité de l'enseignant.** 2021. 264 p. Thèse (Doctorat en Education: Psychologie de l'Education) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Marilce Ivama de Freitas

RÉSUMÉ

Cette étude a pour but comprendre l'interférence de la réadaptation dans l'identité de l'enseignant, à partir du point de vue de enseignants réadaptées, du Réseau Municipal de l'Enseignement de la ville de São Paulo. Pour le développement de cette recherche, des interviews non-directives ont été réalisées avec six enseignants réadaptées, ayant comme base théorique principale la Théorie de l'Identité de Ciampa. Pour la construction des concepts et l'analyse des contenus présentés par les enseignants, on a recouru également à d'autres auteurs tels que Dubar (2003, 2005, 2009), Dejours (2007, 2015), Heloani (2004, 2015), Nóvoa (2007) et Placco and Souza (2015, 2016), entre autres. Le relevé bibliographique a démontré la présence de peu d'études à propos de la réadaptation des enseignants et, par conséquent, la nécessité d'élargissement et d'approfondissement u thème. Les données du « Portal da Transparência » montrent l'augmentation de cas de réadaptation de l'enseignant, que, dans la ville de São Paulo, ont représenté 9% du total d'enseignants, sachant que l'indice majeur de réadaptation est parmi les enseignants en service des enfants et des adolescents du collège et du lycée. A partir du contenu présenté dans les six interviews, cinq axes ont été formulés: 1- Comment le sujet commence sa narrative et le choix professionnel, 2- Réadaptation, 3- Conditions et organisation du travail, 4- PPP (Projet Politique Pédagogique) et l'équipe de gestion et 5- Processus de similitude et métamorphose, dont l'analyse a rendu possible la perception que la réadaptation impacte sur la constitution de l'identité de l'enseignant, dont le processus produira similitudes et métamorphoses en fonction des expériences vécues, ayant le besoin de regards plus attentifs et de changements d'acheminements afin de minimiser les impacts négatifs.

Mots-clés: Réadaptation de l'enseignant. Métamorphose. Identité. Identité de l'enseignant. Enseignant adapté.

FREITAS, M. I. **Impactos de la readaptación en la constitución de la identidad docente**. 2021. p. Tesis (Doctorado em Educação: Psicologia de la Educación) – Pontificia Universidad Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Marilce Ivama de Freitas

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender la interferencia de la readaptación en la identidad docente, desde el punto de vista de los docentes readaptados, de la Red Educativa Municipal, en la Ciudad de São Paulo. Para el desarrollo de este estudio se realizaron entrevistas no directivas a seis docentes readaptados, teniendo como base teórica principal la Teoría de la Identidad de Ciampa. Para la construcción de los conceptos y el análisis de los contenidos presentados por los profesores también se utilizaron otros autores como Dubar (2003, 2005, 2009), Dejours (2007, 2015), Heloani (2004, 2015), Nóvoa (2007) y Placco y Souza (2015, 2016), entre otros. El relevamiento bibliográfico mostró la presencia de pocos estudios sobre readaptación docente y, por tanto, la necesidad de ampliar y profundizar el tema. Los datos del “Portal de Transparencia” muestran un aumento en los casos de readaptación docente, que en la ciudad de São Paulo representó el 9% del total de docentes, siendo la mayor tasa de readaptación entre los docentes que atienden a niños y adolescentes de la ciudad. escuela primaria II y secundaria. A partir del contenido presentado en las seis entrevistas se formularon cinco ejes: 1- Cómo empezar a narrar y elección profesional, 2- Readaptación, 3- Condiciones y organización de trabajo, 4- PPP y equipo de gestión y 5- Procesos de mismidad y metamorfosis, cuyo análisis permitió la percepción de que la readaptación impacta en la constitución de la identidad docente, cuyo proceso generará similitudes y metamorfosis dependiendo de las experiencias vividas, con la necesidad de miradas más atentas y cambios de referencias para minimizar los impactos negativos.

Palabras clave: readaptación docente, metamorfosis, identidad, identidad docente, docente readaptado.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Teses e dissertações (segundo descritores elencados) ____	21
Quadro 2 -	Anos das publicações _____	23
Quadro 3 -	Distribuição de professores readaptados, por laudo temporário e por diagnóstico _____	35
Quadro 4 -	Distribuição de professores readaptados, por laudo definitivo e por diagnóstico _____	36
Quadro 5 -	Distribuição de professores readaptados, segundo o nível de atuação e o diagnóstico _____	37
Quadro 6 -	Eixos e subeixos para análise _____	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Produções (artigos, teses e dissertações) _____	21
Gráfico 2 -	Área de conhecimento _____	22
Gráfico 3 -	Períodos das publicações _____	23
Gráfico 4 -	Estados e Distrito Federal _____	24
Gráfico 5 -	Laudo temporário e laudo definitivo em 2020 _____	32
Gráfico 6 -	Total de professores ativos X total de professores readaptados _____	33
Gráfico 7 -	Laudo temporário e laudo definitivo em 2013 _____	33
Gráfico 8 -	Professores readaptados 2013 X 2020 _____	34
Gráfico 9 -	Distribuição de professores readaptados por nível de atuação _____	38
Gráfico 10 -	Distribuição de professores readaptados de ensino fundamental II e ensino médio por diagnóstico _____	38
Gráfico 11 -	Professores de ensino fundamental II e ensino médio ativos e readaptados _____	39
Gráfico 12 -	Distribuição de professores readaptados de educação infantil e ensino fundamental I, por diagnóstico _____	39
Gráfico 13 -	Professores de educação infantil e ensino fundamental I ativos e readaptados _____	40
Gráfico 14 -	Distribuição de professores readaptados de educação infantil, por diagnóstico _____	40
Gráfico 15 -	Professores de educação infantil ativos e readaptados ____	41
Gráfico 16 -	Total de professores readaptados em 2020, por diagnóstico _____	42

SIGLAS

CJ - Centro de Juventude

CEFAM – Centro Específico de Formação e aperfeiçoamento do Magistério

CONAE - Conferência Nacional de Educação

DOT - Diretoria de Orientação Técnica

D.O. ou D.O.C – Diário Oficial da Cidade

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

JB - Jornada Básica

JBD - Jornada Básica Docente

JEA - Jornada Especial Ampliada

JEI - Jornada Especial Integral

JEIF - Jornada Especial Integral de Formação

JEX – Jornada Especial de Hora-aula Excedente

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

PEA - Projeto Específico de Ação

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo

PNE - Plano Nacional de Educação

PPP – Projeto político pedagógico

SME - Secretaria Municipal de Educação

Sumário

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO 1 – Professores readaptados na prefeitura de São Paulo	34
CAPÍTULO 2 – Identidade	52
2.1 – A identidade profissional docente (ou o papel docente)	58
2.2 – Trabalho e consciência	64
CAPÍTULO 3 – A pesquisa	71
3.1 – Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa	72
3.1.1 – Etapas	73
3.2 – Instrumento de coleta de dados	74
3.3 – Sobre a apresentação e a análise dos dados	76
3.4 - Caracterização das entrevistadas e das escolas onde atuam	77
CAPÍTULO 4 – O que as professoras contam	80
4.1 – Eixo: Como começa a se narrar e escolha da profissão	80
4.2 – Eixo: Readaptação	86
4.2.1 - Motivo da readaptação	86
4.2.2 – Percepções quanto ao tipo de readaptação	99
4.2.3 - Como lidou/lida com a situação	102
4.2.4. – Como vê a própria condição e a função docente	112
4.3 – Eixo: Condições e Organização de trabalho	120
4.3.1 – O olhar do outro	135
4.4. – Eixo: PPP e Equipe Gestora	139
4.5. – Mesmice e metamorfose	143
4.5.1 – As vivências durante a pandemia	155
4.5.2. – A escolha do nome fictício	157
4. 6 – À guisa de síntese	158

5 – Considerações finais	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169
APÊNDICE	177
1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA FERNANDA.....	177
2 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA CLAUDIA	187
3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ERIKA	209
4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIENE	227
5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LAURA	237
6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSEMEIRE	251
7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	264

APRESENTAÇÃO

Quem sou eu?

Não é uma pergunta fácil de ser respondida. Sou um ser constituído de muitos seres, de muitas histórias, de muitos percursos.

Vou tentar contar um pouco dessa história para que possam compreender meu vínculo com o tema que pretendo estudar. Logo, desde já, estou dizendo que vou apresentar uma parte de mim, um pouco de uma das minhas histórias, um ponto de vista dessa história.

Existe um texto chamado “Ainda sobre as montanhas”, atribuído ao autor Fábio Cascino¹. Esse texto fala das possibilidades de exploração de uma montanha, diz que mesmo que uma pessoa atinja o topo, tendo vivenciado as dificuldades da subida, explorado o percurso e experienciado a montanha, o terá feito apenas por aquele lado, de modo que todo o resto da montanha permanecerá desconhecido para essa pessoa e, portanto, possível de ser explorada e conhecida. Me identifico muito com esse texto. Gosto de pensar que sou assim, como a montanha, com muitas possibilidades a serem conhecidas.

Pontuo, ainda, que uma história pode ter mais de um ponto de vista, dependendo do ângulo percebido por quem vê. Sendo assim, pode haver diferentes versões ou percepções dessa mesma história.

No segundo grau, hoje ensino médio, optei por fazer Magistério, tendo a docência como meta já há algum tempo. Ingressei no curso de Magistério do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) de São Miguel Paulista, programa do governo do Estado de São Paulo, que já não existe mais. Este programa oferecia uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo, possibilitando, assim, que as pessoas se dedicassem aos estudos em período integral. E, certamente, essa bolsa fez diferença, pois se não fosse esse programa eu teria que trabalhar durante o dia e estudar no período noturno.

¹ Não encontrei em nenhum portador oficial a comprovação de que este é o autor real do texto.

Poder estudar em período integral, aprofundando olhares e vivenciando práticas foi algo muito especial. Desejei que a continuidade de meus estudos fossem assim, com mais tempo para dedicação à minha formação profissional. Infelizmente isso não foi possível e optei por cursar Pedagogia, no período noturno, já que precisaria trabalhar durante o dia para sustentar o curso.

Enquanto cursava Pedagogia trabalhei em um Centro de Juventude (CJ), administrado por uma entidade religiosa, com uma turma de pré-adolescentes. Certamente esse trabalho contribuiu muito para minha formação profissional. Vivenciei uma percepção da formação integral do ser. Havia a orientação de conhecermos as crianças e adolescentes com os quais estávamos trabalhando, procurando orientá-los para além do reforço escolar, dos esportes ou das aulas de artesanato. O contato com as famílias, o vínculo com as crianças e adolescentes e o cuidado para provocar reflexões sobre as possibilidades em suas vidas me deixaram marcas profundas, memórias, tristes e felizes, que ainda me movem.

No último semestre da faculdade, quando precisei fazer estágio, recebi o convite de atuar como professora eventual em uma escola do Estado, o que me favoreceria o tempo necessário aos estágios. Desta maneira, saí do CJ e iniciei o trabalho, como professora eventual, em uma escola do Estado de São Paulo, onde trabalhei por quase dois anos com crianças, adolescentes e adultos, uma vez que assumi algumas aulas no período noturno, para o ensino médio.

Não posso dizer que foi uma mudança fácil. Gostava muito do que fazia e me sentia recompensada a cada conquista com os avanços das crianças e dos adolescentes, além de ter criado um forte vínculo com eles, havendo entre nós muito respeito e carinho. Eles faziam com que me sentisse uma boa educadora, porém eu sabia que não poderia me manter ali para o resto da vida e me coloquei diante do novo, diante de um desafio grande, pois teria que estar preparada para atuar com polivalência desde a primeira até a oitava série do ensino fundamental, precisando conhecer os conteúdos das áreas específicas de maneira suficiente para tratá-las com os alunos diante da ausência de um professor. Novos alunos, novas situações, a incerteza do que iria trabalhar a cada dia, a necessidade de realizar os estágios para concluir o curso... desafio aceito. Na verdade, algumas crianças e adolescentes do CJ eram alunos nessa escola, então, apesar de

muitas coisas novas, tinham alguns portos seguros para me apoiar. Certamente saí do CJ diferente do que entrei; ainda que não tivesse pedido mudança alguma, elas aconteceram.

Após a conclusão da faculdade, aproveitando a flexibilidade de horário de um professor eventual, ingressei no curso de especialização em PsicoPedagogia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nessa mesma época, prestei concurso para trabalhar na prefeitura de São Paulo, com educação infantil. Tendo sido aprovada, deixei a escola do Estado, na qual era eventual, para assumir aulas na escola da Prefeitura, como professora concursada. Nessa troca de escola, troquei também o público que atendia. Antes trabalhava a maior parte do tempo com crianças a partir de 11 anos e adolescentes, agora iria trabalhar com crianças entre 4 a 6 anos.

Essa mudança foi menos sentida, uma vez que, em virtude da constante mudança de turmas, do pouco tempo com cada turma, não houve a criação de vínculos tão profundos quanto antes, mas eles existiam e não posso dizer que foi fácil abandoná-los. Dessa vez estava indo para um lugar distante, com outra faixa etária, e não poderia contar com referências nas quais me apoiar.

É interessante pensar o quanto modificamos e somos modificados nessas caminhadas. Sei que minhas percepções profissionais e pessoais já haviam sido novamente alteradas, mesmo que eu não tenha, conscientemente, planejado. O fato de estar estudando e buscando refletir sobre o trabalho que desenvolvia me direcionaria para mudanças, mas não havia um planejamento tão claro, no sentido de dizer que queria sair do ponto A e chegar ao ponto B, no sentido de dizer que queria mudar quem eu era, mas isso, de certa forma, aconteceu.

Iniciei na educação infantil e, sem o direito de escolha, peguei a turma de uma professora que não era concursada na rede, o que me causou espanto, pois imaginei que, começando no meio do ano, iria ficar como eventual, só podendo escolher uma turma para o ano seguinte. Não foi uma situação agradável, pois passei a me sentir como se as outras professoras me desgostassem por ter tirado a turma de uma colega, mesmo sabendo que não tive escolha. Isso não me permitiu sentir-me pertencente àquele lugar naquele momento. Além disso, estava habituada com um diálogo com crianças maiores e vi, então, um grande

desafio, estar onde não me sentia bem quista, com o dever de trabalhar com crianças com as quais não conseguia estabelecer um vínculo positivo.

Após um período curto, mas doloroso, de adaptação, no qual pensei muitas vezes em desistir e abrir mão da estabilidade do concurso público, consegui construir um vínculo e um trabalho com aquelas crianças, bem como com toda a equipe da escola. Posso dizer que dialogar com as famílias e conhecer um pouco mais sobre as histórias pessoais de cada criança, além de conhecer um pouco sobre as propostas daquela escola, me ajudou muito nessa situação. A partir desse momento não conseguia me ver em outro espaço que não fosse a educação infantil.

Pouco tempo após iniciar nessa turma, a professora que substituí, e que já não estava mais na escola, sofreu um acidente e voltaria a trabalhar em readaptação funcional. Achei interessante o encaminhamento e até acolhedor permitir que a professora pudesse retornar à escola para exercer funções que fossem compatíveis com sua condição de saúde. Naquela época não entendia muito bem o que significava a readaptação funcional e não tínhamos professoras nessa condição na escola onde trabalhava.

O tempo passou e me trouxe provocações quanto à minha certeza de querer me manter em sala de aula, na educação infantil, pelo resto de meus dias. Após alguns anos, passei a achar que poderia contribuir em outras funções também, assumindo a função de professora orientadora de informática e depois de coordenadora pedagógica designada, mantendo meu cargo base de professora. Nesse período prestei concurso para a coordenação e passei. Quando fui chamada para assumir o cargo de coordenadora estava exercendo essa função como professora designada, na escola onde havia iniciado como professora de educação infantil e atuado até então.

É preciso esclarecer que levei meu cargo de professora para outra escola, mais próxima da minha casa, quando decidi aceitar me designar para o cargo de coordenadora, pois havia passado no concurso de ingresso, o que me permitiria manter os dois cargos, quando fosse chamada, e a esperança de conseguir escolher a mesma escola para exercer o cargo concursado.

Para iniciar no cargo de coordenadora teria que assumir minha turma como professora novamente, o que implicaria tirar a professora que estava com eles. Mesmo sabendo que ela sabia do risco quando assumiu a turma, me vi novamente em uma situação desconfortável, mas, dessa vez, com toda a consciência do processo vivido desde a escolha da turma. Protelei ao máximo o início do exercício como coordenadora para evitar prejudicar a professora e a turma com o meu retorno, pois já estava próximo do final de ano; mesmo assim, vivi o desconforto e senti olhares inquisitórios por parte de alguns colegas. Paralelo ao desconforto, vivia o luto de ter que abandonar a escola na qual havia iniciado minha jornada na educação infantil, havia criado tantos vínculos, tinha me constituído parte de uma equipe profissional fabulosa, pois no momento da escolha não consegui retornar a ela.

Iniciei a coordenação em um Centro de Educação Infantil (CEI), que ficaria sem direção para o ano seguinte e não titubeei em me candidatar para o cargo, uma vez que se tratava de um CEI próximo à minha residência, que favoreceria o acúmulo de cargo com a outra escola, na qual manteria a docência. Trabalhei, então, por dois anos nesse CEI, como diretora designada, tendo meu cargo de coordenadora fixado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF). Nesse CEI me deparei com Auxiliares de Desenvolvimento Infantil que se encontravam em readaptação funcional e que, por motivos diferentes, não poderiam manter suas funções junto às crianças, mas que podiam contribuir na parte administrativa do CEI, que naquela época não contava com Auxiliares técnicos nem com Assistentes de Direção. Desta maneira, elas eram extremamente importantes para o bom desenvolvimento do trabalho e manifestavam-se satisfeitas por estarem contribuindo, de alguma forma, com a educação infantil, o que, de certa maneira, manteve minha visão romântica de que as pessoas, diante de seus impedimentos, seriam respeitadas e acolhidas em outras funções, com as quais pudessem se sentir realizadas.

Após esses dois anos, uma diretora concursada assumiu o CEI e eu assumi minha função de coordenadora, para a qual havia prestado o concurso. Como já disse, meu cargo era em uma EMEF, na qual são atendidas crianças, adolescentes e adultos. O cargo de professora continuava sem alterações e era em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) que ficava ao lado da

EMEF na qual assumiria minha função de coordenadora, o que, em termos de acúmulo de cargos, era bem cômodo. Contudo, havia o desafio de assumir a coordenação em um ambiente que eu não fazia ideia como seria coordenar. Já havia tido experiência com crianças, adolescentes e adultos, como professora, mas estava afastada dessa faixa etária há alguns anos, o que fazia com que não soubesse se seria capaz de lidar com as especificidades desse nível de ensino novamente. Além disso, a coordenação exige características diferentes das exigidas na docência, e eu não sabia o que de fato seria exigido de mim.

Trabalhar na EMEF me proporcionou muitos aprendizados, muitas experiências positivas, alguns desconfortos e sentimentos de impotência também. Me deparei com a presença de professores readaptados que não conseguiam se sentir bem com a nova situação e que não se envolviam em nenhuma função específica, queixando-se, muitas vezes, de um sentimento de inutilidade, o que não se modificava, mesmo diante da tentativa de compartilhar algumas ações com esses professores.

Após dois anos trabalhando nessa escola, contudo, tive minha segunda filha, o que me levou à decisão de que não poderia continuar a acumular cargos, pois precisaria de mais tempo com as crianças. Com certa dificuldade e resistência, decidi me exonerar do cargo de professora, acreditando que poderia fazer boas contribuições como coordenadora. Mas não queria me manter longe da educação infantil. Então, pedi remoção da EMEF para uma EMEI no cargo de coordenadora e me exonerei do cargo de professora. Mais uma vez deveria despedir-me de um lugar onde havia criado vínculos e vivido grandes aprendizagens.

Iniciei a coordenação em uma EMEI um pouco mais distante de casa. Uma EMEI grande, com muitas turmas e que contava com a presença de professoras readaptadas também. Nessa escola, elas eram apenas duas, sendo que tinham suas tarefas atribuídas e contribuía muito para o bom andamento dos trabalhos. Mas uma das professoras demonstrava o desejo de retornar à sala de aula, e estava em época de perícia médica para avaliar suas condições de readaptação. Me senti bastante incomodada por não encontrar, até aquele momento, em nenhuma das escolas, um suporte, uma orientação para os gestores quanto às possibilidades de intervenção e de apoio a estas

profissionais. No momento de pensar as atribuições, o laudo é que tem o peso maior. Se a professora readaptada diz que se sente capaz e que quer desenvolver um projeto de leitura, por exemplo, com as crianças, mas o seu laudo é de psiquiatria, o gestor não pode permitir, pois o laudo diz que ela não pode ter contato com as crianças. Diante disso, a gestão oferece atribuições que não envolvem o contato com as crianças, mas os professores não se sentem felizes ao desempenhá-las. Existem muitas questões a serem discutidas diante desse tipo de empasse, as quais teremos a oportunidade de realizar no momento da análise das entrevistas.

A vulnerabilidade das pessoas nessa situação estava presente não apenas nas profissionais que, por questões físicas ou psíquicas, não poderiam mais exercer as funções para as quais foram concursadas. Essa vulnerabilidade também estava presente nos profissionais que recebiam essas professoras de volta na escola, sem saber, ao certo, como acolhê-las, como readaptá-las dentro daquele espaço.

Trabalhei em mais três escolas depois dessa, tentando chegar mais perto de casa; além disso, ouvi alguns relatos de colegas de trabalho que enfrentavam situação similar. Encontrei lugares onde gestão democrática, construção de Projeto Político Pedagógico e organização das atribuições eram realidade, mas que a presença dessas condições não impediram algumas profissionais de não se sentirem bem com o novo papel. E essa situação da vulnerabilidade com relação à readaptação funcional sempre me incomodou, trazendo-me a este momento de pesquisa, na tentativa de contribuir, de alguma maneira, com a mudança dessa situação vulnerável e desses sentimentos de inutilidade.

Ao longo desse tempo vi, também, a quantidade de profissionais readaptados aumentarem. Na primeira EMEI na qual fui coordenadora efetiva tinham duas professoras readaptadas, enquanto na escola que atuo atualmente existem seis professoras readaptadas. Entre a primeira e a atual se passaram 9 anos, durante os quais fui percebendo, cada vez, a presença de professores readaptados na escola.

Este é, portanto, um lado da minha montanha, constituído por mim e por outras pessoas que fizeram parte desse percurso comigo. Não sei se posso dizer

que chegamos ao cume deste lado da montanha, se já é possível olhar do alto e perceber o quanto ainda há para explorar. Mas posso dizer que sou um ser ainda cheio de possibilidades, de inquietações e de constituições a se concretizarem.

INTRODUÇÃO

Esta introdução tem como objetivo apresentar um panorama das pesquisas sobre o tema do professor readaptado a partir de uma revisão bibliográfica nas bases de dados dos portais EDUC@, CAPES, BDTD, SCIELO e BVS.PSI, utilizando-se como descritores “Professor readaptado”, “Readaptação funcional”, “Readaptação docente”, “Readaptação na escola” e “Adoecimento docente”. Foram identificados, nessa busca, 49 artigos, 124 dissertações e 29 teses. Não houve delimitação temporal, sendo consideradas todas as produções indexadas.

Quadro 1 – Teses e dissertações (segundo descritores apontados)

DESCRITORES	CAPES		BDTD	
	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE
Professor readaptado	11	1	8	3
Readaptação docente	5		1	
Readaptação funcional	29	5	18	4
Readaptação na escola	1		1	
Adoecimento docente	33	10	17	6
Total	79	16	45	13

Fonte: Elaborado pela autora

Após a junção de artigos, teses e dissertações em uma única planilha e a exclusão das teses e dissertações em duplicidade foi possível verificar um total de 133 trabalhos, sendo 18 teses, 78 dissertações e 37 artigos.

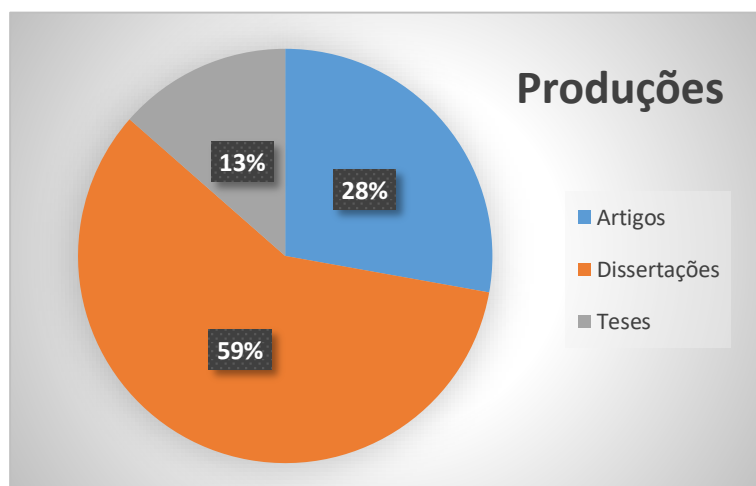


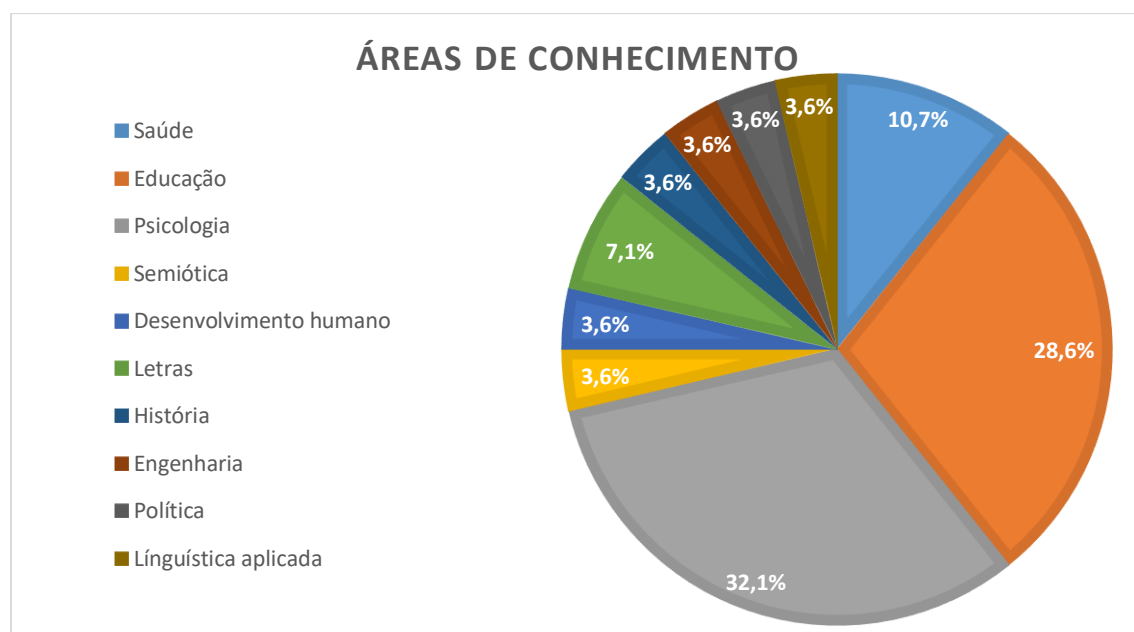
Gráfico 1 – Produções (artigos, teses e dissertações)

Fonte: Elaborado pela autora

Ao ler os resumos houve a percepção de que outros filtros precisariam ser aplicados, uma vez que nem todas tratavam efetivamente da readaptação. Ao retirar todas as produções que tratavam de outras áreas profissionais, restaram 77, sendo 12 teses, 50 dissertações e 15 artigos. Excluindo os trabalhos que tratam de adoecimento, sem adentrar na readaptação e dois trabalhos que não foram localizados, ficaram 33, sendo 4 artigos, 23 dissertações e 6 teses. Mantendo apenas os trabalhos que tratam de readaptação de professores do ensino básico, ou seja, da educação infantil ao ensino médio, obtivemos 28 trabalhos, distribuídos em 3 artigos, 20 dissertações e 5 teses. Sendo estas, portanto, as que tratam de questões pertinentes à presente pesquisa e que tratam, de algum modo, o assunto da readaptação docente.

As teses e dissertações estão concentradas nas seguintes áreas de conhecimento: Saúde - 1 artigo e 2 dissertações; Educação - seis dissertações e 2 teses; Psicologia - 1 artigo, seis dissertações e 2 teses; Semiótica - 1 dissertação; Desenvolvimento Humano: formação, políticas e práticas sociais - 1 dissertação; Letras - 2 dissertações; História - 1 dissertação; Engenharia - 1 dissertação; Política - 1 artigo e Linguística aplicada e estudos da linguagem – 1 tese. Apesar da diversidade de áreas e de algumas delas parecerem distantes do chão da escola, todas tratam da situação de readaptação do professor.

Gráfico 2 – Áreas de conhecimento



Fonte: Elaborado pela autora

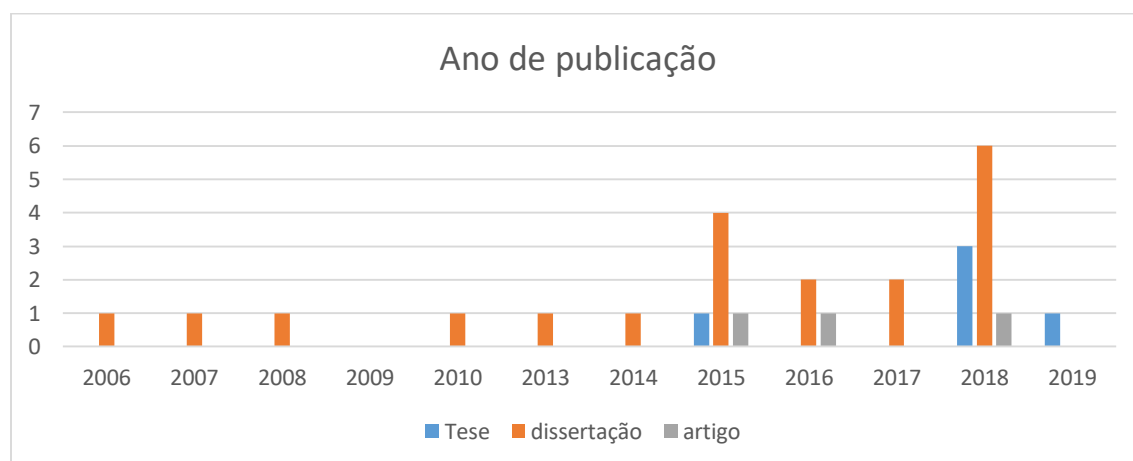
Não foi usado filtro para o ano de publicação de trabalhos, tendo sido estes encontrados nos seguintes anos:

Quadro 2: Anos das publicações

Ano de defesa	Tese	dissertação	artigo
2006		1	
2007		1	
2008		1	
2009			
2010		1	
2013		1	
2014		1	
2015	1	4	1
2016		2	1
2017		2	
2018	3	6	1
2019	1		

Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 3 – Período das publicações

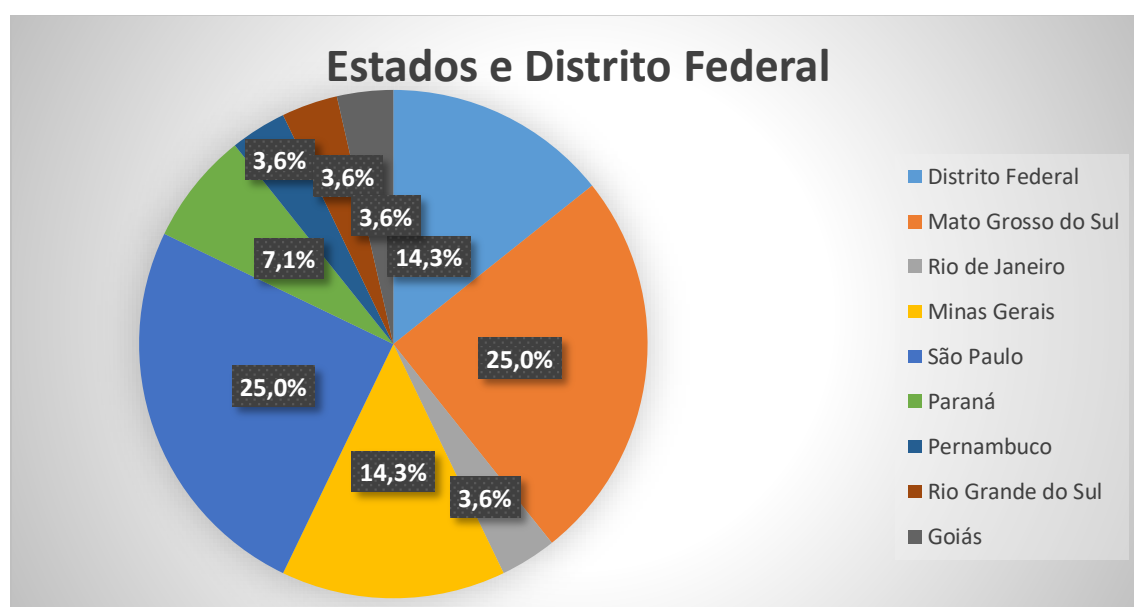


Fonte: Elaborado pela autora

É possível perceber que as produções são recentes e que houve um aumento significativo delas em 2018, o que nos permite inferir que a preocupação com a situação de readaptação docente está aumentando como campo de interesse para a pesquisa.

As pesquisas foram desenvolvidas em oito Estados e no Distrito Federal, distribuídas da seguinte maneira: Distrito Federal - 2 teses e 2 dissertações; Mato Grosso do Sul - sete dissertações; Rio de Janeiro - 1 dissertação; Minas Gerais - 4 dissertações; São Paulo - 4 dissertações, 1 tese e 2 artigos; Paraná - 1 artigo e 1 dissertação; Pernambuco - 1 dissertação; Rio Grande do Sul - 1 tese e 1 dissertação; Goiás - 1 tese. De acordo com os dados acima, os estados da federação que mais produziram pesquisas sobre o tema em questão foram Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Gráfico 4 – Estados e Distrito Federal



Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se observar que as pesquisas são oriundas de Instituições de Ensino Superior diversas, havendo a concentração de 3 trabalhos na Universidade Federal de Minas Gerais, 4 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e 3 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Todas as pesquisas abrangem o ensino fundamental; 23 pesquisas trataram da readaptação de maneira ampla, uma tratou da readaptação por voz e quatro por “transtornos mentais”, o que implica dizer que 23 pesquisas não tinham seu foco na doença que provocou a readaptação, mas no processo vivido e na situação em si.

De modo geral, o foco das pesquisas está na busca pela compreensão de como os professores vivenciaram o processo de readaptação e de como se

percebem nessa situação. As pesquisas que tratam da readaptação por voz preocupam-se em compreender as causas de tal readaptação e possíveis intervenções para evitá-las. Fica evidente, contudo, em todas elas, um movimento de escuta e tentativa de compreender a maneira como esses profissionais se sentem em relação à readaptação e quais as dificuldades que enfrentam.

Os resultados dessas pesquisas apontam péssimas condições de trabalho, tanto como causadoras do adoecimento que levou à readaptação, como mantenedoras ou desencadeadoras de pioras na saúde do professor readaptado, como fica evidente em Amaral (2018, p. 218), ao afirmar que os professores readaptados não conseguem se mobilizar porque o trabalho atribuído a eles se constitui em

(...) um trabalho morto, inclusive no sentido de contribuir para o isolamento e a exclusão dessas profissionais, levando ao desmoronamento dos laços sociais e à impossibilidade de uma mobilização coletiva potente o suficiente para mudar as questões estruturais desse não-trabalho a que estão submetidas.

As pesquisas indicaram também a vivência de sofrimento e exclusão por parte dos professores readaptados. Macaia (2013, p.1) indicou, inclusive, a influência da gestão escolar na criação de condições do ambiente da escola, “sendo associada tanto ao afastamento quanto ao retorno ao trabalho que ocorreram, na sua maioria, em condições desfavoráveis ao trabalho e à saúde”. A percepção de Santos (2015, p. 1), ao afirmar a existência de “aspectos depreciativos do ser professor e de não exercer sua função de formação”, reforça a ideia de que a readaptação gera sofrimento e exclusão.

Com relação à exclusão, Oliveira (2018) pontuou ter sido esta a principal queixa averiguada em sua tese. Questão também encontrada por Pezzuol (2008, p. 1), que afirma que “o processo de readaptação, como tem se realizado, não promove uma efetiva readaptação, mas novos fatores de sofrimento que geram angústias e exclusão”. Seguindo neste sentido, as pesquisas de Vieira (2013); Ferreira (2017); Macedo (2018); Pezzuol (2018); Neris (2018); e Oliveira (2018), mostram que a identidade profissional é “perdida” pelos professores no momento em que não podem mais exercer sua função em sala de aula.

Destaco, ainda, algumas características de cinco dos trabalhos mais recentes que foram encontrados nessa revisão bibliográfica:

Ferreira (2017), cuja dissertação possui o título: “Professor readaptado em um município do litoral de São Paulo, mudanças e conflitos em sua identidade profissional”, aborda a “formação identitária do professor” que viveu um processo de readaptação funcional, tendo sua identidade profissional desconstruída. Realizou sua pesquisa através de questionários semiestruturados que foram respondidos por 12 professores. Para o embasamento teórico, Ferreira recorreu a Ciampa, Dubar e Bauman, entre outros. Em sua conclusão, aponta que há necessidade de que as políticas públicas repensem a questão da readaptação funcional.

Jesus (2018) intitulou sua dissertação “A situação de professores readaptados alocados em bibliotecas públicas”. Aborda “a precarização docente provocada pela legislação” e o significado da readaptação docente para os professores, os alunos e a escola. Em sua pesquisa utilizou-se de questionário e entrevista, embasando-se teoricamente em Tardif e Nóvoa principalmente. Em sua conclusão aponta a ausência de políticas públicas que garantam as condições do trabalho docente, causando adoecimentos e afastamentos desses profissionais.

Macedo (2018) defendeu a dissertação “Eu sou uma que tenho nada”. Pesquisou os aspectos psicológicos dos professores que são submetidos à readaptação funcional, utilizando-se de entrevistas para a coleta de dados. A abordagem teórica utilizada foi a sócio-histórica e concluiu que o ambiente de trabalho e as relações contribuem para a readaptação.

Neris (2018), cuja tese é intitulada como: “Representações sociais da identidade de docente readaptado no Magistério público do Distrito Federal”, procura conhecer quais as representações sociais dos gestores e docentes regentes a respeito dos professores readaptados, bem como tais representações interagem com a identidade social dos professores readaptados. Para obter tal compreensão realizou a pesquisa com 400 profissionais e analisou os resultados com base nas teorias de representações sociais e de identidade social,

apontando, em sua conclusão, que a identidade profissional está situada na identidade da situação.

Lemes (2019), que defendeu a tese: “Usos de si e testemunho de trabalhadores docentes readaptados”, buscou compreender como se apresentam as experiências de vida e de trabalho dos professores readaptados, realizando, para isso, entrevista individual semiestruturada com 6 professores. Os autores que embasaram sua análise foram: Yves Schwartz, Yves Clot, Georges Canguilhem, Philippe Davezies e Christophe Dejours. Em sua conclusão, Lemes defende que há necessidade de políticas que favoreçam as intervenções em prol da recuperação dos professores adoecidos e das condições adequadas para o desenvolvimento do trabalho docente.

Muitas foram as questões encontradas nesta revisão bibliográfica; contudo, ainda fica a pergunta sobre os conflitos e processos vivenciados pelos professores readaptados. Processos estes que podem promover ou não a metamorfose emancipatória da identidade. Desta maneira, o problema desta pesquisa encontra-se em compreender qual o impacto da readaptação sobre a constituição da identidade docente.

Com o intuito de alcançar esta compreensão, apresentamos, no primeiro capítulo, a situação de readaptação docente na Prefeitura de São Paulo, trazendo os dados que foram apresentados pela Secretaria Municipal de Gestão através do Portal da Transparência.

No capítulo 2 trataremos do conceito de identidade, adotando a Teoria da Identidade Social de Ciampa como referencial e recorrendo a outros autores como Dubar e Nóvoa para nos auxiliar no olhar voltado ao trabalho docente.

Em seguida, no terceiro capítulo, encontram-se justificativa, problema, objetivo e procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

No quarto capítulo apresentamos a análise de alguns eixos dos dados encontrados. E, por fim, são evidenciadas algumas considerações sobre os achados desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – Professores readaptados na prefeitura de São Paulo

No ambiente escolar é possível encontrar vários atores que compõem o quadro de funcionários que contribuem, cada um naquilo que lhe cabe, para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Identificamos com facilidade aqueles que possuem alguma função específica, legalmente estabelecida, como é o caso do auxiliar técnico de educação, do agente escolar, do coordenador pedagógico, do assistente de direção, do diretor e do professor. Isso se explicita no Decreto do Município de São Paulo nº 54.453, de 10 de outubro de 2013, publicado no Diário Oficial da Cidade de 11 de outubro de 2013, que estabelece as funções dos profissionais da educação, apontando no capítulo 3, artigo 15, as atribuições docentes, das quais destacam-se:

Art. 15 São atribuições da Equipe Docente:
[...]
III - zelar pela aprendizagem e frequência dos alunos;
[...]
V - planejar e ministrar aulas, registrando os objetivos, atividades e resultados do processo educativo, tendo em vista a efetiva aprendizagem de todos os alunos;
[...]
VIII - discutir com os alunos e com os pais ou responsáveis as propostas de trabalho da unidade educacional, formas de acompanhamento da vida escolar e procedimentos adotados no processo de avaliação das crianças, jovens e adultos;

As atribuições docentes destacadas são as que mais envolvem o estabelecimento de relações, posturas e atitudes que nem todos os professores conseguem exercer, pois há algum tempo surgiu, e vem crescendo em quantidade, profissionais que ficam impossibilitados de cumprir a função original de seu cargo, em virtude de alguma limitação física ou psíquica, passando a contar com o adjetivo “readaptado” como composto de sua função e a desempenhar atividades que respeitem suas limitações, sofrendo, assim, uma readaptação funcional. Portanto, passamos a ter, no quadro dos atores escolares, profissionais como o agente escolar readaptado, o auxiliar técnico de educação readaptado e o professor readaptado.

O decreto municipal nº 54.453 de 10 de outubro de 2013, publicado no Diário Oficial da Cidade de 11 de outubro de 2013, aponta no art. 1 a constituição da equipe escolar organizada em 3 grupos: “I. Equipe gestora”, “II. Equipe docente” e “III. Equipe de apoio à educação”.

III - Equipe de Apoio à Educação, nos CEIs, CEMEIs, EMEIs, EMEFs, EMEFMs e EMEBSs, compreendendo os seguintes profissionais: auxiliares de desenvolvimento infantil, agentes escolares, agentes de apoio, auxiliares técnicos de educação, assistentes de gestão de políticas públicas, profissionais com laudo de readaptação funcional/restrição de função e cargos de provimento em comissão do Quadro do Magistério Municipal destinados à extinção na vacância, nos termos da Lei nº 14.660, de 20 de dezembro de 2007.

Observe-se que os profissionais com laudo de readaptação encontram-se nesta equipe, o que implica dizer que o professor readaptado deixa de fazer parte da equipe docente. No capítulo III, o decreto acima citado especifica as funções de cada subgrupo da equipe de apoio, deixando clara a função dos auxiliares de desenvolvimento infantil; dos agentes escolares; dos agentes de apoio, que compreende o “segmento Vigilância, Zeladoria e Portaria”; dos auxiliares técnicos de educação e do secretário de escola, não especificando nenhuma função a ser atribuída aos profissionais readaptados. Neste capítulo há, no artigo 21, funções a serem atribuídas para quem estiver atuando na secretaria:

Art. 21 Os profissionais que atuam na secretaria da unidade educacional são responsáveis pela escrituração, documentação e arquivos escolares, garantindo o fluxo de documentos e informações facilitadoras e necessárias ao processo pedagógico e administrativo.

Este artigo deixa uma possibilidade de direcionar os profissionais readaptados para a atuação na secretaria, delegando a eles algumas das funções que também pertencem ao auxiliar técnico de educação, quando em exercício na secretaria.

O professor readaptado também é contemplado na lei do Município de São Paulo 8.989, de 19 e outubro de 1979, Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de São Paulo, em sua seção XI, que trata sobre a readaptação, definindo-a, no artigo 39, como “a atribuição de encargos mais compatíveis com a capacidade física ou psíquica do funcionário”, explicitando que a readaptação será concedida por exame médico e que o funcionário não sofre alterações, “diminuição nem aumento”, em seu salário. Determina, ainda, que as normas da readaptação serão regulamentadas em legislação específica.

Em 11 de novembro de 1993 foi publicado o decreto municipal nº 33.801, de 10 de novembro de 1993, que veio regulamentar as normas da readaptação, conforme instruído no artigo 41 da lei 8.989 de 1979. Este decreto determina “aos servidores municipais que, a critério médico, apresentarem

comprometimento parcial e permanente ou parcial e temporário de saúde física ou psíquica, serão atribuídos encargos mais compatíveis com sua capacidade.” Ele é aqui citado para evidenciar o tempo entre a publicação da lei que reconhece a necessidade de readaptação funcional e o decreto que regulamenta as normas para tal.

O decreto municipal nº 33.801, de 10 de novembro de 1993, traz a informação de que a readaptação pode acontecer de maneiras diferentes:

A readaptação, restrição ou alteração da função poderão ser concedidas em caráter temporário ou permanente.
§ 1º - A readaptação, restrição ou alteração de função temporárias serão periodicamente reavaliadas, podendo ser cessadas, prorrogadas ou transformadas em caráter permanente, a critério médico.
§ 2º - A readaptação, restrição ou alteração de função permanentes poderão ser revistas a qualquer tempo, a critério médico.
§ 3º - Ao servidor readaptado serão atribuídas, de preferência, funções técnicas, administrativas ou operacionais, que guardem afinidade com o seu cargo ou função.
A restrição ou alteração de função poderá ser concedida da forma seguinte:
I - restrição da própria função, temporária ou permanente;
II - alteração de função para nova função restrita, temporária ou permanente;
III - alteração de função para nova função plena, temporária ou permanente. (SÃO PAULO, 1993, p.1)

É possível notar uma proposta de “alteração de função para nova função”, como uma possibilidade de mudança, com a garantia de atribuição de alguma função que respeite as limitações do profissional readaptado.

Em 2018, o decreto municipal nº 58.225, de 9 de maio de 2018, revogou o decreto acima citado, apresentando algumas diferenças, dentre elas, a ausência do trecho, há pouco citado, que possibilita a alteração de função. Outra alteração importante foi a atribuição de prazo para a readaptação temporária que, de acordo com o primeiro parágrafo do artigo 72, passa a ter “(...) prazo fixo, definido segundo protocolo criado especificamente para esse fim, cessando automaticamente após o seu decurso.”

O protocolo citado neste decreto pode ser encontrado no *site* da prefeitura do município de São Paulo, Secretaria de Gestão, segundo o qual readaptação funcional é “a atribuição de atividades compatíveis com a capacidade física ou psíquica do funcionário, e dependerá sempre de exame médico-pericial realizado pela Coordenação de Gestão de Saúde do Servidor - COGESS.” Tal

atribuição fica, contudo, a critério da chefia imediata do funcionário, devendo esta respeitar o laudo médico.

O decreto municipal nº 58.225 de 9 de maio de 2018, no artigo 78, determina que o laudo deve conter a relação das atribuições que o servidor não poderá desempenhar.

Art. 78 Do laudo médico expedido para fins de readaptação ou restrição de função deverão constar, pelo menos, os seguintes dados e/ou informações:

I - se o comprometimento à saúde é parcial e permanente ou parcial e temporário;

II - a relação das atribuições do cargo ou da função que o servidor não poderá desempenhar;

Considerando que cada laudo trata das questões específicas envolvendo as limitações de cada servidor, não é possível estabelecer um protocolo ou um rol de atividades que caracterize as funções dos professores readaptados. Desta maneira, cada caso será analisado pela chefia imediata a fim de atribuir atividades aos docentes em questão.

É possível encontrar no Projeto Político Pedagógico (PPP) a solução para a inexistência de uma atribuição expressa aos profissionais readaptados, pois é nele que constam as intenções de trabalho a ser desenvolvido por cada profissional que compõe a equipe escolar.

O PPP é um documento elaborado anualmente por cada unidade escolar e traduz suas convicções, define a identidade da escola e indica o caminho que deverá ser seguido. Ele deve ser coletivamente construído, considerando as características da escola, a realidade à qual está inserida, a legislação e diretrizes em vigor, representando, inclusive, um princípio democrático, como consta na Lei Federal de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

O fato de ser construído coletivamente favorece a participação de todos na identificação das necessidades da escola, principalmente quanto aos

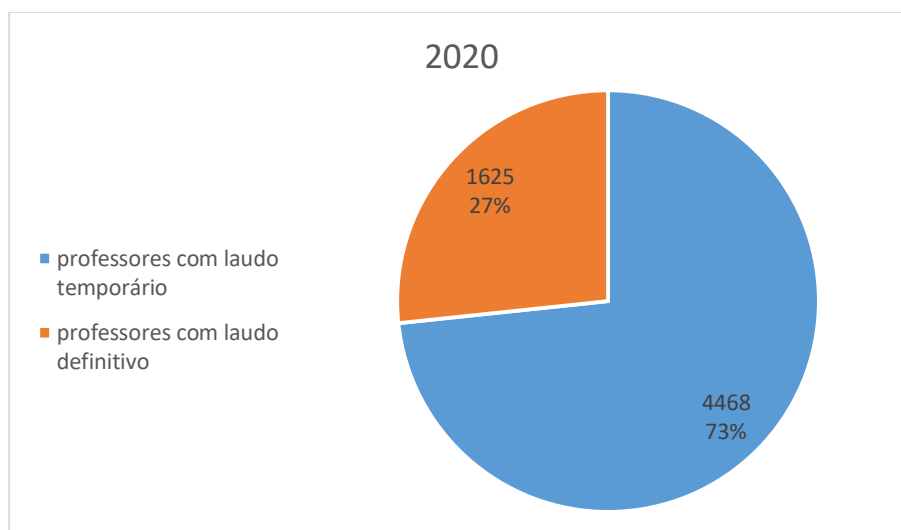
recursos humanos e na organização democrática das funções que os profissionais readaptados exercerão, respeitando o laudo de cada um.

Dizer que é possível encontrar no PPP essa solução, contudo, não significa afirmar que isso ocorre em todas as unidades escolares. Existem muitos fatores que podem interferir na maneira como a construção do PPP acontece e no envolvimento dos professores readaptados nesta construção ou na organização de suas funções.

Além das limitações contidas no laudo, este ainda apresenta diferença quanto ao tempo de duração, ou seja, os laudos de readaptação podem ser “temporários ou definitivos, de acordo com o comprometimento de saúde apresentado pelo servidor. Se temporários, podem ser concedidos por períodos de 06 (seis) meses, 01 (um) ano ou 02 (dois) anos” (SÃO PAULO, Portal da Transparência, Secretaria Municipal de Gestão, 2019).

Na prefeitura de São Paulo, segundo pesquisa realizada junto ao Portal da Transparência, a prefeitura de São Paulo, até maio de 2020, contava com 4.468 professores com laudo temporário e 1.625 professores com laudos definitivos, totalizando 6.093 professores readaptados na rede de ensino da cidade de São Paulo.

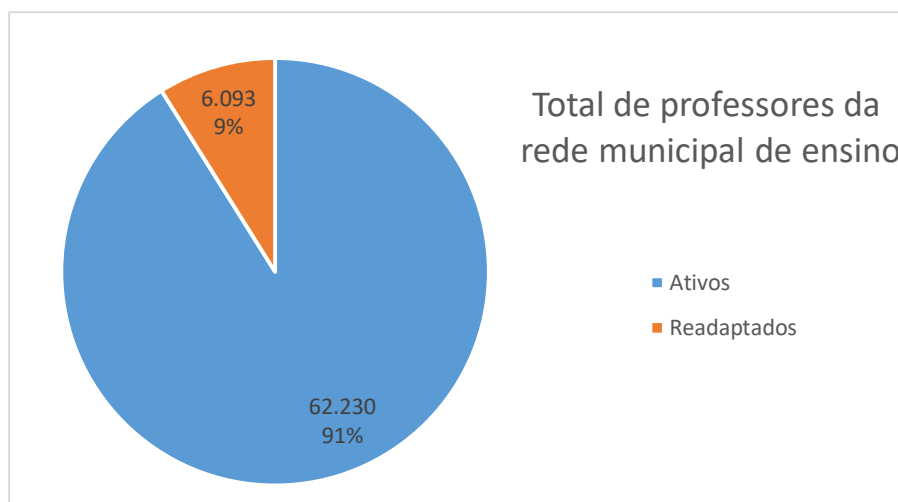
Gráfico 5 – Laudo temporário e laudo definitivo em 2020



Fonte: Elaborado pela autora

A prefeitura de São Paulo possui 68.323 professores, dos quais 62.230 são ativos. Isso implica dizer que 9% dos professores da rede encontram-se readaptados.

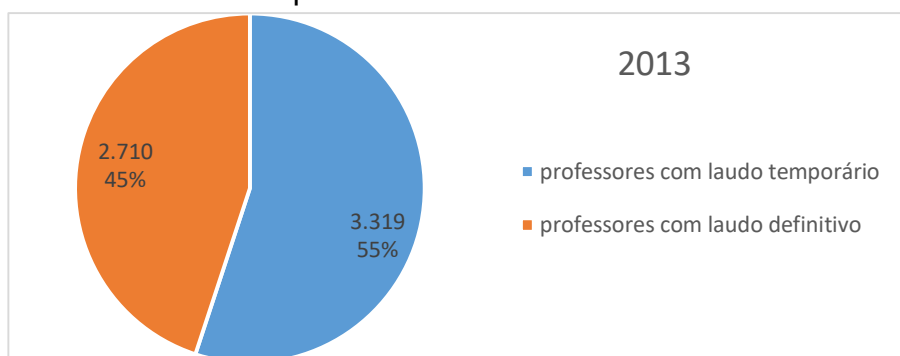
Gráfico 6 – Total de professores ativos x total de professores readaptados



Fonte: Elaborado pela autora

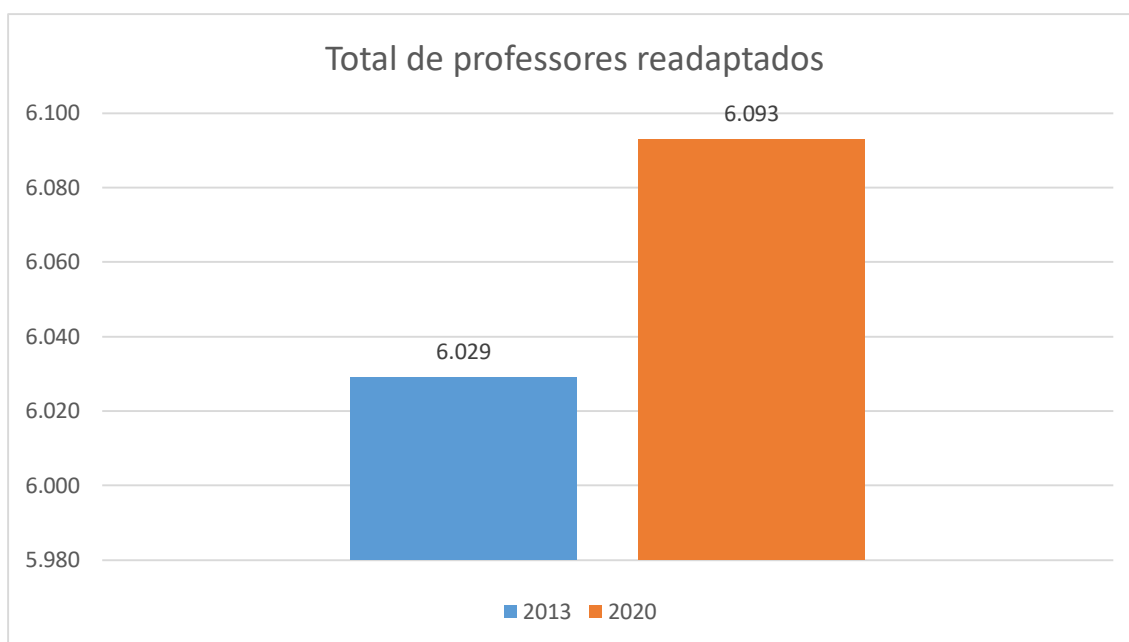
Há sete anos antes, data base 31/05/2013, havia 3.319 professores com laudos temporários e 2.710 professores com laudos definitivos, num total de 6.029 professores readaptados. Considerando o período de intervalo de sete anos podemos verificar uma redução de 40% no número de professores em readaptação definitiva, o que pode nos levar a inferir que alguns desses profissionais se aposentaram, uma vez que não poderiam ter retornado à sua função anterior. Nesse mesmo intervalo tivemos um aumento de 34,6% nas readaptações temporárias, o que nos provoca a refletir sobre as possíveis causas de aumento tão significativo em um período de tempo relativamente curto.

Gráfico 7 – Laudo temporário e laudo definitivo em 2013



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 8 – Professores readaptados 2013 x 2020



Fonte: Elaborado pela autora

Muitos fatores podem ser elencados para favorecer tal reflexão, como a mudança de gestão do município, que traz consigo, muitas vezes, novos gestores para as diversas secretarias e diferentes critérios, normas ou protocolos a serem considerados.

O adoecimento é algo que tem também uma dimensão subjetiva, pois cada organismo reage de uma maneira diante das diversas situações que a vida oferece. Uma pessoa que sente dor de cabeça pode, apesar da dor, se submeter às tarefas diárias, enquanto outra pessoa, com a mesma intensidade de dor, se recolherá. Além disso, o olhar do outro também interfere nos encaminhamentos dados diante do adoecimento. Uma situação possível é ver uma pessoa chegar ao médico queixando-se de dor no braço, ser diagnosticada com tendinite, medicada e direcionada a retornar ao trabalho, enquanto outra pessoa, com a mesma dor e diagnóstico, poderá ser afastada do trabalho por alguns dias.

De que maneira a pessoa se coloca diante do que sente, como reagirá a medicamentos ou diagnósticos médicos, o que está acontecendo no consultório ou hospital no momento que a pessoa chegou para a consulta e quais as orientações recebidas pelo médico a respeito de indicar afastamento do trabalho, são algumas das questões que podem compor os encaminhamentos para a readaptação ou para a classificação da doença.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Gestão, obtidas através do portal da transparência, o prazo entre o início da doença e a avaliação para readaptação temporária ou definitiva é muito relativo, uma vez que dependerá da situação de cada pessoa, podendo, inclusive, haver a readaptação definitiva sem a necessidade de ter passado pela readaptação temporária antes; portanto, “os casos são avaliados individualmente, de acordo com a manifestação e gravidade da doença, o cargo exercido pelo servidor e as diretrizes dos Protocolos Técnicos”².

De acordo com os quadros fornecidos pela Secretaria de Gestão, através do portal da transparência, em maio de 2020, a quantidade de profissionais da educação readaptados e seus motivos são mostrados no quadro a seguir:

Quadro 3 – Distribuição de professores readaptados por laudo temporário e por diagnóstico



COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE SAÚDE DO SERVIDOR - COGESS
Divisão de Epidemiologia e Informação

Distribuição dos professores readaptados por laudo temporário, diagnóstico conforme Classificação Internacional de Doenças - CID e nível de ensino, 2020, PMSP

DIAGNÓSTICO	PROF ADJUNTO DE ENSINO FUNDAMENTAL II CAT 2	PROF DE 1 GRAU NIVEL II CAT 2	PROF DE 1 GRAU NIVEL II CAT 3	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 1	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 2	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 3	PROF EDUCACAO INFANTIL CAT 1	PROF EDUCACAO INFANTIL CAT 2	PROF EDUCACAO INFANTIL CAT 3	PROF ENSINO FUNDAMENT AL II E MEDIO CAT 2	PROF ENSINO FUNDAMENT AL II E MEDIO CAT 3	PROF SUBSTITUTO DE 1 GRAU NIVEL I CAT 1	PROF SUBSTITUTO DE 1 GRAU NIVEL I CAT 3	PROF SUBSTITUTO DE EDUCACAO INFANTIL CAT 1	PROF SUBSTITUTO DE EDUCACAO INFANTIL CAT 3	TOTAL
Ap. circulatório				2	1		28	2		18	1	35				87
Ap. digestivo							6			7		9				22
Ap. geniturinário							1			1		3				5
Ap. respiratório				2	6		144			24	2	124			1	303
Causas externas										1						1
Convalescença							5			1		11				17
Doença da pele							1			1						2
Doenças do sangue							1									1
Doenças endócrinas										1		3				4
Infeciosas							2			1		9				12
Lesões					4		28	1		22	1	47			1	104
Malformações							1					2				3
Mental	1	1	7	60	3	852	20	1	186	13	1.261		4		2	2.411
Neoplasias				1			37	1	1	16		32	1			89
Olhos e anexos				1			16			3		18				38
Osteomuscular				4	16	1	386	24	1	300	4	432		1	2	1.173
Ouvido e hipófise							13			3		11				27
Sinais e sintomas							27			4		15				46
Sistema nervoso					3		44	4		24	1	46			1	123
TOTAL	1	1	15	92	4	1.592	52	3	613	22	2.058	1	5	2	7	4.468

Fonte: Sigpec, Maio/2020

Fonte: Sigpec, Maio/2020

² As diretrizes dos protocolos técnicos estão disponíveis no endereço eletrônico: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/gestao/saude_do_servidor/index.php?p=246289.

Quadro 4 – Distribuição de professores readaptados por laudo definitivo e por diagnóstico



COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE SAÚDE DO SERVIDOR - COGESS
Divisão de Epidemiologia e Informação

Distribuição dos professores readaptados por laudo definitivo, diagnóstico conforme Classificação Internacional de Doenças - CID e nível de ensino, 2020, PMSP

DIAGNÓSTICO	PROF DE 1 GRAU NIVEL II CAT 2	PROF DE 1 GRAU NIVEL II CAT 3	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 1	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 2	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENT AL CAT 3	PROF EDUCAÇÃO INFANTIL CAT 1	PROF EDUCAÇÃO INFANTIL CAT 3	PROF ENSINO FUNDAMENT AL II E MEDIO CAT 2	PROF ENSINO FUNDAMENT AL II E MEDIO CAT 3	PROF SUBSTITUTO DE 1 GRAU NIVEL I CAT 3	PROF SUBSTITUTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL CAT 1	PROF SUBSTITUTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL CAT 3	TOTAL
Ap. circulatório		1	2		13	1	7	1	16				41
Ap. digestivo					2		1		3				6
Ap. respiratório		2	2	1	73		10	2	66				156
Causas externas			1		8		9		5	1			24
Convalescença		1					1						2
Doença da pele					2		2		1				5
Doenças do sangue					1								1
Doenças endócrinas									1				1
Infecciosas			1		2		1		2				6
Lesões	1		4	1	94	6	60	1	95	2			264
Malformações					1								1
Mental	1	1	11		142	6	25	4	326	1			517
Neoplasias					21		10		14				45
Olhos e anexos			1		9		1		14				25
Osteomuscular		1	2		135	10	94	1	188	2	1		434
Ouvido e hipófise					15		3		20				38
Sinais e sintomas			0		6				2				8
Sistema nervoso	1		1		15	1	14	1	17			1	51
TOTAL	3	6	25	2	539	24	238	10	770	6	1	1	1.625

Fonte: Sigpec, Maio/2020

Fonte: Sigpec, Maio/2020

Na prefeitura de São Paulo, os professores são organizados em categorias e as nomenclaturas de seus cargos varia segundo o concurso que prestaram. Neste momento não nos interessa chamar a atenção para essas diferenciações, por isso unirei, a seguir, os quadros de readaptados temporários e definitivos organizando os professores apenas pelo nível de ensino, usando a nomenclatura atual. O professor de educação infantil trabalha nos CEIs, com faixa etária entre 0 e 3 anos. O professor de educação infantil e ensino fundamental I trabalha em EMEIs, com faixa etária entre 4 e 5 anos, ou em EMEFs, com as turmas do 1º ao 5º ano. O professor de ensino fundamental II e médio trabalha em EMEFs, com as turmas do 6º ao 9º ano ou em EMEFEMs, que envolve também as turmas de ensino médio.

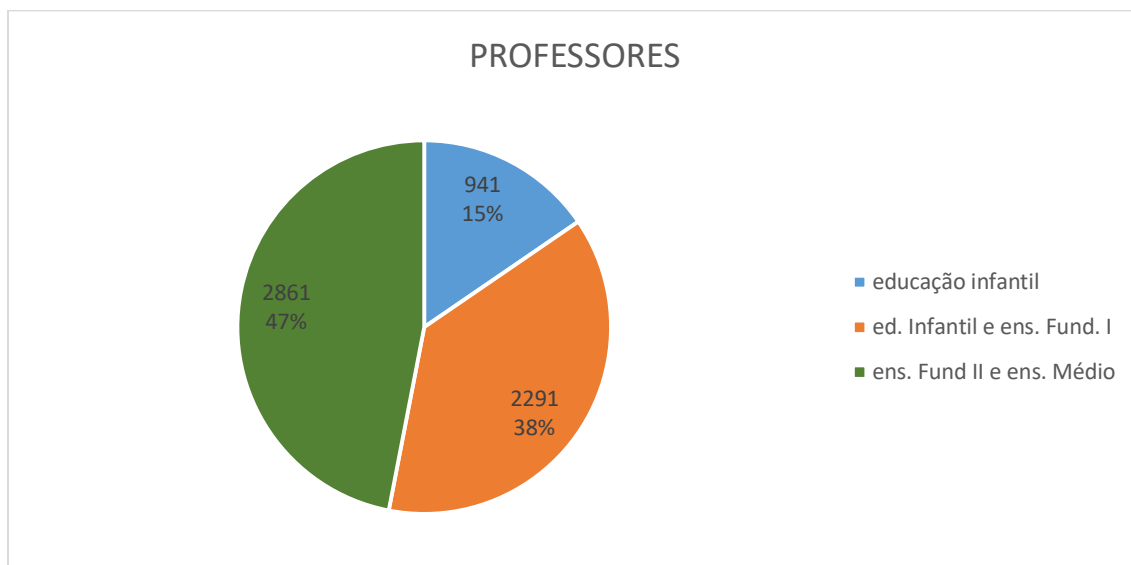
Quadro 5 – Distribuição de professores readaptados segundo nível de atuação e diagnóstico

DIAGNÓSTICO	PROF EDUCAÇÃO INFANTIL	PROF ED INFANTIL E ENS FUNDAMENTAL I	PROF ENSINO FUND. II E MÉDIO	Total
Ap. circulatório	28	47	53	128
Ap. digestivo	8	8	12	28
Ap. geniturinário	1	1	3	5
Ap. respiratório	35	230	194	459
Causas externas	10	10	5	25
Convalescença	2	6	11	19
Doença da pele	3	3	1	7
Doenças do sangue	0	2	0	2
Doenças endócrinas	1	0	4	5
Infecciosas	2	5	11	18
Lesões	90	134	144	368
Malformações	0	2	2	4
Mental	240	1.083	1.605	2928
Neoplasias	28	60	46	134
Olhos e anexos	4	27	32	63
Osteomuscular	434	548	625	1607
Ouvido e hipófise	6	28	31	65
Sinais e sintomas	4	33	17	54
Sistema nervoso	45	64	65	174
Total	941	2291	2861	6093

Fonte: Elaborado pela autora

Neste quadro é possível observar que os professores de ensino fundamental II e médio são os que mais foram alvos da readaptação funcional.

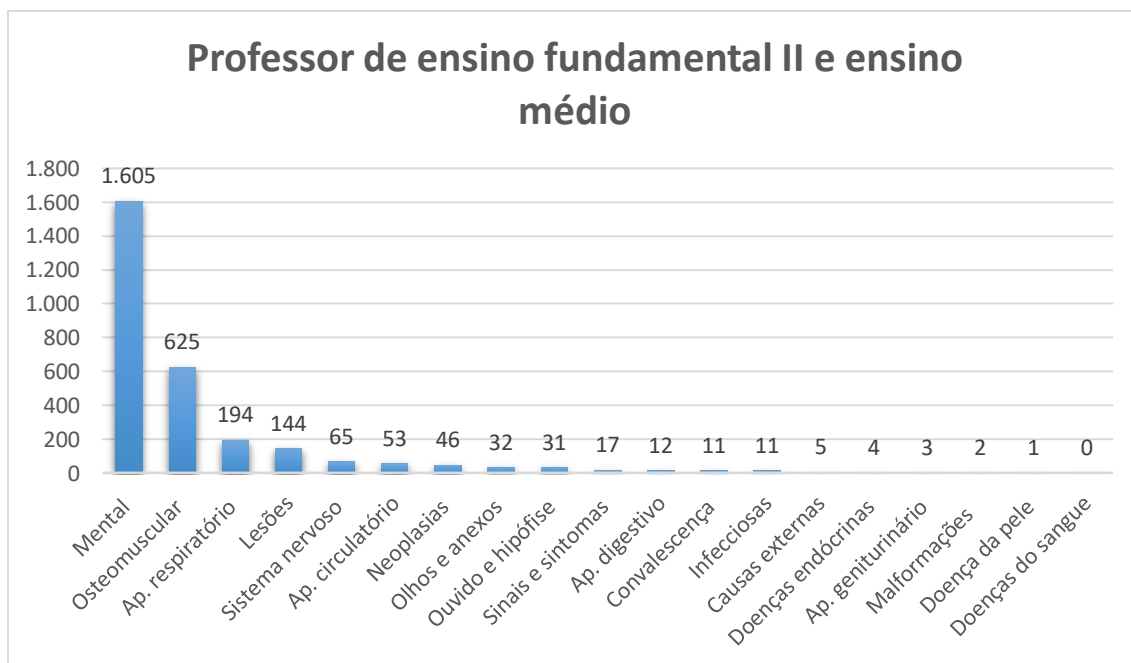
Gráfico 9 – Distribuição de professores readaptados por nível de atuação



Fonte: Elaborado pela autora

As três doenças que mais afetam os professores de ensino fundamental II e ensino médio são: doença mental, osteomuscular e aparelho respiratório.

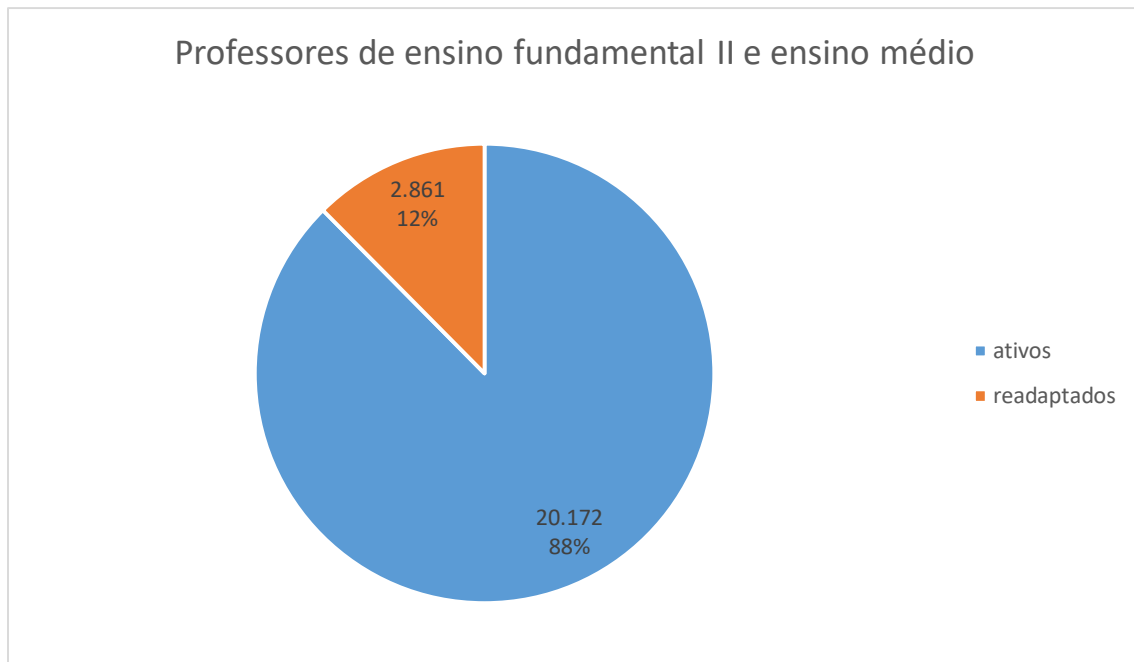
Gráfico 10 – Distribuição de professores readaptados de ensino fundamental e ensino médio por diagnóstico



Fonte: Elaborado pela autora

Os professores de ensino fundamental II e ensino médio readaptados representam 12% do total de professores deste nível de ensino.

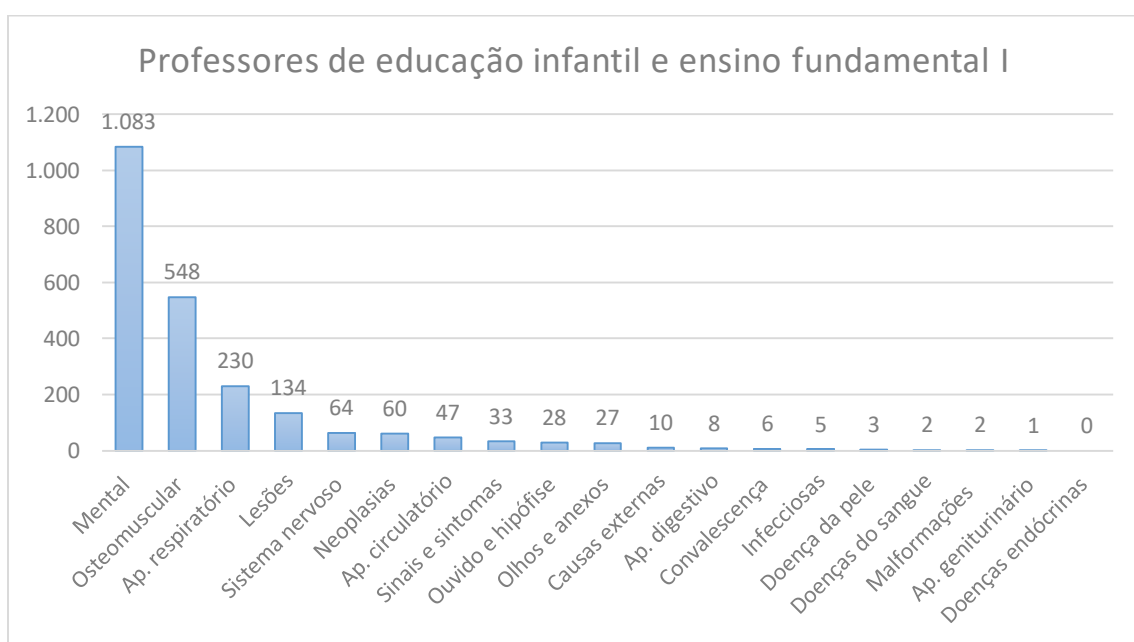
Gráfico 11 – Professores de ensino fundamental II e ensino médio ativos e readaptados



Fonte: Elaborado pela autora

A ordem dos três primeiros motivos para readaptação dos professores de educação infantil e ensino fundamental I também é a mesma: mental, osteomuscular e aparelho respiratório.

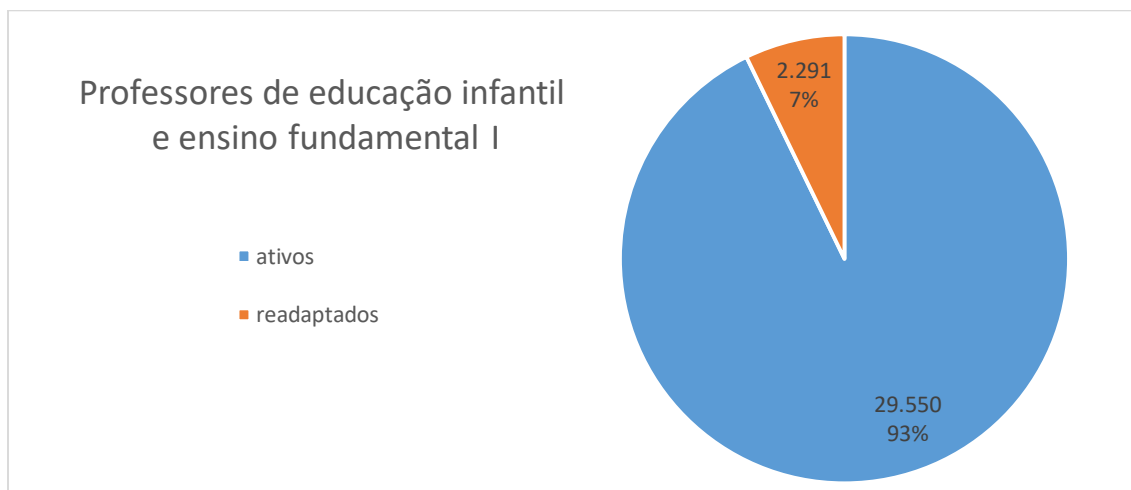
Gráfico 12 – Distribuição de professores readaptados de educação infantil e ensino fundamental I por diagnóstico.



Fonte: Elaborado pela autora

Os professores de educação infantil e ensino fundamental I readaptados representam 7% do total de professores deste nível de ensino.

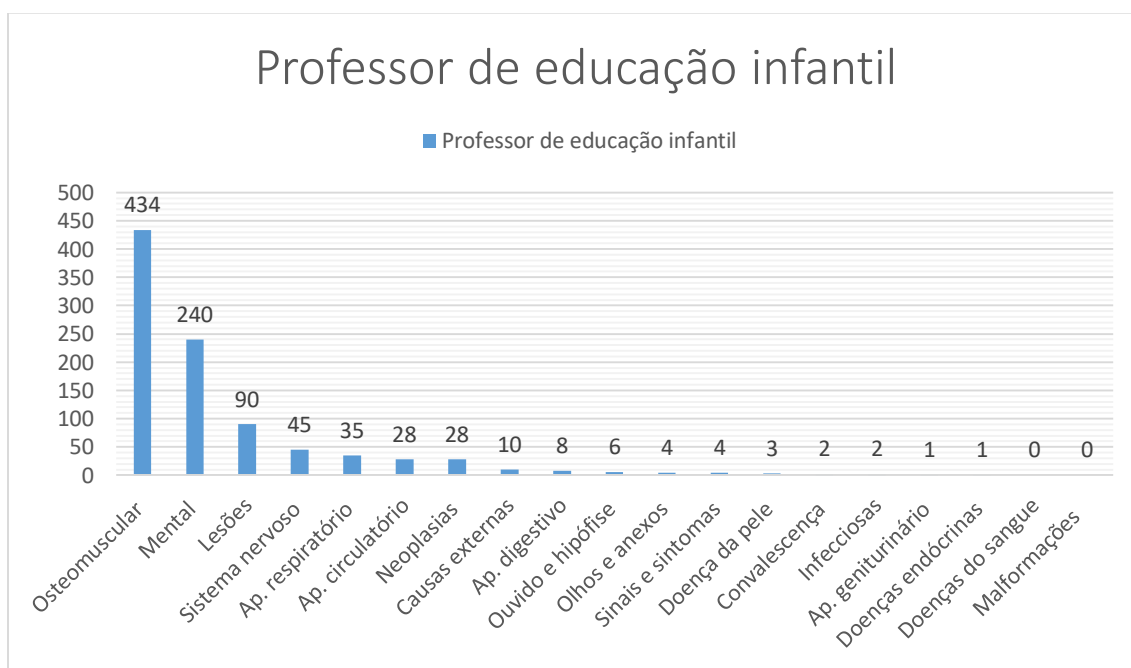
Gráfico 13 – Professores readaptados de educação infantil e ensino fundamental I ativos e readaptados



Fonte: Elaborado pela autora

As duas primeiras causas de readaptação dos professores de educação infantil são as mesmas que as causas dos professores dos outros níveis, porém em terceiro lugar encontram-se as lesões, o que difere dos demais colegas.

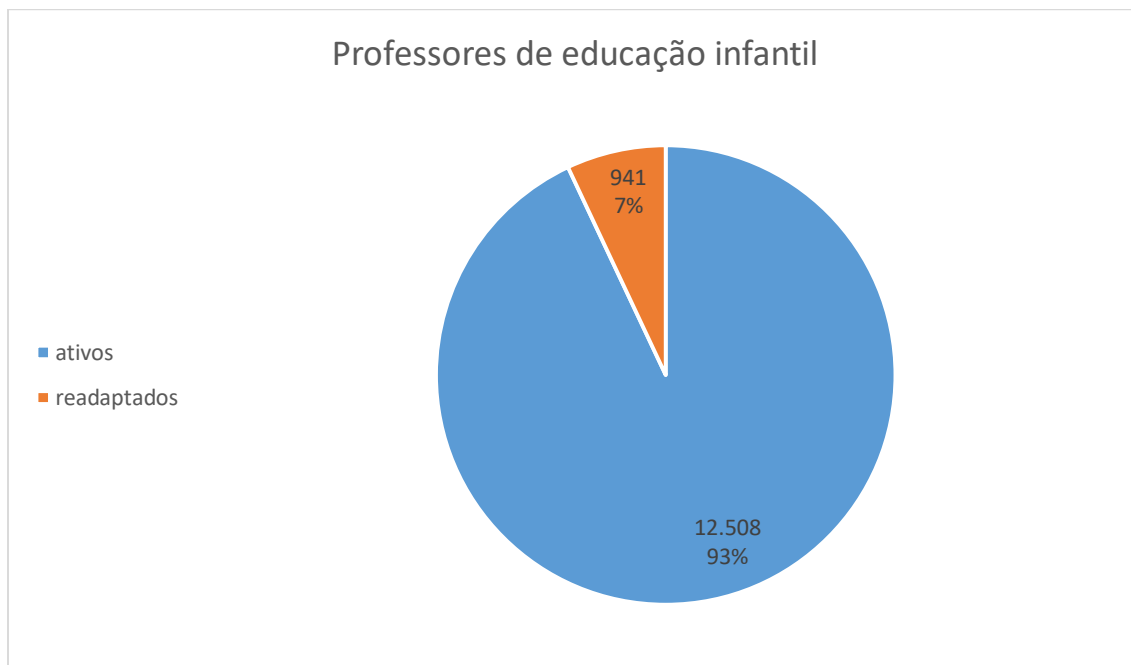
Gráfico 14 – Distribuição de professores readaptados de educação infantil por diagnóstico



Fonte: Elaborado pela autora

Os professores de educação infantil readaptados representam 7% do total de professores deste nível de ensino.

Gráfico 15 – Professores de educação infantil ativos e readaptados



Fonte: Elaborado pela autora

Apesar dos números que se referem ao professor de educação infantil parecerem muito menores em relação aos demais, analisando proporcionalmente, tanto professores de educação infantil quanto professores de educação infantil e ensino fundamental I apresentam um índice de 7% de readaptados, enquanto os professores de ensino fundamental II e ensino médio apresentam um aumento de 42% deste índice, ou seja, um índice de 12% de professores readaptados.

Estes dados provocam perguntas e hipóteses relacionadas aos diferentes níveis de ensino. Os professores de ensino fundamental II e ensino médio são os especialistas, ou seja, atuam em disciplinas específicas, enquanto os professores dos outros níveis de ensino são generalistas, ou seja, contemplam todas as áreas de conhecimento propostas pelo currículo, com exceção daqueles que atuam no ensino fundamental I, pois as crianças recebem atendimento de especialistas em educação física, artes e inglês. Tendo sido esta diferença apresentada fica a pergunta: por que há mais readaptação entre os especialistas do que entre os generalistas? A diferença de faixa etária é fator

desencadeante de adoecimento? O aumento do número de crianças, já que um especialista atende mais de uma turma, e a consequente diminuição de tempo para ser dedicado a cada uma, prejudica o estabelecimento de relações entre docentes e discentes? O aumento de alunos amplia a variedade de percepções sobre o professor e isso interfere negativamente em sua constituição identitária? Enfim, outras questões poderiam ser aqui elencadas, contudo, retomo o direcionamento do olhar para o todo.

Apesar do terceiro maior motivo de readaptação ser diferente para os professores de educação infantil, os dois primeiros motivos são iguais para todos. A grande maioria das readaptações dos professores da rede municipal de educação ocorre em função de afecções mentais, seguida, em quantidade consideravelmente inferior, por questões osteomusculares e, em terceiro lugar, tendo por base todos os professores, por doenças relacionadas ao aparelho respiratório.

Gráfico 16 – Total de professores readaptados em 2020, por diagnóstico



Fonte: Elaborado pela autora

Diante do quadro acima apresentado algumas questões são elencadas, como: Quais as doenças, síndromes ou transtornos que estão envolvidas em cada uma das categorias organizadas neste quadro? Qual o motivo da doença mental ser a maior causa de readaptações? Que sofrimentos psíquicos são esses que podem impedir o professor de conseguir exercer sua função? Que critérios envolveram a concessão da readaptação sob a categoria do diagnóstico mental? Que tipo de acompanhamento e tratamento esses professores recebem? Existem profissionais que conseguem se recuperar do diagnóstico mental e retornar à sala de aula?

A primeira pergunta pode ser respondida pela informação fornecida pela Secretaria de Gestão, em 17 de agosto de 2020, através do Portal da Transparência:

De acordo com a Coordenação de Gestão de Saúde do Servidor – COGESS, desta Pasta, informamos que o banco de dados do qual são extraídas as informações disponibilizadas pela COGESS utiliza até o nível de categoria na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10ª Revisão (conhecida como “CID10”).

No caso da Readaptação Funcional é utilizada a mesma regra para a elaboração das Planilhas.

As doenças das cordas vocais e da laringe estão enquadradas no Capítulo X – Doenças do Aparelho Respiratório.

Quanto às outras, podemos levantar algumas hipóteses. Poderíamos inferir que, em virtude da necessidade de comunicação e de atingir a um público relativamente alto em ambiente ruidoso, para explicar o conteúdo solicitado pelo currículo, as doenças relacionadas à voz fossem as mais frequentes entre os professores. Mas não é isso que o quadro anterior nos indica.

Os movimentos repetitivos, a escrita na lousa, a escrita para registros e correções nos cadernos e documentos oficiais da escola ou mesmo os cuidados que precisam ser dispensados às crianças pequenas, facilmente nos permitem compreender a presença de sintomas osteomusculares. Com isso não quero dizer que é aceitável esperar que o adoecimento faça parte das expectativas da carreira docente, mas que, diante das condições existentes, seria possível imaginar que as causas para readaptação funcional estivessem mais distribuídas.

Outro fator que poderia ser considerado como desencadeador do adoecimento seria a grande quantidade de trabalho, o que nos levaria à hipótese de que os professores readaptados possuem mais de um cargo. Contudo, segundo informações da Secretaria Municipal de Gestão, através do Portal da Transparência, 1.139 professores, dentre os 6.093, possuem acúmulo de cargos, ou seja apenas 19% do total de professores readaptados.

São, contudo, as questões mentais que aparecem em destaque. Ao conversarmos com os professores readaptados é comum ouvir relatos de depressão, síndrome do pânico e transtorno de ansiedade, por exemplo.

Quanto aos possíveis desencadeadores das doenças mentais, poderíamos elencar algumas hipóteses sobre situações que poderiam ser determinantes para esses quadros, estando as condições de trabalho entre elas. Por condições de trabalho compreendemos as condições materiais e imateriais. Atender a uma classe cheia, com crianças e adolescentes que não respondem às expectativas do professor, precisar desenvolver um conteúdo com uma metodologia com a qual nem sempre concorda, presença de clima hostil no ambiente de trabalho, não ter ninguém que ouça suas aflições docentes, salas de aula pouco arejadas, carteiras e cadeiras sucateadas, baixa remuneração... enfim, muitas são as condições que podem se apresentar desfavoráveis ao desenvolvimento do trabalho e à desestrutura do profissional.

Podemos acrescentar, ainda, a relação com os outros nesse processo, o que pode incluir os alunos que discordam do professor e o chamam de louco, os colegas de trabalho que o excluem e os gestores que pressionam por resultados ou posturas diferentes. Há também a possibilidade do profissional recorrer ao auxílio médico em decorrência do cansaço e receber diagnóstico e tratamento relacionado à ansiedade.

A medicalização é um tópico que mereceria um estudo aprofundado, mas consideremos aqui o fato de ser um recurso comumente utilizado para auxiliar a transposição de um momento difícil, podendo, contudo, causar dependência e desencadear sintomas e comportamentos indesejáveis.

Sob o jugo do outro, estando de posse de um laudo que lhe atribui nova condição e usando, muitas vezes, a medicação como aliada para justificar

algumas ações ou reações, o professor readaptado passa a assumir nova identidade, que pode apresentar-se como metamorfose emancipatória ou como mesmice (Ciampa, 2005).

Diante disso é possível, muitas vezes, reconhecer a situação apresentada por Ciampa (2005, p. 75), na história da Severina, identificada como louca, assumindo uma nova identidade que implica a morte da identidade para que não haja a morte do corpo.

CAPÍTULO 2 – Identidade

“Ser ou não ser, eis a questão” – William Shakespeare

O que é identidade? Ciampa (2005, p. 133) responde a esta pergunta afirmando que “identidade é metamorfose e metamorfose é vida”. Ao ver esta palavra, muitos se lembrarão rapidamente do cantor brasileiro Raul Seixas, cuja música “Metamorfose Ambulante” fez grande sucesso, passando a mensagem de que se reinventar, renovar, mudar e se transformar eram coisas boas. Na música, a palavra é usada para definir a pessoa; ele não diz que passa por metamorfose e sim que é uma, quando afirma: “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”.

Também em biologia poderemos encontrar o termo para expressar as mudanças pelas quais alguns seres vivos passam. A borboleta é o exemplo mais clássico que costuma vir às nossas memórias quando pensamos em metamorfose do ser vivo, pois é um exemplo de metamorfose completa, na qual o ser passa por várias etapas até completar o ciclo de vida. Nesse caso, é interessante observar que os nomes mudam com as fases. Quando vê-se um ovo não se diz que é uma borboleta, após o ovo vem uma lagarta, que pode causar repulsa até mesmo em algum admirador de borboletas. Para quem não é especialista e olha uma lagarta fica sem saber se ela, de fato, se tornará uma borboleta ou como será se se tornar uma. A próxima etapa é um casulo, que pode se alojar em diferentes lugares e até mesmo ser varrido ao lixo caso se entenda que se trata de uma sujeira, em vez de se perceber ali um ser vivo. Por fim vem a borboleta, que encanta e embeleza com suas cores e movimentos. Dentro de um ciclo de vida couberam vários seres em um único; um que foi originando o outro sem deixar de ser quem era, mas ao mesmo tempo já sendo outro e produzindo diferentes percepções nos outros seres.

É como metamorfose que Ciampa define identidade

Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto.

Identidade é metamorfose.

É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação. (CIAMPA, 2012, p. 74)

Contudo, essa mudança constante nem sempre se dá de maneira tranquila e consciente. Algumas escolhas são feitas sem desejo de o serem;

algumas mudanças são percebidas após muito tempo e despertam o desejo de retorno; algumas constituições são vividas em profundos conflitos.

Em princípio, pensar que identidade é metamorfose pode provocar uma hipótese de que a identidade se constitui por processos e que ao final deles a pessoa estará livre e plena. Mas sabemos que não é bem assim.

Ciampa (2005, p.138) afirma que “a manifestação do ser é sempre uma atividade”. Há uma passagem no livro: “O pequeno príncipe”, de Saint Exupéry, em que a identidade se relaciona com a atividade:

- Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?
- Procuo os homens, disse o príncipezinho - Que quer dizer "cativar"?
- Os homens, disse a raposa, têm fuzis e caçam. É bem incômodo! Criam galinhas também. É a única coisa interessante que eles fazem - Tu procuras galinhas? (SAINT-EXUPÉRY, 1989)

Neste trecho do livro, “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, é possível encontrar, na fala da raposa, a descrição da identidade relacionada ao fazer. A raposa descreve os homens pelo que fazem, desta maneira o homem é aquele que caça e cria (para depois matar e comer); é isso que o define.

Sendo assim, identidade é o que define o ser e, portanto, é composta também pelas ações, pelos fazeres das pessoas. Ciampa (2012, p. 64) afirma que é “pelo fazer que alguém se torna algo”, o que implica dizer que os fazeres compõem a identidade, permitem que a pessoa se reconheça e que os outros a reconheçam. Tomemos por exemplo Pelé, conhecido mundialmente como o Rei do futebol, aposentou-se em 1977, mas continua, ainda hoje, a ser conhecido como o Rei do Futebol, apesar de não jogar mais. Desta maneira, a atividade que desenvolvia passou a ser o substantivo que o identifica, pois, como afirma Ciampa (2005, p. 138), assumiu a “forma de uma personagem” que se mantém viva independente da atividade que o fez conhecido não ser mais realizada por ele.

Essa percepção só é possível por haver, além da atividade desenvolvida por essa personagem, a relação estabelecida, pois “o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com outros” (CIAMPA, 2005, p. 142). A percepção dos outros em relação a Pelé, como o melhor jogador do mundo, permitiu que ele continuasse a ser identificado como tal. Carlos Drummond de Andrade também nos diz da complexidade de ser:

O importante não é estar aqui ou ali, mas ser. E ser é uma ciência delicada, feita de pequenas observações do cotidiano, dentro e fora da

gente. Se não executamos essas observações, não chegamos a ser: apenas estamos, e desaparecemos.

“As pequenas observações do cotidiano”, citadas por Drummond, podem ser entendidas como as características que vão se somando e definindo os seres, que dão sentido à sua existência, que os fazem “ser”. Esse fazer do cotidiano atende, ainda, à identidade que se diferencia e que se iguala. Desta maneira, o homem que constrói casas é um pedreiro, e há muitos pedreiros no mundo, mas pode ocorrer de um ser conhecido de uma família, de prestar serviços há tempos em uma determinada comunidade, o que o tornará um pedreiro singular.

Também é possível encontrar essa percepção do singular e do coletivo ao pesquisar a palavra identidade no dicionário *online Priberam*, no qual encontraremos que se trata de um “substantivo feminino” que significa:

1. Qualidade de idêntico;
2. Paridade absoluta;
3. Circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja;
4. Circunstância de um cadáver ser o de determinada pessoa;
5. [Álgebra] Equação cujos dois membros são identicamente os mesmos.

Destaquemos, aqui, o terceiro conceito que diz que identidade é a circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja. Esse conceito explicita que é a maneira como a pessoa se reconhece ou como os outros a reconhecem, mostrando-se, assim, uma concepção abrangente que envolve ao mesmo tempo percepções individuais e coletivas.

Ao perguntarmos para alguém quem ele é, dificilmente encontraremos uma única resposta. Para responder a esta pergunta, muitas vezes, a pessoa usará o nome, o sobrenome e sua filiação, na tentativa de se diferenciar e ao mesmo tempo mostrar que pertence a um coletivo. O que já nos mostra que a identidade é constituída por uma pluralidade de elementos.

Desta maneira, como afirmou Ciampa (2012, p. 63), “diferença e igualdade é uma primeira noção de identidade”, pois “vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte”. E vale ressaltar que isso não implica dizer que uma pessoa é constituída pelo que os

outros lhe imputam, mas é constituída e constitui o outro ao mesmo tempo, pois os grupos aos quais pertence também possuem características dela.

O conceito de identidade como diferença e igualdade também é encontrado em Dubar (2009, p. 13), que apresenta a ideia de que identidade é “diferenciação” e “generalização”, indicando a primeira como “aquela que visa definir a diferença” do ser, e a segunda como a “que procura definir o ponto comum”, como o sobrenome e o grupo ao qual alguém pertence.

Observemos essa questão da igualdade e da diferença, bem como o valor que possui a identidade como generalização, em um diálogo da peça “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare:

AMA: Romeu é o nome dele; é um dos Montecchios, filho único do vosso grande inimigo.

JULIETA: Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e asnado muito tarde. Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada ver-me do inimigo.

Antes mesmo de conhecer, de fato, Romeu, ele já é para ela, um inimigo, pois pertence a uma família que é rival da sua. Mais adiante, nesse diálogo ela tenta diferenciá-lo e diferenciar-se quando propõe que ele renegue o sobrenome e se propõe a fazer o mesmo. Pertencer a um grupo pode, em algum momento, gerar conflitos que tendem a promover o desejo pela singularidade. Neste caso, Romeu e Julieta, componentes de famílias inimigas, não gostariam mais de ser identificados pela generalização, manifestam o desejo de diferenciar-se para que seu amor se tornasse possível, expondo, assim, a vontade de transformação de sua identidade coletiva, que os igualava aos seus pais. Renegando seus nomes estariam abandonando a representação de suas identidades como inimigas.

Julieta afirma que Romeu não deixará de ser ele mesmo se abdicar de seu sobrenome, possibilitando a compreensão de que a composição da identidade é feita por múltiplas personagens. Eles não são apenas filhos de quem são. Possuem outros papéis, tanto singulares quanto coletivos, que se articulam, que podem se manifestar em momentos diferentes e se modificar em tempos diferentes. Sendo assim, como afirma Ciampa (2005, p.163), “uma identidade nos aparece como articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo – e constituída por – uma história pessoal”. Diz ainda o autor:

A história é a progressiva e contínua hominização do Homem, a partir do momento que este, diferenciando-se do animal, produz suas condições de existência, produzindo-se a si mesmo conseqüentemente.

A história, então, como a entendemos, é a história da autoprodução humana, o que faz do Homem um ser de possibilidades, que compõem sua essência histórica. (CIAMPA, 2012, p. 68)

À medida que se vive a própria história é possível assumir novas personagens e/ou repor as mesmas. Quando a reposição da identidade passa a ser percebida como “simples manifestação de um ser idêntico a si-mesmo na sua permanência e estabilidade” temos a mesmice (CIAMPA, 2012, p.67), a qual pode ser identificada na personagem do longa-metragem “Notas de Rebeldia”, lançado este ano e produzido nos Estados Unidos da América.

O filme conta a história de um rapaz, Elijah, dividido entre seu sonho e as expectativas do pai, Louis. Em uma das cenas, Louis diz ao rapaz que quando seu pai adoeceu não teve dúvidas e assumiu o negócio da família, pois era o que precisava ser feito e, da mesma maneira, ele espera que Elijah cumpra seu papel e assuma os negócios em seu lugar. Em determinado momento do filme, o pai, Louis, diz que não sabe como o pai dele conseguiu manter o restaurante funcionando, e o filho, Elijah, aponta para o fato de seu pai ter conseguido manter, assim como o avô o havia feito, ao que o pai responde: “fiz o que tinha que fazer”. Ou seja, quando houve a necessidade de assumir o restaurante, ele largou a faculdade e assumiu a personagem que seu pai pediu que ele assumisse. Passou a ser o administrador do negócio da família, o homem responsável pelo provimento da família e pela manutenção do sonho de seu pai. Essa personagem, imposta por outros, reconhecida e aceita pelo sujeito, foi dada como permanente, como “mesmice”, e passou a ser reposta cotidianamente.

No início deste capítulo, identidade foi definida como metamorfose; contudo, encontramos a possibilidade da mesmice, que pode ser compreendida como a não-transformação, e que também faz parte da noção de identidade, pois “a questão da identidade posta como metamorfose se inverte no contrário: a não metamorfose” (CIAMPA, 2005, p. 154).

Voltemos ao filme “Notas de rebeldia” para verificar a situação da personagem principal, Elijah. O que aconteceria com ele caso não visualizasse possibilidade nem de atender ao pedido do pai, nem de realizar seu próprio sonho? Ciampa (2005, p. 161) aponta que “quando se tornam impossíveis tanto

novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica”, ou seja, diante da impossibilidade de reposição da mesmice ou de transformação, quando não há condições para assumir nem o que é permitido nem o que é desejado, ocorre a fuga da realidade, a morte da identidade, ainda que seja simbólica.

Outra possibilidade é que Elijah consiga negar essa personagem que o nega, superar a mesmice e se movimentar em busca de seus sonhos. De acordo com Ciampa e Pacheco (2006, p. 165):

[...] a metamorfose pode ocorrer como superação, quando o sujeito emancipa-se de valores estigmatizantes e preconceituosos impostos pela sociedade e/ou apropriados pelo indivíduo, possibilitando assim um agir mais livre e criativo para realização de suas metas e desejos, o que é a expressão da “mesmidade”. A expressão da mesmidade pode ser entendida também como autenticidade, que envolve auto-reflexão e autodeterminação.

O desejo de se concretizar como a pessoa que quer ser pode mobilizar o sujeito a “buscar o outro ‘outro’”, superar a “identidade pressuposta” e caminhar em direção da “mesmidade” e da “superação” (CIAMPA e PACHECO, 2006, p.165). Essa metamorfose é um processo que é ao mesmo tempo pessoal e social; forja-se nas relações sociais. No percurso da constituição da identidade, de acordo com Ciampa:

“Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela” (CIAMPA, 2005, p. 132)

Esta citação de Ciampa encerra este capítulo por expressar, de maneira tão clara, a importância das relações e dos processos vividos na constituição da identidade, bem como a dialética dessas relações, pois o que afeta é afetado. Na metamorfose emancipatória, o ser se modifica e modifica o outro também, em um movimento constante de busca de si mesmo, do que tem significado e sentido para si, do que vale a pena ser vivido.

2.1 – A identidade profissional docente (ou o papel docente)

Se a identidade, de modo geral, é composta por construções sociais, experiências, vivências, percepções individuais dos fatos... também o é pelos papéis desenvolvidos pelas pessoas. E, como afirma Ciampa (2005, p. 139), “um papel, de fato, pelo menos em termos de identidade, designa uma personagem.”

Ao dialogar com as pessoas sobre o que é ser professor, é possível encontrar percepções de que para ser professor é preciso ter dom, ter vocação... o que apresenta uma perspectiva de que as identidades profissionais das pessoas se constituem por elementos individuais e, principalmente, inatos.

Ciampa (2012, p.61) nos traz também essa provocação: “nós nos tornamos algo que não éramos ou nos tornamos algo que já éramos e estava como que ‘embutido’ dentro de nós?”, e nos chama a atenção para o fato de vivermos em sociedade, fazendo parte de grupos sociais desde o nascimento, “nos diferenciando e nos igualando, conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte” e acrescenta que “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses etc.” (CIAMPA, 2012, p. 64)

Desta maneira, a identidade profissional vem carregada do olhar pessoal do profissional, que se idealizou na profissão, mas também é composta pelas expectativas externas e pela construção histórica das características que um profissional deve conter. O olhar do outro e o próprio olhar somam-se a concepções legais para ditarem o que é ser professor.

Apesar da legislação prescrever as posturas, as funções e as ações esperadas do professor, isso não basta para definir quem ele é, pois o profissional se constitui nas relações, na prática, em suas escolhas e ações.

Uma das exigências para o exercício da docência, de acordo a Lei Municipal nº 14.660 de 26 de dezembro de 2007, que consolida o Estatuto dos Profissionais de Educação Municipal de São Paulo, é a habilitação profissional, conforme consta no artigo 8º, §2º, que faz parte da identidade profissional docente pois, como afirma Moita (2007, p.116), esta é “construída sobre saberes científicos”.

A habilitação é uma exigência para o início da docência e a formação inicial contribui para a constituição da identidade profissional; contudo, esta não bastará. Formação será uma necessidade constante na constituição do sujeito professor. Dubar (2003, p. 51) afirma que “a formação é essencial na construção das identidades profissionais porque facilita a incorporação de saberes que estruturam, simultaneamente, a relação com o trabalho e a carreira profissional”.

O autor acrescenta, ainda, que “a formação contínua comporta desafios identitários”, pois o tipo de formação ofertada influenciará na valorização de uma forma identitária em detrimento de outras. Esclareça-se aqui que, segundo Dubar (2003, p. 46), “não se trata apenas de identidades no trabalho, mas de formas de identidades profissionais no seio das quais a formação é tão importante quanto o trabalho”. O que implica reconhecer a dinamicidade do cotidiano escolar.

A escola é um lugar onde muitas relações são vividas, possibilitando distintas visões sobre um mesmo ponto, muitas maneiras de se ver e de ser visto. Sendo assim, um professor de matemática, por exemplo, ao entrar na sala de aula e propor um jogo de xadrez com o objetivo de favorecer o desenvolvimento do raciocínio lógico, poderá se identificar como um profissional que procura encantar seus alunos a partir do real, da prática e do lúdico, o que Dubar (2005, p. 135) chama de “identidade para si”. Haverá alunos que o identificam da mesma maneira e que o admiram e valorizam por isso, contudo, existirão também aqueles que considerarão que o professor está se esquivando do dever de ensinar de verdade, de transmitir conteúdos que serão indispensáveis para a sequência da vida escolar. A maneira como o outro o identifica é chamada por Dubar de “identidade para o outro”. O professor poderá identificar-se ou não com a maneira como o outro o vê, o que passará a fazer parte de sua identificação profissional naquele momento. O sentido atribuído pelo professor para a maneira como o outro o vê lhe provocará reflexões e mudanças didáticas, metodológicas e até de postura relacional com os alunos.

Gatti (1996, p. 88) afirma que a “identidade se constrói e não é dada” e que “compreender os professores implica vê-los nas suas relações sociais, constitutivas de seu ser”; portanto, olhar para a identidade docente significa conhecer sua história, saber os desafios que já enfrentou, os conflitos que viveu, os contextos nos quais esteve inserido.

Diante disso é possível afirmar ainda que, apesar de haver uma identidade profissional que se constitui coletivamente, esta se completa sob a perspectiva individual, ou como afirma Nóvoa (2007, p.16):

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção e de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

Ainda de acordo com o autor acima, esse processo envolverá também a segurança do professor quanto à maneira como desenvolve seu trabalho. E mais uma vez podemos relacionar a importância da formação docente nesse processo, que deve considerar, de acordo com Placco e Souza (2016, p. 49), as percepções dos professores, incentivando-os “a falar de si e de suas práticas”, pois “pôr em evidência as formas identitárias demanda criar processos narrativos, de si e do outro, pois, ao contar para si a história daquilo que é, o sujeito conta também a história de todos os outros que o constituem na relação” (PLACCO e SOUZA, 2016, p. 52).

Tal ação favorece o processo de reflexão, tão importante para que os professores possam ter consciência de tudo o que está presente em seu meio de trabalho, podendo pensar e agir sobre o real e o ideal para si, de sua atuação profissional.

As reflexões propostas na formação docente acontecerão de maneiras diferentes para cada profissional, dependendo, inclusive, do peso atribuído por cada um aos demais fatores que compõem o contexto escolar, o cotidiano da escola. De acordo com Gatti (1996, p.98), “os professores constroem suas identidades profissionais no embate de seu cotidiano nas escolas, sobre a base das vivências que sua situação social de classe, de sexo, de raça, lhe possibilitou como back-ground. Eles se identificam a partir de seu trabalho de ensinar”.

Este trabalho de ensinar terá também muitos fatores envolvidos. O mesmo professor poderá mostrar-se de uma maneira em uma turma e de outra maneira em outra turma, dependendo da relação que construíram. Por vezes, na mesma turma o professor atenderá a alguns alunos de um jeito e a outros de outro. As relações, são, portanto, essenciais no processo de ensino-

aprendizagem e ditarão a maneira como o professor se reconhece e como é reconhecido.

Sacristán (2014, p. 65) diz que “a especificidade de ser professor” é constituída por um “conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores”. Tais comportamentos não são imutáveis, contarão sempre com o fator das relações para que se defina. Retomando o exemplo anterior, teremos um professor que se comporta de maneira mais extrovertida em uma sala e de maneira mais séria em outra, ou que exige mais de uma sala e menos de outra.

Essas relações não se dão apenas entre professores e alunos. Os professores estabelecem relações com famílias, comunidade local, professores, agentes escolares, coordenadores pedagógicos, diretor, enfim, com outros participantes da vida escolar. A questão é que o que é vivido nessas relações poderá gerar sentimentos e pensamentos de tensão e/ou de pertencimento que podem desencadear movimentos de transformação na identidade docente.

O grupo dos profissionais de educação deve seguir algumas normas e procedimentos, desenvolver alguns fazeres que caracterizam este grupo, contudo, isso não torna a identidade docente uma identidade imutável. Placco e Souza (2016, p. 49) afirmam que “é preciso assumir o contexto escolar como dinâmico, enfrentar o desafio da mudança, do rompimento de formas identitárias que não mais se sustentam ante as demandas que se apresentam ao ensino e aprendizagem escolares.”

Segundo Placco e Souza (2016, p. 48), “[...] a construção, desconstrução e reconstrução identitária se revela e se realiza no contexto de trabalho e formação do professor”. Para que o processo de construção de identidade profissional do professor aconteça de maneira saudável é preciso reconhecer a dinâmica do contexto, como indica Sacristán, ao afirmar que: “o conceito de profissionalidade docente está em permanente elaboração, devendo ser analisado em função do momento histórico concreto e da realidade social que o conhecimento escolar pretende legitimar; em suma tem de ser contextualizado”. (SACRISTÁN, 2014, p. 65)

A profissionalidade docente, além de envolver a contextualização citada por Sacristán, abarca algumas ações que estão imbricadas na profissão

docente. O artigo 15, do capítulo III, do Decreto Municipal nº 54.453 de 10 de outubro de 2013, que fixa as atribuições dos profissionais de educação que integram as equipes escolares das unidades educacionais da rede municipal de ensino, elenca alguns verbos que devem ser concretizados pelo professor, dentre eles: elaborar, planejar, zelar, participar e articular. Destacam-se, ainda, os seguintes excertos:

Art. 13 A ação docente deve ser entendida como processo planejado de intervenções diretas e contínuas entre a realidade do educando e o saber sistematizado, visando a apropriação e construção de conhecimentos e aquisição de habilidades pelos alunos, **observadas as diretrizes da política educacional da Secretaria Municipal de Educação e demais dispositivos legais**

[...]

Art. 15 São atribuições da Equipe Docente [...]

XV - **atuar na implementação dos programas e projetos da Secretaria Municipal de Educação, comprometendo-se com suas diretrizes, bem como com o alcance das metas de aprendizagem;**

Não é incomum que programas e projetos da Secretaria Municipal de Educação mudem, assim como mudam os responsáveis por esta pasta governamental. A questão é que, muitas vezes, a mudança se dá antes mesmo que os profissionais de educação tenham se apropriado das propostas do governo anterior, dificultando o cumprimento da ação docente descrita no art. 13 e da atribuição que consta no art. 15, inciso XV, acima citado. Quanto a esta questão, Esteve (2014, p. 97) pontua que:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior [...] O problema reside em que, independentemente de quem provocou a mudança, são os atores que dão a cara.

A mudança, como afirma o autor, nem sempre acontece de maneira harmoniosa ou democrática e não são poucas as vezes que os professores precisam transmitir concepções sem ter delas se apropriado ainda ou sem com elas concordarem. As mudanças no meio educacional são muitas e nem sempre coerentes. A cada troca de orientação política ocorrem mudanças nos direcionamentos, nas propostas e nas exigências que se fazem dos docentes.

Dito isso, ressalte-se que a resistência docente às mudanças nas propostas educacionais podem estar ligadas a muitas situações, inclusive com a discordância das concepções recém apresentadas.

Pode acontecer de o professor não concordar com uma deliberação, com uma proposta ou um projeto que tenha que cumprir, ou seja, com o papel que lhe é “prescrito”. Apesar de discordar, o professor se verá na obrigação de cumpri-lo, uma vez que faz parte das incumbências sociais atribuídas à sua “personagem” e, mesmo deixando de sentir-se pertencente a esse grupo, se submeterá, “repondo seu papel”, criando a “identidade-mito”, vivendo a “mesmice”. À medida que o professor não consegue mais repor essa “mesmice”, pode começar a negar o papel que representava, expor que não concorda com a ordem dada, ou tentar isentar-se da responsabilidade de determinada ação, justificando ter atuado por ordem de outrem, ter apenas se submetido ao que lhe fora atribuído.

Deixando de representar esse papel, o professor “nega o outro que o negava”, passando a agir com autodeterminação em busca da conquista do que entende ser o seu papel, o que é a expressão da “mesmidade”. Nesse processo, o professor poderá acatar as orientações, mas direcionar o trabalho de outra maneira, entendendo que “após fechar a porta quem manda é ele”, o que poderá parecer uma metamorfose, uma vez que ele sentirá que não se submete ao que discorda, que burla aquilo que lhe é imposto. Mas isso pode não ser um movimento emancipatório, pois não será necessariamente reconhecido nas relações. Apenas quando o professor tiver condições de expor seu posicionamento, tiver consciência da situação que enfrenta e do motivo pelo qual não quer se sujeitar às novas propostas, poderá atuar em prol do que acredita e apresentar uma mudança que o liberta, que lhe permite se reconhecer e ser reconhecido na ação que desenvolve.

Observando as práticas na sala de aula, ao longo da carreira vivida, foi possível notar uma grande variedade de ações e intenções, assim como foi possível ouvir muitas queixas por “não termos as famílias de antigamente”, “o respeito de antigamente” ou “as crianças de antigamente”.

Por vezes desejamos voltar a ser o que éramos, o que não é mais possível, pois os tempos mudaram, os contextos mudaram e alguma coisa em nós mudou profundamente. Talvez sejamos como o rio, pode até parecer o mesmo, mas nunca foi e nunca será o mesmo, a água flui o tempo todo, acompanhando a linha do tempo: o passado que não volta, o presente que vive e o futuro que não existe, que está por vir. (ANDRADE, 1998, p.14-15)

Quando os professores se percebem envoltos por esse desejo de voltar ao que era e pela percepção de sua impossibilidade, podem, muitas vezes, desenvolver sentimentos de impotência, que farão com que iniciem um processo no qual não vislumbrem a possibilidade de uma nova personagem, nem de reposição da velha, caminhando para a morte simbólica de sua personagem.

O professor, muitas vezes, coloca-se em posição inflexível, desejando que os alunos sejam iguais e se moldem à maneira como ele trabalha e se posiciona desde que iniciou sua carreira. Não admitir a possibilidade de sair da mesmice, de olhar os alunos ou de se olhar de maneira diferente pode fazer com que o professor se perceba insatisfeito com a situação atual, saudosista do que a educação foi um dia, incapaz de lidar com as mudanças sociais, legais e profissionais. E isso pode causar-lhe conflitos com sua identidade profissional, adoecendo por não reconhecer-se mais.

Diante de todo o exposto é possível dizer que a identidade profissional constitui-se na história de vida do sujeito, no conhecimento e tudo o que vai se construindo nas relações que estabelece. As tensões e pertencas desse processo de construção permitem momentos de mesmice e de transformação. E, de acordo com a maneira como o profissional reagir diante das mudanças, processuais e/ou abruptas, desenvolverá novas características. As crises de identidade profissional poderão fazer com que os profissionais vivam processos de construção, desconstrução e reconstrução, sendo que para a pessoa cada etapa do processo demandará um tempo distinto.

2.2 – Trabalho e consciência

Para realizar um estudo sobre a identidade há necessidade de ponderar os vários fatores que contribuem para sua constituição. De acordo com Ciampa (2005, p. 139), “(...) consciência, atividade, identidade: três categorias fundamentais para a psicologia social estudar o homem”. Essas categorias se relacionam, de maneira que para compreender a questão da identidade percebeu-se a necessidade de breve noção das categorias atividade e

consciência, considerando ainda que, no mesmo texto, o autor afirma que “o indivíduo não é mais algo: é o que faz” (CIAMPA 2005, p. 140).

Esta pesquisa trata do impacto da readaptação funcional na identidade dos professores e, portanto, lida com a função desses profissionais. A atividade aqui evidenciada será o trabalho do professor. Furtado (2011, p. 46) define o trabalho como “atividade concreta, pensada, antecipada e projetada”. Segundo Furtado (2011, p. 63):

[...] o trabalho é condição necessária para a realização do humano e, ao mesmo tempo, foi a sua criação o que nos transformou no que somos. Essa dupla condição – a de criar o trabalho e ao mesmo tempo por ele ser transformado em humano – permite um fenômeno muito especial para o ser humano que é a condição de ser consciente e a de se comunicar. Pensamento e palavra, como aponta Vigotski (2004), permitem ao ser humano avaliar a si mesmo, e este é o fenômeno ontológico por excelência. [...] A capacidade de avaliar a si e ao que está ao seu redor nos leva à condição de pensar e estabelecer o nosso próprio estatuto: quem somos e a que servimos.

Desta maneira, trabalho e consciência se interrelacionam, fazendo com que o ser se transforme através de seu trabalho e seja, ao mesmo tempo, transformado por ele. Quando percebemos as finalidades, as relações e as possibilidades do trabalho desenvolvido, conseguimos analisar as mudanças necessárias e as possíveis, sendo capazes de atuar em prol da transformação, ou seja, é a práxis consciente que possibilita a metamorfose.

Arroyo (2000, p.18) apresenta o trabalho docente como um “ofício de mestre”, evidenciando a qualificação necessária para desenvolver a docência.

Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um ofício que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria, inquietações e vontades tão parecidas, tão manifestas no conjunto de lutas da categoria docente.

O trabalho assim desenvolvido, com orgulho, segundo Dejours (2015, p. 79), é fonte de “satisfações concretas”, as quais estão relacionadas à “proteção à vida”, que inclui a subsistência e a “saúde do corpo”; contudo, algumas situações podem trazer sofrimentos no desenvolvimento do trabalho, tornando-o fonte de insatisfação. Tolfo e Souza (2015, p. 11) contribuem para essa interpretação ao afirmarem que “a qualidade do trabalho vai depender do significado que o indivíduo atribui ao seu conteúdo e do seu projeto de vida”. Ao

afirmar que a qualidade do trabalho está vinculada ao seu significado para o indivíduo, isso nos permite compreender que existem níveis diferentes de qualidade e, portanto, de significados atribuídos, o que faz com que, dependendo da situação, o trabalho passe a ser um fardo.

Muitas são as condições do e para o trabalho, que provocarão satisfação ou insatisfação. Cabe pontuar que esses sentimentos poderão variar de acordo com o momento vivido, de maneira que o trabalho não será fonte de apenas um sentimento. Para iniciar, consideremos as condições existentes para a escolha da profissão. Sob que circunstâncias a entrada no mercado de trabalho acontece? Como se dá a escolha da vida profissional?

Arroyo (2000, p. 126) afirma que a “condição de vida está presente em nossas escolhas ou condiciona nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível”. Essa escolha ainda está repleta de critérios, mas realizar a escolha possível pode implicar a não realização da escolha ideal, e este pode ser um dos fatores que caracterizam a relação sujeito-trabalho.

As boas escolhas implicam a mediação da consciência, que é entendida por Cunha (2014, p.80) como um processo que se desenvolve ao longo da vida “em conexão com outros processos e funções psíquicas”. Neste processo encontram-se, segundo Burlatski (1987, in Cunha, 2014, p.82), “cinco momentos interrelacionados, porém com características distintas: o conhecimento, a autoconsciência, a afetividade, a imaginação e a vontade”.

O primeiro, conhecimento, não trata apenas do conhecimento teórico, mas de apreender e internalizar, possibilitando a representação mental do objeto. Ter consciência equivale a perceber e elaborar o percebido com a ajuda da atenção, da memória e do pensamento. De acordo com Cunha (2014, p. 85), “um objeto deixa de ser um estímulo particular para ser conscientemente representado por síntese generalizável. A generalização significa, ao mesmo tempo, tomada de consciência e sistematização de conceitos” e “todo conhecimento é mediado pelos signos em forma de linguagem”.

O segundo momento, a autoconsciência, se refere à percepção que o sujeito tem de si, podendo distinguir suas semelhanças e diferenças em relação

ao outro, reconhecendo seus pensamentos e sentimentos. É através dela que o indivíduo regula-se e direciona suas ações em relação a si a aos outros.

A afetividade está presente nas relações, nos sentimentos envolvidos nelas. A afetividade envolve o conhecimento do contexto e o autoconhecimento na elaboração do que sentimos. Cunha (2014, p. 80) afirma que “Vygotsky (2001) considera que os conflitos emocionais podem ser objetos de tomada de consciência, tendo como causas profundas o pensamento e a palavra socialmente mediados”. Quanto à afetividade, Aguiar (2000, p.134) afirma que “o pensamento deve ser concebido como emocional e a linguagem como algo sempre emocionado”, o que implica dizer que “sentimentos não podem jamais ser tratados e apreendidos fora do conhecimento e/ou da ação moral e vice-versa”.

O quarto item se refere ao caráter criador da consciência, que, segundo Cunha (2014, p.83), “cria noções, conceitos e um sistema de formas mentais que permite a representação de objetos desenvolvidos pela mente de forma ideal”, elaborando, assim, novas ideias.

E, por fim, o quinto item, trata do poder volitivo da consciência, que possibilita o agir, ou seja, colocar em prática as novas ideias ou as ações que se julga necessárias para a conquista do que se necessita ou deseja.

Aguiar (2000, p. 131) concorda que a consciência é um processo e afirma que está em contínua formação; ela “redunda em formas de pensar, sentir e agir, que estão, também, sempre em construção”

A consciência como processo deve ser percebida como detentora de vários níveis. Saviani (1980) falará em consciência, tratando-a a partir do senso comum em direção à consciência filosófica e Vazquez (2011) percorre da consciência comum à consciência da práxis. Os extremos aqui apresentados devem ser considerados como pontos que marcam o início ou término do processo, existindo entre estes pontos graduações diferentes e que não têm a exigência de uma sequência lógica de cumprimento. Muitos fatores atuam na constituição de tal processo.

Esse processo permitirá que as pessoas vivam de maneiras diferentes suas escolhas ideais e possíveis, de modo que, quando a escolha envolve reflexões, ponderações, conhecimento, autoconsciência e afetividade, dentre

outras funções, pode fazer com que o trabalho signifique “para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade por meio das atribuições individuais inseridas por ele na realização da tarefa” (TOLFO e SOUZA, 2015, p.11).

Contudo, segundo Capitão e Heloani (2015, p. 99), o mundo do trabalho pode não se apresentar de maneira gentil para as pessoas que não souberem utilizar os recursos exigidos por ele.

O mundo do trabalho torna-se, de forma rápida e surpreendente, um complexo monstruoso, que se, por um lado, poderia ajudar, auxiliar o homem em sua qualidade de vida, por outro lado – patrocinado pelos que mantêm o controle do capital, da ferramenta diária que movimenta a escolha de prioridades -, avassala o homem em todos os seus aspectos. [...] Esse princípio de realidade adentra e fere o psiquismo humano, fazendo com que as pessoas sintam-se exigidas.

Dejours (2015) contribui com esta visão, afirmando que a organização do trabalho interfere na saúde do trabalhador:

Por condições de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho. (DEJOURS, 2015, p. 29)

De acordo com Dejours (2015), as pessoas podem criar mecanismos de defesa para sobreviver à organização do trabalho e aos sofrimentos gerados por ela, mas sinais e sintomas do adoecimento podem ir se mostrando sem que ninguém perceba até que o transtorno esteja instaurado. O autor também destaca o fato de que as doenças físicas são sempre mais reconhecidas, por serem mais facilmente detectadas. Os sofrimentos psíquicos, por sua vez, são, normalmente, negligenciados ou demoram a ser percebidos.

O sofrimento acontece, segundo Dejours (2015, p. 66) “quando o trabalhador usou o máximo de suas faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação” e não consegue mais desenvolver uma relação saudável com o trabalho, quando não visualiza possibilidade de satisfação ou não se sente mais pertencente ao grupo, pois “[...] passa pelo processo de dessocialização progressivo, sofre. É sabido que esse processo leva à doença mental ou física, pois ataca os alicerces da identidade” (DEJOURS, 2007, p. 19)

Dejours (2007 e 2015) enfatiza a importância das condições de trabalho para evitar a exclusão e o adoecimento. O autor aponta para a possibilidade de adaptação do trabalho ao homem, na qual a organização se preocupa em estruturar instrumentos, ambiente e divisão de trabalho, dentre outras questões, para que o trabalhador encontre boas condições para desenvolver sua função. Outro eixo importante para a melhoria das relações homem-trabalho é a adaptação do homem ao trabalho, o que envolve, segundo Dejours (2015, p.108) “aprendizagem”, “formação” e “treinamento”, sendo que “este treinamento prossegue e esta formação prolonga-se durante toda a vida profissional”. O terceiro eixo, defendido pelo autor, como essencial à boa relação homem-trabalho, repousa na seleção, que deve assegurar a contratação de pessoas preparadas para o desempenho das funções em questão.

Com relação ao trabalho docente, diante dos apontamentos de Dejours, muitas questões são suscitadas, como: - As condições de trabalho são pensadas para o bem estar dos profissionais? Os espaços destinados ao desenvolvimento do trabalho são adequados? Existe preocupação em desenvolver um ambiente de trabalho saudável? A formação inicial e continuada atende às necessidades de cada realidade? Há olhar para o preparo psicológico? A forma como a seleção é feita garante a percepção das condições reais do profissional para o exercício das funções? Quais as condições de trabalho adequadas para os profissionais da educação?

Refletir sobre a relação trabalho-homem pode contribuir para favorecer as transformações necessárias ao desenvolvimento de condições adequadas. E não apenas as condições do ambiente são transformadas, como afirma Tardif e Lessard:

Trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto em alguma outra coisa, em outro objeto, mas é envolver-se ao mesmo tempo numa práxis fundamental em que o trabalhador também é transformado por seu trabalho. Em termos sociológicos, dir-se-á que o trabalho modifica profundamente a identidade do trabalhador: o ser humano torna-se aquilo que faz. O agir, que dizer, a práxis, deixa então de ser uma simples categoria que exprime as possibilidades do sujeito de intervir no mundo, e torna-se a categoria central através da qual o sujeito realiza sua verdadeira humanidade. (TARDIF e LESSARD, 2014, p.28-29).

Vale ressaltar que o homem, ser social, não avança em reflexões sem o outro e na e pela atividade que realiza. É na coletividade e no trabalho

colaborativo que as condições de trabalho poderão ser transformadas, a partir da atividade consciente e que a transformação mútua, homem-trabalho, poderá se efetivar na práxis.

CAPÍTULO 3 – A pesquisa

O processo de identidade profissional envolve momentos de tensão e de crise, nos quais os professores se desestruturam e se reestruturam. Alguns profissionais, contudo, adoecem e não conseguem mais desempenhar as atribuições docentes, necessitando de readaptação profissional.

No decorrer dos anos, muitos professores, por questões que vão além de suas vontades ou escolhas, foram readaptados e enviados novamente à escola, sem, contudo, haver um papel definido ou uma orientação adequada para os gestores sobre como receber ou lidar com esses profissionais na unidade escolar.

Já trabalhei em escolas nas quais o diretor dizia que não podia atribuir determinada função ou tarefa para um professor readaptado porque não podia contar com ele. O diretor muitas vezes apontava o fato de que as licenças constantes do professor atrapalhariam a rotina da escola caso o professor estivesse com uma tarefa muito importante; então, tinha que lhe atribuir coisas que não interferissem na rotina da escola. É possível perceber a importância da preocupação do diretor, ele tem que estar atento à organização geral e à garantia do funcionamento da escola; ele precisa conseguir atribuir ao professor readaptado tarefas que atendam às suas habilidades e respeitem os seus laudos mas, ao mesmo tempo, precisa garantir que as tarefas atribuídas contribuam para o bom andamento da escola ou que não corram o risco de atribuir algo indispensável à rotina da escola a um professor que não tem condições de se manter plenamente ativo. Compreender como o diretor toma as decisões e o motivo de não conseguir visualizar outras possibilidades quando recebe o professor readaptado é uma questão que merece ser olhada, mas não é nosso foco nesta pesquisa; mas fica aqui registrada a necessidade de estudos que tenham como foco essa questão.

A proposta, que aqui se apresenta, é olhar pelo ângulo do professor readaptado: - Como o professor percebe essa dinâmica? Como ele se sente frente às tarefas que lhe foram atribuídas? O que pensa o professor readaptado

a respeito dessa relação? O que ele sente? O professor readaptado identifica, em suas atribuições, as questões pedagógicas?

Identificar a percepção dos professores readaptados sobre as questões acima pode favorecer mudanças nas relações e nas atribuições que acontecem na escola. Porém, é importante olhar além da distribuição de funções realizada na unidade escolar. Os professores readaptados representam 9% dos profissionais docentes da rede. A readaptação tem sido cada vez mais presente nas escolas e precisa ganhar visibilidade que provoque reflexões e intervenções geradoras de mudanças positivas nessa situação.

Não se intenciona encontrar culpados ou inocentes nesse processo, mas evidenciar que a readaptação funcional gera muitas tensões e mobiliza as percepções sobre os papéis de diversos profissionais, o que traz à tona questões como:

- Qual o processo vivido por esses profissionais até o momento da readaptação?
- O que é preciso modificar na organização e nas condições de trabalho?

3.1 – Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa

Esta pesquisa busca responder ao seguinte problema: - Qual o impacto da readaptação funcional na constituição identitária do professor?

A fim de alcançar a resposta para este problema, apresenta-se, como objetivo geral: - Compreender o impacto da readaptação na identidade dos professores, a partir do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, isto é, os professores.

Os objetivos específicos, que contribuirão para o alcance do objetivo geral e da busca de possíveis soluções para o problema são:

- Entender como se deu a vivência dos professores no processo entre a queixa e a definição da readaptação.

- Verificar se a readaptação produziu a mesmice ou a metamorfose emancipatória nos sujeitos da pesquisa

- Identificar em que medida o meio escolar facilita ou dificulta o processo de readaptação dos professores e, assim, a mudança de seu processo identitário, a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos da pesquisa.

3.1.1 – Etapas

No desenvolvimento desta pesquisa foram realizadas as seguintes etapas:

- a – Procedimento de coleta de dados documentais: levantamento junto à Secretaria Municipal de Educação e da Secretaria Municipal de Gestão, através do Portal da Transparência, dados relativos à quantidade de professores que se encontram readaptados, apresentados no capítulo 1.

- b – Procedimentos de coleta de dados empíricos

- delimitação dos sujeitos da pesquisa: 6 professoras readaptadas, havendo entre elas professoras com laudo definitivo e professoras com laudo temporário; professoras com acúmulo de cargos e professoras sem acúmulo de cargo; professoras que atuavam em níveis diferentes da educação – educação infantil, ensino fundamental I e ensino fundamental II.

- escolha da entrevista não diretiva – história de vida, como técnica de pesquisa.

- c – procedimentos de análise do conteúdo apresentado nas narrativas das professoras: as entrevistas foram transcritas e, a partir de seus conteúdos, foram estabelecidos eixos de análise, em conformidade com os objetivos da pesquisa.

3.2 – Instrumento de coleta de dados

Para a coleta de dados pretende-se recorrer à narrativa de história de vida por meio de entrevistas não-diretivas. Segundo Colomby, Costa, Lopes e Peres (2016, p. 3), a história de vida é contada de maneira própria e permite:

[...] o acesso “pelo interior” a uma realidade que perpassa o narrador e o transforma, por conseguinte, uma fonte rica na compreensão do individual e do social. Desta forma, através da questão inicial “conte-me a sua história”, a história de vida pode ser definida como uma expressão individual acerca de sua existência através do tempo e da memória em que são reconstituídas vivências e transmitidas experiências que auxiliam na compreensão social.

A história de cada pessoa, portanto, permite compreender a realidade social, e deve ser observada considerando-se as situações vivenciadas. Gonzaga (2015, p. 80) aponta que alguns autores defendem o uso da história de vida em pesquisas, “como uma alternativa capaz de resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas autônomas desconhecidas, que desenvolvem um papel fundamental de criadores de história, através de suas palavras.”

Desta maneira, a pessoa entrevistada se coloca como autora de sua própria história. Essa história, segundo Minayo (2001, p. 59), pode ser narrada inteira ou “focaliza uma etapa num determinado setor da experiência em questão”. Diante do primeiro contato e do conhecimento sobre o tema da pesquisa, mesmo que o pedido seja para que conte sua história, é esperado que a pessoa entrevistada conte suas experiências referentes ao tema que lhe foi apresentado.

Gonzaga (2015, p. 80) evidencia que, possivelmente, a história de vida seja, dentre os “métodos da pesquisa qualitativa”, aquele “que melhor permita a um investigador aceder a ver como os indivíduos criam e refletem o mundo social que lhes rodeia”. Contudo, para que a pessoa entrevistada se sinta confortável em contar sua história é preciso que haja um vínculo com o entrevistador.

Na verdade, a história de vida é um tipo de história oral (MEIHY, 1996). Porém, uma de suas especificidades quando comparada à história oral é o vínculo estabelecido entre o pesquisador e o pesquisado. Nesse sentido, para que o narrador conte sua vida, ele precisa sentir confiança e se sentir à vontade. (CAPPELLE, MAFRA e MIRANDA, 2014, p. 60)

Esse vínculo que Cappelle, Mafra e Miranda (2014) destacam também é evidenciado por Almeida e Szimanski (2011, p. 89), ao dizerem que “a situação de entrevista é um momento de encontro entre duas pessoas, com diferentes histórias, experiências, expectativas e com diferentes disposições afetivas.” Desta forma, segundo as autoras, “afetar e ser afetado é condição inerente às interações humanas, e a situação de entrevista não escapa dessa condição”.

O diálogo e a escuta atenta, propiciados pela entrevista, podem possibilitar a percepção do que fora vivido pelo professor readaptado, bem como dos sentidos e significados atribuídos por ele a cada momento desse processo. Como afirma Szymanski (2011, p. 10), a entrevista tem sido utilizada “como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados”. Lüdke e André (2015, p. 40), acrescentam que “o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados”. O que implica afirmar que a entrevista semi-estruturada ou não estruturada é o instrumento percebido como o mais adequado para o alcance da escuta desejada.

Moreira e Caleffe (2008, p. 167) afirmam que a entrevista não-estruturada “não tem um modelo com perguntas fixas” e apontam sua principal diferença em relação aos outros tipos de entrevistas.

A principal diferença entre a entrevista não-estruturada e outras técnicas de entrevista é o grau de negociação entre o entrevistador e o entrevistado. Na entrevista não-estruturada o entrevistador pode introduzir novas questões durante a entrevista. Em outras palavras, a entrevista não-estruturada dá ao pesquisador maior liberdade para fazer perguntas sem estabelecer previamente uma sequência. (MOREIRA E CALEFFE, 2008, p. 168)

A entrevista não-estruturada oferece, assim, a possibilidade de um momento que, ao mesmo tempo que possui uma intenção, um foco, se dá por meio de uma conversa sem a rigidez de uma estrutura fechada.

Szymanski (2011, p. 14) aponta, ainda, para o fato da entrevista se tornar “um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para o interlocutor”, uma vez que na interação o entrevistado narrará sobre sua história de uma maneira que não foi feita anteriormente. A entrevista pode, ainda, gerar algumas situações complexas, como apontam Almeida e Szimanski.

[...] o entrevistador se depara com a complexidade da entrevista e do quanto a entrevista está atravessada pela dimensão afetiva: as pessoas podem ter medo, podem querer aprovação, podem estar inseguras e, até mesmo, querer esconder coisas do entrevistador. Este, igualmente, é afetado pelos sentimentos do outro, interpretados por ele conforme sua própria história de vida, expectativas, valores e situações momentâneas (ALMEIDA e SZIMANSKI, 2011, p.92)

A relação vivida na entrevista é, portanto, conforme salientado por Lüdke e André (2015, p. 39), de “interação” e “na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica”. Considere-se, ainda, que, segundo Almeida e Szimanski (2011, p. 92), “como todos nós partilhamos da mesma condição humana, é inevitável ser afetado pelo outro e construir interpretações sobre o outro, sobre si mesmo e sobre o ocorrido”.

3.3 – Sobre a apresentação e a análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, segundo a orientação de Moreira e Caleffe (2008, p. 186), cuja afirmação é de que “as manifestações dos entrevistados devem ser transcritas literalmente”, além disso, a transcrição deve ser realizada pelo pesquisador, para que este “familiarize-se com os dados”, favorecendo sua análise.

Ao realizar a análise é indispensável considerar, como alerta Franco (2012, p. 36), que “as situações ocorrem em determinado ambiente (situações, espaços temporais específicos) e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional”.

Na tentativa de favorecer a análise das informações coletadas nas entrevistas, foram organizados alguns eixos:

Quadro 6 – Eixos e subeixos para análise

Eixo	Subeixos
1 – Como começa a se narrar e escolha profissional	
2 – Readaptação	2.1 – Motivo da readaptação
	2.2 – Percepções quanto ao tipo de readaptação
	2.3 – Como lidou/lida com a situação
	2.4 – Como vê a própria condição e a função docente
3 – Condições e organização do trabalho	3.1 – O olhar do outro
4 – PPP e equipe gestora	
5 – Processos de Mesmice e Metamorfose	5.1 – Pandemia
	5.2 – A escolha do nome fictício

Evidencie-se que os eixos não foram previamente definidos, pois, assim como indicado por Franco (2012, p. 65), eles emergiram “da ‘fala’, do discurso, do conteúdo” apresentado pelas professoras em suas narrativas, sendo, portanto, fruto de “constante ida e volta do material de análise à teoria”.

3.4 - Caracterização das entrevistadas e das escolas onde atuam

As professoras que participaram desta pesquisa trabalham, atualmente, na educação infantil, sendo que a professora Fernanda ainda mantém o vínculo com o ensino fundamental. É importante ressaltar que os nomes pessoais e os nomes de escolas ou Diretorias de Ensino são fictícios, procurando impedir a identificação das entrevistadas e das escolas. Antes de conhecer as histórias que compartilharam, trago alguns dados que as caracterizam.

Erika possui 39 anos, é separada, está há 18 anos na profissão e na rede municipal de ensino, cursou CEFAM e PEC Formação Universitária e encontra-se readaptada, com laudo psiquiátrico, há 14 anos. Possui dois cargos de professora de educação infantil e ensino fundamental I e, atualmente, está na EMEI Elfo com os dois cargos.

Laura tem 46 anos, é casada e possui 17 anos de Magistérios, sendo 15 na rede municipal. É formada em Letras e em Pedagogia; está há 9 anos readaptada, por laudo psiquiátrico. Tem um cargo de professora de ensino fundamental II e médio, mas, por ter a readaptação definitiva, atua na EMEI Deputada.

Luciene tem 46 anos, é casada e está há 25 anos no Magistério, dos quais 20 são na rede municipal. Sua formação é em Pedagogia, está readaptada há 3 anos, com laudo ortopédico, não acumula cargos e atua na EMEI Deputada.

Claudia está com 50 anos, é casada e possui 28 anos de Magistério, sendo 22 na rede municipal de ensino. É pedagoga e está readaptada há 7 anos por questões psiquiátricas. Possui dois cargos e, atualmente, trabalha na EMEI Deputada.

Rosemeire tem 56 anos, é divorciada e possui 35 anos de Magistério, sendo 29 na rede municipal de ensino. É formada em Pedagogia e está readaptada, por laudo psiquiátrico, há 3 anos. Não acumula cargo e trabalha na EMEI Deputada.

Fernanda, com 61 anos, possui 25 anos de Magistérios, dos quais 20 são na rede municipal de ensino. Sua formação é em Pedagogia e está readaptada, por voz, há 14 anos. O cargo de professor de educação infantil e ensino fundamental II permite ao professor a escolha de atuação na educação infantil ou no ensino fundamental; como possui dois cargos, ela optou por trabalhar na EMEF Presidente e na EMEI Inventora.

Diante dessas características, algumas suposições quanto à readaptação são automaticamente eliminadas. A readaptação não está associada ao tempo de trabalho, ou seja, não dá para dizer que quanto mais tempo trabalhado maior a probabilidade de adoecer e se readaptar. A idade também não é um critério

definidor, pois, nos casos acima, a professora mais nova é a que tem mais tempo de readaptação. E um outro ponto a ser evidenciado é que há, dentre as professoras entrevistadas, professoras de educação infantil, de ensino fundamental I e de ensino fundamental II e médio, ilustrando que o nível de ensino também não é um critério para o adoecimento que leva à readaptação.

Quanto às escolas nas quais trabalham atualmente, é possível afirmar que, tanto a EMEI Elfo quanto a EMEI Deputada são escolas grandes, uma com 17 e a outra com 18 turmas. Ambas possuem 8 salas de referência, brinquedoteca e parque, sendo que a EMEI Deputada ainda conta com uma quadra, um bosque, uma sala multiuso e uma sala de leitura. A EMEI Inventora possui 6 turmas, trata-se, portanto, de uma escola menor, que além das 3 salas de referência possui uma sala de leitura, o pátio descoberto e o parque. Por fim, a EMEF Presidente, que é uma escola de tamanho regular, considerando as escolas dessa etapa da escolarização, possui 17 salas de aula, sala de informática, sala de leitura, quadra coberta, quadra descoberta, pátio coberto e parque. Todas as escolas possuem diretoria, secretaria, sala dos professores, banheiros, cozinha e refeitório.

CAPÍTULO 4 – O que as professoras contam

Neste capítulo serão apresentados excertos das histórias de vida das professoras entrevistadas, organizados em 5 eixos: - 1. Como começa a se narrar e escolha profissional, - 2. Readaptação, - 3. Condições e organização do trabalho, - 4. PPP e equipe gestora, - 5. Processos de Mesmice e Metamorfose. Em virtude das especificidades presentes nos conteúdos apresentados pelas professoras alguns eixos foram divididos, originando 4 subeixos no eixo 2. Readaptação: - 2.1. Motivo da readaptação, - 2.2. Percepções quanto ao tipo de readaptação, - 2.3. Como lidou/lida com a situação, - 2.4. Como vê a própria condição e a função docente. O eixo 3. Condições e organização do trabalho possui um subeixo: - 3.1. O olhar do outro. Outros dois subeixos se apresentam no eixo 5. Processos de Mesmice e Metamorfose: - 5.1. Pandemia, – 5.2. A escolha do nome fictício.

A organização em eixos e subeixos teve o intuito de favorecer a análise do conteúdo presente nas histórias contadas pelas professoras, a qual é apresentada a seguir.

4.1 – Eixo: Como começa a se narrar e escolha da profissão

A maneira como a professora começa a contar sua história mostra o que é significativo para ela, o que é evocado inicialmente de sua história de vida, aquilo que quer compartilhar, a forma de se apresentar. A escolha profissional está sendo tratada em conjunto por ser a maneira como algumas das professoras começaram a contar suas histórias. Contudo, a escolha tem um destaque próprio, por tratar da motivação para o ingresso na profissão.

A escolha profissional, segundo Huberman (2007, p. 40), “constitui uma etapa decisiva no desenvolvimento e um contributo para uma mais forte

afirmação do eu”; sendo assim, é um componente importante da constituição identitária.

Diante do pedido para que contem suas histórias, para que falem sobre si, a professora Fernanda começa falando do processo de readaptação.

Me readaptei por problema de voz, porque eu tinha duas salas em períodos seguidos. O período de sala de aula era as 8 horas seguidas e eu acabei ficando com problema de voz, na verdade, por fazer uso da voz muito tempo seguido. (Fernanda)

O seu adoecimento, o motivo de seu afastamento da sala de aula é o que ela traz para começar a contar sua história, o que ganha uma dimensão maior de sofrimento quando colocado ao lado de sua escolha profissional

[...] na verdade eu sempre pensei em ser professora, sempre. Quando eu era criança minha brincadeira era brincar de escolinha. (Fernanda)

Fernanda conta que ser professora foi uma escolha feita desde muito cedo, como se vislumbrasse esta profissão para si, desde o princípio. Qual o peso de uma readaptação para quem não pode mais exercer, da maneira como idealizou, a profissão que almejou desde muito pequena?

Também a professora Erika começa sua narrativa contando sobre o início do processo que a levou à readaptação:

Em 2004 eu fui para uma escola de lata. Lá eu tive contato com uma criança muito difícil, família muito difícil, e a partir dessa situação é que surgiu um gatilho e comecei a ficar com dificuldade, com crise de pânico, crise de ansiedade, de ter que ir trabalhar. [...] Não é só o gatilho. Depois de muito tempo de terapia eu consegui entender que a escola era só o gatilho, mas que o problema veio antes mesmo da questão da sala de aula. (Erika)

Tanto a professora Fernanda quanto a professora Erika iniciam suas histórias contando o motivo de não estarem mais em regência, o que pode indicar o quão forte é para elas a condição de readaptada. Ser professora readaptada é não pertencer mais ao grupo, é perder sua identidade de professora regente e, portanto, ser excluída desse espaço de pertencimento. Sawaia (2014, p. 9) afirma que a “exclusão é um processo complexo e

multifacetado [...] que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e é [...] produto do funcionamento do sistema”.

Diferente de Fernanda, contudo, a escolha de Erika não foi a profissão com a qual sonhou desde pequena, aliás esta não era sua primeira opção.

Eu prestei Vestibulinho para o CEFAM e para a ETEC Carlos de Campos, para Desenho de Comunicação. Minha mãe ficou muito preocupada com a localização. A escola fica no Brás. No primeiro dia de aula demorei para chegar em casa. Ela ficou muito preocupada. Quando cheguei em casa, ela brigou comigo e colocou várias implicações para que eu continuasse a estudar lá, por isso acabei indo para o CEFAM [...] Medo de não conseguir cumprir o que me foi imposto...Tinha 14 anos. E também queria me acertar com minha mãe. Isso descobri depois de muita terapia. Queria a aprovação dela. (Erika)

Quem faz a análise sobre as condições e, portanto, sobre a melhor opção é a mãe e não ela. Inclusive, há o apontamento de que a escolha foi feita por medo de não conseguir cumprir o que foi imposto, uma escolha repleta da influência materna, endossando a afirmação de Arroyo (2000, p. 126) de que “não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível”. O autor (p. 128) ainda afirma que “fazer Magistério, prestar concurso e ter emprego fixo ainda que mal pago é um horizonte para logo”, o que pode levar a mãe, “que administra o escasso orçamento da família trabalhadora” a direcionar a filha para essa escolha profissional.

Esse vínculo familiar muito forte também se apresenta na história de Laura, que começa dizendo de onde vem. Apresenta as irmãs e suas escolhas profissionais.

Eu venho de uma família de muitas irmãs e todas elas tinham feito faculdade na área de educação. (Laura)

A contextualização sobre a família de origem indica uma história marcada pela influência das irmãs e a consciência de que suas escolhas foram constituídas por tal influência.

E eu sou a mais nova, eu não queria ser professora, eu queria ser jornalista. Eu fiz a faculdade de comunicação social e no meio da faculdade eu não me encontrei lá. Eu não achei que eu era

boa o suficiente, que eu escrevia bem o suficiente para ser uma jornalista ou que eu tinha esse perfil, sei lá. [...] Eu pensei em parar, mas eu era muito jovem, eu continuei a faculdade e me formei, mas só fiz estágio, não trabalhei na área. E já trabalhava, desde novinha, com o meu pai, que era comerciante, que tinha a loja. Eu trabalhava com ele. Eu falava assim “eu vou ficar aqui trabalhando com o meu pai, eu não sei até quando ele vai ter loja”, e daí começava a pensar no futuro e dizia assim: “ai, Laura tem um curso é o programa especial de formação pedagógica”, que era o tal do CNE lá, que eu faria só dois anos, eu faria um aproveitamento de disciplinas e eu fui e fiz. Houve uma análise do meu currículo, da grade curricular, que vem as horas, e eu fiz, e saí com licenciatura plena em língua portuguesa. (Laura)

Foi feita a escolha por algo de interesse, uma escolha realizada a partir da percepção de outras experiências. Laura começou sua história dizendo que é a mais nova e que as irmãs haviam *feito faculdade na área da educação* e que ela não queria seguir o mesmo caminho das irmãs, *não queria ser professora*. Contudo, ao não se reconhecer na prática da profissão que havia escolhido acaba cedendo à opção de fazer uma faculdade na área da educação, pois não poderia continuar trabalhando com o pai para o resto da vida, precisava de um trabalho que fosse seu, que a tornasse independente.

Entro na prefeitura em 2005 e já no primeiro dia eu não gostava, mas eu precisava ter um emprego. (Laura)

A escolha feita não possibilitou o sentimento de pertença a essa categoria profissional; contudo, trata-se de um emprego seguro, fruto de um concurso público, que lhe garante independência profissional.

As professoras Claudia, Luciene e Rosimeire apresentam suas histórias a partir de seu ingresso na profissão. Luciene pontua o Magistério como sua primeira opção profissional.

Eu comecei na prefeitura em 97. Na verdade eu fiz Magistério pensando em dar aula. Gostava já. Depois fui fazer Pedagogia. Quando eu fiz Magistério vi que era isso mesmo que eu queria para minha vida, daí fui fazer Pedagogia, com a intenção de futuramente abrir uma escola particular. (Luciene)

Claudia e Rosemeire apontam a escolha realizada de maneira consciente, mas deixam claro que não era a primeira opção, assim como apontam o motivo de não terem seguido pelo que seria sua primeira opção.

Quando eu escolhi ser professora, não foi minha primeira escolha, minha primeira escolha, eu queria ser médica pediatra, mas quando eu descobri que para ser médica pediatra eu precisava mexer em corpos eu desisti, porque eu não gosto, eu morro de medo. E aí eu quis ser professora, eu escolhi pelo gosto de criança, eu sempre gostei muito de criança. (Claudia)

A escolha de Claudia, apesar de não ser a primeira opção, continua pautada no *gosto*, no desejo pessoal. O critério que excluiu sua primeira opção foi subjetivo, fruto de análise sobre os fazeres envolvidos na formação para a profissão e o desejo ou não de efetivá-los. E não foi o único critério:

E na época, também, o Magistério era uma chance de eu já sair do curso do ensino médio com uma profissão. De já sair e poder trabalhar sem ter a faculdade, porque eu não sabia também se eu ia ter condições de fazer faculdade logo em seguida. (Claudia)

As condições sociais, a análise de sua condição econômica e social também interferiu nessa escolha, a qual, como afirma, não a frustrou em momento algum:

E aí, quando eu entrei no Magistério, acho que foi a melhor coisa que eu fiz, porque eu já me apaixonei. Não sei se é porque eu comecei a fazer muitas pesquisas no Magistério, comecei a estudar mais sobre criança, sobre a prática das escolas e comecei a me apaixonar. E aí nunca mais saí, não quis outra vida que ser professora. (Claudia)

Assim como Claudia, Rosemeire também apresenta sua escolha associada às contingências sociais; contudo, uma contingência relacionada às questões culturais e não econômicas. Antes de contar sobre suas escolhas deixa claro que sua história a emociona, por se tratar de um processo vivido.

Eu já vou te avisar, que eu não sei se é o processo do envelhecimento, se é o momento que estou vivendo ou se é o assunto, mexe muito com meu emocional. [...] É emocionante para mim, mas não é desse nível “ah, vou passar mal, vou sofrer”, não, é a vida, é a pele, brota fora, tudo isso é muito forte para mim. (Rosemeire)

E continua a narrativa deixando evidente que sua escolha foi consciente.

Eu fui fazer Magistério por uma contingência social. Eu era muito evangélica, tive um namorado, ia casar, então tinha que ter uma profissão, e deixei meu sonho de ser jornalista, escritora, para ser professora. (Rosemeire)

Deixar a profissão de seu sonho foi a condição para se manter na religião e se casar. A fala de Rosemeire evidencia a presença, ainda marcante, do Magistério como profissão permitida para a mulher, que deverá dedicar a maior parte de seu tempo aos cuidados com a família. E que, ainda assim, pode ser o meio de revolucionar uma condição de submissão. Entretanto, mesmo tendo feito a escolha possível, não a desejada, ela foi obrigada a abdicar da profissão.

Eu pedi exoneração em 89 e eu voltei em 96. Aí eu já era eu mesma, eu já tomava conta da minha própria vida, e retomei a minha carreira como professora. (Rosemeire)

Retornar para a sala de aula, para a profissão, significou tomar as rédeas da própria vida, ser ela mesma. Desta maneira, a sua escolha possível foi o que possibilitou que ela, em algum momento, se apropriasse de sua própria vida.

A profissão, o trabalho, mostram-se, assim, potentes e libertadores, capazes de devolver a vida a alguém, capaz de emancipá-la.

Ao falar sobre o processo identitário dos professores, Nóvoa (2007, p. 16), apresenta a “Adesão” como um pilar que sustenta esse processo, apontando que “ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adoção de projectos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens”. Desta maneira, ao fazer a escolha profissional, as professoras se implicaram com um processo de “investimento positivo” na educação, e esse compromisso passou a compor a identidade de cada professora.

Assumir o compromisso docente, para Arroyo (2000, p. 129), significa enfrentar grandes dificuldades.

A vida toda se mistura com a condição de professor(a). É um modo de vida, de dever-ser que tenciona todas as dimensões, tempos e vivências. E todas as lembranças. Suportar essa tensão tão vital, somente com muito tesão pelo Magistério. Quantos(as) não resistem e

se esgotam, se destroem como humanos(as). A saúde física e mental do Magistério básico mereceria maior atenção (ARROYO, 2000, p.129)

Arroyo ressalta, assim, que apesar da escolha feita e do compromisso assumido, pode ser que os professores não consigam lidar com as tensões que se apresentam. O autor destaca a necessidade da existência de um olhar atento à saúde do “Magistério”.

4.2 – Eixo: Readaptação

Identificar os motivos da readaptação, as percepções que as professoras possuem sobre os diferentes tipos de readaptação, como lidaram/lidam com a situação e como veem sua condição e a função docente, favorecerá a compreensão dos impactos desse processo na constituição da identidade docente.

4.2.1 - Motivo da readaptação

Este subeixo pretende identificar alguns dos fatores que contribuíram para a readaptação das professoras e evidenciar a percepção delas em relação ao tratamento recebido no setor médico. De acordo com a tabela fornecida pela Secretaria Municipal de Gestão, apresentada no início desta tese, os casos das entrevistadas encaixam-se nos diagnósticos mental, lesão e aparelho respiratório.

Fernanda iniciou com um cargo na educação infantil em junho e, em julho, já foi chamada para assumir o outro cargo, o implica dizer que ela, praticamente, não teve tempo de vivenciar um único cargo na rede. Seis meses mais tarde

começou a ver sua voz falhar. A experiência narrada por Fernanda mostra que o acúmulo de cargos pode ser uma condição prejudicial à saúde docente.

Então, na verdade, assim, depois de uns seis meses que eu estava com as duas turmas eu já comecei a ter um pouquinho de problema na voz [...] mas era aquela coisa, que mais para o final de semana que começava a aparecer o problema, então eu descansava o final de semana, na segunda-feira estava tudo bem. Então durante muito tempo eu fui desse jeito.
(Fernanda)

Durante muito tempo Fernanda não deu importância aos sintomas, acreditando que o final de semana seria o suficiente para resolver seus problemas. Podemos até inferir que ela se acostumou com a situação de ver a voz se desgastando durante a semana e voltando no final de semana e talvez, de algum modo, viver essa situação era melhor do que procurar um médico e descobrir que se tratava de algo mais complexo ou que poderia agravar-se.

Marina Colassanti tem uma crônica intitulada “Eu sei, mas não devia” publicada pela primeira vez no Jornal do Brasil, em 1972, que permanece atual e provocativa à necessidade de que tomemos consciência das estratégias defensivas que usamos, muitas vezes sem nos darmos conta, e que quase nunca surtem o efeito que desejaríamos. Em um trecho da crônica ela mostra os motivos pelos quais nos acostumamos às situações, como a enfrentada pela professora Fernanda, que se acostumou a aguardar pela recuperação do final de semana, que funcionou durante anos.

Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado. A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma. (COLASSANTI, 2009, p. 54)

Se acostumar, negociar para ter condições de continuar trabalhando também foi uma estratégia usada por Laura

No começo me ajudava a pagar minhas contas e eu via tantos colegas, eu falava “eu vou conseguir”, e daí foi 2005, 2006, eu fazia uns tratos comigo, eu falava “se eu aguentar

trabalhar, no final do ano eu vou viajar, nas férias de janeiro”, “ó eu vi uma roupa legal”, então eu fazia esses tratos, e eu fui aguentando. (Laura)

De acordo com Dejours (2015, p. 174), as estratégias defensivas são recursos elaborados, subjetiva ou coletivamente, para evitar “a angústia do trabalho, assim como contra a insatisfação”, tendo como consequência o retardamento da identificação ou da consciência do sofrimento, do problema.

No caso de Laura, as negociações precisavam ser ampliadas a cada momento que algo mais complicado acontecia.

Mas nesse dia eu fui para a lousa e deixei a minha bolsa enroladinha embaixo dos diários e dos livros, e eu tinha um aluno L.A (liberdade assistida), era uma sétima série ainda, e ele exercia, lógico, uma liderança muito negativa, muito grande ali naquela sala. E ele levantou junto com uma menina e eles abriram minha bolsa, pegaram minha carteira e meu celular. Aí quando eu saí, era a última aula, deu o sinal, todo mundo saiu, e eu vi, e aí eu falei assim “nossa”, apesar de todas as dificuldades eu me esforçava para ser uma boa professora, eu tentava, buscava alternativas, ali parece que aconteceu um, quebrou um elo de confiança. (Laura)

A professora enfrentava dificuldade para sentir prazer no trabalho, de maneira que precisava negociar consigo mesma como uma maneira de manter o compromisso assumido e o empenho em buscar alternativas, em ser *boa professora*. De repente, algo acontece que a abala ainda mais, a ponto de começar a usar outras estratégias defensivas. De acordo com Dejours (2015, p. 67), “a certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode diminuir marca o começo do sofrimento”, e foi nesse momento que a professora começou a se ver doente.

Porque apesar de todas as dificuldades aquela sala ainda representava um negócio que era importante para mim, e daí ali. E daí eu fui ficando doentinha, chorava, olhava muito para a escada. Eu tinha muita vontade de cair da escada da escola, para ter um acidente de trabalho, porém eu não tinha coragem de fazer isso comigo mesma. Eu descia com eles, sabe quando dá o sinal para o intervalo, que eles saem alucinados? Eu me metia no meio. Quem sabe alguém por descuido, ou porque é muita gente, ou porque não gosta de mim mesmo, me derruba. Eu não queria voltar nunca no outro dia [...] mas eu preferia a dor física do que a dor que eu sentia aqui (apontou para o peito). (Laura)

Cabe aqui lembrar que a professora começou sua história contando que faz parte de uma família de profissionais da educação, o que sugere que cair da escada, sofrer um acidente de trabalho, e entrar em licença médica seria uma boa justificativa para não enfrentar as expectativas da família e ao mesmo tempo esquivar-se de uma situação aversiva: as aulas. Desta maneira, ainda que a princípio se colocar em perigo possa não parecer uma estratégia defensiva caracterizada pela esQUIVA, consideremos que, nesse caso, tudo indica que é, assim como mudar de escola também pode ser.

E daí, às vezes, as pessoas perguntam “Laura por que você muda? Por que você não consegue?”. É porque aquele monstrinho eu já conheço, eu vou atrás de um desconhecido, eu sempre tenho essa esperança, por mais que tenha esse processo dolorido que eu passo, sempre que eu mudo eu tenho um pouquinho de esperança de que pode melhorar. (Laura)

Muitas vezes as estratégias defensivas demoram muito a ser percebidas, o que ocasiona a demora na procura de auxílio e o aprofundamento e a persistência do sofrimento psíquico. A estratégia pode estar justificada sob a capa do que se considera excelência profissional, como ocorreu com Claudia.

E eu comecei a perceber que eu comecei a ficar muito neurótica com relação à organização, apontar lápis de cor para pôr na caixinha, “então aqui tem que ter dois amarelos, dois azuis e dois verdes”, se não tivesse, eu enlouquecia, eu não conseguia sair da sala das 11h e ir para a outra sala se não tivesse aquela organização que tinha que ter. (Claudia)

À medida que o tempo vai passando as ações usadas como estratégia defensivas podem ter se ampliado para o costume, “último elemento a ser considerado nas defesas”, segundo Dejours (2015, p. 144), fazendo com que vivenciar situações inapropriadas e perceber os sofrimentos podem não gerar todas as reações que deveriam, o que podemos observar na história da professora Laura.

[...] eu fui cobrir umas aulas de manhã, me pediram porque a professora tinha... E eu estava lá e de repente escuto uns gritos, era a professora do lado. E eu, num instinto assim, de quem está pedindo socorro, eu entro na sala do lado. Tinha quatro meninos em cima dela. Daí eu entrei, um deles falou assim para mim “sai daqui sua vaca” e me deu uma voadora aqui na costela e eu caí, machuquei, fiquei com hematoma, peguei uma licença de curta duração, não fui uma semana para a escola. E ali o negócio tinha quebrado. [...] isso foi setembro de 2008.

E a professora que começou a ser agredida ela foi e fez o BO, eu não fiz. E eu fiquei de setembro até dezembro indo todos os dias na escola. E aqueles meninos que estudavam no período da manhã e eu era do último período, das três às sete horas, eles se revezavam e ficavam me esperando no portão da escola, e só faziam assim para mim (sinal com os dedos dos olhos dele em direção a ela, indicando que estava de olho nela). E eu devia ter parado, porque eu já não estava bem, eu devia ter ido ao psiquiatra, ao psicólogo fazer terapia já, e eu não fui. Eu fui levando. Eu acho que, até hoje, se eu tivesse ido mais cedo, quem sabe tivesse sido um dano menor que tivesse feito em mim. (Laura)

Hoje, após algum tempo de terapia, a professora aponta para o *eu devia* e na continuidade desse relato narra que perdoa a Laura da época, pois sabe que ela fez o que foi possível para ela. Mas, na época, a professora se encontrava adoecida, *quebrada* e incapaz de reagir a favor de si mesma. Foi capaz de tentar socorrer a colega de trabalho e, por isso, também foi ferida, mas não foi capaz de fazer um Boletim de Ocorrência ou de buscar outros profissionais para auxiliá-la naquele momento.

E daí eu terminei esse ano. 2009 eu comecei com terapia, psiquiatra, medicação. E foi todo um processo que eu fui levando [...] Daí eu iniciei um processo de readaptação. Passei no psiquiatra, ele me afastou, isso foi agosto de 2010, eu comecei a ficar de licença e em 2011 eu fui readaptada. (Laura)

Um processo que envolveu medicalização e terapia, mas que a manteve em sala de aula por quase dois anos após ter sido espancada na tentativa de defender a colega de trabalho e de sofrer ameaças diárias dos agressores. Após entrar em licença médica, a readaptação foi expedida em pouco tempo, enviando-a para a escola, ainda que não mais para a sala de aula.

Esse processo de pouco tempo de afastamento até a readaptação foi um processo vivido também pela professora Fernanda. Esclareça-se aqui que se trata de um período curto entre a licença e a readaptação e não entre a percepção do problema e a readaptação.

Para mim não foi uma situação confortável no começo. Confesso que fiquei bem assim, me sentindo mal com essa situação porque na verdade eu achei que não demorou muito tempo para acontecer esse problema de eu ter que me readaptar, e para mim que seria uma coisa temporária, mas está se prolongando. [...] E eu marquei uma consulta com o otorrino no Hospital do Servidor. E quando ele viu meus exames e viu a minha voz ele falou: “não, você tem que se

readaptar. Não dá para você ficar na sala de aula desse jeito”. Aí ele já me deu um encaminhamento para readaptação e aí já me deu o papel para começar a fazer o acompanhamento de fono lá no servidor. Então, foi assim que aconteceu minha readaptação. (Fernanda)

Antes de chegar ao otorrino do Hospital do Servidor Público Municipal, contudo, Fernanda precisou chegar ao seu extremo.

Até que chegou um ano, que foi o ano de 2006, que eu voltei das férias, dei a primeira reunião, tinha duas reuniões de pais para fazer porque eu tinha duas turmas, eu dei a primeira, quando eu fui para a segunda reunião eu estava sem voz. E aí minha voz muito ruim, muito ruim, que assim, quando eu atendia telefone na minha casa ninguém escutava, se eu falasse num tom mais baixo ninguém ouvia, então eu tinha que fazer um esforço muito grande para minha voz sair. (Fernanda)

Diante desta situação cabe uma ressalva: não há estrutura adequada para o atendimento de todos os funcionários públicos da prefeitura de São Paulo. A maioria dos profissionais de educação recorrem ao convênio médico, ao atendimento particular ou ao SUS, em decorrência da dificuldade de atendimento no Hospital do Servidor Público Municipal. E é comum os profissionais da saúde desconhecerem as condições e a organização de trabalho ou as ações desempenhadas pelo professor, como nos relata a professora Luciene.

Eu me machuquei logo no começo do ano. Levei um tombo feio, que eu caí de um skate elétrico e quebrei meu braço, que foi uma fratura muito feia, que eu precisei passar por duas cirurgias, e até hoje meu braço nunca mais é o mesmo, questão de força, de peso, pesa bastante, eu evito isso em tudo o que eu vou fazer. [...] Quando ele me afastou, ele me afastou como se eu fosse uma profissional normal e depois ele ia me dar alta. Aí eu falei: “olha, eu trabalho com crianças pequenas”, aí ele falou “aí não é legal, você vai sentir dor”. E aí eu comentei com o meu médico que na prefeitura existia essa opção de eu trabalhar em outro cargo. Aí me informei também com os médicos da prefeitura, se existiria a possibilidade, e eles falaram que pela gravidade da minha situação sim, poderia. [...] E hoje, para mim, trabalhar com criança, eu teria algumas limitações. Dá? Dá, mas algumas coisas eu não conseguiria fazer, ou se eu fizer eu corro o risco de agravar o meu problema. (Luciene)

Antes de vivenciar a necessidade de ir pesquisar sobre as possíveis saídas para seu caso, a professora Luciene precisou fazer algumas cirurgias e

acompanhar o processo de recuperação do braço para descobrir se teria condições ou não de retornar, passando, assim, por um processo que a manteve afastada por quase dois anos, até que tivesse o laudo de readaptação e pudesse retornar à escola sem precisar assumir a regência da turma.

Claudia também enfrentou uma longa licença até a expedição de sua readaptação.

O próprio perito já tinha dado a sugestão de readaptação, porque eu tinha dois cargos e ele achava que eu não ia aguentar voltar com dois cargos; então, eu já estava nesse processo. Eu não aceitava, eu não queria me readaptar. Então eles me davam mais licença. Foi quando a médica fez o relatório pedindo a readaptação. (Claudia)

Essa rejeição à readaptação ocorria em virtude da esperança de ter condições de voltar a desenvolver seu trabalho junto às crianças, mas também pela maneira como era tratada por alguns dos peritos.

Quando você vai lá para fazer a readaptação, eles falam “mas você quer ficar num cargo...?” Como eles falam? Eles querem dizer assim, um cargo menor, “poxa você estudou para ser professora e agora você quer isso, ficar numa secretariazinha?”. E não era isso que eu queria, não foi isso que eu sonhei para minha vida. (Claudia)

Claudia mantinha o sonho de retornar a desenvolver lindos projetos com as crianças, apesar das dificuldades que foi vivenciando ao longo da carreira, como foi o caso que enfrentou com a família de uma criança.

Eu me recordo que eu cheguei e falei com ele “nossa a pro estava”, ele era muito bonzinho, eu falei “nossa a pro estava com muita saudade, o que aconteceu?” e ele contou. Então, assim, eu lembro desse momento, que foi muito tranquilo. [...] Eu não sei o que houve. No outro dia eu recebi, da mãe desse aluno, um texto super grosso me xingando, me ameaçando, foi muito difícil, eu chorei muito [...] Aí, eu lembro, eu pedi para a coordenadora, eu falei “conversa com essa mãe, chama essa mãe”. E aí, quando eu fiz isso, essa mãe ficou com muita raiva porque ela achou que eu não tinha tomado uma atitude. Que quem tinha tomado uma atitude era a coordenadora e eu deveria ter feito alguma coisa. Eu acho que o meu processo começou aí, porque foi muito marcante para mim essa briga que a mãe teve comigo. (Claudia)

Mas a *briga* não acabou aí. A professora tentou conversar com a mãe dessa criança, mas ela não atendia aos convites da professora:

Ela me mandava bilhetes ameaçadores quase todos os dias [...] E eu chamando essa mãe e ela falava que não vinha. E eu não tinha coragem nem de chegar perto do menino, eu morria de medo. [...] Então, eu tinha os dois filhos dela como professora. Só que com um eu não podia nem pensar em acontecer nada. Com o outro, do primeiro ano, acho que se eu desse uma surra no menino ela ia gostar ou não ia ligar, porque o menino parecia que não era a mesma mãe. [...] Eu via que ele apanhava muito em casa. Então tudo isso acho que foi me deixando mais angustiada. [...] Foi um problema longo, durou quase que um ano inteirinho. [...] Quando voltei do recesso, ela veio na reunião com o marido e me ameaçaram na reunião. Ela veio com mais uma pessoa e me ameaçou. Então, assim, foi um período difícil porque eu sofri muito. Então eu chorava muito porque eu tinha que ir trabalhar e eu não queria. (Claudia)

Que soluções seriam possíveis para esse momento? A ação possível para a professora Claudia naquele momento foi manter o dever acima do querer e continuar trabalhando, apesar de todas as ameaças e do medo. Por algum motivo ela ‘tinha que ir’, mesmo não querendo. E acreditou que resolveu seu problema se removendo para outra escola.

Então eu comecei a ficar muito doente, mas eu não percebia que era isso, para mim era tudo físico. Se eu tinha uma dor, era uma dor física, não tinha nada a ver com o meu psicológico. (Claudia)

Além do corpo que havia começado a dar indícios de que sua situação não estava boa e da forma como queria tudo muito organizado – o que, na época, ela não percebeu como indício de adoecimento – destaca que o limite para desencadear o processo que culminou em sua readaptação foi a relação com uma criança extremamente agressiva.

Foi um ano que eu tinha uma sala muito linda, e eu estava fazendo um trabalho maravilhoso com eles [...]. Aí apareceu uma outra criança chamada William, que era da turma da tarde, da professora Débora, e pediram para eu ficar com ele também. Durante seis meses deu tudo certo; esse menino melhorou muito. Quando saiu de férias, que ele voltou, ele voltou outra criança. E foi aí que eu falei “meu baldinho acho que encheu”, foi minha primeira licença médica. Que ele tentou atirar uma cadeira na minha cabeça. Ele estava atrás de mim, na sala, bravo, não queria participar da roda, estava bravo. Aí as crianças gritaram, quando eu olhei,

ele estava com a cadeira já para atirar. E na hora eu fiquei louca, eu falei “atira, atira, mas me mata, porque senão eu vou te matar”, porque na hora eu dei aquela surtada [...] mas acho que foi meu primeiro, assim, surto. Chorei desesperadamente, não conseguia voltar a dar aula, meu marido foi me buscar, me levou para o pronto socorro. Acharam que eu estava enfartando, e aí foi a primeira licença, 11 dias de licença. (Claudia)

Os conflitos vivenciados com o aluno foram muitos, assim como a tentativa de receber intervenções da família e da área da saúde; contudo, a professora não conseguiu as intervenções; não houve, sequer, direcionamento para algum tipo de acompanhamento da área da saúde, o que trouxe à tona, novamente, aquele medo que a professora já havia experimentado em situação anterior.

Então tudo isso acho que foi me deixando com muito medo, muito medo. E foi quando a psicóloga falou isso e ele bateu na menina, eu não aguentei, porque eu entrava na escola, eu passava mal, eu passava mal de ter que ir para o hospital, de ter que ficar dois ou três dias à base de calmante. A médica falou “ou tiram esse menino da sua sala ou eu vou te dar licença até o final do ano”, aí eu fiquei 90 dias de licença, até o final do ano. Só que aí eu não consegui mais retornar. (Claudia)

Essa paúra do ambiente escolar também foi enfrentada pela professora Erika:

Depois disso, de 2004, eu fiquei um bom tempo de licença médica sem conseguir colocar o pé na escola. Eu não conseguia entregar um documento. Tinha que alguém fazer isso por mim. (Erika)

Assim como para a professora Claudia, o “gatilho” da professora Erika também foi a relação com uma criança agressiva:

Eu acho que o gatilho que acabou sendo associado, é que, diferente da criança que eu tive que lidar, eu não fiquei agressiva. Então eu passei despercebida pelo processo todo, nenhum professor percebeu. Eu acredito que ver aquela criança, e era uma criança muito agressiva, fazia um enfrentamento muito grande de autoridade, era muito agressivo e eu não conseguia lidar com isso. Porque eu acho que, inconscientemente, isso foi direto na minha ferida. Quando conversei com os pais e percebi que os pais eram bastante agressivos, eu não tinha instrumento emocional e psíquico pra lidar com tudo isso. (Erika)

A professora Rosemeire viveu uma situação de enfrentamento similar.

Eu fui à luta em todas as situações da minha vida. Eu virei o jogo, eu passei por dois casamentos de relacionamentos abusivos, difíceis. Mas eu sempre tentei dar a volta por cima. Aí, nesse ano, eu me deparei com essa criança que me desafiava o tempo inteiro, e eu não dei conta. O menino saiu correndo e eu saí correndo atrás dele que nem uma idiota. Pela primeira vez na vida eu saí da sala de aula chorando que nem uma desesperada. [...]. E eu não conseguia mais sentar todo mundo, fazer uma roda, contar uma história, não conseguia. [...] Eu não aceito ser, como vou falar isso, eu não aceitei o desafio desse tamanho, eu não aceitei não dar conta de uma situação. Como eu não dava conta de uma criança de 3 anos?
(Rosemeire)

Nóvoa (2007) fala da ação como um item importante na sustentação da constituição identitária do professor.

Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor com a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar na sala de aula. (NÓVOA, 2007, p. 16)

As ações escolhidas pelas professoras para lidar com as crianças e os adolescentes que estavam agressivos e arredios não possibilitaram sucesso nas relações e marcaram profundamente a constituição identitária das professoras. Não ter recursos para lidar com a situação conflitante, não *dar conta*, não encontrar meios para reagir às situações estressantes de maneira adequada foi um motivo identificado pelas professoras Claudia, Rosemeire, Laura e Erika. Sentimentos diferentes daqueles presentes nas histórias das professoras Luciene e Fernanda, já que a situação desencadeadora da readaptação delas não envolveu a relação com crianças ou adolescentes agressivos, o que não implica dizer que elas não vivenciaram conflitos com seus alunos, mas as relações estabelecidas foram diferentes, bem como a maneira como cada um é afetado nestas relações.

Destaque-se uma fala da professora Erika:

Ninguém é agressivo assim, de graça (Erika)

Acrescida da fala da professora Laura

Essas histórias sempre bateram, bate em todo mundo, mas não sei, eu tinha muita dificuldade de processar, de elaborar, essas crianças com esse histórico de muita dor. E eu ia pegando, e eu ia pegando. (Laura)

O sofrimento do aluno, mesmo que manifestado pela agressividade, pode afetar de tal modo que imobilize o professor, que faça com que ele não saiba como agir, como intervir ou como se reinventar diante da situação.

Há necessidade de um olhar atento para esta questão, pois a agressividade das crianças e adolescentes é um comportamento construído, composto pelos contextos vividos por eles e precisa ser compreendido como um pedido de socorro, o qual requer a intervenção da escola como um todo e da rede de proteção da qual a escola faz parte. O aluno é da escola, é responsabilidade de todos e o professor precisa receber o apoio necessário para lidar com as situações que se apresentam.

Na prefeitura de São Paulo foi implantado um Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem – NAAPA, através da Portaria da Secretaria Municipal de Educação nº 6.566, de 24 de novembro de 2014, publicada no Diário Oficial da Cidade no dia 25 de novembro de 2014. Esse Núcleo é composto por profissionais como: assistente social, psicólogo e fonoaudiólogo, que se concentram na Diretoria Regional de Educação e prestam assessoria às escolas, de acordo com as necessidades de intervenção com as crianças e os adolescentes. Além disso, foi promulgada no dia 11 de dezembro de 2019, a Lei Federal nº 13.935, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica, favorecendo a efetividade da rede de proteção à criança e ao adolescente.

A professora Rosemeire traz uma importante contribuição sobre essa questão da identificação do motivo do adoecimento que provocou a readaptação:

Eu não aprendi a lidar. Porque tudo tem um jeito. Você teria um jeito. Mas naquele momento eu não tinha um jeito de lidar. A culpa não foi de ninguém, muito menos dela. A culpa foi de falta de conhecimento. Eu acho que o conhecimento abre as portas. Eu acredito nisso. Só que eu achava que eu sabia tudo. Tudo não. Eu achava que eu sabia bastante, lidar com as situações. E quando apareceu aquela situação que me mostrou a minha impotência, tirou o meu poder, eu baqueei. (Rosemeire)

A valorização do conhecimento como meio de preservação psíquica pode ser encontrada em Dejours (2015, p. 141), quando o autor afirma que “o know-how e o saber, em geral, representam um dos mecanismos de defesa fundamentais para a economia psíquica”.

Além de identificar alguns dos motivos da readaptação das professoras entrevistadas foi possível perceber que a readaptação em si pode desencadear a ampliação do adoecimento ou os sintomas de uma nova doença, conforme relatado pela professora Erika.

A minha mãe sempre foi uma profissional muito, eu brinco que ela era uma workaholic, porque ela sempre foi muito produtiva e sempre foi muito dedicada ao serviço. Quando a perita, a readaptação não foi um pedido da minha mãe, foi o perito que solicitou a readaptação para minha mãe. A minha mãe deprimiu muito. Isso, porque assim, estou dando o exemplo dela porque o meu foi emocional e o dela foi físico. E o impacto foi muito grande, ela deprimiu muito. (Erika)

Estar readaptada significa estar sem o trabalho que costumava ter, o que torna possível perceber que, de acordo com Dejours (2015, p. 41), “o trabalho atravessa profundamente a vivência da doença: doença-avesso-do-trabalho, a tal ponto que a falta de trabalho torna-se doença.”

Fernanda também contribui com esta questão quando conta o que vive a cada vez que o laudo precisa ser renovado:

Toda vez que eu passo na perícia é renovado meu laudo. E também é uma situação que tem me incomodado ultimamente porque, assim, nem me dão o laudo definitivo e também não me dão alta para eu voltar para sala de aula. Então fica essa situação que, toda vez, eu tenho que passar por exames que são desagradáveis de serem feitos. Passo na perícia da prefeitura, que também não é uma situação agradável, porque alguns médicos são até grosseiros no modo de tratar a gente, então não é uma situação agradável mesmo e nem confortável. (Fernanda)

A professora explicita sua insatisfação por estar em uma situação que lhe gera ansiedade e insegurança por não definirem sua situação, bem como por ser obrigada a se submeter a maus tratos por parte de alguns médicos a cada vez que precisa reavaliar sua readaptação. Isso evidencia que há fragilidade no setor responsável pela avaliação dos funcionários que necessitam ou necessitaram de

licença, no qual deveria haver acolhimento e humanidade, sem deixar de lado, é claro, a capacidade de avaliação com competência técnica e justiça.

O uso de estratégias defensivas apareceu em vários momentos. Segundo Dejours (2015, p. 156) “o sofrimento é razoavelmente bem controlado pelas estratégias defensivas, para impedir que se transforme em patologia”; contudo, diante da impossibilidade de evitar as “descompensações”, as professoras entrevistadas vivenciaram negação, espera, dor, sofrimento e expectativas.

Quatro das professoras entrevistadas se readaptaram por questões psiquiátricas. Para Dejours (2015, p. 173):

Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isto é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.

Diante, portanto, da impossibilidade de modificar a situação que estavam enfrentando, as professoras começaram a adoecer.

Heloani e Lage (2004, p. 211) alertam para o fato de que os profissionais adoecidos “são excluídos dos processos produtivos, como se tivessem alguma doença contagiosa e ‘incurável’”. O processo de adoecimento os afastou da função que lhes era própria, e é esperado que mudem “seu modo de agir, alguns com adaptações muito positivas, outros com procedimentos já não tão eficientes.” Os autores apontam, ainda, que:

Considera-se que deva ocorrer uma “ruptura”, tanto no processo de desenvolvimento humano do indivíduo lesionado, quanto na construção de sua identidade, o que exige dele um alto grau de adaptação. Acredita-se que se deva repensar a maneira como esse sujeito vem sendo marginalizado, desprezado e excluído dos meios produtivos. Talvez seja o momento de observá-lo como indivíduo que perdeu seus sonhos, desejos e fantasias, necessitando agora, principalmente, do apoio de seus familiares para se adaptar a essa nova condição. Encontrar um sentido para a vida não será fácil, mas isso dependerá de como a sociedade, na qual vive, o receberá. (HELOANI e LAGE, 2004, p. 211)

Os professores readaptados merecem receber um olhar mais sensível ao processo de adaptação que viverão, o que foi indicado nos relatos acima, tendo sido enfatizada pela professora Erika, a necessidade de que se repense a maneira como os encaminhamentos de retorno acontecem. O apoio dos colegas de trabalho e a recepção da sociedade, certamente, interferirá no processo que

será vivido por esses profissionais, e é por esse motivo que a readaptação precisa ser um tema abordado mais efetivamente nas unidades escolares e nos departamentos de saúde do servidor, para que, juntos, possam viabilizar um processo mais adequado a cada “indivíduo”. Mas, cabe ao coletivo da escola, especialmente da gestão, a participação democrática e plena na elaboração e implementação de um PPP que seja amplamente inclusivo, entendendo a inclusão não apenas do ponto de vista do educando (que deve ser garantida plenamente), mas também de todas as pessoas que fazem parte do coletivo escolar, incluindo as famílias e responsáveis.

4.2.2 – Percepções quanto ao tipo de readaptação

A readaptação pode acontecer temporária ou definitivamente. Se for uma readaptação temporária precisa ser reavaliada periodicamente e se for uma readaptação definitiva a reavaliação deixa de ser necessária. Dentre nossas entrevistadas, temos uma com readaptação definitiva e cinco temporárias. A professora Laura teve sua readaptação transformada em definitiva em 2015, como narra:

Quando saiu a minha definitiva em 2015, que daí eu podia entrar como professor readaptado e escolher EMEI foi novamente criada uma outra mega expectativa, eu iria sair e não veria mais adolescente, oh meu Deus, que sonho, obrigada. [...] Eu ainda tenho muita aflição deles, ainda mais quando eles se tornam um grupo. Se é um ou outro ok. Mas se eles estão em grupos isso ainda me... então indo para a EMEI eu não tinha mais adolescentes, entendeu? Eu não tinha, era criança. E realmente melhorou muito, mas ainda era escola. (Laura)

As expectativas criadas pela professora foram grandes. Ter um laudo definitivo significou, para ela, a oportunidade de mudar de ambiente, na esperança de conseguir se afastar do ambiente que compôs seu processo de adoecimento.

Para Claudia as expectativas geradas eram outras:

No começo, o temporário era temporário mesmo para mim, porque eu achava que em um ano, “não, em um ano eu vou estar bem e vou voltar”, inclusive na época eu não me desfiz de nada do que eu tinha, eu tinha tudo guardado, tudo, porque eu falava “eu vou voltar, eu vou voltar, eu não vou me desfazer”. [...] Então durante uns três anos da minha readaptação era temporário para mim, eu queria voltar, e depois não, depois eu já não queria mais voltar.
(Claudia)

O fato de ser temporária fez com que a readaptação mantivesse acesa uma esperança para Claudia, uma esperança de melhorar e voltar para a sala de aula. Ocorre que o processo acabou sendo muito demorado e para se defender da ansiedade gerada pela incerteza de sua situação, ela decide não alimentar mais esperanças a respeito de um possível retorno. Mais que não alimentar esperanças, ela decide negar essa possibilidade.

A professora Luciene trata esse processo de reavaliação com compreensão e segurança:

Até hoje eu não tenho a readaptação definitiva, porque mesmo o meu quadro sendo um quadro definitivo, não vai existir a melhora, eles vão sempre dando um ano para ver se no próximo ano não tem nenhuma... (Luciene)

A maneira como a professora se coloca demonstra muita segurança em relação à sua situação. Ela mostra que entende a necessidade da equipe médica de se certificar que não houve nenhuma alteração em seu quadro, mas também manifesta a consciência de que seu quadro não evoluirá a ponto de que tenha condições de assumir novamente uma turma de educação infantil, demonstrando não se incomodar de ser reavaliada periodicamente.

O mesmo não pode ser visto em Fernanda, que demonstrou certo cansaço de estar nessa situação indefinida:

Eu achei que dali talvez fosse resultar uma readaptação definitiva, mas ela me falou: “olha, esse é o meu parecer, eu estou fazendo o seu exame, mas quem solicitou o exame foi a outra médica, então quem vai dar o veredito, vamos dizer assim, final, vai ser essa médica”. Então quando eu saí de lá eu achei que realmente, dessa vez, fossem me dar o laudo definitivo. E aí, para minha surpresa não. Me renovaram por mais um ano. E de lá para cá, às vezes, as duas

últimas vezes que eu passei em perícia, o médico me deu dois anos, ao invés de um ano só, me deu dois anos. [...] Não sei o porquê [...], então, é, de repente, assumir isso “não, você tem condições de voltar para a sala, então vamos fazer um teste, você volta e se não der você volta para a readaptação”, ou então dar a definitiva. (Fernanda)

Para Fernanda, a informação dada pelos médicos no momento dos exames, de que o caso dela é grave e que seria questão de tempo até voltar a apresentar os mesmos problemas caso retome o ritmo de dar aula em duas turmas, é suficiente para respaldar uma readaptação definitiva, o que faz com que não compreenda o motivo dos peritos não definirem uma situação mais estável:

Olha, eu confesso que eu acho que eu ia, a princípio eu acho que eu ia ficar muito chateada, porque, no fundo, parece que é como se eu alimentasse ainda a esperança de poder voltar para sala de aula. Então se me dessem o laudo definitivo eu acho que, é como se essa esperança minha deixasse de existir, assim, agora é para valer e eu não volto mais para a sala de aula. [...] vai ser muito difícil, assim, encarar isso de frente, assim, de realmente ter a consciência de que eu não posso mais voltar para a sala de aula. (Fernanda)

Ao mesmo tempo que acredita na posição dos médicos que realizam os exames e espera que os peritos concedam o laudo definitivo, alimenta uma esperança de retorno à sala de aula. A insegurança desta situação mantém um sentimento conflituoso que impede a pessoa de elaborar a situação e fazer as projeções de futuro com segurança sobre onde e como estará, impede que a professora supere, de fato, o passado e projete, com maiores probabilidades de realização, o futuro.

A professora Erika também se mostra incomodada com a insegurança gerada pela readaptação temporária que se prolonga por anos:

E a gente sempre fica com aquele medo, como temporário, qualquer hora eles decidem que eu tenho que voltar ‘se vira velho’. Não tem uma preparação, não tem um percurso de reintegração. É igual uma pessoa que sofre um acidente, ela não faz, não tem um processo de reabilitação? De fisioterapia... Isso não tem a ver com a questão do readaptado, seja por psiquiatria ou por problemas de coluna, de saúde física, não só emocional. Não tem um processo de reabilitação, é só uma readaptação mesmo. (Erika)

Além de reiterar a posição das outras professoras quanto à insegurança gerada pela readaptação temporária, denuncia a falta de um acompanhamento adequado que possa caracterizar intervenções com o intuito de modificar a situação, dando condições ao professor para retornar à sala de aula ou readaptando-o definitivamente, diante de uma impossibilidade de mudança no quadro clínico do profissional.

4.2.3 - Como lidou/lida com a situação

Conhecer a forma como as professoras lidaram e/ou lidam com a readaptação ou com as questões que as levaram à readaptação, nos permite conhecê-las melhor. Ressalte-se que os contextos e as subjetividades precisam ser consideradas individualmente, pois uma ação que poderia ser tranquilamente realizada por uma pessoa pode exigir muito investimento emocional para outra pessoa.

Essa subjetividade também é identificada nas expectativas criadas quanto à readaptação, que pode ser considerada, por alguns profissionais, como a única alternativa viável para livrá-los da situação de sofrimento.

E eu idealizei muito essa coisa de ser readaptada, eu achava que eu ia, nossa, eu ia melhorar muito. Realmente foi uma mudança brusca, mas eu ainda continuava onde eu adoeci. Eu trabalhava com o que tinha me deixado doente. E durante os oito meses que eu havia ficado parada, para me readaptar, eu consegui parar de tomar o antidepressivo. Eu voltei, doze dias depois eu já não dormia. Eu fiquei oito meses sem tomar o remédio, quando eu coloquei o pé na escola... (Laura)

As expectativas de Laura não se cumpriram por completo, pois, apesar de não estar dentro da sala de aula, ela ainda encontraria com adolescentes pelos corredores, secretaria e outros espaços da escola. O não cumprimento de suas expectativas a levou de volta ao medicamento.

Então eu cheguei na EMEI e eu pensei “eu vou ver só criança, criança não sofre, criança não tem dor”, mas tem. E por mais que eu tenha, uma escola pequena, eu ouvia, eu via, e daí um pedaço da dor caminha comigo, entendeu. (Laura)

Mesmo quando mudou de escola e foi para a EMEI, na expectativa de não ver mais os adolescentes, deparou-se com crianças que também têm histórias sofridas, histórias que a afetavam profundamente, pois o professor, independentemente do segmento em que atua, lida *com* e não *para*, desenvolve seu trabalho na relação com o outro.

A relação para com o outro significa que ele vê seus alunos diretamente, *em pessoa*, como responsável por eles: essa responsabilidade está no âmago de sua tarefa e cada professor precisa dar-lhe sentido. Por exemplo, onde termina sua tarefa? O que ele pode fazer para ajudar e apoiar seus alunos? [...] Os professores que conhecemos vivem e colocam-se essas perguntas, podendo desembocar, por exemplo, em sofrimento, sentimento de culpa ou na formação de uma couraça de indiferença e de racionalização diante da impotência para ajudar alguns alunos. (TARDIF e LESSARD, 2014, pp. 70-71)

Para a professora Laura houve o desencadeamento do “sofrimento” e do “sentimento de culpa”, apontados por Tardif e Lessard. Atualmente, ela sabe que precisa lidar de maneira diferente com o comprometimento que a docência implica e com os sentimentos que desencadeia e tenta compreender suas ações passadas.

Hoje eu tento me cobrar menos, hoje, eu ainda carrego, mas uma culpa por não ter parado, por não ter procurado. [...] E hoje eu penso que se eu não mudei ainda e que se eu, é porque ainda não deu, e porque as decisões que apareceram na minha vida naquele tempo, eu pensava diferente, entendeu. Eu tenho que desculpar a Laura de 2009 que só exonerou um cargo e não exonerou os dois. Eu tenho que perdoar ela depois que ela voltou na escola três dias depois que ela tinha apanhado. É difícil me perdoar. (Laura)

Laura aponta aqui a consciência de uma mudança quando diz que *pensava diferente* e a perspectiva de outras mudanças quando diz *ainda não deu*, este *ainda* aparece muito enfático, marcando a existência de movimentos terapêuticos, como recursos que ela buscou para auxiliá-la neste processo. E quando a professora aponta para o fato de não se desculpar por não ter se exonerado, pode dar a impressão de que não realizou nenhum movimento nessa direção, mas não foi o que aconteceu.

E eu tentando fazer outras coisas, eu gostei muito da dinâmica de consultório. Eu quis ser psicóloga, terapeuta. Eu fiz um semestre de psicanálise ali na PUC. [...] Daí, com a ajuda do meu psiquiatra, da minha psicóloga, a gente tentando arrumar uma outra [...] entrei na UNICSUL para fazer psicologia. Mas não sei, eu fiz a noite lá, tinham muitos jovens, me lembrava muito a minha sala de aula, aquele ambiente. E eu muito perdida, aí eu falei “vou ser sacoleira”, aí fui tentar ser sacoleira. Eu ria, às vezes fazia muita piada de mim mesma, tentava não me levar a sério, mas no fundo isso estava, ia me machucando. (Laura)

A ação tinha o intuito da mudança, da melhora, mas não funcionou. Um ponto importante a ser destacado neste relato é o fato dela estar orientada, de ter profissionais da saúde a seu lado, tentando auxiliá-la nessa busca de si mesma. Laura reconhece a diferença que a terapia fez em sua vida e expressa a consciência de estar fortalecida.

Então, assim, a Paula olhava para mim e dizia “nossa Laura, em outros tempos”, e eu dizia “em outros tempos eu estava afastada, eu não ia conseguir administrar as duas coisas”. Não era tempo, não era preguiça, é porque eram duas cargas muito pesadas, a doença da minha mãe e a escola. (Laura)

Enfrentar situações tão difíceis para ela só foi possível por estar vivendo um processo de autoconhecimento.

A professora Luciene não desejou a readaptação, contudo não teve dificuldades para lidar com ela; ao contrário, viu aí uma oportunidade de solucionar um conflito.

E eu não me senti mal não, em nenhum momento, muito pelo contrário. Como eu já vinha de um desgaste muito grande. [...] Então, eu comecei em 2017, já muito descontente, muito assim cansada, esgotada psicologicamente. E aí assim, eu acredito até em força espiritual, porque eu falo assim, eu acho que isso aconteceu melhor para mim, porque eu já estava em um momento que eu estava muito cansada, eu já estava meio assim sem saber para onde ir “vou ficar na educação infantil, vou voltar para o fundamental? Mas o fundamental também não está muito legal. E aí?”. Então eu acho, eu acredito, em nenhum momento eu tive problema com isso não. [...] são 4 anos para eu me aposentar, cada ano de readaptação é um ano a mais. Eu não acho ruim não. (Luciene)

O relato da professora Luciene mostra que aceitou bem a situação e que até encontrou vantagens nela. Sua readaptação é temporária, mas a cada ano que é renovada vê um ano a menos de conflitos em sala de aula, criando a expectativa de que possa permanecer assim até sua aposentadoria.

Ciampa (2005, p. 170) pontua que “a re-posição da identidade deixa de ser vista como uma sucessão temporal, passando a ser vista como simples manifestação de um ser sempre idêntico a si mesmo na sua permanência e estabilidade”. Podemos dizer que este é o desejo da professora Luciene, manter sua identidade de professora readaptada até que possa se aposentar.

Essa aceitação tranquila, contudo, não foi vivida pelas professoras Claudia, Erika, Fernanda e Rosemeire. As professoras Claudia e Erika, inclusive, passaram por um período no qual não conseguiam se aproximar do ambiente escolar. A professora Claudia conta com pesar:

Eu não consegui, infelizmente, eu fiquei dois anos e meio afastada. De não conseguir entrar na escola. (Claudia)

Situação similar é narrada pela professora Erika

Depois disso, de 2004, eu fiquei um bom tempo de licença médica sem conseguir colocar o pé na escola. Eu não conseguia entregar um documento. Tinha que alguém fazer isso por mim. [...] Então eu voltei, eu não lembro como é que foi quando eu estava readaptada, mas depois disso eu me afastei mesmo estando readaptada. É que assim, às vezes eu tenho a sensação que eu fiquei morta por 10 anos. Eu estou num estado de melhora hoje, depois de 10 anos de terapia. (Erika)

A situação provocou uma mudança com a qual a professora não conseguiu lidar. De acordo com o relato da professora Erika, a escola era o lugar onde ela se refugiava, era seu ambiente seguro, e de repente deixou de ser, sua identidade na escola não poderia ser sustentada, ela teria que ser outra.

Quando nossa unidade é percebida como ameaçada, quando corremos o risco de não saber quem somos, quando nos sentimos desagregando, temos maus pressentimentos, temos o pressentimento de que vamos enlouquecer, aprendemos a ter horror de sermos “outro”. [...] Num certo sentido, pode-se considerar a chamada “doença mental” como um problema de identidade: o “louco” é nosso “outro”, tanto quanto o “curado” é o outro do “louco”. (CIAMPA, 2012, p. 62)

A professora Erika se percebeu ameaçada, diante de uma situação com a qual não tinha estrutura para lidar, o que a levou à morte simbólica. Ela afirma que sente como se tivesse ficado morta por 10 anos, o que implica dizer que o processo terapêutico tem auxiliado para que ela tenha consciência de sua condição e possa agir para modificá-la. De acordo com Ciampa (2012), o “louco” é nosso “outro”, tanto quanto o “curado” é o outro do “louco”, sendo assim, podemos dizer que a professora está em um processo de metamorfose, pois teve uma identidade dada e reposta: a professora readaptada por laudo psiquiátrico, e agora, após dez anos de morte simbólica, começa a perceber “melhora”, caminhando na direção da “cura”, que possibilitará a “expressão do outro *outro*”, que negará sua negação (CIAMPA, 2005, p. 187).

No caso da professora Erika falamos em processo de metamorfose, pois ela aponta possibilidades, fez cursos, manifesta a intenção de mudança, mas também existe a possibilidade da manutenção da mesmice, uma vez que também indica o desejo do retorno à sala, o que manteria a mesmice de ser “ela mesma, transformando-se” em vez de ser “superação”, permanecendo na reposição de papéis (CIAMPA, 2005, p. 89).

A dificuldade de enfrentar a situação fez com que o afastamento fosse a maneira possível de lidar com aquele momento. A professora Erika, tendo a mãe como profissional da mesma rede de ensino, visualizou uma possível solução para seu problema de não conseguir sequer entregar os documentos das licenças:

Aí eu acabei me transferindo para a Senadora, porque a minha mãe trabalhava lá. Eu achei que poderia ficar mais segura. (Erika)

Remover-se para a escola na qual a mãe trabalhava foi a solução que ela encontrou para se sentir mais segura e conseguir ir trabalhar, mas não foi tão simples assim, pois mesmo readaptada ela precisou de manter por algum tempo a licença médica.

A escola era um fator que me assustava muito, e ter alguém que eu conhecia, minha mãe, me dava uma certa segurança. Só que não foi o suficiente para eu conseguir voltar a trabalhar como readaptada num primeiro momento, mas me ajudava, porque na maioria das vezes, documentação, essas coisas, ela acabava levando para eu não precisar ter contato. (Erika)

Para conseguir começar a superar suas dificuldades, a professora Erika buscou motivações:

Todo dia eu tinha que lembrar porque é importante para mim trabalhar. E o meu filho me ajudou muito nisso. Ele chegou na minha vida e foi ele que me motivou a sair do lugar. Se ele não tivesse chegado na minha vida eu acho que eu já não estaria mais aqui. Ele foi a minha motivação e o meu fator “olha eu preciso ficar bem, eu preciso ser um exemplo, eu preciso ter força e conseguir levar”. (Erika)

Nesse movimento de criar forças, a professora Erika chegou a tentar retornar para a sala de aula.

Então, assim, essa questão de lidar com a criança mexia muito comigo, mas, mesmo assim, eu fui melhorando. Eu fiz uma tentativa, encerrei a minha readaptação, levei um ano, acho, na sala de aula. (Erika)

Ela afirma que este foi um enfrentamento na tentativa de superação.

É uma questão de superar. Eu queria muito superar os meus limites. Eu queria provar para mim mesma que eu era mais forte que qualquer síndrome do pânico, qualquer depressão. (Erika)

Acredita que teria conseguido se não fosse o fato de não ter conseguido a licença não remunerada de um dos cargos, obrigando-a a fazer a tentativa de retorno nos dois cargos, o que, segundo ela, foi muito pesado.

Mas eu queria muito ter conseguido voltar e ter permanecido. Teria sido uma vitória para mim. No sentido de “eu consegui resolver todos os meus problemas, todas as minhas pendências, comigo mesma e com a minha profissão”, mas não deu. (Erika)

Como não deu certo uma ação tão direta, a professora retomou os estudos

Eu voltei a estudar, então, apesar da prefeitura não dar, além dela não te dar esse respaldo [...]. É um processo, eu estou retomando, são enfrentamentos. [...] Então esses enfrentamentos eles vão me dando segurança para voltar. Depois que eu consegui estudar, que eu comecei, porque é um treino, eu fui para uma escola, eu não conhecia ninguém, mas eu não era responsável por ninguém, só por mim. Então você vai fazendo enfrentamentos, de pessoas estranhas, de criar relação, então foi um primeiro fator. (Erika)

Aos poucos a professora vai tendo consciência dos fatores que a afetam e tenta lidar com eles

Hoje eu vivo igual o AA, um dia de cada vez, só por hoje eu vou trabalhar, só por hoje. É o que tem me ajudado. (Erika)

Este é um dos recursos encontrados pela professora Erika para lidar com sua situação.

A professora Claudia, também tentou fazer uso deste recurso:

E aí, foi assim, aquela coisa de “eu tenho que fazer e eu não consigo fazer. Mas eu vou tentar, eu vou de novo. Hoje não deu, mas amanhã dá. (Claudia)

Essa tentativa foi antes da readaptação, pois ela tinha esperança de conseguir retornar ao trabalho, mas não estava conseguindo.

Muitas vezes eu chegava até a esquina da escola, aí eu tinha que voltar porque eu estava passando mal já. Então foi um período bem difícil para mim. Quando ele falou da readaptação eu não aceitei. Eu só fui aceitar a readaptação porque uma diretora me ameaçou com o pedido de capacidade laborativa. (Claudia)

Claudia acabou aceitando a ideia da readaptação como uma escolha do *menos ruim*, ou seja, antes aceitar o encaminhamento da médica, que a estava acompanhando e sabia de suas dificuldades e de sua história, do que ser encaminhada por um pedido de uma diretora que era nova na escola, que não a conhecia e que pediria uma readaptação por considerar que ela não tinha capacidade de trabalhar. Esse encaminhamento da diretora soaria não como uma observação do momento, alegando que naquele momento a professora não tinha condições; para Claudia isso significaria ser olhada como uma péssima profissional, o que ela não considerava como uma qualificação de si.

Uma vez readaptada, a professora Claudia retornou à escola e assumiu desobedecer alguns vetos da readaptação por livre e espontânea vontade:

Então, muitas vezes, eu ficava com as crianças, eu ia contar histórias nas salas. (Claudia)

Mas também por imposição:

Só que assim, essa diretora abusava um pouco da autoridade dela e ela colocava a gente na sala, mesmo sem a gente poder. Muitas vezes eu fiquei em sala, com crianças, sozinha, porque o professor chegava atrasado e eu que cobria, porque o professor ia embora mais cedo e a gente que ficava. E, assim, isso foi me prejudicando. Na época eu achava que estava tudo bem, que eu estava ajudando. Então, como ajuda, “ótimo, eu posso, eu vou fazer, que bacana”. E não, não foi isso. Então, tem tudo isso, das pessoas não entenderem o processo da readaptação. (Claudia)

No ano seguinte a professora se viu em situação oposta, ou seja, em um ano ela é solicitada a entrar na sala como se fosse professora do módulo e no ano seguinte não poderia nem circular pela escola.

Porque ela colocou a gente nessa sala e, assim, sem função nenhuma, a gente não tinha o que fazer. Eu lembro que a gente ficava, pegava reciclado, fazia...[...] para ter o que fazer, porque a gente se sentia um bando de inúteis dentro daquela sala. Foi quando eu aprendi a costurar, a gente começou a fazer os bonequinhos para a sala de leitura, porque não tinha o que fazer. (Claudia)

E a professora foi tentando buscar meios de se manter no espaço que havia sido destinado a ela.

Eu acho que só depois de uns dois anos que eu me vi realmente readaptada. E aí eu comecei a procurar saber tudo da escola. Comecei a fazer de tudo um pouco para eu me sentir mais útil. (Claudia)

Até que, após a troca da gestão, conseguiu um espaço para explorar melhor suas possibilidades.

Fernanda também conta que precisou de um tempo para lidar melhor com a ideia de estar readaptada.

*Mas, assim, depois eu fui tentando, da melhor forma que eu pude, me adaptar a essa nova condição. É, realmente, assim, eu confesso que eu ainda me sinto **incomodada** com isso, é, porque eu acho que nada como você ter a sua sala de aula. (Fernanda)*

Incomodada, mas não paralisada.

Mas é como eu falo, sempre que eu tenho oportunidade, que tem alguma atividade que eu possa estar em contato com criança, eu gosto de fazer isso. (Fernanda)

Fernanda fez o tratamento indicado, mas ainda resta um cisto nas cordas vocais, cuja cirurgia não é recomendada nesse momento e o tratamento com a fono já não surte efeito sobre ele.

Se ele começar a aumentar, aí eu vou ter que fazer a cirurgia, mesmo porque daí ele vai me causar problemas até para fazer uso da voz normalmente. Então é isso que eu acredito.
(Fernanda)

Ao expor a situação do calo vocal, o faz com voz calma, de quem está disposta a esperar e enfrentar a situação de acordo com o que aparecer. Mesma disposição que aparenta quando diz que ficou sem muita função quando trocou de escola, mas que aos poucos foi assumindo coisas para fazer.

Eu acho que isso depende também muito da pessoa. De você se colocar à disposição das pessoas: “olha, eu estou aqui, pode contar comigo, se você precisar, pode contar comigo porque eu estou aqui”, ou então já tenho as minhas atribuições? (Fernanda)

Se colocar à disposição foi a maneira encontrada por Fernanda para lidar com a falta de uma função própria, de uma atribuição específica, que tinha como professora regente.

Lidar com as situações envolve um processo, pois, à medida que o tempo vai passando e outras compreensões passam a ser incorporadas, as atitudes podem se modificar. Mas, num primeiro momento, a reação da professora Rosemeire também não foi muito positiva. Para transformar sua percepção a respeito da situação vivida foi preciso outras ações que contribuíssem nesse processo.

Aí eu fui ao médico, fui no psiquiatra e ele me afastou, mas, assim, eu fiz terapia. Eu já fazia terapia para me equilibrar. E nesse período eu reforcei, intensifiquei os períodos, por não dar conta, não conseguir, fiquei muito mal. (Rosemeire)

Buscar auxílio dos profissionais de saúde não foi a única maneira encontrada por Rosemeire:

E, assim, aí, eu me removi, eu fiquei de licença esse ano e me removi para uma escola que ninguém me conhecia. (Rosemeire)

A remoção foi um outro caminho encontrado, pois o sentimento despertado pela impotência diante daquela criança foi muito destruturante.

Daí eu tive que lidar com a sensação de impotência, com a vergonha, porque eu tive e tenho uma certa vergonha. Tanto que entrei com uma documentação o ano passado para mudar o meu laudo, porque esse laudo de psiquiatria, ele é pesado demais para mim. Eu estou com outros problemas, ortopédicos, que hoje ficaria muito difícil para eu dar aula, eu estou com várias questões aí. Mas isso é um desafio para mim. Eu não quero ser aposentada readaptada na psiquiatria. Eu quero ser readaptada por um outro motivo. Isso dói em mim, essa sensação de impotência. (Rosemeire)

O laudo tem peso muito grande para Rosemeire, alimenta a memória de um momento de desestrutura, de “impotência”, o qual ela deseja ver superado. Como superar o momento sem modificar o laudo? Esta é a situação que a professora busca resolver agora. A atribuição de um problema de ordem mental, ou, no caso específico, de ordem psiquiátrica, tem um significado social que implica ver-se frente aos estereótipos e preconceitos que se lhe imputam. Esta é uma questão que merece ser objeto de mais pesquisas, sobretudo por ser o mais frequente motivo para a readaptação.

A diversas situações vividas pelas professoras geraram, sem dúvida, grande mal-estar, cujas principais consequências são apresentadas por Esteve (2014).

Por ordem crescente do ponto de vista qualitativo, mas decrescente no que respeita ao número de professores afetados, é possível graduar as principais consequências do mal-estar docente do seguinte modo:

- Sentimentos de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor.
- Pedidos de transferência, como forma de fugir a situações conflituosas.
- Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza.
- Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não).
- Absentismo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada.
- Esgotamento, como consequência da tensão acumulada.
- “Stress”.
- Ansiedade.
- Depreciação do eu. Autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino.
- Reações neuróticas.
- Depressões.
- Ansiedade, como estado permanente associado em termos de causa-efeito a diagnósticos de doença-mental” (ESTEVE, 2014, p. 113)

Será possível encontrar muitas dessas consequências nos relatos das professoras entrevistadas, chamando a atenção para a importância de considerar os contextos de todas as situações vividas e o fato de que as professoras lidaram com as situações com os recursos que dispunham, agindo, assim, da melhor maneira que puderam. Estas consequências nos indicam que o mal-estar docente, como afirma Esteve (2014), repercute amplamente na “personalidade dos professores”.

4.2.4. – Como vê a própria condição e a função docente

Qual a percepção que as professoras têm do momento que estão vivendo? Tão importante quanto conhecer a maneira como lidam com esse momento é compreender como o percebem e o que entendem por função docente. A percepção que cada uma tem sobre sua situação atual está diretamente relacionado com as experiências vividas e com o contexto em que se encontra.

A maneira como os indivíduos trabalham e o que eles produzem têm um impacto sobre o que pensam e na maneira como percebem sua liberdade e sua independência. O processo de trabalho, assim como seu fruto, ajuda o indivíduo a descobrir e formar sua identidade. (MORIN, 2001, p.16)

De acordo com Morin (2001), a relação com a atividade desenvolvida influencia a compreensão que a professora tem sobre sua condição, sobre o papel que desempenha. Morin (2001), destaca, ainda, que:

Três estados psicológicos teriam, assim, um impacto importante na motivação e na satisfação de uma pessoa em seu trabalho: o sentido que uma pessoa encontra na função exercida, o sentimento de responsabilidade que ela vivencia em relação aos resultados obtidos e o conhecimento de seu desempenho no trabalho. Para Hackman e Oldham, um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo. (MORIN, 2001, p. 10)

A motivação e a satisfação no trabalho são relevantes na percepção das condições dadas; portanto, a percepção das professoras sobre suas atuais experiências está afetada pelas condições psicológicas apresentadas por Morin.

A professora Laura relata que, mesmo sentindo dificuldades no desenvolvimento de seu trabalho sempre procurou se empenhar no que fazia:

Eu sempre falei “foi difícil”, mas enquanto eu estiver em sala de aula eu nunca vou ser aquela “ah, mas você...”. Eu sempre tentei dar o melhor. Então eu sempre busquei alternativas, coisas novas, diferentes. Às vezes, eu estava no meio de uma aula, eu via que não estava rendendo, eu tinha plano B. E mesmo que eu não tivesse, às vezes eu improvisava, e dali eu criava algumas coisas. Então, assim, eu... Foi legalzinho, entendeu. Não foi um, eu me dou uma nota 7 ou sete e meio, entendeu. (Laura)

De acordo com Holly (2007, p. 86), “as tarefas do professor exigem flexibilidade, maturidade psicológica, criatividade e complexidade cognitiva, na medida em que o professor atende às características e qualidades de desenvolvimento e culturais das crianças, às suas histórias de vida e contextos sociais”, o que pode ser encontrado na narrativa da professora Laura, que se apresenta como alguém comprometida, atuante e envolvida com o processo de aprendizagem. Ela era capaz de se sentir cumpridora dessa função, mas não se vê mais como professora.

Se eu vou em uma loja, e eu tenho o maior respeito por essa profissão, eu acho linda, eu acho ser professor lindo, eu não falo ‘ai meu Deus’, não, eu acho lindo, eu acho nobre. Mas se eu vou a alguma coisa que não é documento oficial, eu não coloco que sou professora, eu coloco que sou funcionária pública. (Laura)

Em seu relato ela reforça a admiração que ainda sente pelo profissional docente, explicando que sua opção por não se identificar como professora não é por desdenho e sim pelo que a docência significa em sua história. Entretanto, identificar-se ou não como professora, mostra que esse papel não é assumido por ela em determinadas situações, mostrando contraditoriamente uma afirmação e uma negação de um componente fundamental de sua identidade.

Porque a funcionária pública..., professora é o que me fez doente, o fardo que eu carreguei por estar em uma sala de aula. Então, funcionária pública, sei lá, eu posso trabalhar em uma biblioteca, posso trabalhar em um hospital, em um posto de saúde, em qualquer repartição pública, num cemitério, entendeu? (Laura)

A professora Erika também se reconhece como servidora pública e não como professora:

Eu não me sinto mais professora. É, não é nem me nomear, eu não me sinto mais professora. A sensação que eu tenho é que eu não pertencço mais à sala de aula. Eu me nomeio como uma funcionária da prefeitura. (Erika)

Essa forma de se ver vem acompanhada da percepção de que professor é quem está em sala de aula:

“Eu sou professora readaptada, estou fora da sala de aula”, faço questão de dizer. (Erika)

Ao contar sobre o motivo de ter cessado a readaptação e voltado à sala de aula, ela relata que:

Eu não queria mais ser readaptada. A sensação que eu tenho é que quando você é readaptada você fica com estigma, um símbolo, como se fosse uma marcação na testa “você não é capaz”, e isso me incomodava. (Erika)

Não deu certo retornar à sala, o que nos provoca a refletir sobre a afirmação de Tardif e Lessard, (2014, p. 71) de que “ensinar é confrontar-se com problemas e dilemas éticos que se tornam ainda mais delicados quando se encontram num contexto de relações face a face”. O fato é que a professora precisou se readaptar novamente, alimentando um sentimento que ela apresenta como pertencente, também, a outros profissionais readaptados.

A gente se sente incompleto, a gente se sente incapaz, a gente se sente limitado. E as pessoas, e a gente se trata também com esse limitador. A gente se apropria. (Erika)

Ao mesmo tempo que ela se vê capaz, se percebe limitada pela dinâmica da unidade escolar.

Mas eu posso fazer outras coisas, tão boas ou melhores do que se eu estivesse na sala de aula, mas a sensação que a unidade escolar acaba, é isso, que você está lá só para ganhar o seu dinheiro e que você não quer trabalhar, e que você não quer exercer um papel, e que você não quer fazer a diferença. E não é assim. (Erika)

Erika reconhece que possui potencialidades e também reconhece seus medos em relação ao processo vivido.

Então, eu tenho medo de estar numa posição cômoda que o cargo público me oferece e medo de me dar conta, e talvez por isso para mim seja importante fazer esse enfrentamento de sala de aula, de ver assim, olha eu consigo trabalhar nisso ou eu consigo fazer outra coisa. Talvez eu tenha que empurrar a minha vaca para o brejo para conseguir produzir alguma outra coisa. (Erika)

Ainda não se sente preparada para *empurrar a vaca para o brejo*, mas tem ideias que gostaria de ver adotadas pelo setor de readaptação.

Eu gostaria de trabalhar na parte de comunicação. Eu poderia produzir conteúdos voltados para a criança sem ter contato direto com a criança. Eu tenho muito para falar. Eu poderia produzir muita coisa de conteúdo, até mesmo de prevenção de abuso. Então, eu acho que, assim, iria feliz trabalhar na área da comunicação, oficina pedagógica. Eu acho que eu seria muito mais produtiva, muito mais funcional do que estar lá na escola. (Erika)

Um encaminhamento que possibilitasse o exercício de um novo cargo, em outro ambiente, seria, de acordo com a professora Erika, muito mais *produtivo* do que alimentar um adjetivo que rotula as pessoas. O olhar para a diversidade se faz necessário nessa discussão, pois a proposta da professora a atenderia bem, contudo pode não atender adequadamente outro profissional, o que implica dizer que o respeito à subjetividade, a análise de cada caso poderia tornar esse processo mais adequado.

A professora Rosemeire reforça a percepção de que ao falar em professor readaptado logo imagina-se uma série de preconceitos dos quais eles são vítimas.

E nesse meio de caminho eu já via colegas readaptadas e eu julgava, cá com meus botões, eu achava um absurdo a pessoa estar lá na secretaria. [...] E a forma como eu via os professores readaptados, foi difícil para eu me ver. Eu me sentia culpada, porque assim: - é certo eu não estar trabalhando, por causa desse problema? Eu não queria mais enfrentar uma situação como essa, mas eu senti muita culpa. Não é confortável. [...] Eu achava que era gente folgada. [...] Eu achava um absurdo, eu achava que tinha uma certa folga e que tinha uma acomodação. [...] Porque uma coisa é quando você vê de fora, outra coisa é quando você está na situação. Isso me trouxe uma humildade bem forçada. (Rosemeire)

A forma como a professora Rosemeire concebia o professor readaptado faz com que estar nesse lugar seja motivo de vergonha. Contudo vergonha maior ela alimenta de não ter conseguido lidar com a criança que desencadeou esse seu processo

E eu falei isso várias vezes para a Paula, eu tinha vergonha de olhar para ela. Sabe, eu tinha vergonha, porque ela viu a minha fraqueza, o meu momento de vulnerabilidade, ela presenciou quando eu não dei conta. (Rosemeire)

Atualmente a professora se vê em condição médica diferente e entende que o motivo de não estar com as crianças diz respeito a um processo de desgaste físico e não mais psicológico, por isso gostaria de poder mudar seu laudo.

Porque hoje eu não me vejo com as limitações que me levaram a essa readaptação. Eu não tenho essas limitações psiquiátricas. [...] Então eu acho que é uma mentira eu estar afastada por este motivo que não existe mais neste momento. [...] E eu estou fazendo tratamento com o ortopédico. [...] Então eu acho que isso é a minha condição médica nesse momento. É isso. Se eu for chamada eu vou levar essa documentação. E se o médico falar “mas você pode dar aula com esse problema aqui da coluna, isso aqui não tem problema”, então tudo bem, voltamos para a sala de aula. (Rosemeire)

Em sua narrativa Rosemeire ainda apresenta a percepção de que o trabalho empodera.

Eu preciso me sentir importante. Não sei se isso é de personalidade. Eu acho que é o trabalho, ele também forma nossa personalidade, ele complementa nossa personalidade. E o professor tem um protagonismo o tempo inteiro. Ou você está num pequeno grupo conversando com uma criança, ou você está conversando com todos, mas você está o tempo inteiro. E eu fico imaginando como seria a minha vida, como será, porque um dia será, sem isso. Em quem eu vou mandar? E quem vai mandar em mim? O que eu vou fazer com esse tempo todo? Isso me preocupa. (Rosemeire)

O protagonismo docente também é indicado pela professora Claudia

Quando eu entrei na prefeitura a vivência era mais rica, as experiências que a gente tinha. Eu conseguia ver que as crianças estavam aprendendo. Acho que ser professora é isso, a gente

conseguir ver resultado naquilo que a gente está fazendo. [...] Isso para mim foi ser professora. Foi ver que o que eu ensinei fez sentido para aquela criança. (Claudia)

A professora Claudia manifesta, ainda, o desejo de “ser como era”.

Eu queria ser como eu era, de correr com as crianças, de brincar de esconde-esconde, de subir no balanço, de fazer meus projetos, de...fazer meus projetos, sabe, de ser uma boa professora [...] Eu acho que o vínculo que a gente cria, a amizade, o carinho, o amor que eles têm pela gente é na infância, é na educação infantil. (Claudia)

Ela explicita o desejo de voltar a ser o que era, mas também a consciência de poder fazer o melhor possível sendo quem é hoje.

As relações dentro da escola, na situação de readaptada, elas são muito difíceis, principalmente quando as pessoas acham que ser readaptada é não fazer nada, é não trabalhar, é não ter nenhuma função na escola. Então isso até hoje existe. Às vezes eu vejo amigas minhas falando isso, e falam para mim “não, você não é uma dessas, mas readaptada é folgada, readaptada não quer trabalhar”. E isso me machuca, porque eu estou nessa situação, e nem por isso eu não quero trabalhar. Eu quero. (Claudia)

A professora Claudia traz um senso de pertencimento a uma categoria profissional que faz com que se magoe quando apontam para os professores readaptados como se não desejassem trabalhar. Por outro lado, a professora Luciene lembra que o ser humano é diverso e que os profissionais se colocam de maneira diferente.

E assim, minha irmã trabalha como ATE na secretaria e ela fala que nessa escola cada vez que se tenta dar uma função para o readaptado ele tira licença [...] Nessa escola de ensino fundamental tinha um professor que às vezes tirava xerox quando a gente precisava. Essa professora que às vezes ficava na secretaria. E os outros readaptados, sentados na sala dos professores, conversando. Ai eu acho que, ser pago para isso, eu acho até desonesto. [...] Não estou para julgar ninguém, mas que a gente sabe que tem professor que não gosta de trabalhar existe. (Luciene)

A professora evidencia a presença de profissionais que não assumem funções por falta de desejo em fazê-lo e complementa com a observação de que há trabalhos com os quais o profissional readaptado pode contribuir, ressaltando, inclusive, o amparo legal.

Eu acho que a legislação com o readaptado é muito boa. O readaptado tem um amparo muito bom, muito legal. Eu acho que já ouvi falar de diretores que tratam mal, mas não acho que seja a maioria. A maioria tem um respeito. E o readaptado pode ajudar muito, o ATE de secretaria em EMEI é um só, em EMEF é um ATE e a secretária, mas uma escola, às vezes, com mil alunos. Então o readaptado pode estar ajudando bastante nessa parte. (Luciene)

Luciene vê a readaptação como uma oportunidade de desenvolver funções diferentes.

E, assim, hoje eu estou readaptada também por opção [...] Na EMEI eu acho mais complicado, mas no ensino fundamental eu acho que consigo voltar para a sala de aula, mas eu não sei se eu quero hoje, porque assim, faltam quatro anos para eu me aposentar. Então se eu continuar assim, do jeito que eu estou, para mim está bom. Lógico eu tento fazer o melhor que eu posso, em qualquer lugar. Se eu tiver que voltar para a sala eu vou ser a melhor professora que eu puder ser [...]. Então, assim, responsabilidade acima de tudo, se eu tiver que voltar para a sala de aula eu vou voltar e fazer o melhor, mas hoje, se eu puder ficar readaptada eu vou ficar. (Luciene)

Ela esclarece que, nesse momento, seu projeto de vida está voltado para questões mais pessoais.

Eu estou colocando muito mais a minha vida pessoal na frente do profissional. [...] na verdade eu estou em um processo, contando os dias para aposentar. Tem muitas coisas que eu quero fazer na minha vida pessoal ainda, que eu preciso de liberdade e isso eu não tenho ainda. (Luciene)

Fernanda, por sua vez, ainda alimenta certa expectativa de retornar à sala de aula

Eu acho que eu ainda daria conta de voltar para uma sala de aula tranquilamente. [...] Eu continuo sendo professora. Se me perguntam: “o que você é”, eu sou professora, eu não deixei de ser professora, e não vou deixar de ser. É, se um dia, quando eu passar em perícia e o médico me der alta eu volto para sala de aula feliz da minha vida. (Fernanda)

Ela complementa dizendo que precisará se atualizar.

Então, para mim, o fato de, se precisar voltar para sala de aula, se o médico me der alta, eu só vou querer correr atrás de todo esse tempo que eu fiquei fora. Tentar dar o melhor que eu tenho,

tentar buscar coisa, estudar, tentar me atualizar. É, para dar o melhor que eu puder para os meus alunos. É isso que eu vou, que eu penso em fazer. (Fernanda)

Essa narrativa de Fernanda deixa claro sua percepção de que não está mais apropriada da função docente. Apesar de ter afirmado que é professora, aponta que ficou muito tempo *fora* e que, portanto, se sente desapropriada de sua identidade docente.

Eu gostaria de poder estar em uma sala de aula. Eu gostaria de ter voz boa para continuar dando minha aula, para trabalhar com as minhas crianças. É para isso que eu, foi para isso que eu prestei um concurso. [...] É, então, assim, não sou infeliz, mas digamos que a minha felicidade não é completa porque eu não estou fazendo aquilo que eu gostaria de estar fazendo de verdade. (Fernanda)

Fernanda não despreza o trabalho que desenvolve, mas enfatiza que se sentiria mais feliz se pudesse estar exercendo a função para a qual prestou concurso, preferia estar trabalhando com as crianças. Mesmo sabendo das exigências da função docente.

Então a gente tem que se desdobrar, com cuidado neles, por conta do que a rede municipal quer da gente, que além do educar é o cuidar na educação infantil. (Fernanda)

Evidencie-se que cuidar e educar fazem parte do currículo da educação infantil, o referencial que apresenta os princípios pedagógicos da educação infantil: “Na Educação Infantil, DCNEI (BRASIL, 2010a), temos as práticas pedagógicas permeadas pelo cuidar e o educar, numa perspectiva de uma educação ética, estética e política” (SÃO PAULO, 2019, p. 35)

Assim como a professora Fernanda, a professora Claudia afirma que o fato de não estar em atuando com as crianças não faz com que ela deixe de ser professora.

Eu sou professora e vou ser professora sempre, está no sangue. Acho que foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida. Eu posso não estar como professora, mas eu sou professora. (Claudia)

Ao dizer que são professoras apesar de não estarem exercendo a função junto às crianças, as professoras indicam a percepção de que existem diferentes

maneiras de exercer um papel e que, portanto, elas podem modificar uma atuação sem modificar a essência de quem são e, especialmente, de quem se consideram ser.

4.3 – Eixo: Condições e Organização de trabalho

As condições e a organização do trabalho também fazem parte dos elementos que contribuem para os processos de constituição identitária. Observe-se que as mesmas condições podem imobilizar alguns e não causar dano a outros, evidenciando a necessidade de se considerar a subjetividade e o contexto para compreender as histórias de vida. A maneira como as condições e as organizações afetarão cada um será tão significativa quanto as condições e as organizações em si. A intenção não é ignorar as condições e as organizações de trabalho, ao contrário, elas precisam ser vistas e precisam fazer parte do rol de lutas sindicais, mas não podem ser apontadas como únicas responsáveis por os processos.

Outro ponto que deve ser destacado logo de início é que, segundo Dejours (2015, p. 29),

Por condições de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças etc.), ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), a condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho.

Dejours (2015, p. 29) destaca a diferença entre condições de trabalho e organização do trabalho, afirmando que é na organização do trabalho que se originam os sofrimentos mentais. Para ele, organização do trabalho se refere à “divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (na medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade etc.”

A professora Rosemeire conta que chegou a acumular três cargos.

Nessa época do SESI eu cheguei a acumular três empregos, porque eu não tinha faculdade, eu era 11ª na prefeitura. O dinheiro não dava para criar dois filhos e eu cometi essa loucura de ter três empregos. (Rosemeire)

A professora Laura, por um breve tempo, tinha aulas na Prefeitura e no Estado.

Eu tinha passado no concurso do Estado, estava trabalhando o dia inteiro na escola, isso foi setembro de 2008. (Laura)

A professora Luciene também acumulou cargos por pouco tempo.

Só que aí, logo em seguida, em 97 mesmo ou em 98, teve o concurso para titular e eu prestei. E eu passei só no cargo de ensino fundamental, e era separado na época, professor de ensino fundamental e professor de educação infantil. E eu acabei, eu não tinha intenção mesmo de ficar com dois cargos, acabei exonerando e fiquei com um cargo só. (Luciene)

As professoras Erika, Claudia e Fernanda ainda mantêm dois cargos na rede municipal de ensino, e reconhecem que há muitos desafios em manter dois cargos em sala de aula.

Me readaptei por problema de voz, porque eu tinha duas salas em períodos seguidos. O período de sala de aula era as 8 horas seguidas e eu acabei ficando com problema de voz, na verdade, por fazer uso da voz muito tempo seguido. (Fernanda)

Retomar com os dois cargos de uma vez é muito puxado. Você tem que lidar com todos os sentimentos, duas salas... foi um fator que eu acho que contribuiu para que eu não conseguisse dar continuidade. (Erika)

O próprio perito já tinha dado a sugestão de readaptação, porque eu tinha dois cargos e ele achava que eu não ia aguentar voltar com dois cargos, então eu já estava nesse processo. (Claudia)

Erika conta que a dificuldade de dois cargos aumenta quando não se consegue a mesma unidade escolar.

Não consegui ficar em uma mesma escola, então eu ficava o dia inteiro fora. Meu filho estudava em duas escolas, aí eu comecei a entrar em desespero, desespero, desespero. (Erika)

Como apontou a professora Erika, ter dois cargos significa ter tudo em dobro, a preocupação com o planejamento, os conflitos nas relações, os registros, o cansaço físico... enfim, todas as demandas de um cargo, em dose dupla.

Outro fator a ser considerado é a falta de recursos materiais simples. A professora Laura narra o uso de recursos próprios.

Eu não tinha livro didático, eu tirava muita cópia com o meu dinheiro, eu que pagava, eu arrumava minhas aulas, para eu ter um pouco de sossego eu levava tudo pronto para eles, para eu não ir para a lousa. (Laura)

Um recurso usado pela professora para não precisar ficar de costas para os alunos era usar cópias, já que não contava com livro didático, mas a metodologia, a didática necessária à aula não contava com a reflexão ou com a intervenção da equipe da escola.

A falta de pessoal de apoio, de funcionários, é uma outra dificuldade encontrada nas condições e na organização do trabalho. A professora Laura conta que precisava intervir fisicamente.

Era uma escola terrível, então tudo o que eu lembrava de professores e alunos, quando eu era aluna e os meus professores que eu tanto admirava e respeitava, era tudo diferente. Até alguém espirrar na mão de uma menina, a menina ficar com nojo e passar na minha jaqueta. Eu falava “Senhor, onde eu estou?”. Até xingamentos entre eles, brigas, entrar para separar, e eu sempre fui grande assim, eu entrava no meio das brigas deles para separar. (Laura)

Nessa narrativa da professora Laura encontramos a tristeza produzida pela percepção de que as relações não envolvem mais o respeito de antes, que o professor é destrutado e que os adolescentes não possuem limite algum. A maneira como a professora se refere aos “professores que tanto admirava” nos remete à identidade docente descrita por Arroyo (2000, p. 18), “uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria. Inquietações e vontades tão parecidas, tão manifestas no conjunto de lutas da categoria docente.”

O pesar da professora é justamente perceber que esse “respeito e reconhecimento social” não faz parte da realidade vivida por ela. Além disso, tem

essa questão da necessidade de a professora separar a briga. Onde estavam os outros funcionários? Não tinham outras pessoas para auxiliar também? Mas, sobretudo, como essas questões eram tratadas pela escola? Havia um projeto para acolher as crianças e trabalhar suas dificuldades e problemas, prevenindo essas situações, evitando o uso da punição e da repressão? Enfim, situações como esta não são pontuais e exigem um esforço de análise mais profunda dos múltiplos fatores envolvidos nos casos de violência na escola.

E eu estava lá e de repente escuto uns gritos, era a professora do lado. E eu, num instinto assim, de quem está pedindo socorro, eu entro na sala do lado. Tinha quatro meninos em cima dela. Daí eu entrei, um deles falou assim para mim “sai daqui sua vaca” e me deu uma voadeira aqui na costela e eu caí, machuquei, fiquei com hematoma, peguei uma licença de curta duração, não fui uma semana para a escola. (Laura)

A mesma pergunta pode ser repetida aqui. Ninguém mais ouviu a professora pedir socorro? Como é possível que as professoras sejam espancadas dentro da escola e nada seja feito (ou tenha sido feito) no âmbito institucional? A situação continuou após a agressão. Podemos perceber aqui o que Tardif e Lessard (2014, p. 64) chamam de “solidão do trabalhador diante de seu objeto de trabalho (grupo de alunos), solidão que é sinônimo ao mesmo tempo de autonomia, de responsabilidade, mas também de vulnerabilidade”.

E aqueles meninos que estudavam no período da manhã e eu era do último período, das 3h às 7h, eles se revezavam e ficavam me esperando no portão da escola, e só faziam assim para mim (sinal com os dedos dos olhos dele em direção a ela, indicando que estava de olho nela). (Laura)

Uma professora fez o boletim de ocorrência, por conta própria, e a outra não, mas ao retornar da licença, ainda ficou sendo ameaçada, todos os dias, no portão da escola. Que estrutura de recursos humanos existe na escola que não é capaz de manter um integrante do quadro de funcionários minimamente respaldado? Onde estavam os profissionais de apoio, como assistente social e psicólogo, cuja presença deveria ter sido solicitada para acompanhar essa situação? Que medidas foram tomadas para proteção da professora vitimada? Que diálogos foram estabelecidos com os adolescentes agressores? Quais os profissionais da rede de proteção que foram acionados?

Diante de uma situação como esta é indispensável retomar a necessidade de perceber que os adolescentes precisam de acolhimento, diálogo e intervenções que possibilitem que eles construam contextos diferentes, que se percebam incluídos e responsáveis pelo coletivo. A escola deve exercer sua função no desenvolvimento integral do ser humano. Planejamento de ações que proporcionem a humanização e que atinjam a finalidade educativa de desenvolvimento integral é função de todos os profissionais, mesmo daqueles que não exercem suas funções diariamente na mesma escola, mas, diante de situações como a vivida pela professora Laura, o envolvimento de toda a equipe e da rede de proteção é essencial para minimizar os danos e promover transformações positivas.

A professora Luciene aponta para o fato de que não se garantia, nem mesmo o estagiário para acompanhar o processo de inclusão, que está previsto como recurso previsto pela prefeitura.

A gente era cobrado, o professor sempre é muito cobrado, que o aluno tem que aprender. Só que assim, a gente não tinha, na minha escola, poucos anos eu peguei aluno de inclusão e eu tinha estagiário para me ajudar. Aí, assim, a questão da inclusão foi mexendo muito comigo, tanto que foi o que me fez sair da educação, do ensino fundamental. (Luciene)

A escassez de recursos humanos faz com que o professor se sinta abandonado e desiludido, como conta a professora Luciene.

Em 2015 eu tive um aluno que me deu muito, muito trabalho. Ele me batia, ele batia nas crianças e, assim, eu tinha uma turma de quinto ano, eu tinha metade que não era alfabetizada. Então eu tinha que cuidar de um aluno, o menino me dava muito trabalho, tinha que alfabetizar no quinto ano, e aquilo me decepcionou muito, porque eu falava 'eu não estou trabalhando com quinto ano, eu queria outras coisas', com aquele quinto ano eu não conseguia. (Luciene)

A professora Rosemeire também manifesta essa mesma desilusão ao perceber que a falta de recursos humanos, de apoio da família ou mesmo de encaminhamentos aos profissionais adequados, faz com que uma criança consiga desestruturar o trabalho. Essa frustração gerada pelo fracasso de não conseguir desenvolver o seu trabalho pode ser um dos fatores desencadeadores do adoecimento.

A pessoa que ficou, a Roberta, ela ficou, pegava a sala no período do meio, ficava duas horas. E ela falou que assim, que a sala era ótima, mas que ela não conseguia trabalhar também. Conseguia levar a situação, mas também não conseguia desenvolver um trabalho. Foi uma sala muito prejudicada. (Rosemeire)

O ambiente gerado pelas relações é um outro definidor da qualidade da organização de trabalho. Quando o ambiente é acolhedor as pessoas se sentem incluídas, pertencentes ao grupo.

Porque eu acho que a EMEI virou uma grande família, a gente conseguiu ter uma grande amizade, apesar das brigas, dos arranca-rabo, das confusões, que continua tendo, todo mundo se respeita, pelo menos tenta se dar bem, e a maioria consegue. (Claudia)

Mas o ambiente também pode ser hostil ou gerador de inseguranças, desmotivação e do sentimento de não pertencimento àquele lugar.

É raro uma ou outra que pergunta “oi, e aí, como você está?”. Algumas fazem. Sem estar na secretaria não, você sai, toma um cafezinho, fala da vida pessoal, tanto do trabalho quanto do pessoal, então eu gosto dessa parte. (Luciene)

Quando eu acordava de manhã e eu tinha que ir trabalhar, eu falava: ‘meu Deus do céu, por que que teve que ser desse jeito?’. Porque eu chegava lá e me sentia um peixe fora d’água. Eu nem me sentia à vontade no espaço que falaram para eu ficar, que era a secretaria. E eu percebia também que, às vezes, quando eu ia para sala dos professores para alguma coisa, assim, para fazer algumas coisas, que eu também não deixava os professores à vontade por estar ali. (Fernanda)

A professora Fernanda traz um ambiente que mais do que não favorecer o sentimento de pertença produz o de exclusão.

A falta de espaço físico pode ser um grande problema, principalmente quando o clima organizacional também não contribui. Não é incomum encontrarmos escolas que não têm área coberta para trabalhar com as crianças, principalmente em dias de chuva, sala de professores ou de coordenador, refeitório para os professores... enfim, escola nas quais os espaços vão sendo adaptados, segundo as necessidades mais urgentes do grupo.

A professora Luciene conta que antes de vir para a escola em que trabalha hoje passou por uma escola que não tinha estrutura física adequada para o

desenvolvimento do trabalho com crianças pequenas, que necessitam de espaço e movimento.

No Deputada você tem os parques, a brinquedoteca..., no Dirce você só tem a sala de aula e o parque. E assim, eu ficava, como eu era do intermediário, eu só ficava dentro da sala de aula com eles. Eu não gostei da escola, eu não gostei, as turmas eram muito agitadas, foi um ano difícil. (Luciene)

Vale ressaltar que a professora Luciene destaca a interferência das condições estruturais no comportamento, nas atitudes das crianças. O ambiente escolar também precisa ser pensado e estruturado de maneira a oferecer condições adequadas para a aprendizagem das crianças e de trabalho para os profissionais.

A professora Erika lembra uma época em que havia escolas construídas de lata (*containers*).

Depois eles construíram, ficou uma escola grande, mas ela era de lata, era extremamente abafado, você não conseguia trabalhar porque para conseguir trabalhar você ligava o ventilador, se ligasse o ventilador, papel voava. (Erika)

Erika também relata o quanto o sentimento de inutilidade e exclusão podem se ampliar diante da falta de espaço e/ou a precariedade de sua organização.

Você se sente inútil. Ela se sentia inútil e aí, tipo jogada. A gente fica jogada, a gente fica em um canto, a gente não tem nenhum lugar para falar que “é meu”. A gente tinha uma sala, não tem uma sala. ‘Ah, não pode, não dá para ficar na sala dos professores porque tem JEIF e não sei o quê’. [...] Você fica, não tem espaço, você fica em um lugar, aí a pessoa acha que você está atrapalhando. Quem vai para a secretaria, a pessoa da secretaria acha que você está atrapalhando, então te tiram da secretaria e te jogam em outro lugar, te colocam para ficar no almoxarifado pedagógico, que é sujo. Aí você vai tentar organizar. Poxa meu, você estudou tanto. É muito contraditório. Eu acho que adoece sim. (Erika)

A formação é essencial para que os profissionais se sintam preparados, seguros e motivados para o desenvolvimento do trabalho, portanto, também está envolvida nas condições de trabalho.

A professora Laura percebia na formação uma oportunidade para modificar as condições que possuía, por isso procurou o curso de Pedagogia, a fim de modificar o nível de atuação.

Eu queria ter um emprego que viesse através do estudo, que fosse alguma coisa que eu tinha estudado [...] Daí eu comecei a fazer a faculdade de Pedagogia, porque eu falei assim “vou trabalhar com os pequenos, não está dando certo com os grandes, vou trabalhar com os pequenos”. (Laura)

A professora Rosemeire também valoriza a formação universitária como potencializadora de suas ações.

Eu fui fazer faculdade já com 39 anos [...] E o conhecimento mexeu muito com a minha vida pessoal, com as minhas crenças. Eu fui descendo dos mitos, das instituições. O curso de Pedagogia abriu essa janela enorme na minha vida” (Rosemeire)

Essa mesma percepção da formação como recurso para a transformação é encontrada na fala da professora Erika

O que me ajudou, o processo que foi me ajudando a me reestruturar foi eu voltar a estudar. (Erika)

Com relação à formação continuada, há a valorização e o reconhecimento de sua importância antes da readaptação.

Aí eu comecei a aprender, comecei a fazer JEIF, comecei a estudar. (Rosemeire)

Fazia muito curso, fiz curso de teatro, que foi outra coisa que, eu saía de lá pior do que de uma terapia, sem chão. Mas eu fui me constituindo uma professora um pouco melhor. (Rosemeire)

Além de dar aula, eu saía, eu trabalhava um período só, então eu fazia as oficinas que a prefeitura oferecia. Eu fiz curso de cantos e danças populares, eu de canto, dança circular. Aprendi com as crianças, aprendi tocar os instrumentos, tipo caixa, então eu fiz um trabalho bem bacana com as crianças. (Erika)

Após a readaptação, percebemos uma mudança de compreensão quanto à formação continuada. Os responsáveis pela organização da legislação referente à formação continuada na rede municipal também não parecem estar seguros quanto a esse processo para os professores readaptados, pois têm

modificado suas orientações ao longo dos anos. Houve época em que o professor readaptado não pontuava, mas podia participar, caso desejasse. Em 2018, quando foi realizada a entrevista com a professora Fernanda, os professores readaptados não podiam constar na lista de participantes, o que, automaticamente, exclui os professores readaptados dos momentos de formação em serviço.

Uma coisa que também me incomoda é essa coisa do horário de formação que a gente tem, o professor readaptado não poder participar. Ou mesmo que ele participe, também é sempre aquela coisa, meio que você participa como ouvinte, você não está muito ali ativo naquilo, que eu acho isso errado, uma legislação da rede que eu acho errada, principalmente pro professor que está com o laudo de readaptação temporário, porque ele pode voltar para sala de aula. E aí, ele volta para sala de aula, até também sem esse estudo que os outros professores estão fazendo. (Fernanda)

Acho até que mesmo aquele que tem o laudo definitivo, porque eu acho que quando você está no espaço da escola todos são educadores. Então eu acho que mesmo o professor que está readaptado com laudo definitivo, que não vai mais voltar para a sala de aula, eu acho que ele tem que estar à par do que é o projeto da escola, o que a escola está propondo. (Fernanda)

Quando a professora foi readaptada perdeu seu papel e os direitos a que ele faz jus. Ela faz uma observação sobre os projetos da escola serem discutidos no horário de formação continuada, o que faz com que quem não participa desse horário não se implique da mesma maneira nos projetos da escola.

A Instrução Normativa SME nº 001, de 23 de janeiro de 2020, publicada no Diário Oficial da Cidade do dia 24 de janeiro de 2020, pp. 12 e 13, determina a participação dos professores readaptados.

Art. 6º O **professor readaptado em caráter permanente ou temporário**, optante e em exercício de JEIF, participará dos horários coletivos de formação, no entanto, não fará jus ao Atestado para fins de Evolução Funcional de que trata o artigo 13 desta Instrução Normativa.

O professor deve participar, mas não poderá pontuar, o que implica dizer que há perda de direitos. Além disso, nem todos os professores consideram que a formação continuada deve acontecer enquanto durar a readaptação

Se eu tiver que voltar, aí sim, acho que vai me interessar o assunto. Mas eu estou fora da sala e ficar lá ouvindo as professoras falarem dos problemas da sala, tá, é legal, eu me inteiro. Mas para mim aquilo ali não vai servir de nada. E até, assim, os estudos, para quem não está em sala de aula, é interessante, assim, entre aspas, porque você não está utilizando aquilo para nada. (Luciene)

Há necessidade de lançar luz a outra questão. A importância da formação continuada é inegociável; contudo, esse momento precisa ser tratado de maneira mais humana pela legislação. Deve haver um espaço para análise e direcionamento de casos específicos com relação aos professores readaptados, não apenas a proibição ou a obrigatoriedade de participar da formação coletiva, uma vez que alguns professores, como a professora Laura, por exemplo, podem ter sua saúde ainda mais abalada por uma imposição de fazer parte da formação, da mesma maneira que a proibição da participação causa indignação à professora Fernanda.

Eu não me sinto bem na sala dos professores, porque eu estou muito perto de ser professora”, então na secretaria eu me escondo, eu me refugio. (Laura)

Laura ainda não encontrou meios emancipatórios de lidar com sua situação, mantendo o uso de mecanismos de defesa, como o refúgio na secretaria, indicando que não seria produtivo impor-lhe a vivência de discussões coletivas. Impor para não participar ou impor para participar, como se todos tivessem a mesma condição, não parece a melhor solução. Ainda há necessidade de políticas públicas que favoreçam a dissolução dos conflitos envolvendo a formação continuada e os professores readaptados.

No âmbito escolar, usufruindo da autonomia possível, deve ser construído um ambiente de trabalho coletivo, onde as potencialidades, necessidades e interesses de cada participante da comunidade escolar seja considerado para que tanto a pessoa do professor como a própria vida escolar possam caminhar na direção de um processo de humanização, de emancipação.

Além da formação no ambiente escolar existem alguns cursos que são oferecidos fora do horário de trabalho

Tem muito curso que é oferecido na rede e que o professor readaptado não pode fazer.
(Fernanda)

Com relação a me atualizar eu continuo. Eu posso não estar indo lá, fazer o curso presencial, porque eu não tenho mais essa necessidade de ter um certificado para comprovar que eu fiz, mas eu continuo me atualizando, eu continuo estudando, eu gosto de ler (Claudia)

Sempre que tem cursos que eu posso como readaptada, que não fica fechado para o professor que tem que estar em regência, que é aberto, eu gosto de fazer porque eu acho importante, assim, eu acho que faz bem para gente, você ficar ligado nas coisas, saber quais são os autores que estão em evidência agora. Eu acho muito importante você se manter atualizado. É, porque é aquilo que eu falo, eu acho que dentro do espaço da escola todo mundo é educador, seja o pessoal do quadro de apoio, seja o professor readaptado, tem que estar, eu acho que tem que estar em sintonia. (Fernanda)

A distribuição de função é algo essencial na condição de trabalho do professor readaptado, pois ele retorna à escola sem poder exercer as funções que caracterizam sua identidade profissional, mas o que poderá exercer?

A gente passa a vida aprendendo e coisas novas vão aparecendo para gente também ir mudando. Mas essa coisa de daí, chegar na escola e pensar assim: “nossa agora eu vou fazer o quê? Eu vou ficar aonde? Será que vai ter um espaço para eu ficar?”. (Fernanda)

Essa preocupação vem acompanhada de um rol de restrições, pois quando o perito dá o laudo de readaptação funcional ele elenca questões que prejudicarão a saúde do servidor. Ou seja, podemos dizer que o perito elenca as impossibilidades e que tanto o servidor quanto a equipe que trabalhará com ele pode olhar para as potencialidades, para as possibilidades de realização que ficaram em aberto. Contudo, muitas vezes, o olhar fica limitado às impossibilidades do laudo, havendo, ainda, quem desrespeite as restrições.

Ela colocava a gente na sala, mesmo sem a gente poder (Claudia)

Evento na escola para quem tem problema com barulho, é uma puta sacanagem você colocar, poxa põe a pessoa para trabalhar antes, na organização, na preparação, na estruturação, não para ficar na hora da muvuca. Tem um monte de gente, um monte de gente falando, às vezes você se perde no seu próprio pensamento. Mas aí, se você fala é porque você está de má vontade, porque é frescura. Ou a outra que tem problema de coluna que ela fala “gente eu não posso

ficar cortando bilhietinho, convitinho, porque trava minha coluna. O pessoal olhava assim, aí a gente faz e aí depois a gente fica mal. Então a gente se sente mal por não fazer, a gente fica mal se faz, é muito complicado. (Erika)

Muitas vezes essas tarefas dadas sem a observância das restrições de laudo ou sem o respeito às limitações das professoras ocorre por não haver funções pré-estabelecidas e, principalmente, por não haver um movimento na direção do acolhimento dialogado com a professora readaptada e na ação necessária de fazer com que ela seja parte efetiva da comunidade escolar.

Fiquei dois anos ali naquela escola, mas eu não tinha uma função. Esse não ter uma função, também, me incomoda muito. (Rosemeire)

Você chega, aquilo que você fazia na outra escola já tem outra pessoa fazendo, então você tem que esperar até as pessoas te darem novas atribuições. E se as pessoas esquecem de você, que nem teve vários dias que eu me sentia como se eu não fosse nada ali dentro, porque as pessoas continuavam, quem já era da escola continuava fazendo suas coisas e você fica ali. Então levou um tempo também, para de novo. E eu confesso que ainda, uma das escolas eu ainda me sinto meio avulsa. (Fernanda)

É não ter uma função, não ter um papel definido. A gente não tem papéis definidos? Em casa eu sou mãe, sou a responsável, sou a provedora. No trabalho eu sou a professora, para quem está em sala de aula. O readaptado é o que no trabalho? Readaptado, só. (Erika)

Ela não dava função nenhuma para a gente e a gente acabava sendo um Bombril “eu preciso disso aqui, daquilo ali...”, mas você ficava fora de toda a vivência escolar. Você não participava de nada, nem nas reuniões era importante você participar, você falava mas não era importante porque você não estava em sala de aula. [...] Eu estava saindo de uma coisa que eu amava fazer e entrando em um ambiente odioso, de inutilidade, de não fazer nada, de ser um zero à esquerda. (Claudia)

Se antes o espaço escolar era repleto de significados e sentidos, se apesar dos desafios existiam planos, intenções e segurança quanto ao seu papel, agora há um vazio que, por vezes, não atende as expectativas de ocupação. As professoras ficaram sem o seu papel, estão vulneráveis e têm que se sujeitar ao que lhe será solicitado.

Eu até tenho minhas funções, mas você é atropelado por outras coisas, aí você não conclui o que tem que fazer. Aí chega no dia: “você terminou?”, não, não consegui terminar, “como não terminou?”, nesse meio tempo eu fui fazendo várias outras coisas que eram mais emergenciais na sua visão, na sua percepção. (Erika)

Tinha uma função, mas essa função não ocupava a jornada inteira. Quando eu era solicitada para fazer alguma coisa, nossa, eu fazia. Mas, não ficava o tempo inteiro fazendo coisas, como quando você está na sala de aula. [...] Tanto que esse ano eu fiquei transitando pela secretaria e sala dos professores. [...] Daí eu me senti assim “o que eu vou fazer agora?”. (Rosemeire)

Como eu tenho acúmulo eu não participei dessa primeira reunião, estava na outra escola, e aí quando eu cheguei o pessoal já tinha escolhido, se atribuído o que ia fazer, e na verdade para mim sobrou uma atribuição. Quer dizer, eu senti assim, aquilo que ninguém quis, sobrou para mim. (Fernanda)

Não há uma regra quanto à distribuição de tarefas ou quanto à organização das novas funções, de maneira que é possível encontrar uma diversidade de situações que podem possibilitar sentimentos de exclusão.

Porque tem isso, professor readaptado não se sente produzindo, porque você é incumbido de fazer aquilo que ninguém quer fazer, quando é incumbido de. Mas a gente não tem a sensação de ser parte, a gente vive à parte, os comunicados, a gente nunca sabe. A gente, sabe “você está sabendo?”, “não”, “vai ter um evento”, “Ah é?”. A gente não é incluído, na maioria das vezes. (Erika)

Às vezes o professor precisa se fortalecer para ter condições de se colocar, de brigar pelo seu direito de ter um papel, de ser produtivo e de se sentir pertencente ao grupo.

Então assim, é um processo bem difícil de você conseguir se impor, de você conseguir um espaço para você produzir de verdade, porque o professor readaptado não é um professor folgado, que quer só receber. [...] Eu não sou um tapa buraco, eu sou uma profissional. Eu estudei, eu me dediquei, eu me formei. A readaptação coloca como se a sua incapacidade fosse maior do que a sua capacidade. Eu acho que é isso o diferencial. Eu sou capaz, eu sou capaz de fazer outras coisas. Tão bem ou melhor do que se estivesse em sala de aula. (Erika)

Em outros espaços e momentos pode acontecer de a organização proposta atender às expectativas do professor.

Então eu fazia a leitura de D.O, eu fazia anotação no livro ponto. [...] Eu adorava trabalhar com aqueles papeizinhos. Eu aprendi a fazer A. F. (Atestado de frequência). [...] E eu ficava feliz. Então nessa escola eu não tive problema, porque tinha muito serviço, então eu ficava das 7h às 13h bem ocupada. (Laura)

Manter a professora ocupada com coisas que ela gostava de fazer e que passaram a ser responsabilidades suas, tarefa atribuída, favoreceu para que ela se sentisse motivada a ir trabalhar.

Uma outra possibilidade é envolver os profissionais na distribuição das tarefas.

Ela fez uma reunião com a gente e falou “vamos fazer assim, cada um vai ter uma função, cada um vai fazer uma coisa. O que você gosta de fazer? O que você tem interesse em fazer? (Claudia)

A postura narrada pela professora Claudia ilustra que é possível o desenvolvimento de uma gestão democrática que favorece a organização do trabalho de maneira a valorizar as potencialidades de cada profissional, implicando-os no desenvolvimento do trabalho em prol do alcance da mesma finalidade educativa.

Então, porque assim, o trabalho do readaptado, eu estou mais na parte administrativa. Eu gosto dessa, assim, eu não tenho a responsabilidade da direção, só que estou envolvida na parte administrativa, e isso é legal. E, assim, não sei se são em todas as escolas, a escola que eu estou existe um respeito muito grande pelo readaptado. [...] Então, assim, algumas vantagens que você acaba tendo. (Luciene)

Mas mesmo diante da possibilidade de escolha pode acontecer da professora escapar às restrições de seu laudo.

Mesmo estando readaptada, eu confesso, que, algumas vezes, faço coisas que pelo meu laudo eu não poderia fazer, mas faço porque gosto de estar em contato com as crianças. (Fernanda)

Assim como pode acontecer também da professora demorar um pouco mais para se sentir implicada nos processos vividos pela escola.

Olha, eu tentei, mas na escola são muitas professoras readaptadas, no Deputada. Não tem trabalho para tanta gente. É muita gente. E todo mundo, todas as pessoas, são pessoas que

querem fazer coisas, que se colocam, que fazem centenas de coisas. Então eu não achava muito assim, que o meu trabalho estivesse contribuindo. (Rosemeire)

Encontrar um grupo que já está estruturado pode não favorecer a ambientalização de quem está chegando, por mais que ocorra uma escolha de funções, democraticamente, no início do ano. Pode haver necessidade de outras intervenções ou de um pouco mais de tempo para que as pessoas percebam o valor de suas contribuições para a equipe.

É provável que não exista solução ideal e que, aqui como em tudo mais, seja sobretudo, a evolução a portadora de esperança. Considerando o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica através da organização do trabalho. Entretanto, o problema não é, absolutamente, criar novos homens, mas encontrar soluções que permitiriam pôr fim à desestruturação de um certo número deles pelo trabalho. (Dejours, 2015, p. 181)

De acordo com Dejours, portanto, é preciso repensar as condições e a organização do trabalho, para que os profissionais tenham possibilidade de desenvolvê-lo de maneira saudável, para que não se desestruem. Heloani e Capitão (2015) contribuem com esta discussão ao refletir sobre a qualidade de vida do trabalhador.

Mas se a qualidade de vida do trabalhador é vista, pelo menos, como uma política de relações públicas, ou como uma meta recorrente, deve-se perguntar o que no trabalho pode ser apontado como fonte específica de nocividade para a vida mental. A questão é de importância fundamental. A luta pela sobrevivência leva a uma jornada excessiva de trabalho, e as condições em que o trabalho se realiza repercutem diretamente na fisiologia do corpo e na saúde mental. (HELOANI e CAPITÃO, 2015, p. 104)

Existem muitas frentes de lutas sindicais em prol da melhoria das condições de trabalho dos profissionais de educação. Contudo, como ressalta Heloani e Capitão (2015), é urgente a necessidade de localizar e intervir para eliminar as “fontes” do adoecimento docente.

Uma outra questão a ser destacada é a divisão do trabalho. Dentro da escola não há possibilidade de todos fazerem tudo, há necessidade de dividir o trabalho para que a dinâmica da unidade escolar seja atendida. De acordo com Codo (2012, p. 54), a divisão do trabalho, com funções diferentes atribuídas a cada funcionário proporcionará “percepções, abstrações e também consciências diferentes”, mas, apesar de atividades diferentes, todos estão no mesmo

ambiente e é preciso que “se unam em um plano superior, que é o plano do projeto e dos objetivos da atividade em pauta. Assim, é preciso que os homens estejam ligados entre si pelo produto do seu trabalho (atividade objetiva) para que possam sobreviver”. O que implica dizer que a organização do trabalho precisa favorecer um ambiente de coletividade e de trabalho colaborativo.

4.3.1 – O olhar do outro

O homem é um ser social que, segundo Codo (2012, p. 50), “produz sua própria existência, portanto produz a si mesmo, para tanto se relaciona com os outros, portanto produz e é produzido pelo outro”, o que implica dizer que o olhar do outro será um fator de determinação significativo na constituição da autoconsciência e da autoestima dos profissionais.

A professora Laura conta que havia decidido dar aulas apenas se conseguisse passar no concurso, mas que não conseguiria fazer o concurso porque estava machucada. No entanto, o incentivo das irmãs, que são professoras, foi tão grande que elas até trouxeram a documentação da inscrição e se dispuseram a levá-la, mesmo sendo distante. Diante de tanta mobilização externa ela não teve como não fazer.

Minhas irmãs professoras já vieram com o papel só para eu fazer. Eu fiz. Fui atropelada e quebrei o pé, portanto não ia fazer a prova. Minha irmã e meu cunhado me levaram dois dias, atrás do shopping Ibirapuera, morando aqui na Zona Leste, para fazer a prova. (Laura)

Mais tarde, já adoecida e sem direção, contou com um olhar que a direcionou na luta por seus direitos.

Daí uma colega falou para mim, e eu falei “ah não, eu não posso”, daí ela começou a conversar, ela pediu, eu liguei no sindicato e conversei. Daí o cara me falou assim “professora, se você adoeceu um dia depois que você entrou na sala de aula você pode se readaptar”, e já fazia cinco anos. (Laura)

A colega a orientou, o que possibilitou que o processo de readaptação acontecesse. E diante de uma dificuldade no desenvolvimento do trabalho, como professora readaptada, encontrou outra pessoa com quem pôde contar.

A Carla tem me ajudado porque precisa fazer o diário de bordo, então a Carla tem me ajudado.
(Laura)

O olhar do outro também pode provocar reflexões produtivas, dependendo da maneira como é colocado.

Mas eu até tinha vontade de trabalhar, não é uma crítica, é que ela mesma falou para mim, a Sandra, que ela achava que os professores readaptados tinham que trabalhar na DRE. Aí eu pensei assim comigo “a DRE não é escola, eu concordo com ela”. (Laura)

E o outro, para Laura, também está presente como referência de acolhimento, de respaldo, de possibilidade de construção de uma *história bonita*.

Mas, assim, eu tenho as minhas pérolas, eu falo que eu tenho um colar de pérolas, ele está indo para o colar, era uma pulseira, as pérolas que Deus foi colocando em cada escola que eu passei, em cada ano que eu passei. Assim, é uma história bonita no final. (Laura)

O fato de reconhecer os outros que a constituíram positivamente, que a apoiavam, não impediu a percepção das críticas e que fosse afetada por elas.

Eu trabalhava, era útil, eu não estava onerando os cofres públicos, como tem muita gente que fala dos readaptados. Eu senti que tem um preconceito com os readaptados, eu senti, tem mesmo, existe, de muitos colegas. Muitos sabem e fazem questão de mostrar. Outros, está implícito na fala, no jeito, mas as pessoas nem percebem. (Laura)

A preocupação em ser *útil* parece atender também à preocupação de não ser vista pelo outro como alguém desonesto, como quem *onera os cofres públicos*. Essa visão do outro caracteriza a segregação e a marginalização do professor readaptado.

Com efeito, a exclusão induz sempre uma organização específica de relações interpessoais ou intergrupos, de alguma forma material ou simbólica, através da qual ela se traduz: no caso da segregação, através de um afastamento, da manutenção de uma distância topológica; no caso da marginalização, através da manutenção do indivíduo à parte de um grupo, de uma instituição ou do corpo social;

no caso da discriminação, através do fechamento do acesso a certos bens ou recursos, certos papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo. (JODELET, 2014, p.55)

Jodelet aponta três situações nas quais a exclusão se evidencia. As relações interpessoais existentes na escola podem, segundo o relato da professora Laura, manter o professor readaptado discriminado, segregado e marginalizado, ainda que, por parte de alguns, isso ocorra implicitamente.

A professora Claudia também fala sobre a importância do outro em sua história, indicando que, em alguns momentos, precisou que outras pessoas fizessem a análise por ela, pois ela não tinha condições de discernir o que era mais adequado para sua saúde.

Meu marido tinha que me proibir de ir para a escola, porque tinha coisas, assim, eu sofri muito, eu sofri muito com essa distância da escola. (Claudia)

Aí, no ano de, eu não vou lembrar mais o ano, eles cessaram a minha portaria de readaptação, acho que 2015. Em 2015 eles cessaram minha portaria de readaptação e eu voltei para a escola para entrar na sala. E a diretora não deixou [...] “não, você vai sair daqui, você vai na sua médica, você vai conversar com ela, e só se ela autorizar você vai poder voltar. Ela tem que te dar alta”. E aí eu voltei, fiz tudo o que ela pediu, minha médica não me deu alta, aí eu entrei com o pedido de reconsideração. (Claudia)

E as duas falaram a mesma coisa, porque eu fazia o tratamento em conjunto, com as duas. E eu aceitei. Eu aceitei porque eu também não me sentia capaz de me avaliar. (Claudia)

Para a professora, o momento do adoecimento serviu também para distinguir quem realmente se importava com ela.

Então, isso também, eu acho que descobri verdadeiros amigos nessa época e perdi alguns que eu achava que eram amigos; por conta disso, da gente perceber quem quer realmente te ajudar. [...] Então tem isso também na escola. Tem aquelas pessoas que te apoiam e tem aquelas pessoas que não se preocupam com o que você está passando. (Claudia)

A opinião do outro sobre a veracidade de sua situação era algo que afetava a professora Claudia, mas não precisava ser uma opinião explícita, o fato da professora imaginar que alguém pudesse duvidar de seu estado era o suficiente para afetá-la.

Eu acho que isso também foi o que mais me incomodava, as pessoas acharem que eu estava mentindo, que eu não queria trabalhar, que eu era folgada, entendeu? [...] porque tem muitos professores que às vezes fala “você não vai dar um jeito, eu vou tirar licença”. Eu nunca fui dessas, então eu não admitia que as pessoas falassem. (Claudia)

Nem sempre a reação das pessoas corresponde às expectativas. A professora Claudia desejou causar uma impressão positiva em seu retorno, desejou que os colegas percebessem uma melhora em seu estado, mas acabou se decepcionando ao se sentir julgada por tentar melhorar.

Eu queria chegar assim, eu queria chegar bem. Então, fui na minha amiga, fiz luzes. Aí cheguei lá, a professora olhou para mim e falou “nossa, a licença te fez bem, hein, deu até para pintar o cabelo”. Então tem isso, tem isso também, que machuca, que deixa a gente para baixo até, porque as pessoas elas só vêm o que está ali na frente delas, o superficial, elas não vêm tudo o que você passa, todos os remédios que você toma, quanto você gasta por mês com remédios, todos os médicos que você tem que ir. (Claudia)

Dejours (2015, p. 36) afirma que a “associação entre doença e vagabundagem é característica do meio”, como se, culturalmente, estivesse construída a concepção de que a doença é “voluntária”.

Claudia nos conta, ainda, que tem consciência de que necessita da aprovação das outras pessoas, de reconhecimento e valorização para que se sintam bem.

O que eu faço está bom, as pessoas gostam “olha está legal, você fez bastante, você ajudou, você fez isso, fez aquilo...”, as pessoas aprovam. Eu acho que eu também tenho um pouco de receio da aprovação (sic) das pessoas. (Claudia)

Está certo que professor é mais fácil a gente lembrar, que professor é um só e aluno a gente tem um monte. Mas eu fico muito feliz quando eles lembram de mim “a pro Claudia, a professora Claudia”, eu gosto. [...] Ele fala “até hoje eu lembro de você, eu lembro da sua voz”. Então, eu acho que isso é tão gostoso, tão importante. (Claudia)

A memória guarda o que é significativo, o que teve sentido para a história da pessoa. Desta maneira, saber que está na memória de um aluno, de uma maneira agradável, é tomar consciência de que afetou positivamente a vida

desse aluno, é ter um feedback que interferirá na autoconsciência, ou seja, na percepção que a professora tem de si, afetando-a e provocando mudanças.

De acordo com Dejours (2007, p.34), o “reconhecimento não é uma reivindicação secundária”

Há os indolentes e os desonestos, mas, em sua maioria, os que trabalham se esforçam por fazer o melhor, pondo nisso muita energia, paixão e investimento pessoal. É justo que essa contribuição seja reconhecida. Quando ela não é, quando passa despercebida em meio à indiferença geral ou é negada pelos outros, isso acarreta um sofrimento que é muito perigoso para a saúde mental. (DEJOURS, 2007, p. 34)

Esse reconhecimento, a percepção que o outro tem, é de suma importância para mobilizar o investimento, a implicação do profissional. Além disso, segundo Dejours (2007, p. 34), as “angústias”, “dúvidas”, “decepções” e “desânimos” são reconhecidos junto com a “qualidade do trabalho”, fazendo com que o profissional sinta que todas as dificuldades que vivenciou não foram em vão.

4.4. – Eixo: PPP e Equipe Gestora

A importância do Projeto Político Pedagógico (PPP) na escola é indiscutível, pois é nele que estão registradas as concepções, diretrizes, intenções e projetos da escola. Talvez o fato de ser construído verbalmente no coletivo e escrito por um número menor de pessoas, que assumem o papel de sistematizar as discussões coletivas, faça com que muitas pessoas não se percebam conta do quão vivo, presente e potente é este documento.

Eu vou ser bem sincera, eu nunca cheguei a ver PPP, e com funções. Você quer dizer assim de readaptados, essas coisas? (Laura)

Para te dizer a verdade eu não conheço os PPPs. No Inspetor ainda é daquela época que a CP fazia e ficava na gaveta. Então, pelo que me lembro, os professores ajudavam na construção do PPP, simplesmente passando questionário para os alunos, e ajudando na elaboração do

PEA, escolhendo o tema do PEA, mas eu não me lembro de ter participado e nem ter visto esse PPP. (Luciene)

Lá no Deputada foi uma época muito tumultuada porque eu tive dois anos e pouco afastada. Esse ano eu sei que está em construção porque ela teve que refazer algumas coisas. Então, assim, eu não tive acesso, muito, aos PPPs, mas assim, falta de interesse meu também, isso é. (Luciene)

Esses relatos chamam a atenção para a percepção que se tem do PPP como um documento, composto de pedacinhos, do qual não se tem a noção do todo, mas que não tem problema não ter essa noção, pois não modificará o cotidiano. Na educação infantil, anualmente, é feita uma avaliação dos indicadores de qualidade e algumas questões buscam saber sobre a construção democrática e a acessibilidade do PPP.

Apesar de o PPP ser concebido como um documento de responsabilidade de todos, na prática a equipe gestora é que assume sua sistematização. Esses relatos, portanto, devem servir de alerta sobre a necessidade de encontrar meios de implicar mais amplamente as pessoas na construção do PPP e, sobretudo, na sua implementação, pois o PPP não pode ser um papel a ser apresentado para órgãos gestores, ele deve ser o norteador das ações da escola, implicando todos numa construção coletiva.

Olha. A documentação e a filosofia que rege a criação desse documento ela é muito bem pensada. Nós temos que fazer uma carta de intenções. Você tem que se colocar na situação, você tem que encontrar um caminho dentro da unidade que você trabalha, para você, enquanto professor, enquanto readaptado. A documentação ela é muito boa e muito bem embasada. É que, às vezes, no dia a dia, eu acho que, no meu caso, faltou talvez um pouco mais de empenho meu, de procurar mais coisas, de me ocupar por mais tempo, entendeu. (Rosemeire)

A equipe gestora precisa ampliar as reflexões sobre o PPP para que todos os funcionários possam ter essa percepção, apontada pela professora Rosemeire, da potência do documento. Há necessidade que todos os funcionários se sintam implicados na construção teórica e na prática do PPP, que percebam sua potência e se sintam amparados por ele.

Apesar do amparo legal, como aponta a professora Luciene, há possibilidades e entraves para o professor readaptado em função das atitudes dos gestores.

Eu acho que a legislação com o readaptado é muito boa. O readaptado tem um amparo muito bom, muito legal. Eu acho que já ouvi falar de diretores que tratam mal, mas não acho que seja a maioria. A maioria tem um respeito. E o readaptado pode ajudar muito. (Luciene)

Na prática, a postura da equipe gestora terá grande relevância para o desenvolvimento do trabalho dos professores readaptados. Dependendo do direcionamento dado, a situação do professor readaptado pode ficar muito desagradável e, dificilmente, o professor terá forças ou condições para resolver a situação com assertividade e acaba se sujeitando à ordem da direção, como indica a professora Claudia.

Mas, assim, eu acho que foi um problema da direção da escola, eles afastaram os professores da vivência totalmente. Eu nunca me esqueço quando ela falou assim “você vão ficar nessa sala, eu não quero ver professor readaptado circulando na escola”. [...] Ela não queria que a gente fizesse alguma coisa. [...] Ou senão ela falava assim “ah, mas você está bem, quando você entrou você sabia que ia ser assim”. Então esses dois anos, mas foi por conta da direção, foram anos muito difíceis. (Claudia)

E aí você ouvi o relato das experiências de algumas pessoas que são realmente destrutadas no ambiente de trabalho por conta do laudo de readaptação. (Fernanda)

Precisamos nos lembrar que existe também o outro lado, quando a direção tenta atribuir algo para o professor readaptado e não consegue, como conta a professora Luciene.

Só que aí, assim, o diretor não consegue dar uma função para o professor readaptado porque ele tira licença. Então onde está errado? Será que é realmente a organização ou o próprio professor que não quer saber de trabalhar? (Luciene)

Assim como é possível encontrar a harmonia, o olhar atento da gestão e o desejo do professor em contribuir com o que pode. Percebe-se, nesse ponto, que tanto gestores quanto professores podem assumir posições que negam ou afirmam a possibilidade de trabalho e de pertencimento do professor readaptado.

Até teve uma coisa muito legal, eu tive uma diretora, [...] ela falou assim “o portão de entrada esse ano vai mudar, não vai ser mais junto com o estacionamento aquela entrada” [...] eu vou mudar por causa da Laura [...] e eu fiquei muito contente com a atitude dela, fiquei morrendo de vergonha, sei que algumas pessoas acharam que não tinha nada a ver ela ter mudado, mas sei lá, ela conseguiu me olhar de um jeito. E foi muito bacana, eu consegui trabalhar este ano.
(Laura)

E a Carla já logo, eu não sei se é porque a Carla foi readaptada, ela tinha uma visão diferenciada e aí logo que ela entrou, ela já colocou, fez uma reunião com a gente e falou “vamos fazer assim, cada um vai ter uma função, cada um vai fazer uma coisa. O que você gosta de fazer? O que você tem interesse em fazer?” Isso mudou tudo. Isso mudou tudo, acho que para todas as readaptadas da escola, porque todo mundo foi trabalhar com aquilo que se sentia bem fazendo. Então é aquilo, nós fomos respeitadas. (Claudia)

Hoje eu estou readaptada na educação infantil porque, primeiro, é uma escola que respeita o readaptado. O readaptado é bem tratado, o contato com as crianças ali é legal. A equipe da escola que estou eu gosto muito. (Luciene)

Quando eles fizeram a readaptação eles tinham um rol de atividades que eu não podia fazer. E aí a direção foi tendo esse tato. Ela não se preocupou só com o que eu não podia fazer, ela procurou respeitar a minha limitação emocional. (Erika)

Teve atribuição que foi colocada pela gestão e teve coisa que também “oh, na outra escola eu estava acostumada a fazer, se quiser eu posso fazer”, “ah, legal, então pode fazer”.
(Fernanda)

Quando eu cheguei lá já tinha uma listinha de atribuições para mim. Então por um lado também já deu uma facilitada para quando eu chegasse lá todos os dias já meio que saber o que eu tinha que fazer. Depois, ao longo do tempo, é, essas atribuições foram mudando, na medida em que foram percebendo que eu poderia fazer alguma outra coisa além daquelas que tinham me passado, essas atribuições foram mudando mesmo. (Fernanda)

Quando você tem a sorte de pegar uma equipe gestora bacana, você ainda consegue desempenhar papéis e se sentir produtiva. Quando não, quando você pega uma equipe gestora, você fica fazendo aquelas funções que ninguém quer fazer. É como assim “o readaptado está lá, vamos colocar ele para fazer aquilo que ninguém quer”, “vai limpar o almoxarifado” sabe, porque ninguém quer fazer, nenhum professor quer fazer. E assim, então, você fica se sentindo

pior ainda emocionalmente ou em termos de potência de trabalho, você fica fazendo aquilo que ninguém quer fazer. (Erika)

De acordo com os relatos das professoras, como não há uma função específica, pois cada laudo deve ser respeitado no momento da distribuição de funções, a equipe gestora passa a ter um papel fundamental no direcionamento do processo de inclusão do professor readaptado na equipe, de modo que todos possam se sentir responsáveis pelas práticas e pelos registros, pelo PPP da escola. Sem dúvida, a maneira como a equipe gestora acolhe o professor readaptado é um fator fundamental que, para além da própria situação desse professor, mostra o comprometimento com a escola, seu funcionamento e, sobretudo, com os fins da educação, fazendo do espaço escolar um lugar de desenvolvimento coletivo e de humanização.

4.5. – Mesmice e metamorfose

O processo vivido pode possibilitar mudanças, às vezes pequenas, às vezes profundas, às vezes emancipatórias ou uma mera reposição de papéis. Ciampa (2005, pp. 193-194) afirma que “à medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência (tanto quanto na atividade)”. Esse processo é dialético, pois a consciência do processo será um dos determinantes das mudanças, assim como as mudanças contribuirão para que a consciência se desenvolva. Ciampa (2012, p. 61) afirma, ainda, que “há mudanças mais ou menos previsíveis, mais ou menos desejáveis, mais ou menos controláveis, mais ou menos... mudanças”, apresentando-se, assim, de maneira diversa, como parte de processos e contextos.

Laura conta sua percepção no momento do processo que está vivendo.

Eu achei que eu soubesse escrever. Hoje eu tenho um pouco de bloqueio de escrever, eu não gosto de escrever [...] eu não sou boa em nada de manual, assim, atividades manuais, eu sou péssima. Tecnologia eu também sou ruim. No que eu sou boa? [...] E daí eu também me cobro,

porque, o que eu gosto de fazer? O que eu sei fazer? E hoje eu estou tentando ser mais boazinha comigo, mas teve muitas vezes que eu achei que eu sou uma fraude, que eu não sou boa, eu não tenho nenhum talento. (Laura)

O que a professora coloca em destaque são os fazeres profissionais nos quais possui alguma dificuldade, nos quais não se reconhece, generalizando como se ela fosse *uma fraude*. Mas também mostra que está *tentando ser mais boazinha* consigo mesma.

Laura conta que cuidou do pai doente até sua morte, e que agora cuida da mãe, que está bastante adoentada. A professora narra que sabe que é uma ótima filha, mas sabe que logo deixará de ser.

Mas era uma coisa que eu estava me debatendo bastante comigo. Porque assim, a coisa que eu me reconhecia, que eu me via com valor, talvez, aqui no nosso mundo físico, esteja terminando. (Laura)

Ao contar esse momento dolorido que está vivendo, é como se não pudesse ser mais que uma coisa, como se o exercício de um papel excluísse a possibilidade de realização nos demais. Ao mesmo tempo que esse relato anuncia a morte de um papel (filha), parece estender-se para a morte da identidade, como se esta se resumisse apenas ao papel de filha, e nenhum outro restasse, quando diz que *não vou ser mais*, se referindo à *única coisa* em que se via *boa*. É como se depois que a mãe falecer, sobrasse alguém que não tem mais papéis, pois não tem outros “talentos”. No entanto, ela anuncia uma abertura para descobertas. E quando perguntada sobre o que gostaria de fazer, ela diz:

Eu continuaria lendo D.O., que eu gosto, é uma coisa que eu acho que eu fico bem informada. Eu gosto também de mexer no livro ponto. Esse ano eu não fiz, é claro, eu não estava lá com a Paula, mas eu estava aprendendo. Essa coisa de fez tantos JEX³, marca lá, ela estava me ensinando. Eu esqueci tudo, mas tem uma tabelinha, acho legal fazer isso. Atender telefone também não é nada que... Agora assim, lidar com público não, não. (Laura)

Ao apontar o que gostaria de fazer, a professora diz sobre suas potencialidades, sobre sua disponibilidade em aprender coisas novas.

³ Jornada Especial de Hora-aula Excedente – trata-se de aulas dadas além da carga horária normal de trabalho

É. Eu caminhei, porque eu estou perguntando. Antes eu falava que eu não era boa em nada. Agora eu estou perguntando. Eu caminhei. Eu preciso descobrir no que eu sou boa. (Laura)

Como narra a própria professora, ela “está caminhando”, tem consciência de estar vivendo um processo e de estar se modificando nesse processo. Não podemos falar sobre uma metamorfose emancipatória, pois a professora ainda não encontrou outros papéis, não se vê como professora, se denomina funcionária pública, mas ainda não encontrou sua função, não gostaria de estar na escola, mas também não percebe condições para estar em outro lugar. Ciampa (2012, p. 72), afirma que “é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”, evidenciando que os processos e contextos precisam ser considerados para que haja a compreensão do caminhar desta professora.

Percepção similar, no sentido de não se ver como professora, mas também não perceber condições para estar em outro lugar naquele momento, é a da professora Erika; porém, ela ainda alimenta a ideia de retornar à sala de aula.

Para mim a questão de voltar para a sala de aula é uma questão de fechamento interno. É eu conseguir ser capaz de olhar para meu gatilho, aquilo que disparou todo esse processo, ele não é o responsável, ele só foi a gota d'água, e conseguir enfrentar. Para mim esse é o resultado, eu cheguei num processo terapêutico que eu consegui finalizar, que eu consegui significar tudo, que eu consegui me reestruturar. Me reestruturar de tal forma que eu consiga voltar para a sala de aula e exercer o papel para o qual eu estudei. (Erika)

Ao mesmo tempo ela começa a alimentar dúvidas sobre os motivos que a levam a alimentar esse desejo de retorno

E aí, de repente, para você se sentir completo, você precisa fazer o enfrentamento. Preciso voltar para a sala de aula para me sentir completa? Para me sentir capaz, para provar para mim mesma que sou capaz? Porque é tanta não capacidade que a gente fica com a sensação que talvez essa minha fixação de tentar voltar para a sala de aula seja mais para conseguir não me sentir assim, não sei. (Erika)

À medida que a professora passa a se questionar, ela começa a pensar sobre o processo que tem vivido, aquilo que a afeta e como se mobiliza diante de tais pensamentos. Ela evidencia que atualmente se percebe diferente, o que caracteriza a consciência de estar vivendo um processo no qual suas ações provocam transformações e a transformam. Essa consciência precisa se ampliar para que a professora perceba que, como afirma Ciampa (2012, p.71), “o homem não está limitado no seu vir-a-ser por um fim preestabelecido”, o que implica que ela não está limitada ao estigma de “não capaz”. E que, por outro lado, o homem “não está liberado das condições históricas em que vive, de modo que seu vir-a-ser fosse uma indeterminação absoluta” (Ciampa, 2012, p.71), o que implica a necessidade de reconhecer suas condições e refletir sobre suas possibilidades.

Hoje em dia, trabalho junto com a minha mãe, mas a relação que eu crio hoje é por mim e não por ela, hoje eu não preciso mais dela para me dizer “olha confia, não confia”, eu já consigo lidar melhor com isso sem o intermédio dela. (Erika)

A professora esclarece, ainda, que o adjetivo “readaptada” marca a pessoa de tal modo que ela considera que seria mais fácil superar este momento se, em vez de precisar se readaptar no cargo, pudesse trocar de cargo, pudesse optar por algum cargo que lhe permitisse ter clareza sobre sua função.

Eu acho que só de tirar a palavra readaptada, eu acho que já perderia o peso. Eu acho que, de verdade, quando eu falo “eu sou funcionária pública” eu me sinto muito mais confortável do que quando eu digo “eu sou professora”, porque eu não sou professora, eu não exerço a profissão. Eu sou funcionária pública, eu exerço tal atividade. Eu acho que é muito mais enriquecedor para mim. Eu me sentiria plena. Eu não sou a professora readaptada. Eu sou funcionária pública e eu faço isso. (Erika)

E também demonstra clareza sobre sua condição e suas possibilidades, destacando algumas de suas conquistas no decorrer do processo vivido.

Hoje eu consigo perceber que é melhor eu ficar readaptada e manter a minha sanidade do que forçar um negócio para eu regredir, correr o risco de regredir tudo o que eu progredi. Não acho que eu mereça isso, não acho que seja justo comigo colocar tudo isso em risco. Hoje eu consigo ir trabalhar, hoje eu consigo debater, consigo questionar com assertividade. (Erika)

A professora não deseja permanecer na condição de readaptada e tem feito alguns movimentos com o intuito de modificar isso, como a terapia e a formação em outra área, contudo começa a tomar consciência de que negar sua condição é negar a produção de algo a partir da condição real, e começa a perceber mudanças, que para ela são significativas, como *ir trabalhar e questionar com assertividade*.

Mudanças também são percebidas pela professora Claudia.

E hoje eu não voltaria. Isso que eu acho estranho, porque apesar de eu gostar tanto, eu ainda gosto, eu ainda queria estar com as crianças, mas eu não voltaria mais, eu tenho medo de voltar. [...] Eu gostaria de voltar, mas se eu fosse como eu era, com o pique que eu tinha, que hoje eu acho que eu não tenho mais. (Claudia)

Não voltaria porque não consegue se ver como era antes, mas também porque buscou significado no que faz atualmente.

Então para voltar pela metade, eu prefiro ficar onde eu estou. Porque, pelo menos onde estou, estou trabalhando, estou ajudando. (Claudia)

A professora buscou sentido em sua nova condição.

Eu me sinto bem fazendo o que estou fazendo. [...] Então, eu acho que eu estou bem por isso, porque as pessoas gostam daquilo que eu faço, demonstram isso, esse... valorizam esse trabalho que eu faço, mesmo não estando na sala. (Claudia)

Claudia construiu sentidos que, segundo Placco e Souza (2015, p. 44), “dizem respeito à interpretação que cada sujeito dá aos significados”. Sendo assim o trabalho tem sentido para a professora porque é valorizado, porque as pessoas gostam do que ela faz. “Portanto, falar em sentidos é falar de subjetividade, da dialética afeto/cognição, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo.” (AGUIAR, LIEBESNY, MARCHESAN e SANCHEZ, 2009, P.65).

Estando em uma nova condição, que não lhe permite desenvolver as mesmas funções docentes dos professores que estão em sala de aula, ela consegue ressignificar o seu trabalho e reconhecer-se professora nas ações que desenvolve.

E, assim, acho que na hora que, vamos supor, eu sento com uma menina que acabou de chegar na prefeitura. Sento e vou explicar “olha faz curso, a evolução é assim”, sento porque eu gosto de explicar ou senão eu falo: “a gente está aqui para te ajudar, então se você precisar de algum material você me pede, olha, aqui tem isso, aqui tem aquilo...”, então parece que estou passando um pouco do que eu vivi para ela, da minha experiência. Então, nesse sentido ainda me sinto professora. Quando eu vejo uma criança, converso, “olha não põe a boquinha na água, na torneira”, então tudo isso eu ainda me sinto professora, eu ainda sou professora. Só não estou na função de professora, só isso. Mas eu voltei a me sentir professora. (Claudia)

Quando adoeceu e foi readaptada, tendo que chegar na escola e ficar sem função, a professora Claudia perdeu sua função, deixou de ser quem era e, durante um tempo, assumiu a personagem de “professora sem função”. Mas quando se viu “realmente readaptada”, começou a “fazer de tudo um pouco para se sentir útil” e encontrou para si a função de auxiliar na parte pedagógica de nas questões funcionais das professoras, construiu uma nova personagem.

Eu não consigo ficar parada. Isso aí eu não mudei. E, assim, para me atualizar, para querer aprender coisa nova, também não. Acho que isso eu não vou, mesmo velhinha, nem que eu tenha que aprender a fazer tricô e crochê, mas eu vou aprender alguma coisa. (Claudia)

Ao identificar as mudanças pelas quais passou, também identifica o que não mudou, sua mesmidade, a de sujeito sempre aprendente. A disponibilidade para aprender a mantém aberta às possibilidades, às mudanças, à concretização de sua “mesmidade: mesmidade do pensar e ser” (CIAMPA, 2005, p. 148).

Por outro lado, a professora Luciene evidencia um trabalho para reposição da nova identidade.

Tanto que eu poderia, a minha readaptação cessa automaticamente agora em novembro e eu poderia simplesmente voltar. Não, eu já fui no médico, já peguei um novo laudo e agora, semana que vem, já vou encaminhar para ver se eu pego mais um ano de readaptação, e assim, como eu falei para você, são quatro anos para eu me aposentar, cada ano de readaptação é um ano a mais. Eu não acho ruim não. (Luciene)

A professora Luciene não pediu para se acidentar, mas a readaptação veio no momento em que ela estava buscando um lugar onde pudesse se sentir melhor, pois como ela afirma *vai chegando em uma fase que a paciência já não é a mesma.*

Assim, a professora não enfrentou dificuldades para se adaptar à nova identidade.

Eu tenho pouco tempo, na verdade como readaptada. Eu comecei em 2018 no meio do ano. Então no ano de 2018 eu não tinha uma função muito definida não. Eu fazia o que precisasse. [...] Em 2019 já teve uma organização um pouco melhor, porque aí a Paula me pediu que eu cuidasse da merenda. [...] E agora esse ano também teve a mudança de nós termos que participar da JEIF, então esse meu tempo de secretaria acabou diminuindo. (Luciene)

Para a professora Luciene, ainda que tenha havido algumas mudanças com relação ao cumprimento do horário de formação, o trabalho como professora readaptada lhe agrada.

O trabalho do readaptado, eu estou mais na parte administrativa. Eu gosto dessa, assim, eu não tenho a responsabilidade da direção, só que estou envolvida na parte administrativa, e isso é legal (Luciene)

O que atende sua necessidade no momento, já que voltar à antiga condição não é algo desejável, pois faltam apenas quatro anos para a aposentadoria e a situação em sala de aula já não estava adequada. De acordo com Ciampa (2005, p. 163), “enquanto atores estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas”. Profissionalmente novas personagens não são desejadas pela professora, o que a leva a tentar manter a atual, de professora readaptada.

A professora enfatiza, contudo, que tem consciência de sua situação e do que almeja para sua vida, bem como tem compromisso e responsabilidade profissional, estando disposta a fazer sempre o seu melhor.

Se eu tiver que voltar para a sala de aula, eu com certeza vou repensar se eu vou continuar ali ou não. Porque se estiver me fazendo mal e eu fazendo mal para o aluno, não é legal. Então, eu posso sim vir a tentar mudar de escola. [...] Lógico eu tento fazer o melhor que eu posso, em qualquer lugar. Se eu tiver que voltar para a sala eu vou ser a melhor professora que eu puder ser. (Luciene)

A professora demonstra segurança no que quer e ao mesmo tempo disponibilidade para enfrentar alguma mudança que não tenha sido desejada. Ela não parece sofrer com a possibilidade de não ter a readaptação renovada

em algum momento e transmite tranquilidade ao dizer que, se for necessário voltar para a sala de aula, fará o seu melhor.

Acho que sempre consegui manter a cabeça no lugar, eu conheço meu limite, eu não vou me pôr a fazer uma coisa que vai me desgastar psicologicamente. (Luciene)

A fala da professora evidencia a existência de autoconsciência de quem é e do que quer. Segundo Nóvoa (2007, p. 16), a autoconsciência é um dos pilares do processo identitário dos professores, pois “em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação”.

A professora Fernanda também evidencia autoconsciência de suas condições e dos desafios que enfrentaria caso conseguisse retornar para a sala de aula. De acordo com Nóvoa (2007, p. 16), a autoconsciência “é uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo”, portanto, a autoconsciência de suas condições e dos desafios implica também a disponibilidade para a “inovação pedagógica”.

Eu tenho certeza que não ia ser fácil para mim porque é um tempo muito grande que eu já fiquei afastada, eu vou pegar uma turma hoje que eu não peguei lá no início do ano para conhecê-los e saber as demandas deles e ver quais são as questões de cada um, os problemas de cada um, as dificuldades de cada um. [...] Então não vai ser uma situação confortável, não vai ser fácil. (Fernanda)

Seu desejo de retornar à sala de aula se dá pela incerteza de sua condição, nem se torna definitiva nem retorna à sala, precisa periodicamente se sujeitar à avaliação e, muitas vezes, aos maus tratos dos peritos. Contudo, indica disposição para lidar com as condições dadas.

Então, no começo, até você ir caminhando e conquistar o seu espaço. Aí os professores percebem, que nem, se você se coloca disponível para ajudá-los em algumas coisas, então, aí você volta a fazer parte do grupo. E o pessoal também do administrativo da escola, que percebe que também pode contar com você, também te integra ali, entendeu? Então, depois de um tempo, a coisa já começou a fluir melhor, então eu já percebi que determinadas coisas você passa até, as pessoas, a você ser referência: “Ah, procura a Fernanda para tal coisa. Ah, isso aqui,

vai, procura a Fernanda, que a Fernanda, está com ela isso aí”. Então, aí você já começa a ver que: “poxa, não estou tão assim à toa. Estou fazendo alguma coisa”, que aí você começa a se sentir útil. Você acaba conquistando seu espaço na escola e aí você já tem as suas atribuições mesmo. E eu fazia coisas tanto na parte administrativa, como algumas coisas também pedagógicas. (Fernanda)

Fernanda viveu um processo de conquista de espaço, de se sentir novamente pertencente a um grupo. Ela cria uma nova personagem que, apropriada de novas funções, reconquista seu espaço como professora, mas também conquista um espaço na administração. A professora se coloca com um sentimento de pertencimento ampliado, o sentimento de ser realmente aceita pelos grupos que existem dentro da escola, fazendo parte de dois deles e servindo de referência quando se trata de alguns assuntos, o que aprofunda a percepção de pertencer à equipe, ao todo.

Essa situação vivida pela professora ilustra um processo de metamorfose, em que suas ações produziram uma nova personagem, que pôde atingir o sentimento de pertença ao coletivo.

A professora Rosemeire também manifesta consciência de que retornar à sala de aula lhe traria desafios, com os quais, ao contrário de Fernanda, não deseja lidar. A professora conhece o processo que viveu e teme colocar em risco os avanços conquistados em relação à sua saúde; portanto, se pudesse escolher, se manteria readaptada, mas não está disposta a manter o laudo inicial.

Vai ser uma nova aprendizagem. Porque quatro anos se passaram, e quatro anos, eu vou te falar. Eu fico com os meus dois netinhos aqui, chega uma hora que eu não sei mais o que fazer. Vai ser difícil, porque a criança pequena você também precisa ter energia, uma mente ativa. Quando você faz muito uma coisa você vai fazendo melhor. Quando você para de fazer dá uma enferrujada. É a função, o que você não usa perde a função. Eu sei que teria dificuldades, mas eu não vou atrás de laudo de psiquiatra, para falar que eu estou maluca, que eu não estou bem. Isso não, eu não vou não. (Fernanda)

Rosemeire não aceita a identidade de professora readaptada por psiquiatria, mas não se coloca de maneira passiva diante da situação, reconhece e trata outras questões de saúde que, nesse momento, dificultariam seu retorno

à sala de aula e pretende expor essa nova situação aos peritos, assim que for convocada para avaliação. Além disso, está disposta a retornar à sala de aula, apesar de seu medo de reviver situações como a que a levou à readaptação e de não conseguir retomar a qualidade do trabalho que desenvolvia. Ela aponta que *o que você não usa, perde a função*, querendo dizer que perdeu a função de regente de turma e que precisaria de tempo para conseguir se reapropriar de tal função, caso seja necessário retornar à sala.

Contudo, se alegra ao dizer que se mobilizou para conquistar uma função dentro das condições que seu laudo determina.

[...] Então, eu dei a ideia de ter um whatsapp com os pais e eu estou trabalhando bastante, eu inventei um trabalho para mim. [...] Agora eu estou ocupada o tempo inteiro. E, olha, isso me faz muito bem. Eu gosto de ter assuntos mais atuais. Igual, eu consigo conversar com os professores que estão vivendo essa realidade virtual. Eu converso com as mães. Eu consigo dialogar nesse novo campo de trabalho. Eu me encontrei nesse momento. Eu encontrei a importância da minha função. (Rosemeire)

A professora Rosemeire, assim como a professora Claudia encontrou significados e criou sentidos diante da nova condição. Nova personagem, uma metamorfose claramente emancipatória.

É. Agora eu me sinto mais viva, mais importante, mais, assim, fazendo um trabalho importante. [...] Eu me sinto tão importante, quando eu mando um áudio para a mãe falando “olha você precisa fazer assim” ou “você não precisa fazer nada, será automático”. Eu me sinto muito importante, eu me sinto muito bem, eu encontrei uma função. (Rosemeire)

Ela construiu uma nova personagem ao criar um novo papel e é nesse processo que se percebe a metamorfose. Através da atividade ela modificou o seu papel e se modificou. Antes da pandemia tinha dificuldade de encontrar uma função porque as atividades que havia assumido não lhe ocupavam o tempo todo, dando-lhe a sensação de incompletude. Diante da pandemia houve a necessidade do uso constante dos recursos tecnológicos, com os quais ela lida bem, dando-lhe a oportunidade de ampliar suas ações na equipe.

Pós-pandemia (sic) surgiu uma luz, um brilho, entendeu. A coordenadora me deu essa oportunidade de criar esse campo de trabalho para mim. As meninas mais jovens, a Joana, a

Vilma, elas dão um banho de tecnologia. Nossa, sabem tudo, mas eu não me sinto perdida. E nem atrás, nem diminuída. Eu me sinto ali uma, que eu tenho coisas também para contribuir. Esse período de tele trabalho me trouxe um espaço gratificante. (Rosemeire)

A professora construiu um sentimento de pertencimento ao grupo como alguém que acompanha o trabalho que está sendo desenvolvido e que tem *coisas também para contribuir*. A professora tornou consciente, nesse momento, essa percepção do quanto tem a contribuir, porque passou a usar mais os recursos tecnológicos e a se comunicar mais efetivamente com o grupo e com as famílias. Contudo, ela já estava nesse processo de construir sua nova função quando trouxe *sua outra profissão* para dentro da escola.

Isso me traz uma felicidade imensa. Isso também. Esse meu outro trabalho também pode acrescentar muito no meu trabalho da escola. Eu fiz o vídeo do dia das crianças e eu usei algumas fotos lá do Parque da Água Branca. Eu fiz um vídeo para o dia dos professores, também usei os bambus que eu fotografei lá no Parque da Água Branca, naquele dia maravilhoso. Então, eu acho que isso traz, também agrega valor ao meu trabalho na escola. (Rosemeire)

Os registros do Parque da Água Branca foram feitos em 2019, quando ela já era convidada a utilizar seus conhecimentos e ferramentas para auxiliar as professoras nos registros do trabalho com as crianças. A narrativa da professora Rosemeire evidencia a existência de um processo no qual as mudanças não são imediatamente percebidas, podendo ocorrer, ainda, a percepção de uma mudança sem a consciência de seu processo.

Os relatos encontrados nesse eixo evidenciam a importância do trabalho para essas profissionais, um trabalho que atende suas qualificações. De acordo com Dejours (2015, p. 175), “o conteúdo do trabalho é fonte de uma satisfação sublimatória”, portanto, elas passam a se sentir em condições de lidar com a readaptação quando conseguem encontrar uma função que lhes dão prazer.

Um outro ponto a ser destacado diz respeito ao processo de consciência vivido pelas professoras. Segundo Kahhale e Rosa (2009, p. 33)

Este processo humano, no qual consciência e atividade se constituem mutuamente (na medida em que a consciência se produz a partir da atividade humana, a qual é necessariamente atividade consciente,

dotada de sentido e de intencionalidade) é possível pelo desenvolvimento da linguagem como recurso mediador da atividade e do pensamento.

E é nesse processo, em que a atividade tem sentido para as professoras e é consciente, que elas conseguem se transformar.

Nos relatos das professoras Claudia, Fernanda e Rosemeire é possível encontrar um certo grau de independência, em determinado momento, quanto à criação e administração de suas funções, de maneira que estas possuem sentido para elas. De acordo com Baptista (2004), a mesmice impede o indivíduo de:

[...]alcançar o grau de independência em relação a esses papéis e, conseqüentemente uma identidade autônoma. A metamorfose – movimento oposto ao da mesmice – é concebida como uma mudança que envolve uma superação dialética, uma alterização. Ela é explicitada tanto na consciência quanto na atividade e leva o indivíduo a um movimento evolutivo na direção de uma realidade mais humanizada, concebida como aquela que pressupõe uma convivência comunitária, construída a partir de valores de liberdade e igualdade. (BAPTISTA, 2004, p. 146)

Isso implica dizer que essas professoras estão no movimento da metamorfose, pois superaram a não função, a perda da identidade profissional, constituindo uma nova identidade, autônoma, já que criam projetos e atividades que envolvem o grupo, que as colocam novamente pertencentes ao coletivo.

De acordo com Ciampa

Não se trata, evidentemente, de conceitos abstratos e definitivos que considerem o homem pura consciência, só como subjetividade (este o risco idealista); nem também de reduzi-lo à simples condição de coisa, só como objetividade (esta a armadilha materialista-mecanicista). Trata-se de considerar a superação dialética desse dualismo pela práxis. Trata-se de não contemplar inerte e quieto a história. Mas, de se engajar em projetos de coexistência humana que possibilitem um sentido da história como realização de um porvir a ser feito com os outros. (CIAMPA, 2012, p. 73)

Esse movimento de engajamento, de quem se percebe responsável pela própria história, consciente de que se constitui com o outro e que, portanto, atua pelo e com o coletivo, nos permite identificar o processo de metamorfose vivido pelas professoras.

4.5.1 – As vivências durante a pandemia

A pandemia aparece aqui porque a maioria das entrevistas foi realizada no ano de 2020, em meio à pandemia. As professoras encontram-se em *tele trabalho* na Rede Municipal de Ensino, pois apenas os gestores e a equipe de apoio (agentes escolares e auxiliares técnicos de aprendizagem) que não fazem parte do grupo de risco se mantiveram no trabalho presencial. Essa situação está sendo um grande mobilizador para a consciência de si e do outro, para a percepção das potencialidades e para o encontro de desejos, de projeções para o futuro.

Estar em *tele trabalho* proporcionou mudanças que valem ser pontuadas. Para a professora Claudia, o período de pandemia gerou medo e insegurança, mas não imobilização.

Eu acho que não me imobiliza porque a vida não deixa a gente parar, tem as contas para pagar, tem as coisas para fazer, a vida está em movimento ali. Então a gente não tem como ficar parada. (Claudia)

Ela também destaca a dificuldade de estabelecer a rotina, pois o ambiente da casa tende a exigir intervenções constantes, o que alonga o período de trabalho, pela necessidade de atuar em ambos ao mesmo tempo.

Simultaneamente eu ter uma casa para cuidar e eu ter um serviço para fazer. Isso eu não consigo, isso me deixa um pouco aflita, ansiosa. [...] Eu preferia estar no presencial. E no presencial também é mais gostoso, a gente tem contato com as pessoas. Estou sentindo muita falta das minhas amigas, estou sentindo falta da escola, até do barulho das crianças a gente sente falta. (Claudia)

O espaço físico pode favorecer a delimitação dos papéis a serem desempenhados, favorecendo o estabelecimento de uma rotina saudável, que não gere *ansiedade*, mas o ambiente e a dificuldade no estabelecimento da rotina não a impediu de criar algo para movimentar a equipe.

Inspirada por uma das *lives* pedagógicas que ocorreu nesse período, ela se reuniu com outras professoras readaptadas e propôs um projeto para ser desenvolvido com as crianças.

A gente está bolando um projeto; é para colocar no classroom, já começou, deu certo, eu fiquei super feliz. [...] E é tão legal, porque mexeu com todo mundo da escola. (Claudia)

Apesar de estar vivendo um momento preocupante, que lhe causa medo, a professora Claudia pensou em ações que pudessem mantê-la *ocupada* com o trabalho voltado para as crianças.

Para as professoras Laura e Erika foi a oportunidade de trabalhar sem precisar manter o contato com o ambiente escolar, com o qual ainda enfrentam algumas dificuldades de lidar.

É chato no sentido da própria pandemia, de você não poder sair, mas eu acho que seria muito mais produtiva trabalhando de casa, por exemplo, fazendo aulas on-line, produzindo, eu me sentiria mais completa do que quando eu estava na escola. [...] eu estaria bem confortável em trabalhar de casa, sem problemas. (Erika)

Eu tenho feito coisas administrativas, e não tem sido um tormento para mim. (Laura)

A professora Luciene passou a valorizar ainda mais os momentos em família e o desejo de permanecer mais tempo com ela.

Esse ano, ainda, que a gente teve pandemia, eu tive um contato com meus filhos que eu não tinha há muito tempo, de poder estar junto quando estão fazendo lição de casa, quando estão se trocando. Sabe, de poder ter uma aproximação que eu não tinha. Isso está pegando muito, eu estou querendo parar de trabalhar, estou querendo aposentar, na verdade. (Luciene)

Para a professora Rosemeire, o *tele trabalho* foi uma oportunidade de encontrar uma ampliação de suas funções, de sentir-se realizada por ser responsável por um dos segmentos nos quais se dividiram o trabalho a distância.

Agora, neste momento de pandemia, eu não sei se você sabe como está acontecendo lá no Deputada. Eu faço parte da equipe de moderadoras, eu sou moderadora de mídia. Então, eu dei a ideia de ter um whatsapp com os pais e eu estou trabalhando bastante, eu inventei um trabalho para mim, porque eu não tinha uma coisa específica para eu fazer. Tem muito readaptado lá, eu ficava procurando coisas para eu fazer, mas não tinha uma função e agora eu encontrei. [...] Esse período de tele trabalho me trouxe um espaço gratificante. (Rosemeire)

De maneiras diferentes esse período trouxe benefícios para as professoras, que puderam criar atividades ou envolver-se nas ações propostas,

podendo se sentir seguras. O diálogo com as professoras regentes passou a ser diferente, mais efetivo, pois os combinados e as informações tinham que fluir melhor para garantir um bom atendimento para as famílias e as crianças. A pandemia possibilitou oportunidade para que as professoras refletissem sobre suas funções, sobre os seus fazeres, modificando-os ou não, de acordo com as condições que se apresentaram.

4.5.2. – A escolha do nome fictício

O nome é carregado de sentidos e significados, algumas vezes ele basta para identificar uma pessoa e, para a pessoa, ele conta a história de uma vida. De acordo com Ciampa (2005, p. 136) “o nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos.” Todas as professoras se referiram aos nomes, próprios ou escolhidos, pelo sentido que tem para elas, nomes que representam força, luta e beleza.

A professora Laura conta da beleza e alegria que este nome representa para ela.

Porque eu acho lindo esse nome. Eu gosto desde sempre. Eu acho ele alegre. Então já que você vai me identificar como uma professora e já que eu contei histórias que são dolorosas, doloridas, mas tem beleza. Hoje eu consigo ver que tem beleza. Então Laura me remete a alegria.
(Laura)

As professoras Claudia e Fernanda associam os nomes à beleza e à força.

E o meu nome eu sempre achei que ficava bem para quando eu fosse pequena, grande, adolescente. Eu sempre achei o meu nome bonito. Cláudia eu acho um nome bonito, eu acho um nome forte. [...]. Ah. É chique também, é forte. É para ficar marcado. (Claudia)

Porque era um dos nomes que minha mãe também tinha pensado e acabou não. E eu preferiria esse nome até. [...] eu acho um nome forte, um nome bonito assim, sabe. (Fernanda)

As professoras Erika, Rosemeire e Luciene percebem o nome como constituinte de suas identidades, de suas histórias.

Faz parte de quem eu sou e eu tenho orgulho disso. [...] Ele significa o resultado de uma luta pela sobrevivência. Sobreviver a mim mesma. Ser o seu melhor amigo e o seu melhor inimigo. Acho que meu nome é bem isso, a junção de duas coisas opostas. É o que me dá força, é o que me identifica, é o que me separa, é o que me diferencia das outras pessoas. Eu gosto do meu nome para caramba. (Erika)

Essa é a história da minha vida. Eu tenho lutado tanto para ser eu mesma. Eu não me importo que apareça em um documento, em uma tese. Inclusive assim, é claro que eu gostaria de estar contando para você uma história de sucesso, um recorte do período que eu fui alfabetizadora. Sabe, outras coisas. Mas, essa é a minha história, essa pessoa sou eu, aconteceu isso na minha vida. (Rosemeire)

É minha identidade...não tenho problemas nenhum em usá-lo. (Luciene)

Duas professoras não titubearam em dar nomes diferentes dos seus, o que pode nos permitir inferir que ainda não se sentem fortalecidas o suficiente ou que se identificam com alguém que não são, com uma personagem forte. As outras quatro professoras apontaram que seus nomes tem sentido de luta, de superação, de força e de coragem, que estão carregados de suas histórias de vida.

4. 6 – À guisa de síntese

No decorrer da análise dos eixos, as características das professoras foram dialogando, ora se aproximando, ora se diferenciando. Todas são professoras readaptadas, essa condição as iguala. Os laudos não são iguais para todas, diferencia-as entre si. “Com isso, se revela um dos segredos da identidade: ela é a articulação da diferença e da igualdade” (CIAMPA, 2005, p. 143).

Outro destaque a ser realizado é o fato de que a constituição da identidade, a metamorfose, é um processo. Segundo Ciampa (2005, p. 95), “a tolerância, o apoio, a ajuda, certamente produzirão outros resultados. Porém, leva algum tempo, não é feitiço, nem encosto de espírito bom. É um processo humano, social, histórico.” Processo que acontecerá para cada pessoa de uma maneira, em tempos diferentes, de acordo com seus contextos e histórias de vida, conforme pudemos observar nas histórias compartilhadas pelas professoras.

No prefácio do livro “A estória de Severino e a História da Severina, um ensaio de psicologia social”, de Ciampa, Silvia Lane evidencia que a identidade é social e política.

Chega-se à identidade como metamorfose desvendando a ideologia da não metamorfose do ser humano como condição para a não metamorfose da sociedade [...] a identidade passa a ser também uma questão política, pois ela está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais onde essa atividade ocorre. É política porque a partir da análise aqui feita somos levados a questionar que espaços, que possibilidades nós nos permitimos – a nós e aos outros – de, sendo nós mesmos, nos transformarmos, nos recriarmos. (LANE, In: CIAMPA, 2005, p.12)

Ciampa (2005, p. 178) acrescenta que “é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela, conservando-a (ou transformando-a).”

À medida que as professoras readaptadas foram se fortalecendo e conquistando espaço, funções, dentro da escola, as outras professoras mudaram o olhar que tinham sobre as colegas de trabalho e até passaram a tê-las como referência naquilo que desenvolviam. Nas relações, portanto, as professoras desenvolvem atividades que impactam a constituição da identidade delas e a dos outros.

À medida que as professoras começam a questionar-se sobre suas condições e possibilidades engajam-se em um processo direcionado à transformação, que não será apenas subjetiva, mas também objetiva, que afetará seu entorno e, quem sabe, além dele.

[...] a progressiva concretização de uma identidade humana será sempre, antes de mais nada, uma questão política: Nas condições dadas, o que merece ser vivido? Que possibilidades reais (e não meramente formais) devem ser favorecidas? Que condições

necessárias devem ser produzidas? Que desejos desejar? Que trabalhos trabalhar? Que trabalhos desejar? Que desejos trabalhar? (CIAMPA, 2005, p. 223)

Mas para chegar ao ponto de conseguir se questionar e atuar há alguns desafios a serem vividos, e o meio escolar, o ambiente de trabalho, como pudemos perceber nos relatos das professoras, nem sempre favorecem a superação, o engajamento ou o simples sentimento de pertencimento; ou seja, não favorecem a metamorfose emancipatória.

Os profissionais readaptados, muitas vezes retornam à escola ainda fragilizados e desorientados. Ao chegar encontram olhares julgadores dos colegas de trabalho e acabam se sentindo segregados, marginalizados e discriminados, ou seja, excluídos do grupo.

À medida que as relações acontecem e que os profissionais se fortalecem, esse quadro dificultador do meio escolar pode ser alterado, gerando possibilidades de interações produtivas e de pertencimento a uma equipe. Ressaltemos que a diversidade precisa sempre ser considerada, portanto, de acordo com o relato das professoras, existem muitos testemunhos sobre o espaço escolar como dificultador e elas mesmas já enfrentaram espaços assim, sendo que duas delas ainda enfrentam. Por outro lado, também existem espaços escolares edificantes, que contribuem para que o processo de readaptação envolva menos sofrimento ou aconteça com tranquilidade. Quatro das professoras dizem estar, atualmente, em um espaço que lhes inclui, permitindo que criem, que produzam, que se sintam respeitadas.

Como afirmado anteriormente por Ciampa (2005) e por Lane (2005), a metamorfose do homem é responsável pela metamorfose da sociedade, dessa maneira, o espaço acolhedor e potencializador narrado por algumas das professoras foi construído, processualmente, pelas relações e posicionamentos dos diferentes profissionais que constituem o grupo. Assim, de acordo com Ciampa (2005, p. 127), a “metamorfose que se concretiza, em cada momento, de uma forma específica, dadas condições históricas e sociais determinadas”.

Os relatos evidenciam a necessidade de provocar a reflexão e tomada de consciência dos processos vividos, pois, como afirma Ronca (2007, p. 17), “a consciência de que metamorfoses ocorrem me permitem compreender que

posso contribuir para minha transformação, das pessoas com as quais trabalho e também da sociedade da qual faço parte.”

5 – Considerações finais

Todas as entrevistadas escolheram ser professoras, ainda que a razão de suas escolhas terem sido muito diferentes. Após o ingresso na rede municipal de Educação de São Paulo, algumas com pouco tempo de carreira e outras faltando pouco tempo para a aposentadoria, enfrentaram situações conflituosas, desafios desestruturantes, que as levaram à readaptação funcional.

Todas elas adoeceram e foram readaptadas; contudo, o processo se deu de maneira específica, única, para cada uma delas; portanto, é indispensável lembrarmos sempre que o homem é um ser social e histórico, parte da realidade e que lidará com as situações que se apresentam de acordo com os recursos que possui e que estejam disponíveis em cada momento. As mudanças, por serem processos, dão-se ao longo do tempo e dependem das condições objetivas e subjetivas que se apresentam.

Em suas narrativas as professoras apresentaram conteúdos que possibilitaram organizar os eixos: escolha da profissão, readaptação, condições e organização do trabalho, PPP e equipe gestora, mesmice e metamorfose. Os eixos permitiram a organização dos conteúdos trazidos e a compreensão do percurso vivido desde o momento da escolha ou do ingresso na profissão até o momento atual de suas vidas.

É possível que, para alguns profissionais, o desafio se inicie no processo de escolha, como aconteceu com a professora Laura, que antes de aceitar a ideia de ingressar no Magistério, tinha clareza de que não queria ser professora. Ela tinha um querer para sua vida profissional, mas tinha também uma certeza do que não queria. Depois mudou de ideia, cedeu às influências da família, mas direcionou sua vida profissional pela necessidade de ter um trabalho, não pelo desejo do exercício da profissão. Desta maneira, o ingresso na profissão significou sua transformação em alguém que não queria ser, em alguém que negava a si própria pela negação do que fazia.

O processo de escolha é vivido em plena adolescência, quando tudo está se transformando e não é incomum que a primeira opção profissional seja modificada à medida que as pessoas compreendem melhor as implicações de uma dada profissão, ainda na universidade.

Não é possível afirmar que a escolha profissional foi o motivo da readaptação, mas, pensando em processos, podemos dizer que a transformação pouco desejada contribuiu para as vivências que desencadearam a readaptação da professora. Assim, a maneira como esse tema apareceu nos relatos das professoras provoca a reflexão sobre o papel da escola, cuja finalidade é a formação integral do ser, na orientação dos adolescentes para que suas escolhas e o ingresso no mundo do trabalho possam acontecer de maneira mais adequada, uma vez que o trabalho é um dos elementos mais importantes na constituição da identidade.

O eixo readaptação envolve os processos vividos desde o motivo identificado pelas professoras até a percepção que elas possuem de sua situação atual. No relato das professoras foi possível identificar o uso da remoção, que se apresenta como estratégia defensiva, de fuga de uma situação conflituosa. Ao mesmo tempo que a remoção pode representar uma fuga, ela pode significar também a busca pelo novo, a esperança de encontrar um lugar ideal, um lugar onde a professora possa se sentir acolhida e respeitada.

A readaptação ofereceu às professoras um outro “outro”, que negou quem elas eram, que provocou uma mudança não desejada. Para uma das entrevistadas, a mudança foi bem aceita, tendo havido a percepção de uma oportunidade de repor uma identidade que atendeu aos seus interesses. Contudo, para as outras professoras a readaptação implicou a perda da identidade docente.

Uma delas, diante da impossibilidade de um novo papel ou de repor aquele que vivia, experimentou a morte simbólica por dez anos, o que permite dizer que ela não encontrava os recursos de que precisava para realizar enfrentamentos, para se perceber capaz de viver a situação de maneira diferente. As outras professoras levaram menos tempo para conseguir começar a lidar com a situação de maneira menos sofrida, evidenciando que, como

afirmou Ciampa (2005), se trata de um processo que envolverá tempos diferentes, mas envolverá tempo, não acontecerá como um passe de mágica.

O percurso vivido até o momento possibilitou que algumas das professoras comessem a questionar se o encaminhamento ideal, para o professor que sofreu na escola, seja o retorno para essa mesma instituição. Elas apontam a existência de potencialidades, de habilidades e de disposição para aprender, qualidades que podem ser mais bem aproveitadas em lugares, ambientes ou espaços onde se sintam acolhidas e valorizadas, onde possam construir funções que façam com que se sintam úteis e produtivas.

Temos aí uma faísca de desejo de mudança na situação funcional, na organização do setor responsável pela readaptação. Essa faísca pode ser vista hoje, após algum período de tratamento e o início da tomada de consciência de que elas têm direito à voz, a se colocar assertivamente e a criar possibilidades de pertencimento ao coletivo. É importante observar que as sugestões partem da situação atual, como se buscasse encontrar o que é possível ser vivido, o que é possível construir a partir da condição dada. Ressalte-se que a maneira como a readaptação se configura atualmente no município de São Paulo não só não ameniza o problema que levou a professora à readaptação, como pode gerar novos problemas ou intensificar os existentes.

São seis professoras readaptadas com diferentes histórias, diferentes contextos e diferentes sentidos atribuídos à readaptação funcional. A identidade é um movimento, metamorfose, que ocorre para cada uma de uma maneira diferente e que não para de acontecer. Em momentos da vida vive-se a mesmice e em outros momentos a metamorfose ou vive-se a mesmice e a metamorfose num mesmo momento da vida, mas para papéis ou personagens distintos, que coexistem. Por vezes, algumas mudanças podem parecer pequenas sob o olhar de muitas pessoas, mas podem ser imensamente significativas para outras pessoas. Ter a consciência de que foi capaz de produzir transformação na atividade e de se transformar, nesse processo, ainda que para muitos não pareça grandioso, é uma metamorfose.

É preciso que haja a consciência, também, de que o desenvolvimento do trabalho em prol da conquista dos objetivos, metas e finalidades da educação

não se dá num processo solitário, isolado, individual. O homem é um ser social e precisa do outro, da relação, para se constituir, para construir sua identidade. Neste sentido, como defendido por Heloani e Lage (2004), é preciso “repensar a maneira como esse sujeito vem sendo marginalizado”, uma vez que o próprio meio escolar, como narrado pelas entrevistadas, promove a exclusão, dificultando o processo de readaptação.

Precisamos do outro e de provocações que nos mobilizem a desacomodar, a olhar além das linhas, para ter condições de transformar a prática em práxis e se transformar, em um processo de metamorfose emancipatória.

As professoras também destacaram questões envolvendo as condições e a organização de trabalho. Quando as professoras foram encaminhadas para a escola, após a readaptação, precisaram se adaptar à sua nova condição, sem conseguir perceber mobilização por parte da equipe da escola para se adaptar a elas também, o que gerou, em alguns casos, sentimento de abandono, de inutilidade, de vazio pela ausência de função ou de conflitos em decorrência de atribuições indevidas.

Algumas professoras narram a importância da equipe gestora no processo vivido. Elas relatam acolhimento e interferências da gestão nos espaços ou nas relações, dando-lhes melhores condições de trabalho, como a distribuição de tarefas de maneira participativa, e como, para uma das professoras, a mudança do portão de entrada dos adolescentes para que a professora se sentisse mais segura e confortável para entrar na escola foi muito significativo.

O papel da equipe gestora esteve em muita evidência nas narrativas, possibilitando a percepção de que não existe um padrão na postura ou na linha de trabalho dos profissionais que compõem a equipe gestora. Foi possível encontrar relatos de professoras que foram bem recebidas e rapidamente integradas ao grupo, mas também houve relatos de abuso de autoridade, de desmandos e até de ilegalidade, na solicitação para que a professora assumisse uma sala de aula, mesmo que seu laudo não permitisse.

Apesar das diferenças individuais, existem ações que são inerentes à equipe gestora. Como a própria denominação sugere, os gestores devem gerir uma equipe; para tanto, precisam criar condições que possibilitem a constituição de equipe, no sentido amplo da palavra, que envolve um coletivo no qual as pessoas contribuem umas com as outras e desenvolvem um trabalho colaborativo. Para tanto, é preciso que os gestores criem espaço de pertencimento, envolvam a todos em um objetivo comum, impliquem o grupo na qualidade do trabalho desenvolvido.

A equipe gestora, sem sombra de dúvidas, pode (e deve) propiciar condições para que os professores readaptados sintam-se como pessoas pertencentes à equipe. É sua tarefa fazer com que o PPP seja elaborado da maneira como foi idealizado, ou seja, coletivamente, como um projeto político pedagógico da unidade, do coletivo, respeitando e garantindo as concepções de infância, de educação, de ética, respeito e, principalmente, de trabalho coletivo e colaborativo.

Também é função dos professores readaptados encontrarem-se nesse grupo, perceberem seu papel e usarem o PPP a seu favor, pois este é o espaço onde se registra o trabalho possível de ser desenvolvido.

O PPP precisa ser considerado, por todos, como um projeto em movimento, não como um documento para atender às exigências burocráticas. Ele é um espaço de direitos e de deveres, um registro da história projetada e da vivida e, portanto, precisa ser construído com base nos princípios que lhe dão sentido de ser. Mas, sobretudo, o PPP só o é de fato se for materializado, concretizado no cotidiano da escola.

Os relatos das professoras evidenciam a necessidade de que as escolas realizem encaminhamentos para modificar a maneira como o PPP é construído e vivido, para que ele passe a ser significativo para todos, tenha sua importância reconhecida e possa cumprir o papel para o qual foi idealizado.

Conseguir perceber qual é a situação atual implica uma consciência da práxis, a consciência reflexiva, o nível mais elevado de consciência humana,

para que tenhamos condições de agir, que não fiquemos imobilizados pela situação.

A consciência da práxis, ou a consciência reflexiva, é aquilo que permitirá que a pessoa enxergue o que ela pode fazer, é o que permitirá que ela tenha condições e vontade de agir, de modificar, de transformar a atividade, a sua prática e, portanto, é o que favorecerá que a pessoa saia da mesmice e possa realmente desenvolver uma metamorfose emancipatória.

É também função do gestor, que deveria estabelecer um relacionamento interpessoal saudável nas dinâmicas grupais, desenvolver a consciência na formação, tanto da importância do PPP, quanto da importância de acolhimento, que devem incluir as pessoas readaptadas e, portanto, propiciar condições de participação ativa dentro do processo de construção da escola, da identidade coletiva da escola.

Diante de todo o exposto é possível dizer que identidade profissional envolve a história de vida do sujeito, o conhecimento e tudo o que vai se construindo nas relações que ele estabelece. As tensões e pertenças desse processo de construção permitem movimentos de mesmice e de transformação. E, de acordo com a maneira como o profissional reagir diante das mudanças, processuais e/ou abruptas, desenvolverá novas características e se identificará com subgrupos ou grupos.

É possível concluir que os impactos causados pela readaptação na identidade docente não são positivos e que há necessidade de mudanças que devem começar no âmbito da legislação, da relação que é estabelecida entre a professora e os profissionais da saúde e se estender para a escola em todas as suas dimensões. Encontrar, em algumas escolas, a quantidade de professores readaptados equivalente à dos professores regentes é perceber que o sistema está adoecido e adoecendo, e que precisa ser modificado.

Dos relatos das professoras é possível extrair alguns encaminhamentos que poderiam favorecer a mudança do cenário atual: 1 – As condições de atendimento às crianças, com uma **rede de proteção** efetiva favoreceria o desenvolvimento do trabalho com crianças, adolescentes e famílias; 2 – A

garantia do quadro completo de funcionários é indispensável ao bom funcionamento da escola; 3 – A constituição de uma **equipe colaborativa** e que se apoia mutuamente evitaria a superexposição ou a sobrecarga de alguns professores; 4 - O direcionamento dos profissionais readaptados para **espaços onde se sintam produtivos e aceitos** poderia evitar alguns dos danos que a readaptação causa na identidade dos profissionais; 5 – **Flexibilidade** nas portarias sobre os momentos formativos, favorecendo a **autonomia** das escolas e evitando proibições ou obrigatoriedade de participação, sem considerar as condições de cada profissional readaptado; 6 – Preparo da equipe médica responsável pela atendimento dos profissionais da educação, para que saibam as reais condições de trabalho e para que tratem com **humanidade e respeito** as pessoas que necessitam do serviço, tendo em vista o relato das professoras com relação à existência de maus tratos, de desconhecimento das exigências da rotina do trabalho docente e do menosprezo por algumas das funções presentes na escola.

Por fim, cabe enfatizar que na realização desta pesquisa foram encontradas histórias de sofrimentos e de superação, de mesmices e de metamorfoses... histórias que indicam situações que não devem acontecer e outras que mostram a existência de espaços democráticos e respeitosos. Essas histórias contribuíram para que fiquem registradas a possibilidade e a urgência de ações que transformem as condições dadas, de mobilizações sindicais a seu favor, de construção de um ambiente de trabalho saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria “consciência”. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, nº110, p. 125-142, julho/2000.
- AGUIAR, W. M. J.; LIEBESNY, B.; MARCHESAN, E. C.; SANCHEZ, S. G. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B. e GONÇALVES, M. G. M. A dimensão subjetiva da realidade – uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- ALMEIDA, L. R.; SZIMANSKI, H. A dimensão afetiva na situação de entrevista de pesquisa em educação. In: SZYMANSKI, H. (org.). A entrevista na educação: a prática reflexiva. Brasília: Líber Livro Editora, 4ª ed., 2011.
- ANDRADE, C. D. Os dias lindos. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- AMARAL, G.A. Escuta clínica do trabalho e (re)significação do sofrimento de professoras readaptadas. Tese orientada pela Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2018.
- ARROYO, M. G. Ofício de mestre – imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAPTISTA, M. T. Identidade profissional: questões atuais. In: DUNKER, C. I. L. e PASSOS, M. C. Uma psicologia que se interroga – ensaios. São Paulo: Edicon, 2004.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Publicada no D.O.U de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
- CAPITÃO, C. G. e HELOANI, R. Gestão da subjetividade de saúde mental: para onde vamos? In: HELOANI, R.; RODRIGUES, R. R. J e SOUZA, R. M. B.

Sociedade em transformação – estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade v2. Londrina: Eduep, 2015.

CAPPELLE, M. C. A; MAFRA, F. L. N.; MIRANDA, A. R. A. Contribuições do método história de vida para estudos sobre identidade: o exemplo do estudo sobre professoras gerentes. Revista de Ciências da Administração, v. 16, nº40, p. 59-74, dez. 2014. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p59>. Acesso em 10/12/2020.

CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. As categorias fundamentais da psicologia social. In: LANE, S. T. M. e CODO, W (orgs.). Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 2012.

CIAMPA, A. C.; PACHECO, K. M. B. O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação. ACTA FISIATRICA 2006; 13(3): 163 – 167. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102746> - acesso em 12/08/2020.

CODO, W. O fazer e a consciência. In: LANE, S. T. M. e CODO, W (orgs.). Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 2012.

COLASSANTI, M. Eu sei mas não devia. In: BRASIL. O pequeno livro das grandes emoções. – Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 5/11/2020

COLOMBY, R. K.; COSTA, S. G.; LOPES, F. T.; PERES, A. L. Histórias de vida como um caminho metodológico em estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/151>. Acesso em 10/12/2020.

CUNHA, L. de F. da. Atenção, consciência e prática pedagógica: um estudo de suas interconexões. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Salonilde Ferreira. Natal, RN, 2014.

DEJOURS, C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. A loucura do trabalho – estudo de psicopatologia do trabalho. 6^a ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DUBAR, C. Formação, trabalho e identidade profissionais. In: CANÁRIO, R.(org.). Formação e situações de trabalho. Porto – Portugal: Porto Editora, 2003.

_____. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A crise das identidades: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (org.). Profissão Professor. Porto – Portugal: Porto Editora, 2014.

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo. 4^aed. Brasília: Líber Livro, 2012.

FERREIRA, G. N. Professores readaptados em um município do litoral norte de SP: mudanças e conflitos em sua identidade profissional. Dissertação orientada pela Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala. Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2017.

FURTADO, O. Trabalho e solidariedade. São Paulo: Cortez, 2011.

- GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. São Paulo: Caderno de pesquisa, n. 98, p.85-90, ago. 1996. Acesso em 10/04/2020. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/798/809>
- GONZAGA, A. M. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. Pesquisa em educação – alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 3ª ed., 2015.
- HELOANI, J. R. e LAGE, R. F. “Discriminação e preconceito” A identidade deteriorada: um estudo de identidade com trabalhadores lesionados. In: DUNKER, C. I. L. e PASSOS, M. C. Uma psicologia que se interroga – ensaios. São Paulo: Edicon, 2004.
- HELOANI, J. R e CAPITÃO, C. G. Gestão da subjetividade e saúde mental: para onde vamos? In: HELOANI, R.; RODRIGUES, R. R. J e SOUZA, R. M. B. Sociedade em transformação – estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade v2. Londrina: Eduel, 2015.
- HOLLY, M. L. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, A.(org.). Vidas de Professores. Porto – Portugal: Porto Editora, 2007.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A.(org.). Vidas de Professores. Porto – Portugal: Porto Editora, 2007.
- JESUS, J. S. A situação de professores readaptados alocados em bibliotecas públicas. Dissertação orientada pelo Prof. Dr. José Roberto da Rocha Bernardo. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2018.
- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- KAHHALE, E. M. S. P. e ROSA, E.Z. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, A. M. B. e GONÇALVES, M. G. M. A dimensão subjetiva da realidade – uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- LEMES, N. C. S. Usos de si e testemunho de trabalhadores docentes readaptados. Tese orientada pelo Prof. Dr. Wanderson Ferreira Alves. Universidade Federal de Goiás. Goiânia-GO, 2019.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2ª ed., 2015.
- MACAIA, A.A.S. Excluídos no trabalho? Análise sobre o processo de afastamento por transtornos mentais e comportamentais, e retorno ao trabalho de professores da rede pública municipal de São Paulo. Tese orientada pela Profa. Dra. Frida Maria Fisher. Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2013.
- MACEDO, I. J. P. M. Eu sou uma (que) tenho nada! falei! Explicitação da consciência e do inconsciente na análise de docentes readaptados funcionalmente. Dissertação orientada pela Profa. Dra. Inara Barbosa Leão. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2018.
- MELLO, Thiago de. Mormaço na Floresta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno Editores, 1981
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-formação. In: NÓVOA, A.(org.). Vidas de Professores. Porto – Portugal: Porto Editora, 2007.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2008.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Revista de Administração de empresas, Jul./Set. 2001, v. 41, n. 3, p. 8-19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02>. Acesso em 15/09/2020.

NERIS, M. A. L. Representações sociais da identidade de docente readaptado no Magistério público do Distrito Federal. Tese orientada pelo Prof. Dr. Vicente de Paula Faleiros. Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2018.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A.(org.). Vidas de Professores. Porto – Portugal: Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, R.M. “Atende aí que é a readaptada da tarde”. Sentidos-e-significados do trabalho do professor em readaptação. Tese orientada pela Profa. Dra. Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2018.

PEZZUOL, M. L. M. Identidade e trabalho docente: A situação do professor readaptado em escolas públicas do Estado de São Paulo. Dissertação orientada pela Profa. Dra. Rosemary Roggero. Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes-SP, 2008.

PLACCO, V. M. N. S. e SOUZA, V. L. T. A construção identitária de professores em contexto. In: ALMEIDA, L. R. e PLACCO, V. M. N. S. e SOUZA (orgs). O coordenador pedagógico e o trabalho colaborativo na escola. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

_____. Aprendizagem do adulto professor. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PRIBERAM. “Identidade” - in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020, <http://www.priberam.pt/dlpo/identidade> [consultado em 15-01-2020]. <https://dicionario.priberam.org/identidade>.

RONCA, V. F. C. Docência e Ad-miração (da imitação à autonomia). São Paulo: Edesplan, 2007.

SACRISTÁN, J.G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). Profissão Professor. Porto – Portugal: Porto Editora, 2014.

SANTOS, L. M. O sentido da Readaptação atribuído pelas professoras. Dissertação orientada pela Profa. Dra. Sonia da Cunha. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015.

SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Paulo. Lei 8.989, de 29 de outubro de 1979 – Estatuto dos funcionários públicos do município de São Paulo. Diário Oficial da Cidade de 30/10/1979. São Paulo, 1979.

_____. Prefeitura do Município de São Paulo. Decreto nº 33.801, de 10 de novembro de 1993. Diário Oficial da Cidade de 11/11/1993, p.1. São Paulo, 1993.

_____. Prefeitura do Município de São Paulo. Lei nº14.660 de 26 de dezembro 2007. Diário Oficial da Cidade de 27/12/2007, p. 5 à 13. São Paulo, 2007

_____. Prefeitura do Município de São Paulo. Decreto nº 54.453, de 10 de outubro de 2013. Diário Oficial da Cidade de 11/10/2013, p.1. São Paulo, 2013.

_____. Prefeitura do Município de São Paulo. Decreto nº 58.225, de 09 de maio de 2018. Diário Oficial da Cidade de 10/05/2018, p.1. São Paulo, 2018.

_____. Prefeitura do Município de São Paulo. Portal da transparência: <http://www.portaltransparencia.gov.br/>, <http://esic.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso iniciado em 20/06/2018, continuado em 2019 e 2020.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Educação Infantil. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. A Instrução Normativa SME nº 001, de 23 de janeiro de 2020, publicada no Diário Oficial da Cidade do dia 24 de janeiro de 2020, páginas 12 e 13.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SZYMANSKI, H. (org.). A entrevista na educação: a prática reflexiva. Brasília: Líber Livro Editora, 4ª ed., 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOLFO, S. R. e SOUZA, R. M. B. Significado do trabalho: abordagens teórico-metodológicas. In: HELOANI, R.; RODRIGUES, R. R. J e SOUZA, R. M. B. Sociedade em transformação – estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade v2. Londrina: Eduel, 2015.

VAZQUEZ, A. S. Filosofia da práxis. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VIEIRA, R.C. Readaptação funcional de professores no serviço público: dramas pessoais em meio a conflitos intersubjetivos e organizacionais. Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Francisco de Paula Antunes Lima. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2013.

APÊNDICE

1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA FERNANDA⁴

ENTREVISTA REALIZADA DIA 25/04/2018 COM FERNANDA

P⁵- Gostaria que você me falasse sobre você

E⁶- Falar o quê? Pessoal? Profissional? Um pouco de cada?

P- Isso. O que você quiser falar sobre você.

E- Então. Meu nome é Fernanda. Eu tenho 58 anos, sou professora da rede municipal desde 2000 e já estou readaptada desde 2006, maio de 2006. Meu laudo é temporário e fiquei, sou professora de educação infantil e ensino fundamental, mas a maior parte do meu tempo na rede foi mesmo com educação infantil.

Me readaptei por problema de voz, porque eu tinha duas salas em períodos seguidos. O período de sala de aula era as 8 horas seguidas e eu acabei ficando com problema de voz, na verdade, por fazer uso da voz muito tempo seguido. E em educação infantil a gente fala muito mesmo. Diferente do ensino fundamental, que um dia que você não tá muito bem você pode dar uma atividade que não requeira tanto o uso da sua voz, na educação infantil não dá para fazer isso porque eles exigem muito da gente mesmo.

É, para mim não foi uma situação confortável no começo. Confesso que fiquei bem assim, me sentindo mal com essa situação porque na verdade eu achei que não demorou muito tempo para acontecer esse problema de eu ter que me readaptar, e para mim que seria uma coisa temporária, mas está se prolongando. Toda vez que eu passo na perícia é renovado meu laudo. E também é uma situação que tem me incomodado ultimamente porque, assim, nem me dão o laudo definitivo e também não me dão alta para eu voltar para sala de aula. Então fica essa situação que, toda vez, eu tenho que passar por exames que são desagradáveis de serem feitos. Passo na perícia da prefeitura, que também não é uma situação agradável, porque alguns médicos são até grosseiros no modo de tratar a gente, então não é uma situação agradável mesmo e nem confortável. E lá no início para mim foi bem difícil porque eu sempre gostei muito de trabalhar com crianças. Mesmo estando readaptada, eu confesso, que algumas vezes, que faço coisas que pelo meu laudo eu não poderia fazer, mas faço porque gosto de estar em contato com as crianças. Que eu sempre falei que o melhor dentro de uma escola são as crianças. Eu falo que criança, assim, realmente tem questões hoje, em relação da época que eu ingressei, que demandam muito da gente, por conta de toda situação social que nosso país tem. Então a gente tem que se desdobrar, com cuidado neles, por conta do que a rede municipal quer da gente, que além do educar é o cuidar na educação infantil.

Mas, assim, depois eu fui tentando, da melhor forma que eu pude, me adaptar a essa nova condição. É, realmente, assim, eu confesso que eu ainda me sinto incomodada com isso, é, porque eu acho que nada como você ter a sua sala de aula, as suas crianças, aquilo que você pensa de fazer com eles, de pôr em prática com eles. E aí você ver o resultado aparecendo. Eu acho que todo professor que realmente gosta do

⁴ Os nomes que constam nas entrevistas são fictícios

⁵ Pesquisador

⁶ Entrevistado

que faz, é isso que quer. Mas infelizmente, por conta dessa condição eu tive que me afastar. Mas é como eu falo, sempre que eu tenho oportunidade que tem alguma atividade que eu posso estar em contato com criança, eu gosto de fazer isso. Eu gosto mesmo e eu espero assim, que se eu tiver, apesar de já ter, de já estar agora com quase 59 anos, eu acho que eu ainda tenho condições de lidar com criança da educação infantil. Eu acho que quando a gente tem essa vontade, eu acho que não é porque a gente tem mais idade e de repente o físico da gente talvez já requeira também mais atenção, mas ainda, eu acho que eu ainda daria conta de voltar para uma sala de aula tranquilamente.

P - você disse que estava com os dois cargos na educação infantil sequenciado e que isso acarretou. Se por um acaso você estivesse com um no fundamental e um na educação infantil você acha que isso não teria acarretado uma readaptação?

E - Então. Talvez, eu penso que talvez, não que não fosse me levar à readaptação, mas talvez tivesse demorado mais eu acho. Porque, inclusive, em umas das vezes que eu passei na perícia do DESS, que é o departamento de saúde do servidor, eu fiz um exame lá. E aí na finalização do exame a médica que fez o exame me falou isso, que no entender dela, pelo resultado que aparecia ali no exame, que ela achava que eu, em duas salas de educação infantil e fazendo uso da voz durante oito horas seguidas, que ela achava que eu não teria mais condições de voltar, que era uma questão de tempo, mesmo que me dessem alta, que era uma questão de tempo e eu ia voltar a ter o mesmo tipo de problema. Então eu acho assim, que não que lá na frente não fosse me levar para uma readaptação. Mas talvez demorasse mais, porque eu acho que não demorou muito para, quando eu estava com duas turmas, e já começar a ter problema de voz.

P - Você entrou na prefeitura em 2.000?

E - Em 2000.

P - Já com as duas turmas?

E - Já. Com diferença de um mês, nem um mês, de diferença de um cargo para o outro. Eu comecei em junho em um cargo e em julho no outro.

P - Foram seis anos até o problema aparecer. E como é que é essa... assim, não é que você teve um problema de voz, foi lá e eles já te readaptaram. Como foi esse processo?

E - Então, na verdade, assim, depois de uns seis meses que eu estava com as duas turmas eu já comecei a ter um pouquinho de problema na voz, mas era aquela coisa assim, que mais pro final de semana que começava a aparecer o problema, então eu descansava o final de semana, na segunda-feira estava tudo bem e tal. Então durante muito tempo eu fui desse jeito. E aí uma vez eu fiquei com um problema de infecção de amígdala, passei no hospital do servidor, era meio final de um ano já e o médico falou olha: "não dá para eu te examinar muito bem por conta da infecção que você está. Eu vou te passar um antibiótico mas, já está no final do ano mas eu gostaria que a gente combinasse que no início do próximo ano eu quero que você dê aula durante um mês e daí volte aqui para passar comigo, porque daí eu quero te examinar direitinho, fazer um exame mais minucioso". E aí ele falou "dependendo de como for esse exame eu vou ter que te encaminhar para a foniatria". E aí ficou que ficou desse jeito. Só que assim, no ano seguinte as aulas voltaram, eu não voltei lá no médico depois desse um mês que ele falou e continuei o ano inteiro e foi indo assim desse jeito, vinha o final de semana e melhorava um pouquinho a voz e eu fui levando. Depois já no final de semana já não era suficiente para eu melhorar, eu ficava sempre meio rouca, mas sempre fui, continuei trabalhando e dando aula desse jeito. Até que chegou um ano, que foi o ano de 2006, que eu voltei das férias dei a primeira reunião, tinha duas reuniões de pais para fazer

porque eu tinha duas turmas, eu dei a primeira, quando eu fui a segunda reunião eu estava sem voz. E aí minha voz muito ruim, muito ruim, que assim, quando eu atendia telefone na minha casa ninguém escutava, se eu falasse num tom mais baixo ninguém ouvia, então eu tinha que fazer um esforço muito grande para minha voz sair. E aí ano começou e eu péssima com as crianças, minha voz muito ruim. E aí um dia eu saí da sala e falei: “não, hoje eu tenho que passar num otorrino”, porque eu não estava mais, não estava mais conseguindo falar e estava me esforçando muito. Aí eu fui ao médico, saí da sala e fui ao médico e ele me pediu uma série de exames. Aí quando saiu o resultado dos exames ele falou para mim: “olha você, por mim eu acho que você tem que ficar afastada da sala de aula, mas se você quiser leva seus exames no médico da prefeitura, ”. E aí eu marquei uma consulta com o otorrino no hospital do servidor, e aí quando ele viu meus exames e viu a minha voz ele falou: “não, você tem que se readaptar. Não dá para você ficar na sala de aula desse jeito”. Aí ele já me deu um encaminhamento para readaptação e aí já me deu o papel para começar a fazer o acompanhamento de fono lá no servidor. Então foi assim que aconteceu minha readaptação. Então foi agendado. A escola agendou no departamento lá de saúde, eu levei os exames, esse papel do médico, lá do hospital do servidor e aí ele já me readaptou. E aí eu fiquei fazendo, durante um ano, um ano e meio, tratamento de fono lá no hospital do servidor público mesmo.

P - E depois? Parou o tratamento? Teve alta?

E - Então, aí, que acontece, depois desse período que eu fiz com a fono lá do servidor, a fono de lá me deu alta. Por quê? Porque nos exames eu tinha cisto, eu tinha nódulos e eu tinha fenda. Então os nódulos você, deixando de fazer uso constante da voz, porque ele é um, segundo a fono ele é um calo, é, então, quando eu deixei de fazer uso da minha voz constantemente e fazendo tratamento de fono, esse nódulo, esse calinho foi aos poucos sumindo, sumindo, sumindo, até que sumiu. Só que o cisto ele existe lá. De um lado da minha faringe, numa das pregas vocais eu tenho um cisto pequeno que também ajudou a fazer esses nódulos do outro lado por conta de fazer uso constante da voz. Então eu ainda permaneço readaptada por quê? porque eles dizem que o cisto ele não some, os cistos só com cirurgia. Só que a cirurgia, como o cisto que eu tenho é pequeno, vai ficar uma cicatriz nesse lugar, desse, porque a prega vocal é um lugar muito sensível. Então eles dizem que na hora em que eu voltar a falar 8 horas como eu falava, essa cicatriz vai formar de novo um nódulo do outro lado, vai formar um calo do outro lado, porque vai ficar fazendo um atrito e aí vai acabar fazendo um nódulo de novo, é só uma questão de tempo. Então eles dizem que não acham que vale a pena fazer a cirurgia enquanto o cisto está desse tamanho, por isso que eu faço exames periódicos para acompanhar esse cisto. Se ele começar a aumentar, aí eu vou ter que fazer a cirurgia mesmo porque daí ele vai me causar problemas até para fazer uso da voz normalmente. Então é isso que eu acredito.

P - Então em termos de custo benefício, atualmente os prejuízos, as consequências seriam as mesmas.

E - Exatamente

P - Você continuaria readaptada.

E - Era só uma questão de tempo. Mesmo que eu fizesse, que eu optasse, ou que o médico me desse o encaminhamento para a cirurgia, todos os médicos que eu passei dizem isso: “o cisto é pequeno. Essa cicatriz que vai ficar lá, você vai trocar, vai tirar o cisto, mas vai ficar uma cicatriz, então em custo-benefício não...” Só se esse cisto realmente começar a crescer, aí sim ele tem, eu tenho que ir para cirurgia mesmo.

P - Você disse que te incomoda muito essa situação de que você vai lá e eles nem tornam definitivo e nem te devolvem para sala de aula

E - Isso

P - E que, às vezes, eles são meio grosseiros, assim, no tratamento.

E - Sim

P - Mas todos eles falam que você não tem condições de voltar agora, que eles mantêm a readaptação temporária.

E - Isso

P - Algum deles explica porque eles não tornam definitiva já que eles não conseguem perceber uma possibilidade de retorno à sala?

E - Então. Nenhum deles, essa médica que eu fiz esse exame que eu falei que tinha dado o parecer dela que eu achava que, que esse exame é bem minucioso, é feito num computador, mede a força da voz, o timbre, uma série de coisas. E quando ela falou que como eu era de educação infantil e eu tinha duas turmas que ela achava que pelo meu exame que eu não teria condições de voltar a falar oito horas seguidas, eu achei que dali talvez fosse resultar uma readaptação definitiva, mas ela me falou, ela falou: “olha, esse é o meu parecer, eu estou fazendo o seu exame, mas quem solicitou o exame foi a outra médica, então quem vai dar o veredito, vamos dizer assim, final, vai ser essa médica”. Então quando eu saí de lá eu achei que realmente, dessa vez, fossem me dar o laudo definitivo. E aí, para minha surpresa não. Me renovaram por mais um ano. E de lá para cá, as vezes, as duas últimas vezes que eu passei em perícia, o médico me deu dois anos, ao invés de um ano só, me deu dois anos. Até esses últimos dois anos termina agora, acho, que em agosto de dois mil e dezoito. Então vou fazer os exames para daí quando eles me chamarem estar com os exames atualizados para passar. E aí, de verdade, eu não sei porque eles não me dão o definitivo. Eu não sei se por conta desse problema do cisto, é, que eles ficam acompanhando se tem alteração ou não. E aí se realmente, é, eles acharem que eu tenho indicação de ir para uma cirurgia, e aí de repente eles acham que isso pode me fazer ter alta e voltar para sala e enquanto isso não acontece eles ficam só renovando essa readaptação. Mas eu sei que realmente é uma coisa assim que para mim não faz muito sentido, porque se desde 2006 eu tenho só essa renovação de readaptação, quer dizer, já se vão 12 anos, acho que doze anos. Não sei o porquê de nem, então, é, de repente, assumir isso “não, você tem condições de voltar para a sala, então vamos fazer um teste, você volta e se não der você volta para a readaptação”, ou então dar a definitiva. Eu não sei. Nenhum deles, já passei por médicos diferentes lá no DESS, no departamento de saúde, e nenhum deles nunca cogitou, a não ser essa médica do exame é que me deu a entender que, por ela, eu teria a readaptação definitiva, mas os médicos mesmo, nenhum deles nunca me falou de definitiva, pelo menos por enquanto.

P - Quando eles te readaptaram, então você ficou proibida, digamos assim, de lidar com as crianças.

E - Sim.

P - Por conta da voz você não pode lecionar, não pode atender as crianças, não pode ficar com as turmas. E com o restante do público, por exemplo, para trabalhar na secretaria.

E - Então. Eles dizem que eu tenho que respeitar o meu laudo. Meu laudo é “não fazer muito uso da voz”. Então, por exemplo, eu posso ficar na secretaria, mas de preferência, não atender telefone, não atender diretamente ao público. Então fazer mais serviço interno mesmo, administrativo, para não ficar fazendo uso da voz.

P - Por muito tempo

E - É. Quanto menos tempo fizer uso da voz, é esse o laudo que eu tenho, respeitar esse tipo de restrição.

P - Uma outra coisa que você disse, que te incomodou demais no começo porque você estava afastada e você achava que tinha pouco tempo para já ficar afastada e que

depois isso foi ficando mais tranquilo para você. Mas o que te incomodava muito nesta situação?

E - Então. É muito essa coisa de você, quando você tem a sua sala você sabe o que tem que fazer, você sabe quais são seus objetivos, o que você planeja para fazer com as crianças ao longo do ano. É como se você, você sabe fazer aquilo, é aquilo que você sabe fazer, é aquilo que você gosta de fazer, eu prestei um concurso para isso. E aí de repente, justamente aquilo que, não que eu me ache “a professora”, dizendo assim: “ah, é o que eu sabia fazer”, porque a gente passa a vida aprendendo e coisas novas vão aparecendo para gente também ir mudando. Mas essa coisa de daí, chegar na escola e pensar assim: “nossa agora eu vou fazer o quê? Eu vou ficar aonde? Será que vai ter um espaço para eu ficar?”. Mesmo quando a primeira escola para onde eu fui, onde eu estava, que eu me readaptei, eu fiquei pensando: “o que vão me dar para eu fazer, o que é que eu vou, será que”. E aí você fazer algumas coisas que às vezes você fala: “puxa vida, mas isso é uma coisa é tão, não que ela não tenha que ser feita, mas você fala, poxa, mas, eu não pensei que eu fosse trabalhar fazendo isso”. É, como eu falo, não é desmerecendo o trabalho de ninguém, porque se aquele trabalho está sendo feito ele está sendo feito por alguém, então não é desmerecendo quem fazia aquele trabalho, que daí eu passei a fazer, mas é aquela sensação meio que, “puxa vida, eu gostava tanto do que eu fazia, será que eu nunca mais vou poder voltar a fazer?”. Então cada vez que você passa, você faz os exames e você vai lá passar com o médico, você vai sempre com aquela, é uma insegurança, porque agora eu fico pensando “será que agora eu dou conta se eu voltar para a sala de aula?”, porque está muito diferente do que era na época que eu estava na sala de aula. As crianças são outras. Os meninos de fundamental são outros também. A demanda é muito diferente, as famílias estão muito diferentes. Então eu fico pensando também, é uma insegurança de pensar: “nossa, será que se me derem alta eu vou dar conta, como é que eu vou agora voltar para sala de aula, de onde é que eu vou começar?”. Até porque também, uma coisa que também me incomoda é essa coisa do horário de formação que a gente tem, o professor readaptado não poder participar. Ou mesmo que ele participe, também é sempre aquela coisa, meio que você participa como ouvinte, você não está muito ali ativo naquilo, que eu acho isso errado, uma legislação da rede que eu acho errada, principalmente pro professor que está com o laudo de readaptação temporário, porque ele pode voltar para sala de aula. E aí. Ele volta para sala de aula, até também sem esse estudo que os outros professores estão fazendo, o professor readaptado volta sem isso. Então, quer dizer, também é uma coisa que deixa a gente mais inseguro ainda porque você está fora do que. Tem muito curso que é oferecido na rede e que o professor readaptado não pode fazer. Cursos que você tem que estar na regência para poder fazer. Então é uma coisa que também deixa a gente meio à margem.

P - E aí o que você está dizendo é que a formação continuada, que favorece o desempenho do professor da sala, acaba fazendo falta para quem está readaptado, se por acaso ele for voltar a dar aula.

E - Sim. Acho até, mesmo aquele que tem o laudo definitivo, porque eu acho que quando você está no espaço da escola todos são educadores. Então eu acho que mesmo o professor que está readaptado com laudo definitivo, que não vai mais voltar para a sala de aula, eu acho que ele tem que estar à par do que é o projeto da escola, o que a escola está propondo, não ficar só limitado a trabalhar só lá na secretaria por exemplo, ou, numa EMEF que tem a sala de leitura, é, você ficar lá cuidando dos livros, não ser o professor da sala de leitura, você ficar só cuidando dos livros, como ocupação mesmo. Eu acho que professor tem que estar, assim, é, faz parte do grupo, tem que estar sintonizado do que está acontecendo na escola, o que a escola está querendo fazer. E, de repente, esse professor também tem coisa a contribuir. E se ele participa também da

formação eu acho que mais ainda. Eu acho que faz muita falta isso. Eu acho, talvez, que alguns professores readaptados, me ouvindo falar isso, não vão concordar comigo. Eu mesmo tenho colegas que não pensam, que nem pensam, assim, em participar de uma formação. Não querem, acham. Eu particularmente não me sinto bem com isso. Tanto é que eu sempre gostei muito de fazer curso. Sempre que tem cursos que eu posso como readaptada, que não fica fechado para o professor que tem que estar em regência, que é aberto, eu gosto de fazer porque eu acho importante, assim, eu acho que faz bem para gente, você ficar ligado nas coisas, saber quais são os autores que estão em evidência agora. Eu acho muito importante você se manter atualizado. É, porque é aquilo que eu falo, eu acho que dentro do espaço da escola todo mundo é educador, seja o pessoal do quadro de apoio, seja o professor readaptado, tem que estar, eu acho que tem que estar em sintonia. Até para também valorizar o professor que está em sala de aula. Porque o professor que está em sala de aula, é, hoje tem, como eu estava falando no começo, eu acho que tem muitas demandas, tem muita coisa, muita coisa para dar conta. Então, de repente, porque o professor readaptado não pode ser um apoio pro professor que está na regência. Porque em outras administrações, que foi criado o cargo de professor adjunto, que seria para estar junto com o professor regente, porque de repente, o professor readaptado, lógico que respeitando o laudo, tem readaptações por vários motivos, mas respeitando o laudo do professor, por que esse professor não pode ser um apoio para o professor regente? Mesmo que não fique em sala de aula, mas de repente em uma atividade, que seja uma atividade pontual, pode estar perfeitamente dando esse apoio. Eu acho isso.

P - Quando você se readaptou você ficou na escola em que você era professora?

E - Sim.

P - E como é que você percebeu essa organização? Como é que você foi recebida? Como é que você sentiu o clima das outras pessoas em relação à você?

E - Então. As reações são as mais variadas, na verdade. Porque tem pessoas que percebem mesmo que você está realmente com problema de saúde e por isso você está se afastando da sala de aula. Agora sempre tem aquelas pessoas que te olham já meio torto porque falam: “mais uma para ficar aí sem fazer nada”. Na verdade eu nunca fiquei sem fazer nada. Eu acho que isso depende também muito da pessoa. De você se colocar à disposição das pessoas: “olha eu estou aqui, pode contar comigo, se você precisar pode contar comigo porque eu estou aqui”, ou então já tenho mas minhas atribuições? Na verdade comigo aconteceu isso. Quando eu cheguei lá já tinha uma listinha de atribuições para mim. Então por um lado também já deu uma facilitada para quando eu chegasse lá todos os dias já meio que saber o que eu tinha que fazer. Depois, ao longo do tempo, é, essas atribuições foram mudando, na medida em que foram percebendo que eu poderia fazer alguma outra coisa além daquelas que tinham me passado, essas atribuições foram mudando mesmo. E, mas no começo, eu confesso que foi, porque até assim: “aonde eu vou ficar?”. Porque assim, nessa escola especificamente logo já me falaram: “você pode ficar aqui na secretaria, tem umas coisas para eu fazer, mas você fica aqui na secretaria”. Então o grupo de professores, para eles, você deixou de ser professor, porque você não faz mais, você não pertence mais ao grupo, entendeu. E na secretaria você não é ATE, você não é do quadro de apoio, você é professor. Então você fica, você não é nem uma coisa, nem outra, sabe como é que é. Então por isso que eu falo: “no começo é muito ruim, é muito ruim, porque você não se sente nem de um grupo e nem do outro”. Porque professor você está lá na secretaria você não é mais professor, você não está mais no grupo, você está, você faz parte do pessoal lá da secretaria. Só que o pessoal da secretaria, também quando faz os comentários “ah, mas você não é, você é professora”. Sabe como é que é?

P - Ninguém te inclui.

E - É. Então no começo, até você ir caminhando e conquistar o seu espaço. Aí os professores percebem, que nem, se você se coloca disponível para ajuda-los em alguma coisa, então, aí você volta a fazer parte do grupo. E o pessoal também do administrativo da escola, que percebe que também pode contar com você, também te integra ali, entendeu? Então, depois de um tempo, então a coisa já começou a fluir melhor, então eu já percebi que, determinadas coisas você passa até, as pessoas, a você ser referência: “Ah, procura a Fernanda, para tal coisa. Ah, isso aqui, vai, procura a Fernanda, que a Fernanda, está com ela isso aí”. Então aí você já começa a ver que: “poxa, não estou tão assim à toa. Estou fazendo alguma coisa”, que aí você começa a se sentir útil.

P - E demorou muito? Porque você falou que no começo você não era nem professoram, nem do quadro administrativo, do quadro de apoio. E aí? Você se reconhecia como? Ou não se reconhecia?

E - Não. Esse período assim eu juro que eu pensava. Quando eu acordava de manhã e eu tinha que ir trabalhar eu falava: “meu Deus do céu, porque que teve que ser desse jeito?”. Porque eu chegava lá e me sentia um peixe fora d’água. Eu nem me sentia à vontade no espaço que falaram para eu ficar, que era a secretaria. E eu percebia também que, às vezes, quando eu ia para sala do professores para alguma coisa, assim, para fazer algumas coisas, que eu também não deixava os professores à vontade por estar ali. Porque para eles eu já não fazia parte daquele grupo. Então eu confesso que levei um tempo, assim, para me sentir à vontade mesmo, olha, acho que foi quase um ano. Que eu fiquei desse jeito assim, meio me sentindo mal, naquela situação, sabe.

P - E nesta mesma escola essa situação, esse sentimento mudou ou você trocou de escola e aí mudou?

E - Não. Eu permaneci nessa escola, aliás, por muitos anos. Eu acabei ficando nessa escola. Eu fui para essa escola em 2003 em um cargo e em 2004 no outro cargo. E eu me readaptei em 2006. E eu fiquei nessa mesma escola até 2016. Então eu acabei ficando muito tempo lá. Porque daí é aquilo. Você acaba conquistando seu espaço na escola, é, aí você já tem as suas atribuições mesmo. E eu fazia coisas tanto é, na parte administrativa, como algumas coisas também pedagógicas. É, também, às vezes dava apoio para algumas professoras quando tinha alguma atividade que elas faziam com as crianças e que eu não precisasse ficar falando, porque sempre falaram: “você tem que respeitar seu laudo, lá, lá, lá”. Então eu tentava isso daí. Aí você acaba conquistando seu espaço, então você fica meio que, não sei se, acomodada, porque você acaba tendo medo de ir para uma outra unidade e começar tudo de novo. Provar de novo que você sabe fazer algumas coisas e que você está ali para ajudar. Então eu acabei ficando todo esse tempo lá, na mesma escola. E depois que passou essa fase mais difícil para mim, que às vezes eu ficando até pensando assim, que talvez isso seja uma coisa minha, porque de verdade eu nunca fui destrutada lá na escola, em momento nenhum. Inclusive quando a gente, no início da readaptação a gente passa por uma palestra lá mesmo no departamento de saúde que orienta, dá algumas orientações pro pessoal que está se readaptando, isso nem é só na área da educação, isso é em várias áreas, área da saúde, área da secretaria de sme, vários laudos, vários tipos de readaptações, de vários setores. E aí você ouve o relato da experiências de algumas pessoas que são realmente, é, destrutados no ambiente de trabalho por conta do laudo de readaptação. É, pessoas que, por exemplo, é, mesmo tendo um laudo de readaptação, a chefia meio que os força a fazer coisas que eles, na verdade não poderiam fazer. Então tem uma série de coisas. Comigo isso nunca aconteceu, nunca. Nem de ser destrutada, nem de me pedirem para fazer alguma coisa que eu não pudesse fazer por causa do meu laudo, de uma maneira assim, meio assim, ostensiva, nunca. Sempre, tudo que eu fiz, mesmo que saísse um pouco fora do meu laudo, foi porque, iniciativa minha, porque eu quis

fazer, assumindo os riscos e tudo o mais. Nunca tive nenhum tipo de questionamento, de obrigação, por conta da minha chefia, e também nunca fui destrutada. Eu me sentia deslocada por conta da situação, mas nunca percebi, assim, nada que alguém falasse, ou nunca ouvi ninguém falando nada a meu respeito assim, sabe, de “ah tá porque está readaptada, ah tá...”, não, nunca, se eu falasse isso eu estaria errando em falar isso daí, mas não é uma situação confortável não.

P - Passou esta fase de não se ver nem como professora nem como equipe gestora. Você passou a se ver como?

E - Então. Eu continuo sendo professora. Se me perguntam: “o que você é”, eu sou professora, eu não deixei de ser professora, e não vou deixar de ser. É, se um dia, quando eu passar em perícia e o médico me der alta eu volto para sala de aula feliz da minha vida. É como eu te falei, de repente eu vou me sentir insegura, mas vou estar feliz, com certeza, porque é o que eu, na verdade eu sempre pensei em ser professora, sempre. Quando eu era criança minha brincadeira era brincar de escolinha. Então, para mim, o fato de, se precisar voltar para a sala de aula, se o médico me der alta, eu só vou querer correr atrás de todo esse tempo que eu fiquei fora. Tentar dar o melhor que eu tenho, tentar buscar coisa, estudar, tentar me atualizar. É, para dar o melhor que eu puder para os meus alunos. É isso que eu vou, que eu penso em fazer.

P - E você voltaria a pegar turmas seguidas, as duas de educação infantil, como você tinha antes?

E - Então, nesse momento da minha vida, eu estou em escolas diferentes. Eu estou com um cargo na educação infantil, em uma EMEI, e o outro cargo em uma EMEF, é, na escola de ensino fundamental 1. Então eu permaneceria assim, do jeito que eu estou. Voltaria na sala de educação infantil, e lá minha sala é de manhã. E na EMEF, a minha sala, a sala de origem, que me foi atribuída, é uma sala à tarde. Então, mas como o horário de EMEI e de EMEF são diferentes, não são seguidos, teria um intervalozinho aí entre um turno e outro. E se eu conseguisse, como o ano passado na atribuição de sala eu consegui, uma sala de EJA, que é educação de jovens e adultos, é o período noturno, então aí ficaria mais espaçado ainda esse uso da minha voz. Quer dizer eu teria uma sala de manhã e outra sala à noite. À noite são jovens e adultos, que já é uma outra demanda, são, uma idade que você já não precisa falar tanto como você fala na educação infantil. Porque criança de infantil I, por exemplo, e eu sempre gostei de pegar as crianças menores, que na minha época era o primeiro estágio, e hoje é o infantil I, você fala muito mesmo, eles demandam muito de você estar o tempo todo falando com eles, orientando, falando, mesmo na orientação da atividade é o tempo todo, você tem que repetir as coisas. Então eu acho que se hoje, por exemplo, me dessem alta e eu ficasse desse jeito que eu estou, meus horários, uma sala de manhã, uma sala à noite, eu acho que até daria tranquilamente. Eu acho que eu conseguiria sim.

P - E se por um outro lado, eles te readaptassem definitivamente? Como você acha que você se veria?

E - Olha, eu confesso que eu acho que eu ia, a princípio eu acho que eu ia ficar muito chateada, porque, no fundo, parece que é como se eu alimentasse ainda a esperança de poder voltar para sala de aula. Então se me dessem o laudo definitivo eu acho que, é como se essa esperança minha deixasse de existir, assim, agora é para valer e eu não volto mais para a sala de aula. Então eu acho que para mim vai ser muito difícil, assim, encarar isso de frente, assim, de realmente ter a consciência de que eu não posso mais voltar para a sala de aula. Mesmo eu ouvindo meus colegas falando que a sala de aula está muito difícil, que são muitos problemas, que o aluno está vindo com muitos problemas, que a gente não consegue dar conta, “ah, porque a gente não consegue dar conta do que a gente tem que fazer como professor, porque a gente tem que atender a outras coisas”. Eu não sei, não sei se é do meu jeito assim, eu acho que

eu dou conta, entendeu? Eu sempre acho que eu dou conta. Então, eu não, eu acho que de cara assim ia ser muito difícil se me dessem um laudo definitivo. Eu ia ter que me acostumar com essa ideia e eu acho que ia levar um tempo, porque como eu falo “para mim parece que sempre tem aquela pontinha de esperança de voltar”. É como eu já falei: “vai ser fácil? Eu tenho certeza que não vai ser”. Se eu voltar, por exemplo, se eu passasse no médico amanhã e ele falasse: “olha você está de alta, pode voltar para a sala de aula”. Eu tenho certeza que não ia ser fácil para mim porque é um tempo muito grande que eu já fiquei afastada, eu vou pegar uma turma hoje que eu não peguei lá no início do ano para conhecê-los e saber as demandas deles e ver quais são as questões de cada um, os problemas de cada um, as dificuldades de cada um. Quer dizer, eu ia começar com uma sala que já está ambientada, que já está querendo uma série de coisas que vem sendo feitas desde o começo do ano até agora e eu vou começar com eles eu, do zero. Então não vai ser uma situação confortável, não vai ser fácil. E acho que eles vão ter que entender isso daí também da minha parte. Porque eu vou ter que conhecê-los, mas eles vão ter também que saber que eu estou chegando agora e vou começar com eles do zero. Eles é que vão ter que me falar da onde a gente vai começar.

P - Você disse que tinha medo de mudar e de sofrer essa mesma, esse mesmo deslocamento. Isso se deu com a mudança?

E - Olha um pouco viu. Um pouco também assim, fui bem recebida nas duas escolas para onde eu fui, que são as escolas onde estou hoje. Mas eu confesso que levou um tempo, de novo para eu me ambientar, para eu saber o que eu ia fazer, para eu saber aonde eu ficava. Até porque, por exemplo, você vem readaptada da outra escola, lá você tinha já suas atribuições. Quando você chega na nova escola não é aquilo, não é aquilo. Você chega, aquilo que você fazia na outra escola já tem outra pessoa fazendo, então você tem que esperar até as pessoas te darem novas atribuições. E se as pessoas esquecem de você, que nem teve vários dias que eu me sentia como se eu não fosse nada ali dentro, porque as pessoas continuavam, quem já era da escola continuava fazendo suas coisas e você fica ali. Então levou um tempo também, para de novo. E eu confesso que ainda, uma das escolas eu ainda me sinto meio avulsa.

P - E essas atribuições? São sempre atribuições que vêm do superior para o professor, do gestor para o professor, ou são atribuições que são possíveis de serem negociadas ou combinadas? Como que é isso?

E - Então. É, tem as duas situações. Tem, por exemplo, quando eu cheguei na primeira escola me falaram: “olha, a gente na primeira reunião”, como eu tenho acúmulo eu não participei dessa primeira reunião, estava na outra escola, e aí quando eu cheguei o pessoal já tinha escolhido, se atribuído o que ia fazer, e na verdade para mim sobrou uma atribuição. Quer dizer, eu senti assim, aquilo que ninguém quis, sobrou para mim. Tudo bem. Por mim tudo bem, não teve problema nenhum. Então tem isso, nessa situação teve uma atribuição que ficou para mim. E também tem situações que, por exemplo, você chega de uma outra escola que você estava acostumada a fazer algumas coisas, então você pode: “na outra escola eu fazia tal coisa”, “ah, mas aqui já tem outra pessoa que faz a tal coisa”, “ah, mas eu também fazia isso”, “ah tá então isso daí, isso dá para você fazer”. Então teve as duas situações, teve atribuição que foi colocada pela gestão e teve coisa que também “oh, na outra escola eu estava acostumada a fazer, se quiser eu posso fazer”, “ah, legal, então pode fazer”. Então tem as duas situações. E no virar do ano, que ano passado foi o primeiro ano meu nas escolas novas, esse é o segundo. Então já tem uma dinâmica que você já tem um pouco mais de liberdade para ajudar em algumas coisas. Aí a pessoa vai vendo que você está legal ali fazendo aquilo e aí fala pro gestor, “olha, sabe, porque não põe a Fernanda para fazer tal coisa? porque ela está dando conta, ela faz bem isso daí, dá conta legal, e tal”, e aí o gestor acaba também aceitando a sugestão de um outro, de uma outra pessoa, de você fazer aquela,

aquele trabalho, entendeu. Então tem as duas coisas. Tem aquele que vem atribuir e segue lá o seu laudo, tal, vê quais são as suas restrições e tem aquilo que também, outras pessoas sugerem, por ver você fazer. E, às vezes também, eu, por exemplo, em uma das escolas, falei, falei: “ah eu podia fazer tal coisa”, “ah, mas aqui já tem gente que faz”, aí falei mais uma coisa “ah, já tem gente que faz”. Aí eu falei três ou quatro coisas e não senti abertura, entendeu, para “já tem gente que faz”, então aí fiquei mais voltada para atribuição mesmo que a gestão me passou. Aí depois, com o passar do tempo é que aquilo se ampliou um pouquinho mais. Já fiquei mais, também, no apoio pedagógico. Mas de início, em uma das escolas, foi meio, uma atribuição já direta, por conta de não, sei lá, se melindrar, chatear ou aborrecer, as pessoas que, porque de repente tinham coisas que, não que eu fosse assumir o que a pessoa estava fazendo, mas de repente eu poderia ajudar. Mas não tive essa abertura também.

P - No começo acabou sendo realmente um recomeço.

E - De novo, de novo

P - Tem alguma coisa que você gostaria de observar, de contar

E - Não. Acho que eu já falei tanto. Então, eu acho assim, como eu falo, a situação de readaptação funcional não é das, não é agradável, não é das mais confortáveis, realmente, é, eu entendo que também depende muito de cada um, porque, eu também percebo pessoas e ouço pessoas falando que está bem assim, que até gostou de ficar readaptado. Hoje eu falo para você, não é que eu não me sinta bem com o que eu faço, mas não é o que eu, entendeu, não é o que eu gostaria de estar fazendo. Eu gostaria de poder estar em uma sala de aula. Eu gostaria de ter voz boa para continuar dando minha aula, para trabalhar com as minhas crianças. É para isso que eu, foi para isso que eu prestei um concurso. Eu não pensei que fosse caminhar para isso daí. Aí realmente se deu essa situação. Mas para mim, para mim não é o ideal, não é o ideal. Se você me perguntar: “Ah, você é feliz na escola?”, sou feliz assim, estou em uma escola que me recebeu bem, uma mais que a outra. Não que eu não tenha sido bem recebida, não é isso, talvez a minha identificação com a escola foi diferente. É, então, assim, não sou infeliz, mas digamos que a minha felicidade não é completa porque eu não estou fazendo aquilo que eu gostaria de estar fazendo de verdade.

P - Você sabe que em uma pesquisa nós nunca colocamos o nome real do pesquisado. Qual o nome que você gostaria que te fosse atribuído? Qual o nome que você gostaria de te atribuir?

E - Sei lá. Pode ser Fernanda.

P - Algum motivo especial para que você queira esse nome?

E - Porque era um dos nomes que minha mãe também tinha pensado e acabou não. E eu preferiria esse nome até. Pode ser esse

P - Te agradou mais. A ideia dele te agradou mais do que o seu

E - Sim eu acho um nome forte, um nome bonito assim, sabe. Então pode ser Fernanda.

P - Muito obrigada pela ajuda, pela contribuição com esta entrevista

E - Espero que eu tenha ajudado.

P - Com certeza, muito.

2 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA CLAUDIA

Entrevista realizada dia 18 de agosto de 2020, com a professora Cláudia, via Skype.

P - eu queria que você começasse me falando sobre você

E - Sobre mim, que difícil. Mas, como assim? Como profissional, como comecei como professora, é isso?

P - pode começar como quiser. O que você compartilharia sobre você.

E - Então. Quando eu escolhi ser professora, não foi minha primeira escolha, minha primeira escolha eu queria ser médica pediatra, mas quando eu descobri que para ser médica pediatra eu precisava mexer em corpos eu desisti, porque eu não gosto, eu morro de medo. E aí eu quis ser professora, eu escolhi pelo gosto de criança, eu sempre gostei muito de criança. Sempre brinquei com as crianças menores e eu sempre quis ser a professora. Então eu achei que eu ia me dar bem. E na época, também, o Magistério era uma chance de eu já sair do curso do ensino médio com uma profissão. De já sair e poder trabalhar sem ter a faculdade, porque eu não sabia também se eu ia ter condições de fazer faculdade logo em seguida. E eu não tive essas condições. Eu fui fazer faculdade muito tempo depois, depois até que eu entrei na prefeitura. E aí, quando eu entrei no Magistério, acho que foi a melhor coisa que eu fiz, porque eu já me apaixonei. Não sei se é porque eu comecei a fazer muitas pesquisas no Magistério, comecei a estudar mais sobre criança, sobre a prática das escolas e comecei a me apaixonar. E aí nunca mais saí, não quis outra vida que ser professora. Eu comecei, a profissão mesmo, numa escola islâmica aqui perto de casa, logo que eu saí do Magistério. Eu saí do Magistério, em seis meses eu já estava dando aula em uma escola particular. Depois de seis anos que eu fiz o concurso e fui para a prefeitura. Mas eu acho que eu só aprendi mesmo a ser professora quando eu cheguei na prefeitura. Eu também trabalhei em uma escola pequenininha, essas escolas que eles falam de fundo de quintal, mas não gostei, acho que era uma vivência totalmente errada o que eles faziam com as crianças, porque era alfabetização pura, era um monte de livro. E eu não gostava, não me sentia bem fazendo aquilo. E quando eu fui para a prefeitura eu tive uma coordenadora, minha primeira coordenadora, ela foi muito bacana. Quando eu cheguei na escola eu falei “eu não sei nada de educação infantil, eu nunca trabalhei com educação infantil porque a experiência que eu tive não foi de educação infantil”. E ela foi muito bacana, ela me ensinou muito, me mostrou o semanário das meninas, dos trabalhos que ela gostava. E aí o primeiro trabalho que eu me apaixonei foi o trabalho da professora Janete, que ela trabalhava completamente diferente de tudo o que eu tinha visto. Era interacionista, era construtivista e eu achei bacana. Só que aí, como eu não sabia nada, eu comecei a me interessar em fazer muitos cursos. Eu fazia muitos cursos na prefeitura, e sempre nessa linha do interacionismo, do construtivismo, porque eu gostava dessa linha, eu achava que daria certo. E acho que nesse sentido eu aprendi bastante.

P - eu queria que você me falasse um pouquinho mais dessa questão da aprendizagem. Você diz assim “eu só aprendi a ser professora quando eu entrei na prefeitura”. O que isso significa para você? O que é aprender a ser professora, para você?

E - Quando a gente está no Magistério é muita teoria, nada de prática. Mesmo nos estágios a gente não consegue ter uma visualização do que vai ser, nenhuma vivência. E na escola particular, quando eu entrei na escola particular, eu trabalhei com ensino fundamental, e era muito conteudista. Eu sempre trabalhei naquela linha de dar o texto, ler o texto, explicar o texto, mandar copiar e, assim, eu não me via naquilo como professora, parecia que eu não estava ajudando as crianças a aprender nada. E quando eu entrei na prefeitura a vivência era mais rica, as experiências que a gente tinha. Eu conseguia ver que as crianças estavam aprendendo. Acho que ser professora é isso, a gente conseguir ver resultado naquilo que a gente está fazendo e não aquela decoreba que eu vi, “decora, vai na prova, resolve”, isso para mim não era. Eu queria ver transformação nas crianças, e assim, os pequeninhos era até melhor porque, vamos supor, um dia você tem trabalhado sobre a água, por exemplo, e no outro dia ele vinha lá e mostrava para você, em uma ação, que tinha aprendido aquilo que você trabalhou no dia anterior. Isso para mim foi ser professora. Foi ver que o que eu ensinei fez sentido para aquela criança. Eu não sei se estou conseguindo explicar.

P - sim. Me conta um pouco desses processos que você viveu. Você entrou na prefeitura quando? Você entrou já com os dois cargos? Você entrou com um cargo e depois com o outro? Como foi o processo que você viveu a partir do momento que você escolheu ser professora?

E - Eu fiz Magistério e assim que acabei o Magistério eu entrei em uma escola particular, agora não vou lembrar o ano. Foi uma diferença de seis meses entre terminar o Magistério e começara a trabalhar. Eu comecei a trabalhar em junho de, acho que 90, não, junho de 89, porque em janeiro de 90 eu fui registrada nessa escola. Aí eu trabalhei nessa escola particular durante 6 anos, eu comecei com uma segunda série e depois foi quarta série até o final. E nesse meio tempo eu comecei a faculdade, não tive condições de continuar os estudos, eu fazia Pedagogia, tive que parar. Eu fiz um ano e cinco meses e parei. E eu trabalhei nesse meio tempo em uma escolinha, durante dois anos, uma escolinha dessas pequeninhas. Quando eu saí da escola particular eu tinha feito dois concursos públicos. Eu tinha feito para a polícia militar e para educação infantil na prefeitura, e eu tinha passado nos dois. Só que o que me chamou primeiro foi a polícia militar, então eu deixei a escola particular pela polícia militar. Eu fiquei um ano na polícia militar. E aí eu saí porque a prefeitura me chamou em 97. Então em 97 eu fui para a prefeitura, tomei posse em 97, mas só iniciei exercício em 98, porque eu tinha que esperar sair a minha exoneração da polícia. E aí em 98 eu comecei na prefeitura, em uma escola em Cidade Santa, na EMEI Poetisa. Fiquei lá durante, acho, 8 anos. Eu gostava muito da escola. Eu tinha um cargo só no início. Trabalhei 2 anos com um cargo só, porque em 2000 eu entrei no outro cargo no ensino fundamental. E no ensino fundamental eu fiquei até a

mudança da lei, porque quando pôde mudar, você podia migrar do ensino fundamental para educação infantil, no mesmo momento eu pedi para mudar. Eu nunca me vi muito no ensino fundamental, eu sempre me vi na educação infantil. Aí eu fiquei com os dois cargos na educação infantil. Eu não lembro o ano da mudança da lei, mas no ano que pôde mudar eu pedi remoção e passei os dois cargos para educação infantil, foi quando eu vim para o Deputado, que aí eu já vim com os dois cargos da educação infantil.

P - e como foi o processo da readaptação? Quando ela aconteceu? Como ela aconteceu para você?

E - Eu tive um problema muito sério nessa escola em Cidade Santa, no Poetisa, com uma mãe. Foi um problema que me arrasou, que me deixou muito acabada. Eu tinha um aluninho. Esse aluninho faltou durante uns 15 dias porque tinha pego catapora. Quando ele voltou, eu me recordo que eu cheguei e falei com ele “nossa a pro estava”, ele era muito bonzinho, eu falei “nossa a pro estava com muita saudade, o que aconteceu?” e ele contou. Então, assim, eu lembro desse momento, que foi muito tranquilo. E eu saía mais cedo da escola porque eu tinha aquela JB, e eu largava a última aula e ia para a outra escola. E nesse dia tinha que entregar mexerica, eu deixei a mexerica em cima da mesa para a outra professora entregar. Essa professora chegou e entregou as mexericas. Eu não sei o que houve. No outro dia eu recebi, da mãe desse aluno, um texto super grosso me xingando, me ameaçando, foi muito difícil, eu chorei muito e eu falava “eu não fiz nada, eu conversei com ele em voz baixa, eu não gritei” e essa mãe falava “não, a professora gritou, ele ficou a noite inteira sonhando com ela gritando, ele está com medo, ele não quer vir para a escola”. Aí, eu lembro, eu pedi para a coordenadora, eu falei “conversa com essa mãe, chama essa mãe”. E aí, quando eu fiz isso, essa mãe ficou com muita raiva porque ela achou que eu não tinha tomado uma atitude. Que quem tinha tomado uma atitude era a coordenadora e eu deveria ter feito alguma coisa. Eu acho que o meu processo começou aí, porque foi muito marcante para mim essa briga que a mãe teve comigo. E quando essa mãe, depois de um tempo, acho que quase um mês, é que essa mãe veio conversar comigo. Ela me mandava bilhetes ameaçadores quase todos os dias, ela falava que conhecia meu horário, que sabia qual era o meu carro. E eu chamando essa mãe e ela falava que não vinha. E eu não tinha coragem nem de chegar perto do menino, eu morria de medo. Sabe aquela sensação de que se algo acontecesse ela ia me matar, ia fazer alguma coisa? Então foi um período muito difícil. E eu perdi minha mãe nesse período. Eu perdi minha mãe e aí para mim acho que foi a gota d’água. E eu não ia sair dessa escola. Era uma escola que eu estava há muitos anos e que eu adorava. E foi o ano que eu pedi remoção para vir para o Deputado. Então foi um ano de muitas mudanças, eu perdi minha mãe, eu pedi remoção para vir para o Deputado, eu trouxe os dois cargos de educação infantil, porque eu tinha fundamental e educação infantil. E eu tinha na outra sala, eu tinha o Edson na sala da EMEI e o irmão dele na sala da EMEF. Então eu tinha os dois filhos dela como professora. Só que com um eu não podia nem pensar em acontecer nada. Com o outro, do primeiro ano, acho que se eu desse uma surra no menino ela ia gostar ou não ia ligar, porque o menino parecia que não era a mesma mãe. Ele não

tinha caderno, vinha com tudo bagunçado, completamente diferente do irmão. Eu via que ele apanhava muito em casa. Então tudo isso acho que foi me deixando mais angustiada. Foi quando eu falei “não, eu quero ir embora, eu não quero ficar”. Foi um problema longo, durou um quase que um ano inteirinho. Isso aconteceu em maio, foi perto do dia das mães, perdi minha mãe em julho. Quando voltei do recesso ela veio na reunião com o marido e me ameaçaram na reunião. Ela veio com mais uma pessoa e me ameaçou. Então assim, foi um período difícil porque eu sofri muito. Então eu chorava muito porque eu tinha que ir trabalhar e eu não queria. Quando eu vim para o Deputado eu falei “nossa agora acabou, estou no céu, estou perto da minha casa, estou bem”, só que eu comecei a notar que eu andava muito ansiosa. E eu comecei a perceber isso na sala de aula com a minha, eu sempre tive TOC, mas eu não sabia. E eu comecei a perceber que eu comecei a ficar muito neurótica com relação à organização, apontar lápis de cor para pôr na caixinha, “então aqui tem que ter dois amarelos, dois azuis e dois verdes”, se não tivesse eu enlouquecia, eu não conseguia sair da sala das 11h e ir para a outra sala se não tivesse aquela organização que tinha que ter. A mesa tinha que estar intacta, as crianças tinham que estar tudo em ordem. Então eu comecei, hoje eu vejo isso, na época eu não me apercebi de nada disso, hoje que eu vejo. E aí eu acho que foi se agravando, uma coisa que foi se agravando, porque eu continuei nesse negócio do TOC, nessa organização louca, e eu sempre fui muito chata com relação à parte de registro, à parte de projeto. Eu queria ter tudo registrado, eu queria ter tudo bonitinho. Então eu falo, quando as meninas falam “ah tem que fazer portfólio”, eu já fazia portfólio, eu sabia o aluno que estava na fase, naquela época a gente usava muito pré-silábico e silábico, agora parou um pouco na EMEI, mas na época eu sabia. Eu sabia na parte de numeração qual era a fase que a criança estava, eu tinha tudo registrado, eu tinha tudo anotado. E isso eu não sei se isso foi me deixando muito cheia de coisas, assim, muito mais ansiosa do que eu já era. E aí os problemas foram aumentando, eu comecei a ficar doente, primeiro fisicamente, então eu tive uma vez problema de rins, depois eu tive pneumonia. Então eu comecei a ficar muito doente, mas eu não percebia que era isso, para mim era tudo físico. Se eu tinha uma dor, era uma dor física, não tinha nada a ver com o meu psicológico. E aí, quando foi a gota d’água, foi um ano que eu tinha uma sala muito linda, e eu estava fazendo um trabalho maravilhoso com eles, e eu, tinha recebido um aluno que estava dando muito trabalho na sala da professora Maria e o menino melhorou assim, nossa 90% e a avó estava super feliz. Aí apareceu uma outra criança chamada William, que era da turma da tarde, da professora Débora, e pediram para eu ficar com ele também. Durante seis meses deu tudo certo, esse menino melhorou muito. Quando saiu de férias, que ele voltou, ele voltou outra criança. E foi aí que eu falo “meu baldinho acho que encheu”, foi minha primeira licença médica. Que ele tentou atirar uma cadeira na minha cabeça. Ele estava atrás de mim, na sala, bravo, não queria participar da roda, estava bravo. Aí as crianças gritaram, quando eu olhei ele estava com a cadeira já para atirar. E na hora eu fiquei louca eu falei “atira, atira, mas me mata, porque senão eu vou te matar”, porque na hora eu dei aquela surtada. Ele correu, avançou em uma criança, machucou muito a criança, porque ele brigava feio, como homem. Essa foi a primeira vez. Eu peguei ele pelas pernas, pelos pés,

para tirar ele de cima do menino e saí da sala com ele segurando pelos pés. Aí a Luana correu, me ajudou, tudo, mas acho que foi meu primeiro, assim, surto. Chorei desesperadamente, não conseguia voltar a dar aula, meu marido foi me buscar, me levou para o pronto socorro. Acharam que eu estava enfartando, e aí foi a primeira licença, 11 dias de licença. Quando eu voltei para a sala, eu não conseguia ficar calma com ele, eu achava que ele sempre ia fazer alguma coisa. E fez. Ele trouxe um caibro de casa e tacou na cabeça de um aluno, e aí eu corri atrás dele na escola, que nem louca, correndo, correndo. Quando agarrei ele as pessoas não conseguiam separar a gente. Aí foi quando eu percebi que eu precisava de ajuda, eu dizia “não eu não sou assim”, porque eu sempre fui muito mãezona, pegava no colo, beijava, abraçava. E com ele eu já não estava mais conseguindo ter esse contato. Eu estava ficando com raiva dele e das coisas que ele fazia. Aí foi minha segunda licença, acho que trinta dias. Aí quando eu voltei o Willian estava muito pior do que ele já era. Ele pegou um portão, o portão do bosque, tacou na cabeça da menina, abriu, aí foi quando eu não aguentei. Porque na mesma semana, uns dias antes disso acontecer, lembra que vinha aquele ônibus na escola, com médico, psiquiatra, psicólogo, dentista.

P - sim

E - E a psicóloga veio e a mãe dele não veio. Eu passei com ele na psicóloga, levei alguns desenhos, expliquei o que estava acontecendo e a psicóloga falou que ele era um caso de, quando a criança, nossa me fugiu a palavra, psicopatia. Que ele tinha sintomas de psicopatia, mas pelos desenhos dele e pelas características que eu tinha passado ele tinha sintomas de psicopatia, mas que pela idade dele, nenhum psicólogo, nenhum psiquiatra, iria dar um laudo para essa criança. Então era para eu tomar cuidado porque ele poderia fazer alguma coisa contra mim ou contra as crianças, porque nos desenhos dele ele fazia sempre pessoas chorando e sem pernas. E ela falou que isso era um sinal de psicopatia. E todas essas coisas dele machucar, ele sempre queria machucar as pessoas. A mãe falava que ele fugia de casa, que ele se escondia na caçamba, ficava atirando pedras nas pessoas, ele ganhava dinheiro de uns policiais na rua para ele brigar, para os policiais verem ele bater nos outros, porque ele brigava muito bem. Então tudo isso acho que foi me deixando com muito medo, muito medo. E foi quando, quando a psicóloga falou isso e ele bateu na menina eu não aguentei, porque eu entrava na escola, eu passava mal, eu passava mal de ter que ir para o hospital, de ter que ficar dois ou três dias à base de calmante. Aí a médica falou “ou tiram esse menino da sua sala ou eu vou te dar licença até o final do ano”, aí eu fiquei 90 dias de licença, até o final do ano. Só que aí eu não consegui mais retornar. Eu não consegui, infelizmente, eu fiquei dois anos e meio afastada. De não conseguir entrar na escola. Depois de dois anos e meio que eu voltei para a escola, que eu consegui começar a entrar sem passar mal na escola, e o médico, o próprio perito do DSS, já havia falado que eu deveria pensar na readaptação, mas eu não queria. Então eu fiquei esse tempo todo achando que ia conseguir. E eu voltava. Eu voltava, eu entrava, eu queria dar aula na minha sala. Meu marido tinha que me proibir de ir para a escola, porque tinha coisas assim, eu sofri muito, eu sofri muito com essa distância da escola. Eu queria voltar mas eu não conseguia. Muitas vezes eu chegava até a esquina

da escola, aí eu tinha que voltar porque eu estava passando mal já. Então foi um período bem difícil para mim. Quando ele falou da readaptação eu não aceitei. Eu só fui aceitar a readaptação porque uma diretora me ameaçou com o pedido de capacidade laborativa. Ai eu falei “não, então não precisa fazer, porque o próprio perito já pediu minha readaptação, então não precisa, eu vou tentar me readaptar”. E aí eu me readaptei nos dois cargos lá na escola. O começo também da readaptação também foi bem difícil. Eu me senti uma inútil, porque eu não me sentia professora, mas para mim, e os médicos peritos também acabam muito com a gente nesse sentido. Quando você vai lá para fazer a readaptação eles falam “mas você quer ficar num cargo...?, como eles falam?, eles querem dizer assim, um cargo menor, “poxa você estudou para ser professora e agora você quer isso, ficar numa secretariazinha?”. E não era isso que eu queria, não foi isso que eu sonhei para minha vida. E fora que meu projeto estava indo de vento em polpa, e sabe quando para tudo, fica tudo registrado pelo meio. Para mim aquilo foi uma perda, para mim, para as crianças, para as famílias, para todo mundo. Então foi tudo muito difícil no começo. Eu acho que só depois de uns dois anos que eu me vi realmente readaptada. E aí eu comecei a procurar saber tudo da escola. Comecei a fazer de tudo um pouco para eu me senti mais útil. E foi quando eu comecei a partir para essa parte pedagógica, para ajudar as meninas, que é a parte que eu mais gosto, eu nunca gostei da secretaria, e também de trabalhar com essa parte da vida funcional das meninas, isso me dava prazer. Eu fazia, “ah elas estão felizes porque isso é para o bem delas, é dinheiro no bolso delas”, então isso me fazia bem. Eu queria fazer o bem para elas ou ajudando na parte pedagógica ou ajudando nessa parte da vida funcional. Foi, acho que por isso que eu consegui me adaptar a essa vida de readaptada, porque foi difícil, não foi fácil não.

P - Conta um pouco para mim em que ano você se readaptou, você lembra?

E - Ah, não lembro, mas acho que... já tem... eu tenho anotado.

P - Tudo bem se não lembrar não tem problema. É só para pensar em tempo.

E - A minha primeira readaptação temporária foi no dia 16 de maio de 2013. Eu fiquei doente em 2010 mais ou menos, final de 2009. Porque aí final de 2009, 2010 foi quando eu não voltei, 2011 eu não voltei, não, minto, final de 2010, aí foi 2011, 2012 e 2013 até maio eu fiquei afastada. Foram dois anos e meio de afastamento. Aí eu estou readaptada desde maio de 2013, temporariamente. Sempre é aquela de um ano e a última foi aquela de dois anos.

P - eu ia te fazer uma pergunta, mas antes, deixa eu aproveitar que você falou do temporariamente. O que significa para você estar temporariamente? Porque temporariamente eu tenho um retorno, quer dizer que o médico pode dizer “volta para a sala”. O que significa para você isso, não ser definitivo, ser temporário.

E - No começo o temporário era temporário mesmo para mim, porque eu achava que em um ano, “não, em um ano eu vou estar bem e vou voltar”, inclusive na época eu não me desfiz de nada do que eu tinha, eu tinha tudo guardado, tudo, porque eu falava “eu vou voltar, eu vou voltar, eu não vou me desfazer”. Quando

foi no final deste primeiro ano eu ainda queria muito voltar, não consegui, minha médica não deixou. Aí fiquei mais, passou para mais um ano. Esse um ano virou quase dois anos e aí as coisas na educação infantil começaram, eu não sei se só lá na nossa escola, começaram a ficar muito difíceis. Eu não sei as famílias mudaram muito. E eu, sinceramente, eu acho que meu problema maior nunca foi a criança, eu sempre falo isso, o meu problema maior era o medo que eu tinha da família, por isso que te contei da família do Edson, porque o meu medo maior, a minha ansiedade maior, a minha aflição maior, era da família. Se acontecer algumas coisa, o que vão fazer comigo? E aí quando começou a mudar muito as coisas na escola, sabe, a família começou a ficar muito agressiva, eu sentia das famílias aquela agressividade. Parece que a gente não estava mais trabalhando só para a criança. A gente tinha que trabalhar com aquela agressividade dos pais, com aquela desvalorização. Foi quando eu comecei a desistir de voltar para a sala, mas demorou. Então durante uns três anos da minha readaptação era temporário para mim, eu queria voltar, e depois não, depois eu já não queria mais voltar. Aí no ano de, eu não vou lembrar mais o ano, eles cessaram a minha portaria de readaptação, acho que 2015, 2015, eles cessaram minha portaria de readaptação e eu voltei para a escola para entrar na sala. E a diretora não deixou. Ela falou “não, não, você não tem noção do que você está falando, você quer voltar mas primeiro você vai passar na sua médica”, eu falei “mas minha portaria está cessada, eu tenho que voltar para a sala”, ela falou “não, você vai sair daqui, você vai na sua médica, você vai conversar com ela, e só se ela autorizar você vai poder voltar. Ela tem que te dar alta”. E aí eu voltei, fiz tudo o que ela pediu, minha médica não me deu alta, aí eu entrei com o pedido de reconsideração. Demorou sete meses para sair. Eu fiquei mais sete meses afastada. E aí para mim se tornou definitivo, eu falei “não, se não voltei até agora, eu não volto mais, agora sou eu que não quero voltar”. E aí para mim se tornou definitivo, mesmo eu estando temporariamente readaptada.

P - quando você voltou e falou “cessou, o médico mandou eu voltar, eu vou entrar na sala”, a diretora não deixou e você foi para sua médica e a sua médica disse que não. Como você entendeu isso? “eu quero voltar e a minha médica não quer”, com base em quê ela achava que você não estava pronta para voltar?

E - Eu não sei o porquê ela ter achado que eu não estava pronta para voltar, assim, eu não sei. Não sei no que que ela se baseou. Mas, assim, ela viu que quando eu me readaptei eu tive muita melhora, eu não fiquei mais doente, como eu ficava antes. Porque eu já estava em tratamento com ela mesmo sem estar readaptada, eu já tinha descoberto a fibromialgia e eu não tinha tantos problemas físicos, que eu tinha no começo, quando estava em sala de aula. Não sei se foi nisso que ela se baseou para achar que eu não estava pronta para voltar. Porque as crises de fibromialgia elas vem e vão, como hoje, está frio, hoje eu tenho mais dor, amanhã eu não vou acordar bem, não sei se ela se baseou nisso. E eu também tomava muito remédio. Então, também pode ter sido por isso, porque naquela época eu tinha mudado de psiquiatra fazia um ano, e o primeiro psiquiatra ele me entupiu de remédio, eu vivia dopada. E ela não, nesse um ano ela foi fazendo o desmame. Então acho que ela achou que era cedo, um ano de

desmame, eu estar iniciando novo tratamento, com menos droga. Eu acho que ela achou que era cedo, eu voltar para a sala e provavelmente retornar todos os meus problemas. Então neste um ano, mesmo com desmame, eu tive poucas crises de ansiedade, porque até hoje eu ainda tenho crise de pânico, de ansiedade, mas são bem menores do que eu tinha antes, então eu acho que ela se baseou nisso.

P - Você disse isso hoje porque eu te perguntei, mas na época, como foi que você viveu este momento? Porque você foi lá e ela disse “você não está pronta, precisa ficar um pouco mais readaptada”, você entendeu isso, já levantou essas hipóteses, perguntou alguma coisa? Ou para você ela disse então ela sabe.

E - Isso. Foi isso mesmo. Porque na época quando eu fui na médica, quando conversei com elas, porque fui em duas, fui na reumato da fibromialgia e fui na psiquiatra. E as duas falaram a mesma coisa, porque eu fazia o tratamento em conjunto, com as duas. E eu aceitei. Eu aceitei porque eu também não me sentia capaz de me avaliar “será que eu estou bem para voltar? Se ela está falando que eu não estou bem, a doutora Miriam está falando que eu não estou bem, a minha diretora está falando que ela acha que eu não devo voltar, então será que eu estou bem, será que não estou bem, será que eu tenho que voltar?”. Então na época eu só ouvi, eu ouvi o que elas me falaram. Eu não avaliei muito se eu queria voltar ou se não queria, eu ouvi. Porque até na minha casa, eu falo, minha família me ajudou muito nesse processo, meus filhos meu marido, me ajudou muito. Então, assim, até eles falavam “você quer voltar? Você quer ficar como você estava? Para que você vai voltar para voltar a ter todos os problemas que você tinha, para ficar doente de novo?”. Então isso me deixou com o pé atrás, eu tive medo. Nessa época eu tive medo de voltar sim. Eu escutei o que elas tinham para dizer, se elas falassem volta eu voltava, se falassem não volta, que foi o que aconteceu, não voltei.

P - na verdade você criou uma rede de amparo e se apoiou nessa rede nesse momento. É o que estava te sustentando ali naquele momento.

E - Isso. Foi isso mesmo

P - você trouxe algumas coisas que eu queria explorar um pouco mais. Você diz assim “hoje eu vejo que aquela mãe desencadeou, que eu fui somando”, “hoje eu vejo que eu acabava ficando muito ansiosa, alterava, que eu era muito metódica, mas na época eu não via”. Como é isso? Eu queria que você me contasse um pouco mais como você percebe isso hoje, dessa Claudia que era antes. Como você acha que se via na época e como é para você hoje ver que não era daquele jeito?

P - Na época, eu sempre me cobre demais, e isso desde a minha adolescência, na época do Magistério... Eu sempre fui uma pessoa que tudo tinha que ser perfeito. Eu não admitia ser menos do que perfeita, e nem tirar uma nota menor do que 10. Eu sempre me cobre demais, demais, demais. Inclusive quando eu fiz Magistério eu fiquei internada duas vezes por estafa mental, por conta disso, de me cobrar, porque eu tinha que ser a melhor da sala, eu tinha que ser o melhor

trabalho, eu sempre fui assim. E isso foi me prejudicando também ao longo dos anos. E quando eu estava lá na escola eu também queria ser a melhor, eu também me cobrava. Eu também cobreí muito dos meus filhos. Então tudo isso foi assim. E é aquilo que eu falo, na época eu não via nada disso, eu via tudo isso como uma coisa boa, “nossa que bacana eu me cobro, eu sou a melhor, olha que bom, eu estou fazendo o meu melhor. O meu filho tirou dez, olha aí, eu consegui. A minha filha tirou 10, olha, perfeito. Ninguém vai falar que meus filhos... ‘olha filho de professora vai bem, tem que ir bem.’”. Mais ou menos isso. Então eu achava que isso era uma coisa boa. Quando eu perdi a minha mãe eu comecei a perceber que isso não era tão bom, porque minha mãe sempre me falava “Claudia não se cobra tanto, Claudia deixa essas crianças viverem, deixa eles brincarem, um dia...”, e ela falava muito “um dia a gente vai embora e acabou, acabou, não tem mais, eles vão viver a vida deles. E aí? Como vão viver sem você, porque tudo você está em cima, tudo você faz, tudo você”. E aí eu comecei a pensar um pouco nisso, eu comecei a perceber que nem tudo o que estava fazendo era bom para mim e bom para eles. Eu comecei a entender. Uma vez, também, eu escrevi umas memórias, na faculdade, quando a gente estava fazendo faculdade a gente tinha uma escrita de memórias. Era uma carta, eu fiz uma carta. E eu enderecei essa carta aos meus filhos. E nessa carta eu falava muito sobre isso, sobre o que eu achava que era bom para eles e o que de fato eu estava fazendo para eles. Acho que foi aí, nesse meio tempo, que eu comecei a perceber que eu precisava mudar, que eu precisava buscar um tratamento, um acompanhamento. Eu comecei a perceber que em casa eu tinha muita coisa, eu não conseguia, vamos supor, a pessoa vinha limpar minha casa hoje, eu limpava minha casa ontem para pessoa não encontrar minha casa suja. Aí ela limpava e eu limpava de novo porque ela não limpava do jeito que eu queria. Ou senão eu lavava a panela, eu ariava, e não estava do jeito que eu queria, eu ariava mais duas ou três vezes até ela ficar do jeito que eu queria. Eu ia lavar a mão no banheiro, se eu não lavasse a pia do banheiro inteirinha e deixasse seca, me fazia mal. Então eu comecei a perceber que eu não estava bem. E as pessoas também começaram a perceber isso e começaram a falar “olha não é normal, olha isso aí...”. Foi quando eu fui procurar o tratamento e aí eu comecei a perceber que as coisas que eu achava que eram lindas e maravilhosas e perfeitas, não eram, era tudo um problema mesmo. Eu estava doente.

P - e você consegue perceber porque você se cobrava tanto?

E - Não

P - Por que você tinha que ser a melhor?

E - Eu não sei, porque eu não me lembro, eu não lembro de na minha infância ou adolescência alguém me cobrar algumas coisa. Eu não me lembro do meu pai ou da minha mãe me cobrar nota, de me cobrar para eu ser boa aluna ou alguma coisa, eu não me lembro. E a médica já me pediu para fazer terapia, para ver se eu consigo procurar os porquês, e eu não consigo. Eu não gosto de terapia, eu não me sinto bem. Tem muitas coisas que eu ainda sinto dificuldade e a terapia é uma. Na terapia eu me sinto uma inútil, parece que eu estou

perdendo tempo, conversando com alguém que não vai resolver nada para mim. E eu tenho tanta coisa em casa para fazer. Por que eu tenho que estar lá batendo papo? Então ainda não consegui. Eu preciso achar uma terapia diferente, que chame minha atenção para eu fazer. Por enquanto minha terapia é a costura, é o artesanato, é fazer as coisas assim, que nem agora, a gente está bolando um projeto lá para a escola, as readaptadas, a gente está bolando um projeto, é, para colocar no classroom, já começou, deu certo, eu fiquei super feliz. Então assim, eu tento fazer essas coisas para ficar bem, mas tem coisas que eu ainda não consigo.

P - e você acha que não consegue porque a pergunta é “tenta achar o porquê” ou você acha que realmente não existe esse porquê?

E - Eu acho que até que existe, mas eu não sei se eu preciso dele. Eu acho que é isso. Eu não sei se preciso saber o porquê. Na verdade eu acho que eu nem preciso saber o porquê. Eu só queria não ter este problema de me cobrar tanto e de cobrar tanto das pessoas que estão comigo. Então por exemplo, se eu faço alguma coisa e eu erro, de eu não admitir que eu errei. Eu fico louca de ter errado, eu fico possessa de ter errado. Então eu queria é me livrar disso, tirar isso de mim, mas saber o porquê eu não sei se para mim importa tanto.

P - Você não sabe se saber o porquê vai fazer com que isso acabe.

E - Isso, isso mesmo.

P - você disse que ficou dois anos e seis meses sem conseguir entrar na escola, mas que você queria voltar para a sala de aula. Como era esse conflito? Como você viveu essa situação? Me conta um pouco mais como foi esse processo com o grupo. Como você sentia e como era essa relação com o grupo, porque eu vou até a escola e aí eu não entro. Como era essas relações nesse processo?

E - Eu ia até a escola e até entrava, às vezes. Só que entrava e passava mal. E aí eu me sentia mais mal porque todo mundo tinha que me socorrer, ligar para o meu marido para ele ir me buscar. E aí eu comecei a não ir para não fazer isso com as pessoas, para não passar mal em frente às pessoas. Aí teve dia de eu nem chegar até a escola, já passar mal e ter que voltar. Porque eu ia escondida às vezes, eu ia e queria dar aula, eu fui para terminar o projeto, eu cheguei a entrar na sala para terminar o projeto com as crianças, era um projeto bacana, ia ter a feira e eu queria apresentar o trabalho deles. E aí foi assim, aquela coisa de “eu tenho que fazer e eu não consigo fazer. Mas eu vou tentar, eu vou de novo. Hoje não deu, mas amanhã dá”. Então foi difícil e, assim, a escola, na escola, aí que a gente percebe quem são os nossos verdadeiros amigos, você percebe quem quer ver você bem e quem não se importa, quem acha que tanto faz. Então isso também, eu acho que descobri verdadeiros amigos nessa época e perdi alguns que eu achava que eram amigos, por conta disso, da gente perceber quem quer realmente te ajudar. Que vai, que liga, que diz “não vem”, que vem na sua casa e te traz uma palavra de apoio “não vai, vai se tratar, vai fazer isso, olha está tudo bem na escola”, e aquele que te liga só para te cobrar “olha hoje você tinha que ter trazido a chave do armário, você não trouxe, você

vai trazer quando? Quando que você vai abrir o armário para eu poder usar seu material?”. Então tem isso também na escola. Tem aquelas pessoas que te apoiam e tem aquelas pessoas que não se preocupam com o que você está passando. E, às vezes, eu acho que nem acredita no que você está passando, acha que é mentira. Eu acho que isso também foi o que mais me incomodava, as pessoas acharem que eu estava mentindo, que eu não queria trabalhar, que eu era folgada, entendeu? Que eu estava fingindo que estava doente para não ir trabalhar “ah eu não quero ir trabalhar, eu quero ficar de licença até o fim do ano, porque eu não quero ficar com aquele aluno que vai me dar problema”, porque tem muitos professores que às vezes fala “você não vai dar um jeito, eu vou tirar licença”. Eu nunca fui dessas, então eu não admitia que as pessoas falassem.

P - mas você chegou a ouvir esse tipo de coisa?

E - Acho que ouvir não, mas eu senti. Eu senti. Eu lembro que a diretora não aceitava que eu estava em licença “imagina tirar licença por causa de fibromialgia, isso não existe”. E eu não estava em licença por causa da fibromialgia, eu estava em licença por causa de problema psiquiátrico. Eu me readaptei por problema psiquiátrico e não por fibromialgia. Então isso eu ouvi, que ela não se conformava. E achava que eu ia voltar, porque o ano ia mudar, o menino ia sair da minha sala e eu ia voltar. E eu não consegui. Continuei durante esse período dois anos e meio sem conseguir. Por isso que eu falo que eu acho que foi uma coisa que já vinha vindo, que não foi esse menino que me deu problema. Era uma coisa que eu já estava somando. Então isso foi difícil. E quando eu voltei, você também ouve. Eu nunca me esqueço que eu estava voltando para a escola e, lógico, eu estava voltando depois de dois anos e meio, eu queria chegar bem, eu nunca gostei de “você está bem?”, “ai, não estou, estou mal”, eu sempre, para todo mundo, podia estar mal, se perguntava “você está bem? Eu falava “ah estou bem, graças a Deus”. Eu queria chegar assim, eu queria chegar bem. Então fui na minha amiga, fiz luzes. Aí cheguei lá a professora olhou para mim e falou “nossa, a licença te fez bem hein, deu até para pintar o cabelo”. Então tem isso, tem isso também, que machuca, que deixa a gente para baixo até, porque as pessoas elas só veem o que está ali na frente delas, o superficial, elas não veem tudo o que você passa, todos os remédios que você toma, quanto você gasta por mês com remédios, todos os médicos que você tem que ir. Então as relações dentro da escola, na situação de readaptada, elas são muito difíceis, principalmente quando as pessoas acham que ser readaptada é não fazer nada, é não trabalhar, é não ter nenhuma função na escola. Então isso até hoje existe. Às vezes eu vejo amigas minhas falando isso, e falam para mim “não, você não é uma dessas, mas readaptada é folgada, readaptada não quer trabalhar”. E isso me machuca, porque eu estou nessa situação, e nem por isso eu não quero trabalhar. Eu quero.

P - você voltou de licença e aí você foi para a sala e, por conta de uma ameaça de pedido de capacidade laborativa, é que você aceitou a ideia de readaptação. Nesse período que você voltou de licença até o período de readaptação, como é que você estava na sala?

E - Não. Eu não voltei para a sala. Eu terminei o período de licença com, já readaptada, porque foram dois anos e meio afastada e meu pedido de readaptação saiu muito rápido. Então não foi um período demorado, porque como eu já estava dois anos e meio afastada e o próprio perito já tinha dado a sugestão de readaptação, porque eu tinha dois cargos e ele achava que eu não ia aguentar voltar com dois cargos, então eu já estava nesse processo. Eu não aceitava, eu não queria me readaptar. Então eles me davam mais licença. Foi quando a médica fez o relatório pedindo a readaptação.

P - então na verdade essa ameaça de pedido de capacidade laborativa surgiu durante o período de licença.

E - Sim, sim. Porque na época a diretora queria que eu voltasse para a sala. Eu falei “olha eu estou tentando voltar, eu quero voltar, eu estou tentando voltar, mas eu não consegui. Então o médico já deu a sugestão da readaptação, mas eu não quero”. Foi quando ela falou “então volta, volta que eu te ajudo, quando você não estiver bem a gente coloca alguém na sua sala, você sai da sala, volta, volta”. Foi quando eu falei para ela que eu tinha medo. É o que você falou do amparo. Eu escutava o que os outros diziam porque eu não me sentia pronta para dizer “eu vou voltar” ou “eu não vou voltar”. Eu deixava os outros responderem por mim. E foi isso que eu falei para ela: “não, se minha médica me der alta eu volto, volto amanhã já, mas se ela não me der alta, como eu vou voltar? Eu não sei também se eu estou bem para voltar”, foi mais ou menos isso, aí ela falou “então eu vou pedir sua capacidade laborativa”, aí eu falei “não, então não precisa pedir, porque a minha médica já falou que ia me readaptar. Então se é assim eu peço a readaptação”. Então foi uma coisa assim, meio, foi rápido demais, me pegou de surpresa. E aí fui na médica, ela já tinha falado sobre isso, ela fez meu relatório. Foi um prazo, acho, que de dois ou três meses já saiu minha readaptação. Isso aconteceu em fevereiro, foi quando ela entrou. Nós voltamos de férias em fevereiro, foi quando a diretora nova entrou, eu me readaptei em maio, então não foi muito demorado. Porque como eu já tinha tido um período longo de licença, então não foi muito demorado. O difícil foi assim, chegar na escola readaptada, porque aí você não vai para a sala, você fica ali naquela sala à parte, e eu gostava muito de ficar com as crianças. Então, muitas vezes, eu ficava com as crianças, eu ia contar histórias nas salas. Só que assim, essa diretora abusava um pouco da autoridade dela e ela colocava a gente na sala, mesmo sem a gente poder. Muitas vezes eu fiquei em sala, com crianças, sozinha, porque o professor chegava atrasado e eu que cobria, porque o professor ia embora mais cedo e a gente que ficava. E assim, isso foi me prejudicando. Na época eu achava que estava tudo bem, que eu estava ajudando. Então como ajuda, “ótimo, eu posso, eu vou fazer, que bacana”. E não, não foi isso. Então tem tudo isso, das pessoas não entenderem o processo da readaptação.

P – E o laudo, respeitar o limite da pessoa e até do corpo.

E - Sim

P - e por que você resistiu à readaptação? Você disse que ficou dois anos e meio tendo a indicação e você não queria, que você preferia pegar licença do que se readaptar. Por que?

E - Porque eu achava que se eu me readaptasse eu não ia mais voltar para a sala de aula. Que foi o que aconteceu, eu me readaptei e não voltei mais. Eu achava que estando em licença uma hora eu ia ficar bem, eu ia acabar voltando para a sala. E estando readaptada não. E foi o que aconteceu, eu me readaptei e acabei não voltando. E hoje eu não voltaria. Isso que eu acho estranho, porque apesar de eu gostar tanto, eu ainda gosto, eu ainda queria estar com as crianças, mas eu não voltaria mais, eu tenho medo de voltar. Eu não voltaria. E não pelas crianças. Não é por eles. É pela situação, pelas coisas que a gente vê acontecer, esses pais de hoje em dia, que xingam, que são grossos com o professor, que brigam, que batem na criança. Essa situação de violência que as crianças vivem. Eu acho que eu não conseguiria mais ajudar essas crianças e aí eu ficaria mais doente. Então hoje eu não volto mais, não quero mais voltar. Não volto não, porque eu não sei, mas não gostaria de voltar mais.

P - hoje você não se enxerga mais naquele papel?

E - Não. Não consigo. Eu me enxergo naquele papel, às vezes, com as crianças. A gente está fazendo aquele projeto. Nossa eu estou achando o máximo, mas eu estou com a criança, é tudo virtualmente, então é diferente. Não sei se lá na hora, se eu ia conseguir. Voltar a ser o que eu era. Porque eu sempre disse assim “para voltar a ser metade do que eu era eu não quero. Ou eu volto a ser a professora que eu era ou eu não volto”. Também tem isso, eu não falei, mas é verdade, eu queria ser como eu era, de correr com as crianças, de brincar de esconde-esconde, de subir no balanço, de fazer meus projetos, de...fazer meus projetos, sabe, de ser uma boa professora. Para ser metade da professora que eu era não queria.

P - então hoje você fala que não gostaria de voltar. Você não gostaria de voltar a ser o que você era ou você não gostaria de voltar porque você não consegue se ver como você era?

E - Isso. Eu não gostaria de voltar sem ser o que eu era. Eu gostaria de voltar, mas se eu fosse como eu era, com o pique que eu tinha, que hoje eu acho que eu não tenho mais. De voltar a fazer curso, de tentar colocar tudo em prática, de fazer todo aquele trabalho legal com as crianças. Hoje eu acho que eu não conseguiria fazer, eu não teria esse pique mais. Então para voltar pela metade, eu prefiro ficar onde eu estou. Porque, pelo menos onde estou, estou trabalhando, estou ajudando. Eu me sinto útil, então eu prefiro, porque eu acho que mesmo eu não querendo eu ainda me cobro. Então se fosse para eu voltar e ficar me cobrando... porque hoje eu estou bem porque o que eu faço está bom, as pessoas gostam “olha está legal, você fez bastante, você ajudou, você fez isso, fez aquilo...”, as pessoas aprovam. Eu acho que eu também tenho um pouco de receio da aprovação das pessoas. Eu vou voltar e o que vão falar? “ah você não é a professora que você era, você não é mais a mesma”. Então tem isso, essa cobrança minha.

P - tem isso, mas você diz que acha que não conseguiria ser a pessoa que você era. Hoje você diz que está bem porque as pessoas te aprovam. E você? Como você se vê hoje no que faz?

E - Hoje, nesse sentido eu estou melhor. Eu me sinto bem fazendo o que estou fazendo. Mas acho que por conta dessa aprovação, porque as pessoas dizem “nossa, olha, eu só confio em você para fazer minha evolução, nossa meu quinquênio só você para fazer. Ah Claudia, você vai fazer aquele cartaz? Mas tem que ser você”. Então eu acho que eu estou bem por isso, porque as pessoas gostam daquilo que eu faço, demonstram isso, esse... valorizam esse trabalho que eu faço, mesmo não estando na sala. Eu acho que é mais por isso.

P - você disse que assim que se readaptou, os dois primeiros anos foram muito difíceis. O que significa isso? O que foi muito difícil?

E - Ficar longe da sala, ficar longe da parte pedagógica. Mas assim, eu acho que foi um problema da direção da escola, eles afastaram os professores da vivência totalmente. Eu nunca me esqueço quando ela falou assim “vocês vão ficar nessa sala, eu não quero ver professor readaptado circulando na escola”.

P - Isso foi depois daquele momento que a diretora você para substituir?

E - Então. No primeiro ano que ela esteve lá ela pegava qualquer readaptada e ela colocava na sala de aula para cobrir professor. Ela não se importava muito com o laudo. Eu não via isso como algo errado, eu achava “eu posso, eu estou bem, eu vou lá ficar, não tem problema”, isso foi no primeiro ano. Só que assim, a gente achava que estava tudo bem e não estava, porque na verdade ela não dava função nenhuma para a gente e a gente acabava sendo um Bombril “eu preciso disso aqui, daquilo ali...”, mas você ficava fora de toda a vivência escolar. Você não participava de nada, nem nas reuniões era importante você participar, você falava mas não era importante porque você não estava em sala de aula, então foi difícil. Aí num segundo ano, ela colocou mesmo a gente como inútil, todas as readaptadas, ela só não usou essa palavra “vocês são inúteis”, mas ela chegou até a me falar que eu onerava os cofres públicos. Então para mim esse ano ainda foi mais difícil, porque eu tirava muitas licenças esse ano, eu ficava muito ruim. Porque ela colocou a gente nessa sala e assim, sem função nenhuma, a gente não tinha o que fazer. Eu lembro que a gente ficava, pegava reciclado, fazia... foi quando a gente começou essa parte bem voltada para o pedagógico. Eu fiz caminhão de lixo para elas trabalharem reciclagem, a gente pegava pote, tudo o que achava a gente fazia alguma coisa, para ter o que fazer, porque a gente se sentia um bando de inúteis dentro daquela sala. Foi quando eu aprendi a costurar, a gente começou a fazer os bonequinhos para a sala de leitura, porque não tinha o que fazer. Ela não queria que a gente fizesse alguma coisa. E, na época, até ameaça ela fazia, porque ela falava “engraçado você não pode dar aula, mas você faz curso”. Eu sempre gostei de fazer curso, sempre adorei estudar, “mas você faz curso, então vou escrever no seu prontuário isso, que você só não quer dar aula, mas que curso você faz”. Ou se não ela falava assim “ah, mas você está bem, quando você entrou você sabia que ia ser assim”. Então esses dois anos, mas foi por conta da direção, foram anos muito difíceis.

Eu estava saindo de uma coisa que eu amava fazer e entrando em um ambiente odioso, de inutilidade, de não fazer nada, de ser um zero à esquerda. Então acho que por isso que foi muito difícil.

P - a partir daí mudou a direção ou mudou o quê?

E - Mudou a direção. A gestão mudou. Veio a Carla com a Laura. Foi quando a Carla e a Laura entraram. E a Carla já logo, eu não sei se é porque a Carla foi readaptada, ela tinha uma visão diferenciada e aí logo que ela entrou ela já colocou, fez uma reunião com a gente e falou “vamos fazer assim, cada um vai ter uma função, cada um vai fazer uma coisa. O que você gosta de fazer? O que você tem interesse em fazer?” Isso mudou tudo. Isso mudou tudo, acho que para todas as readaptadas da escola, porque todo mundo foi trabalhar com aquilo que se sentia bem fazendo. Então é aquilo, nós fomos respeitadas, a gente já não tinha mais, como ela dizia, aquela sala da doida da tesoura. Porque ela falava das doidas da tesoura, porque a gente ficava cortando muita coisa. Não tinha mais aquilo, aquilo lá virou um ateliê. Então a gente montava as coisas para as professoras, mas cada uma tinha a sua função na escola, cada uma tinha algo para fazer, algo para ajudar. E nas reuniões, nós começamos a participar das reuniões. Ela deixava livre “você quer participar da reunião você pode, você quer dar sua opinião? Sua opinião é bem-vinda”. Isso tudo mudou a característica da escola. Mudou e mudou para melhor, a gente começou a se sentir mais útil, começou a se sentir bem-vinda na escola. E até a visão das professoras mudou, porque até as professoras pensavam “ah elas não fazem nada, fiquem naquela sala o tempo todo, tem professor que até dorme”, então era assim. Então tudo isso mudou, até a visão que o pessoal de fora tinha da gente, que as meninas tinham da gente.

P - pessoal de fora você fala as professoras que estavam em regência

E - Isso

P - e hoje? Hoje você se vê bem fazendo o que faz. Você se sente professora? Como você se denomina enquanto função, enquanto professora?

E - Eu sou professora e vou ser professora sempre, está no sangue. Acho que foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida. Eu posso não estar como professora, mas eu sou professora. E assim, acho que na hora que, vamos supor, eu sento com uma menina que acabou de chegar na prefeitura. Sento e vou explicar “olha faz curso, a evolução é assim”, sento porque eu gosto de explicar, ou se não eu falo “a gente está aqui para te ajudar, então se você precisar de algum material você me pede, olha aqui tem isso, aqui tem aquilo...”, então parece que estou passando um pouco do que eu vivi para ela, da minha experiência. Então nesse sentido ainda me sinto professora. Quando eu vejo uma criança, converso, “olha não põe a boquinha na água, na torneira”, então tudo isso eu ainda me sinto professora, eu ainda sou professora. Só não estou na função de professora, só isso. Mas eu voltei a me sentir professora. Não sei se por eu ter uma função de estar sempre ajudando as pessoas, as pessoas estarem sempre felizes, isso é bom. Porque as professoras adoram que a gente

ajude, que a gente monte as atividades, que a gente dê ideia, então quem gosta disso é muito bacana. E elas também gostam porque está tudo redondinho na vida funcional delas. Isso tudo me deixa feliz hoje, me faz me sentir útil de novo.

P - se por acaso o seu nome não fosse Claudia. Que nome você gostaria que fosse.

E - Eu gosto de Claudia, não sei, ai meu Deus.

P - você disse que gosta de Claudia, isso quer dizer que você sempre se identificou e se viu como Claudia. É isso?

E - Isso

P - eu vou precisar dar nome para você na entrevista, porque eu não vou te identificar como Claudia. Como você quer que eu te identifique?

E - Não faço nem ideia

P - Que nome você quer que eu te dê?

E - Claudia. Pode ser Claudia.

P - então ficticiamente você gostaria de ser Claudia?

E - Isso. É um nome forte e bonito

P - É isso que eu ia te perguntar. O que significa esse nome para você?

E - Eu não sei porque, mas eu sempre gostei muito do meu nome. Eu sempre pensei muito nessa coisa de nome quando é pequena e depois quando é grande. Então antigamente Joaquim parecia que era só para pessoas velhas, não para criança. Para criança ficava bonito, não sei, Yan, para criança. E o meu nome eu sempre achei que ficava bem para quando eu fosse pequena, grande, adolescente. Eu sempre achei o meu nome bonito. Claudia eu acho um nome bonito, eu acho um nome forte. E não sei porque, eu sei que minha mãe escolheu meu nome por causa de uma amiga dela que também chamava Claudia. Uma amiga que ela achava bonita, que ela gostava muito. E na época também eu acho que tinha uma personagem de novela que era Claudia. E eu acabei sendo Claudia. Eu sempre gostei muito do meu nome. E quando eu queria ser médica eu achava que ia ficar lindo, Dra. Claudia Artesã, nome forte, chamativo. Então não sei, acho que por isso, é forte.

P - E como professora, professora Claudia Artesã.

E - Ah. É chique também, é forte. É para ficar marcado.

P - para ficar marcado e é um nome que marca todas as fases da sua vida.

E - Sim. Porque eu falo hoje eu encontro muitos alunos, eu encontrei muitas crianças no face, muitos alunos. Então não sei se pelo nome, Claudia Artesã, que é um nome difícil de esquecer, ou se é, eu gosto de pensar que é porque eu fiz por eles. Eles lembram, eles vem procurar e me achavam. Então encontrei muita gente assim. E foi muito bacana. E outro dia eu encontrei até uma aluninha

minha numa situação que eu fiquei triste com a situação. Mas quando ela falou meu nome eu falei “poxa, realmente ela lembra de mim”. Ela deve estar agora com uns 22 anos, ela estava pedindo na rua com a mãe, coisa que ela faz desde pequenininha. Então desde que ela era minha aluna, lá no Poetisa em Cidade Santa, a mãe já levava as crianças para pedir. E eu estava aqui na rua, no mercadinho. Eu entrei no carro e ela encostou no vidro para pedir. Eu olhei para ela e falei “você foi minha aluna” e ela falou “é, você é a professora Claudia?”, eu falei “eu sou”. Então eu falei, eu não sei se ela lembrou de mim por causa do nome ou se eu marquei a vida dela de alguma forma. Está certo que professor é mais fácil a gente lembrar, que professor é um só e aluno a gente tem um monte. Mas eu fico muito feliz quando eles lembram de mim “a pro Claudia, a professora Claudia”, eu gosto.

P - e dá para pensar como esse nome não está solto. Você fala “não sei se ela lembrou de mim por causa do nome ou se ela lembrou do nome por minha causa”

E - Isso

P - é meio que tostines. Mas é pensar que de alguma maneira se eles vão procurar a Claudia é porque a Claudia marcou a vida deles, se não eles não procurariam.

E - Em algum momento

P - e positivamente. Pois se não não iriam procurar.

E - Sim. Eu tenho uma outra aluninha que eu encontrei. Ela não se conformou porque eu a reconheci e mandei um recadinho pedindo amizade, falei “ah Carol”, é Caroline o nome dela. E ela falou “professora você lembra de mim?”. Eu falei “é claro que lembro, lembro de você e do seu cabelinho”, que a mãe dela puxava, era cabelinho de negro, então a mãe puxava os cabelos dela que ela ficava japonesa, para fazer os birotinhos. Eu falei “eu lembro dos seus birotinhos no cabelo”. Aí ela falou “ai professora não acredito que você lembra de mim”, eu falei “lembro, tem alunos que marcam a gente”. Ela tinha uma história de vida muito difícil e marcou muito para mim. E tem uma outra, Sarinha que está morando no interior, que teve um histórico de vida muito difícil, e que fala comigo, toda hora ela está mandando recadinho, que está com saudades, que quer me ver, e já é uma moça, 23 anos. O Alex “pro eu fiquei doente quando minha mãe me tirou da sua sala, ela me colocou no terceiro turno porque eu tinha bronquite e eu tive que sair da sua sala, e eu fiquei doente”, e eu lembro que ele saiu da minha sala e voltou para minha sala. Ele fala “até hoje eu lembro de você, eu lembro da sua voz”. Então eu acho que isso é tão gostoso, tão importante. Eu nunca tive um aluno que falasse “essa professora é odiosa, eu nunca gostei dela”, eu acho que eu ia ficar traumatizada se eu ouvisse isso. Então eu tenho boas recordações dos meus alunos, graças a Deus.

P - e isso te faz sentir bem por que? O que você pensa quando você vê assim “eu fui importante na vida deles”. O que isso te faz sentir?

E - Então. Eu acho que para gente ser valorizada na nossa profissão, ser importante na vida de uma criança é muito importante, é muito gostoso, é muito bom. Você saber que você fez parte da história daquela criança. Acho que isso é o mais gostoso. E da melhor parte da vida dela, que é a infância. Então eu acho que, por isso que quando eu falo da EMEF eu nunca me apeguei muito, porque eu acho que os alunos da EMEF, como eles já são maiores, eles não dão tanto carinho assim, não é carinho, não sei dizer agora qual a palavra certa.

P - seria o vínculo, a proximidade, a relação.

E - Isso. Isso. Que a gente tem com as crianças pequenas. Eu acho que o vínculo que a gente cria, a amizade, o carinho, o amor que eles tem pela gente é na infância, é na educação infantil. Por isso que eu falo, agora esse negócio de voltar, nós vamos voltar como? Eu não vou poder beijar a criança, não vou poder abraçar a criança. Como fica uma educação infantil sem afeto, sem abraço, sem beijo, sem chegar perto? E assim, não é porque eu estou na sua frente, juro por Deus, eu não sou puxa-saca. Mas o que você fazia com as crianças, eu me via muito em você, porque eu nunca admiti ser menos do que doce com a criança. Ser companheira, ser amiga, ser parceira. De abaixar para conversar. Sabe, não ficar com aquela atitude autoritária “eu sou adulto eu mando”. E na infância eu acho que é a fase que a gente mais consegue criar isso. De você estar próximo da criança. Porque na EMEF isso já é mais difícil. Você tem que ser mais autoritária, porque tem aluno que não vai te obedecer se você for muito doce. E eu não gostava dessa parte. Eu achava essa parte chata. Eu gostava era dessa proximidade com a criança, de ser amiga dela, de ser parceira, de estar sempre do lado. Então a educação infantil, para isso, acho que é a melhor parte da vida. Porque acho que é quando você realmente cria vínculo afetivo, que você tem proximidade, que você consegue chegar na criança. Eu falo, a criança chega em você e conta a vida inteirinha, você não precisa perguntar nada, ela conta tudo. Eu lembro que eu falava nas reuniões para as mães “eles são tão fofos, eles são tudo fofinho, eles contam tudo que acontece em casa, eles confiam na gente e essa confiança a gente não pode perder”. Então eu acho que isso é o mais bacana dessa fase, essa confiança que eles tem na gente. E acho que é isso que a gente fica tão marcada na história deles, porque o vínculo é forte, tem um vínculo forte.

P - pensando na Claudia, enquanto estava lá na regência, você disse que procurava sempre estar se atualizando, sempre procurando coisas novas. Agora, enquanto readaptada, mesmo, você passou por um momento que não foi muito fácil e agora vocês tem as funções distribuídas. Como é essa coisa “eu já tenho minha função atribuída, eu já sei o que eu tenho que fazer, então é isso que eu vou fazer sempre”. Como que é isso?

E - Não. Com relação a me atualizar eu continuo. Eu posso não estar indo lá, fazer o curso presencial, porque eu não tenho mais essa necessidade de ter um certificado para comprovar que eu fiz, mas eu continuo me atualizando, eu continuo estudando, eu gosto de ler. E, vamos supor, a minha função era evolução e quinquênio, “ah não, para mim está pouco, eu quero cuidar também

da averbação, aí agora eu quero cuidar do cadastro no GERFUNC, eu quero cuidar da promoção por merecimento”. Eu estou sempre tentando me renovar, aumentar as minhas funções, me renovar. Aí agora, com essa pandemia que a gente está tudo em casa, que não tem como, eu não tenho como ir lá e falar “ó meninas eu vou fazer um cartaz lindo, vamos fazer isso aqui”. Então a gente bolou um projeto. A gente assistiu uma live das Abelleras, você assistiu?

P - sim

E - Maravilhosa aquela live. E eu fiquei apaixonada e eu falei para Andréia “Andréia você também gosta da parte pedagógica, vamos tentar, se meter um pouco lá, se as meninas deixarem. E aí a gente começou, montou um projeto, montou e a gente está fazendo. Foi um sucesso sexta-feira, no primeiro dia, então assim, eu não paro. Até meu marido brinca ele fala “caramba você não consegue ficar parada”. Eu estou parada mas eu estou costurando, eu estou parada mas estou fazendo alguma coisa, estou fazendo uma comida, estou... estou sempre fazendo alguma coisa, eu não consigo ficar parada. Isso aí eu não mudei. E, assim, para me atualizar, para querer aprender coisa nova também não. Acho que isso eu não vou, mesmo velhinha, nem que eu tenha que aprender a fazer tricô e crochê, mas eu vou aprender, alguma coisa.

P - Você trouxe muito esse momento da pandemia, da preocupação com a volta. Como está sendo, para você, ficar em casa, sem poder ir para a escola, sem poder ir para o presencial, sem ter esse contato olho no olho? Como é isso?

E - Eu falo assim existem duas coisas, uma parte que é maravilhosa, pois estou o tempo inteiro com meu neto. Estou vendo ele crescer, estou vendo o que a mãe dele não está vendo. Então eu vejo ele aprender coisas novas, eu vejo cada dia uma palavra diferente, cada dia uma coisa. Então isso é maravilhoso, ficar com ele, essa presença, ficar perto das coisas que a gente gosta. Acho que isso daí a pandemia foi a melhor coisa que aconteceu. De tudo de ruim, isso foi bom, porque a gente está tendo contato com a família da gente e não só com as pessoas de fora. Teve um período que nós todos estávamos juntos, meu marido, meu neto, meu pai, meu filho, meu genro. Então isso daí acho que a única parte boa dessa história. Tem outra coisa boa, acho que a gente se abriu mais para fazer coisas boas, para tentar ajudar o outro “olha a pessoa perdeu o emprego, vamos fazer uma cesta básica”, e aí todo mundo da rua “não, vamos” e aí um dá dinheiro, outro dá outra coisa, então isso daí acho que mexeu muito com as pessoas. Mas eu não gosto de trabalhar em casa. Eu não dou conta de trabalhar em casa, de ter que trabalhar, de ter

P - simultaneamente, ao mesmo tempo

E - Simultaneamente eu ter uma casa para cuidar e eu ter um serviço para fazer. Isso eu não consigo, isso me deixa um pouco aflita, ansiosa. Hoje eu tenho as coisas aqui para fazer, mas eu tenho a evolução da Elaine para terminar, eu tenho que cadastrar uns títulos da Maria. E aí durante o dia eu não consigo porque o Edu toma muito meu tempo o dia inteiro, ele é uma criança que quer atenção o dia todo, ele está acostumado da gente ficar com ele o dia todo, de

conversar com ele o dia todo, de brincar com ele, então eu ainda não consigo. Eu queria estar trabalhando, eu falo com o pessoal aqui em casa “estou louca para aposentar de um cargo”, aposentar é uma coisa, eu vou ficar aqui em casa, é a minha vida, não estar em casa e ter que trabalhar. Eu falei para as meninas “como é que alguém em sã consciência, consegue fazer home office, porque eu não consigo. Então eu tenho que esperar ele ir embora, quando a Ana chega do trabalho, que ele vai embora, aí sim, eu vou sentar e fazer as coisas. Em dia de reunião então, é terrível, porque eu estou com o celular fazendo reunião e ele está do lado querendo o celular, querendo uma bolacha, aí ele fala “quem é essa? deixa eu ver”. Então não dá, eu não consigo. Eu preferia estar no presencial. E no presencial também é mais gostoso, a gente tem contato com as pessoas. Estou sentindo muita falta das minhas amigas, estou sentindo falta da escola, até do barulho das crianças a gente sente falta. Coisa que a gente reclamava “nossa como eles gritam”, agora a gente sente falta, daquela movimentação da escola. A escola ficou muito triste sem as crianças. A gente vai lá, às vezes eu vou levar documentação das meninas, é uma tristeza. Aquela escola linda, bonita, enorme e morta. Aquele silêncio, não tem movimentação, não tem brinquedo, não tem nada, é horrível, é horrível.

P - você não pode nem encostar em quem está lá. É sempre de longe.

E - Isso. Sempre de longe, de máscara. Eu não sei, quando você esteve lá acho que você notou, lá todo mundo é muito família, todo mundo se beija, se abraça, fica perto. E agora não pode, então está bem difícil e isso é ruim. E a gente também criou um grupo bom e a gente fazia festa junto. A gente tinha começado, fazia pouco tempo, fazia festa, a gente já estava até marcando a festa do pastel agora, então como pode vir essa pandemia acabar com nossos planos. Porque eu acho que a EMEI virou uma grande família, a gente conseguiu ter uma grande amizade, apesar das brigas, dos arranca-rabo, das confusões, que continua tendo, todo mundo se respeita, pelo menos tenta se dar bem, e a maioria consegue. Isso eu sinto falta, desse convívio com as meninas eu sinto muita falta, das risadas da Andréia, das broncas da Marilce quando eu a Andréia ficava rindo muito alto, é tão gostoso.

P - mas você sente que esse período te imobilizou de alguma maneira?

E - Não, imobilizar não. Eu falo, minha vida continuou, a gente continuou fazendo tudo o que a gente sempre fez, até aumentou, porque agora eu costuro um monte de máscara todo dia, então aumentei o meu trabalho, mas assim, imobilizar não. Não me sinto imobilizada. Eu tenho medo, insegurança sim. Eu me sinto muito insegura, eu tive algumas crises porque eu achava que estava doente. Quando minha filha pegou Covid eu entrei em desespero. Então eu acho que é o medo. A pandemia trouxe esse medo, essa insegurança para a nossa vida. Eu acho que não me imobiliza porque a vida não deixa a gente parar, tem as contas para pagar, tem as coisas para fazer, a vida está em movimento ali. Então a gente não tem como ficar parada. No começo foi mais difícil porque meu marido ficou 60 dias parado, meu filho, a Ana ficou sem trabalhar. Então, mas aí é o que eu falo, a gente estava junto, todo mundo junto, então um dava

força para o outro. Mas, nem assim, a gente parou. Imobilizar não, a gente não parou, só que de um jeito diferente, a gente com muito medo, com muita insegurança. Às vezes eu falo “ai meu Deus estou doente, e se passei para o meu pai?” e se, sei lá, Deus me livre, eu passo para a namoradinha do Renato, que tem a avó lá também que é velhinha. Então acho que é isso, só isso que imobiliza a gente, esse medo, mas em outras coisas não.

P - mas é um medo de uma doença atual. Mexeu com algum sintoma ou alguma questão que você já tinha, dos motivos da sua readaptação?

E - Só um pouco com a ansiedade. Acho que minhas crises de ansiedade voltaram, mas por conta desse medo, dessa insegurança. Então eu, quando eu tinha crise de ansiedade, eu sempre tive TOC, depois descobri a fibromialgia, tive algumas crises de ansiedade e pânico. Então assim, o que eu acho que voltou foi esse medo, que me deixou tensa em alguns momentos da pandemia. Tem hora que estou mais tranquila e falo “ah não, está tudo bem, isso aí está longe da gente”, que eu estou mais tranquila, e tem hora que eu estou mais com medo. Então eu sinto que quando eu saio na rua, porque a gente precisa sair na rua, não dá para ficar em casa o tempo todo, eu muitas vezes passo mal. Então isso daí eu lembro de quando eu ia para a escola eu passava mal. Então eu tenho falta de ar, eu acho que, tosse, eu acho que eu estou doente, eu acho que peguei Covid. Então, isso me lembra um pouco. Mas isso é o sintoma do TOC, da ansiedade e do TOC também. Esses pensamentos ruins, isso dá uma imobilizada em você, esses pensamentos negativos. E outra coisa para dormir, hoje em dia estou demorando mais tempo para dormir, por causa dessa tensão também, de achar que “ai meu Deus, amanhã eu tenho que sair, será que não ponho ninguém em risco, será que não estou doente?”. Sexta-feira nós fomos levar meu filho na casa da namorada em Jundiaí e eles pediram para a gente entrar, “ah não, vem comer uma esfiha com a gente, não sei o quê”, e o medo, sabe, aquele negócio de “meu Deus, e se eu estiver doente”. Então eu acho que eu para lá e voltei de lá com aquele negócio “ai meu Deus, e se eu estiver doente, e se eu passei para alguém?”. Então isso aí eu acho que voltou um pouco sim.

P - mas não a ponto de te impedir de fazer as coisas?

E - Não. Graças a Deus não

P - eu queria até pontuar uma coisa que é bem bacana. Você fala “eu vi a live, pensamos, já fui mexer com a Andréia e já fui...”. Então você reconhece esse medo, reconhece sintomas do adoecimento que você sofreu, que você viveu e que te levou à readaptação. Mas mesmo assim você consegue encontrar meios de fazer diferente. Então “eu vi uma coisa que me animou, eu vou para esse lado que me animou e vou aproveitar e mexer com as outras pessoas também, para que elas também se animem”.

E - Isso. Foi isso mesmo. E isso é em tudo. Às vezes eu estou lá embaixo, não estou me sentindo muito bem, eu falo “eu vou para o ateliê, vou costurar um pouco, vou fazer, vou mexer com as mãos”, porque eu acho que isso ajuda, tira um pouco da cabeça aqueles pensamentos ruins que vêm me atormentar. Então

isso é muito bom. Então eu falo “ai Claudia você foi inventar sarna para se coçar, porque agora você tem que fazer planilha pedagógica, agora você tem que fazer não sei o quê, para quê que você foi inventar?”, só que se eu não invento eu ia fazer o que nesse horário vago? Eu ia pensar o quê? “ai meu Deus eu estou doente”, então não, não. É melhor eu estar cheia de coisa e ter o que fazer. E é tão legal, porque mexeu com todo mundo da escola. A escola toda, na sexta-feira a gente fez um desafio no grupo de funcionários. Então como o primeiro fio é o fio crescendo que falava sobre as conquistas das crianças, sobre as transformações, todo mundo mandou foto de como era quando criança e uma foto recente e eu botei um desafio “quem sou eu?”. Então eu punha só a foto de criança e todos ficaram discutindo quem é quem. E isso ficou a sexta-feira inteira. Uma animação no grupo, então isso também é gostoso. Às vezes tinha alguém lá triste, que não estava legal, que não estava bem e que se animou com aquilo. E é tão bom ter alguma coisa para se animar, para pensar sem ser só as coisas ruins que estão acontecendo. Então eu achei que foi bacana, que está sendo legal, está movimentando todo mundo.

P - que bom. Queria te agradecer muito esse tempo que você dedicou, por ter compartilhado um pouco da sua história.

3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ERIKA

Entrevista realizada dia 20 de agosto de 2020, com a professora Erika, via Skype.

P - Me conte sobre você

E – Eu sou a Erika, estou trabalhando na rede desde 2002, 2003. Em 2004 eu fui para uma escola de lata, lá eu tive contato com uma criança muito difícil, família muito difícil, e a partir dessa situação é que surgiu um gatilho e comecei a ficar com dificuldade, com crise de pânico, crise de ansiedade, de ter que ir trabalhar.

E - Não sei. Quem eu sou, no sentido da rede?

P - Gostaria que você me contasse realmente isso, um pouco da sua história de vida

P - Quero lembrar que a identidade não é revelada e que a gravação é só para fazer a transcrição. Então pode ficar super tranquila quanto a estas questões. E a ideia é poder ouvir um pouco a sua história de vida e pensar como é que as teorias sobre identidade podem contribuir para entendermos como se constituiu sua identidade.

E - Como vai ser transcrito vou um pouco antes porque acho que é importante. Não é só o gatilho. Depois de muito tempo de terapia eu conseguir entender que a escola era só o gatilho, mas que o problema veio antes mesmo da questão da sala de aula. Na minha adolescência eu acabei sofrendo um certo tipo de abuso. Graças à minha força, sei lá, que as coisas não caminharam para um negócio mais pânico. Eu consegui me proteger, eu devia ter uns 11 ou 12 anos, e isso causa impacto na vida por um bom tempo. Eu acho que, o gatilho que acabou sendo associado, é que, diferente da criança que eu tive que lidar, eu não fiquei agressiva. Então eu passei despercebida pelo processo todo, nenhum professor percebeu. Eu acredito que ver aquela criança, e era uma criança muito agressiva, fazia um enfrentamento muito grande de autoridade, era muito agressivo e eu não conseguia lidar com isso. Porque eu acho que inconsciente, isso foi direto na minha ferida. Quando conversei com os pais e percebi que os pais eram bastante agressivos, eu não tinha instrumento emocional e psíquico para lidar com tudo isso. A escola que eu trabalhava era Escritora, não lembro o nome inteiro, era uma EMEI. Depois eles construíram, ficou uma escola grande, mas ela era de lata, era extremamente abafado, você não conseguia trabalhar porque para conseguir trabalhar você ligava o ventilador, se ligasse o ventilador, papel voava, rs. E esse menino era muito agressivo. A gente fazia as atividades ele rasgava, ele me enfrentava e eu não conseguia lidar com isso. E isso foi o meu gatilho, não sei, essa é a interpretação que eu consigo fazer hoje, de anos atrás. Depois disso, de 2004, eu fiquei um bom tempo de licença médica sem conseguir colocar o pé na escola. Eu não conseguia entregar um documento.

Tinha que alguém fazer isso por mim. Ai eu acabei me transferindo para a Senadora, porque a minha mãe trabalhava lá. Eu achei que poderia ficar mais segura. Fiquei. Eu não sei se você vai lembrar, eu não sei se era com você. É que essa linha do tempo para mim é muito confusa, eu não consigo fazer uma linha do tempo precisa, seguida. Até quando passava em perícia era uma coisa surreal, porque eles pressionavam de uma forma e eu dizia: gente não vai, não consigo. Quando eu fui para a Senadora, que é uma EMEI também, eu não sei se você já estava lá, tinha um menino. Não, porque assim, quando você foi para lá eu já estava readaptada, mas eu fiquei um bom tempo afastada estando lá, então minha mãe que entregava documentação, tal. Então eu voltei, eu não lembro como é que foi quando eu estava readaptada, mas depois disso eu me afastei mesmo estando readaptada. Pera aí. É que assim, às vezes eu tenho a sensação que eu fiquei morta por 10 anos. Eu estou num estado de melhora hoje, depois de 10 anos de terapia. Eu cheguei a voltar. Era a Elisa que era a assistente de direção com a Samanta, e a Thais era a coordenadora. Então eu consegui trabalhar por um tempo como readaptada, fui muito bem acolhida. Nesse sentido a direção, a equipe, fez toda a diferença para que eu permanecesse. Foi até que eu tentei voltar para a sala de aula. Quando eu tentei voltar você estava?

P - Estava

E - Mas assim, tinham alguns casos que mexiam diretamente comigo. Tinha um menino que ele era muito agressivo, por isso que estou falando, não sei se era com você ou com a Thais. Perceber que ele apanhava, ia abrindo leques na minha cabeça, muito complicado. Então assim, essa questão de lidar com a criança mexia muito comigo, mas mesmo assim, eu fui melhorando. Eu fiz uma tentativa, encerrei a minha readaptação, levei um ano, acho, na sala de aula, mas o meu emocional interferia de outras formas, virava e mexia eu ficava sem voz, virava e mexia eu ficava gripada, virava e mexia... sempre acontecia alguma coisa. E aí é engraçado porque a gente escuta muito os próprios parceiros, os próprios professores dizendo: “ah é frescura”. Isso assim, hoje enquanto readaptada eu ainda escuto. A professora fica doente, a professora fica sem voz “ah isso é só para ficar em casa”. O próprio professor ele não tem uma empatia de tentar entender que tem coisas que vão além do seu conhecimento, você não sabe qual é a dor do outro, o que o outro passa. Um ponto positivo que eu acho que é, ter ficado nesse tempo de depressão, é ter conseguido desenvolver um pouco de sensibilidade. Eu sempre procuro olhar, falar “olha”, tentar perceber o outro e tentar entender que a gente não conhece, a gente, as pessoas que convivem com a gente no trabalho a gente não tem a menor noção do que elas viveram. As pessoas que convivem comigo no trabalho não têm a menor noção do que eu passei na minha pré-adolescência e na minha adolescência. E do esforço que eu tive que fazer para sobreviver, porque isso tudo acontece, você, o primeiro enfrentamento, é você conseguir encontrar motivação para viver, porque você se sente tão inútil, tão... a minha primeira motivação era conseguir levantar. Então quando eu cheguei no ponto de conseguir me readaptar já tinha sido um progresso. E ter voltado, ficado esse um ano na sala de aula fez com que eu percebesse que realmente eu não conseguiria. Fiquei, virava e mexia

pegava licença, porque ficava sem voz, porque acontecia alguma coisa, e aí me afastei de novo. E aí me afastei e fiquei muito tempo, não conseguindo trabalhar nem como readaptada. Eu acho que eu retomei... vai fazer uns dois anos que eu estou readaptada. Em julho do ano passado fez um ano, em julho agora faria dois, então assim, é um processo bem difícil de você conseguir se impor, de você conseguir um espaço para você produzir de verdade, porque o professor readaptado não é um professor folgado, que quer só receber. Mas também a gente tem que lidar com o preconceito dos próprios professores, as pessoas olham para mim e falam “nossa você está bem, porque você não volta para a sala de aula”. E eu falo “olha eu estou bem, mas só eu sei o esforço que é para eu estar aqui todo dia”. É um convencimento diário, todo o dia, tirando essa fase da pandemia, todo dia eu tinha que lembrar porque é importante para mim trabalhar. E o meu filho me ajudou muito nisso. Ele chegou na minha vida e foi ele que me motivou a sair do lugar. Se ele não tivesse chegado na minha vida eu acho que eu já não estaria mais aqui. Ele foi a minha motivação e o meu fator “olha eu preciso ficar bem, eu preciso ser um exemplo, eu preciso ter força e conseguir levar”.

P - Você disse que hoje, depois de terapia, depois de um processo, você faz a interpretação de que aquela criança agressiva foi a gotinha d’água, foi o estopim. E que você vê que você tinha dificuldade de lidar com ele, pela identificação, porque você via que ele sofria algo semelhante ao que você sofreu

E - Eu não sei dizer se algo semelhante no sentido do abuso, porque tem várias formas de você agredir uma criança, não necessariamente o abuso. Mas parecia sim que ele sofria alguma coisa. Ninguém é agressivo assim, de graça, e depois de ter conversado com os pais eu falei “não, tem alguma coisa”. É se sentir impotente, eu acho que mais que isso, é a questão da impotência, porque você sabe qual é o percurso legal e teórico, mas você sabe que na prática é muito delicado. E como eu ia mexer em alguma coisa que eu não tinha, que eu não consegui nem digerir para mim.

P - Você lembra como é que você percebia isso na época? Porque você fala que essa é a interpretação que você faz hoje, da sua maneira de lidar, da reação que ele te causava. Na época você lembra como percebia isso?

E - Eu não percebia. Eu comecei a perceber foi quando eu não consegui ir trabalhar. Eu não consegui nem associar, na época, o que tinha acontecido com o menino. Porque era tudo tão voltado, eu me responsabilizava, eu me culpava por tanta coisa, o que seria mais uma, além de você se achar incompetente até em relação ao trabalho. Eu não consegui fazer associação com ele, a associação era comigo: “eu sou incompetente, eu sou incapaz, eu não consigo controlar aos meus sentimentos”. Porque era, a sensação era tão forte, era tão forte, que eu não conseguia sair de casa. Eu não conseguia por... eu ia pegar na..., era um processo engraçado, engraçado é maneira de dizer, porque assim eu me arrumava... Olha, só de falar já vem a sensação, é que hoje em dia a gente vai..., mas assim a sensação ia crescendo, ela vinha com palpitação, a respiração mais

descontrolada, até o ponto de formigar e você entrar em desespero e eu não conseguia, eu não conseguia abrir o portão da minha casa.

P - e nesta época você morava com a sua mãe?

E - Nesta época eu morava com minha mãe.

P - que também é professora?

E - Sim. Na época ela era, ela estava assumindo a direção no estado e como professora na prefeitura. E ela ainda, porque assim o cara que abusou, que morou com a gente por um bom tempo, até eu conseguir falar. Foi meio que tudo na mesma época, se não me engano. Eu enquanto adolescente consegui separar, consegui me proteger. Eu fiquei, a minha agressividade se concentrou toda no meu ambiente familiar e na escola, a escola sempre foi o meu refúgio. Eu sempre gostei muito de estudar, então o meu ambiente complicador era o da minha própria casa, mas eu consegui me proteger. Fiquei a rebelde da família, a ciumenta. Eu já tinha me organizado, com 16 anos eu me emancipei para comprar o meu apartamento, eu casei, na realidade, para fugir. E acho que é a primeira vez que estou falando sem ser em terapia. Eu acho que hoje eu consigo falar muito melhor. Então, eu já tinha me organizado emocionalmente, porque eu tinha um medo muito grande da minha mãe descobrir e da minha mãe adoecer ou da minha mãe descobrir e da minha mãe não acreditar em mim. Então eu já tinha me organizado para não contar. Quem contou essas coisas foi o meu irmão, sem a minha autorização. Então a sensação que eu tive foi de exposição. Eu estava perto de casar, que foi mais ou menos no período da prefeitura, que isso aconteceu. Então eu acho que juntou tudo.

P - Você percebe essa relação de você ser uma educadora, em uma família onde a mãe também era educadora e aí você se via nessa situação de não conseguir sair para ir para a escola. Como era isso? Porque sua mãe estava indo para uma escola também.

E - Tinha uma certa pressão, porque ela não conseguia entender porque eu não conseguia ir, achava que era só uma questão de força de vontade “eu consigo, por que você não consegue?”, “eu criei três filhos...” A percepção dela não foi muito, na época. Na época essa questão do emocional para minha família era muito complicado, ninguém botava muita fé que essa questão emocional interferiria tanto na vida de uma pessoa. Mas depois disso tudo, hoje minha mãe é uma outra pessoa nesse sentido. O que eu acho que assim, faz muito bem. As pessoas acabam crescendo e aprendendo, aprendendo outras formas, ficando com uma sensibilidade um pouco maior, mas era difícil para ela entender, na época, como isso acontecia.

P - E aí quando você começou a tirar licença você resolveu se remover para uma escola onde sua mãe também trabalhava?

E - Isso. Porque, de certa forma, a escola era um fator que me assustava muito, e ter alguém que eu conhecia, minha mãe, me dava uma certa segurança. Só que não foi o suficiente para eu conseguir voltar a trabalhar como readaptada

num primeiro momento, mas me ajudava, porque na maioria das vezes, documentação, essas coisas, ela acabava levando para eu não precisar ter contato.

P - E como foi o começo dessa readaptação? Porque na verdade você começou readaptada lá na Senadora.

E - Eu acho que a minha mãe trabalhar lá foi um facilitador. Ela já conhecia as pessoas. Eu tinha mania de perseguição, eu não confiava nas pessoas, eu sempre fiquei com o pé atrás. Então chegar num lugar com alguém que já conhece e já te direciona “ó cuidado com essa, cuidado com aquela, essa você vai de boa, essa você pode confiar”, me ajudou a retomar. A parte da direção foi essencial. Eu fui muito bem acolhida pela direção, pela equipe de apoio, os ATEs, a Gracinha. Então eu fui muito bem recebida e isso me ajudou. Então as pessoas começaram a confiar em mim, começaram a delegar atividades, eu fui começando a me sentir produtiva e isso me fez crescer. Você vai retomando sua segurança, sua autoestima. Fez muito bem para mim.

P - como é esta questão “as pessoas foram confiando para poder me pedir coisas para fazer, me dar atividades”? Você não tinha atividades atribuídas? Como era esse espaço que você ocupava?

E - Quando eles fizeram a readaptação eles tinham um rol de atividades que eu não podia fazer. E aí a direção foi tendo esse tato. Ela não se preocupou só com o que eu não podia fazer, ela procurou respeitar a minha limitação emocional. Por exemplo, elas pediram, na época, para eu ler o diário oficial, mas eu não conseguia, porque chegava no final da página de qualquer livro que eu lesse e não conseguia lembrar o que eu tinha lido, então não adiantava. Então elas respeitavam isso e “tá, o que você gosta de fazer?” “eu gosto de mexer no computador”, e começou a me dar “ah digita um texto, faz um bilhete” e foi conversando e na própria conversa iam sentindo o que eu conseguia ou não fazer, mas elas respeitavam muito a minha própria “olha isso eu não consigo”, então tinha esse respeito.

P - Era uma atribuição de comum acordo.

E - Isso

P - E depois você cessou a readaptação e tentou voltar para a sala de aula. Como foi esse período? Que sentimentos, que pensamentos, que recursos você acabou utilizando?

E - Eu acho que eu teria levado melhor, quando eu tentei a cessação da readaptação eu entrei com um pedido de licença, aquela licença para fins particulares, que eu acreditei que se eu retomasse tudo de uma vez, eu tenho dois cargos na prefeitura, eu achei que se eu retomasse tudo de uma vez aconteceria o que aconteceu. Então eu entrei com o pedido de LIP, coloquei a questão de que tinha acabado de cessar minha readaptação. Mas eles não autorizaram a LIP, nem receber eu ia, eles não iam ter gasto nenhum, eles não autorizaram. Eu tentei mesmo assim, mas eu acho que, para quem ficou o tempo

que eu fiquei afastada, retomar com os dois cargos de uma vez é muito puxado. Você tem que lidar com todos os sentimentos, duas salas... foi um fator que eu acho que contribuiu para que eu não conseguisse dar continuidade. Só que por outro lado, eu também não poderia exonerar, eu precisaria ter uma segurança, uma organização, até porque é terapia, é psiquiatra, são as medicações, que são gastos que você acaba tendo para conseguir fazer as coisas. Então eu acho que eu tinha me organizado, me preparado para voltar com um cargo só, para eu sentir como eu ia ficar financeiramente, para eu poder exonerar o outro, mas eles não autorizaram, eu dependia do salário ainda, não dava para eu arriscar sem ter certeza, sabe. É assim, como você vai dar um passo de exonerar se você não sabe se vai ter perna e nem sabe como você vai ficar. Eu tentei levar até o final do ano, consegui. Foi muito bom para mim, eu tive crianças que foram, que me ajudaram, que foram experiências maravilhosas. Eu tinha o André, que era especial e ele foi muito importante para mim, perceber que eu conseguia ajudar ele, a se desenvolver, a dar recado. Mesmo que ninguém entendesse ele ia todo feliz dar o recado, então me fortaleceu. Só que, em contrapartida, foi desgastando muito o meu emocional “fica aqui, fica ali”, aí não aguentei.

P - O que te levou a decidir cessar a portaria e tentar voltar para a sala?

E - É uma questão de superar. Eu queria muito superar os meus limites. Eu queria provar para mim mesma que eu era mais forte que qualquer síndrome do pânico, qualquer depressão. E eu não consegui, e ainda hoje não consigo e não me sinto estruturada para voltar para uma sala de aula. Mas eu queria muito ter conseguido voltar e ter permanecido. Teria sido uma vitória para mim. No sentido de “eu consegui resolver todos os meus problemas, todas as minhas pendências, comigo mesma e com a minha profissão”, mas não deu.

P - Como você vê essa questão? Você queria se superar. Superar estar readaptada? O que significa para você estar readaptada e não querer estar? Porque quando você fala “eu quis voltar a dar aula” quer dizer “eu não quis mais ser readaptada”. É isso?

E - É. Eu não queria mais ser readaptada. A sensação que eu tenho é que quando você é readaptada você fica com estigma, um símbolo, como se fosse uma marcação na testa “você não é capaz”, e isso me incomodava.

P - Não incomoda mais?

E - Não. Incomoda, mas eu já lido melhor. Hoje eu procuro separar um pouco mais as coisas. Hoje eu consigo perceber que é melhor eu ficar readaptada e manter a minha sanidade do que forçar um negócio para eu regredir, correr o risco de regredir tudo o que eu progredi. Não acho que eu mereça isso, não acho que seja justo comigo colocar tudo isso em risco. Hoje eu consigo ir trabalhar, hoje eu consigo debater, consigo questionar com assertividade. Não vou correr o risco. Talvez, mais para a frente eu me sinta tentada a fazer esse enfrentamento, porque eu acho que é importante a gente perceber qual é a nossa limitação. Eu sei que é muito complicado, mas não tem outra forma do professor ver se ele consegue a não ser voltando para a sala de aula. Porque

hoje em dia, eu como readaptada, qualquer contato que eu tenha com criança, qualquer problema que eu venha a ter, eu acabo respondendo. Eu não tenho um espaço de experimentação. Ou eu volto para a sala de aula ou eu fico readaptada. No meu rol, é claro, eu não posso ter contato com criança. Se acontece alguma coisa, por exemplo, de eu começar a ter contato e dar algum problema, eu corro o risco. Então eu prefiro não correr o risco. Por isso que talvez mais para a frente eu me sinta mais estruturada para tentar voltar para a sala de aula. Eu tive boas experiências nesse um ano de retorno. Eu acho que se eu tivesse conseguido a LIP, mas é só um achismo não dá para ter certeza, talvez eu tivesse continuado, talvez eu tivesse exonerado, talvez eu tivesse conseguido perceber que eu consigo trabalhar. Mas dois para voltar de uma vez é muita coisa. Depois de tanto tempo afastada eu acho que, um retorno gradual, infelizmente o COGESS não leva isso em consideração, que um retorno gradual é mais saudável do que um “tá vai, vai com tudo meu filho”.

P - O seu laudo é de readaptação temporária?

E - Temporária

P - E o que você está dizendo é que mesmo sendo uma readaptação temporária não existe, por parte da rede, um programa, um apoio, que te permita fazer com que isso deixe de ser, com que o temporário volte a ser uma prática ou que definitivamente possa perceber que não dá mesmo. Não existe nenhum tipo de programa que favoreça esse caminhar. Você está sempre no temporário mas sem opção para pensar “vai ser definitivo” ou “eu posso voltar”.

E - É. Pelo menos eu tenho essa sensação. E a gente sempre fica com aquele medo, como temporário, qualquer hora eles decidem que eu tenho que voltar “se vira velho”. Não tem uma preparação, não tem um percurso de reintegração. É igual uma pessoa que sofre um acidente, ela não faz, não tem um processo de reabilitação? De fisioterapia... Isso não tem com a questão do readaptado, seja por psiquiatria ou por problemas de coluna, de saúde física, não só emocional. Não tem um processo de reabilitação, é só uma readaptação mesmo. Quando você tem a sorte de pegar uma equipe gestora bacana, você ainda consegue desempenhar papéis e se sentir produtiva. Quando não, quando você pega uma equipe gestora, você fica fazendo aquelas funções que ninguém quer fazer. É como assim “o readaptado está lá, vamos colocar ele para fazer aquilo que ninguém quer”, “vai limpar o almoxarifado” sabe, porque ninguém quer fazer, nenhum professor quer fazer. E assim, então, você fica se sentindo pior ainda emocionalmente ou em termos de potência de trabalho, você fica fazendo aquilo que ninguém quer fazer.

P - Você tem dois cargos. Você já começou na prefeitura com os dois cargos?

E - Não. Eu comecei em 2002 com o cargo de adjunto, porque antes era adjunto e titular. A primeira escola que eu trabalhei foi o Marechal, foi um período muito bom, eu fiz bastante curso. Além de dar aula eu saía, eu trabalhava um período só, então eu fazia as oficinas que a prefeitura oferecia. Eu fiz curso de cantos e danças populares, eu de canto, dança circular. Aprendi com as crianças, aprendi

de tocar os instrumentos, tipo caixa, então eu fiz um trabalho bem bacana com as crianças. Aí no ano seguinte, em setembro de 2003 eu ingressei no outro cargo, então já foi começando a ficar difícil. E aí, em 2004, junto com os dois cargos eu comecei o PEC, formação universitária, se eu não me engano. Então assim, acho que juntou com tudo aquilo, com todo o histórico, sobrecarregou, meu cérebro, eu nem sei como conclui a faculdade. A sorte era que tinha aula on-line, então facilitava, mas foi bem puxado.

P - E aí, depois desse ano você foi para a Senadora, ficou readaptada, voltou para a sala e depois pediu a remoção para essa escola onde você está hoje?

E - Não. Fui para uma escola na zona norte. Saí da zona leste, as escolas que eu tinha trabalhado até então ficavam na zona leste. Da zona leste eu me mudei para a zona norte. Não consegui ficar em uma mesma escola, então eu ficava o dia inteiro fora. Meu filho estudava em duas escolas, aí eu comecei a entrar em desespero, desespero, desespero. Não consegui, porque você vai criando, esse gatilho também, ele é um gatilho que te dá um resguardo. É triste, mas ele me dava uma segurança, eu sabia que eu podia surtar, não sei se você está me entendendo. O negócio foi começando a me sufocar, a me sufocar e aí travei, travei de novo e aí fiquei afastada. Fiquei até conseguir pedir a remoção para a diretoria da Santa, na escola onde a minha mãe estava trabalhando. Então eu saí da DRE de Origem, fui para, eu não sei se é DRE Trilhos, uma DRE da zona norte, eu trabalhava ali perto do Jardim Desconhecido e da Madame, era a mesma diretoria, mas escolas diferentes. Aí me afastei de novo e aos poucos eu consegui remover tudo para a escola que minha mãe estava, de novo, porque é aquilo, me dá uma certa segurança. Eu acho que aonde minha mãe ia eu acabava indo atrás inconscientemente, por chegar, porque chegar em um ambiente novo, como eu fiz saindo de uma escola que eu já conhecia todo mundo para uma escola que eu não conhecia ninguém, os meus fantasmas eles reacenderam “olha não posso confiar”, porque quem sofre, não posso falar todo mundo, mas a consequência do abuso que aconteceu foi ter dificuldade de confiar nas pessoas, então eu, para me proteger, eu já chegava com as coisas. Então quando eu tinha alguém que já conhecia e que me dizia “ó, essa dá, essa não dá”, eu me sentia mais segura.

P - significa ter uma referência?

E - Sim. Para depois eu poder eu mesma descobrir as minhas próprias referências. Mas para chegar num lugar novo fazia muita diferença. Quando eu fui para a zona norte eu não tinha ninguém, não conhecia ninguém e aqui conhecia todo mundo, fui para escolas diferentes, então são grupos de trabalho totalmente diferentes, como você vai confiar, são pessoas estranhas. Então isso foi ajudando também no processo para eu travar, porque eu chegava na escola e “eu não posso confiar, eu não posso confiar, em quem eu posso confiar, pelo amor de Deus”, aí que travei de novo, até conseguir ir para escola da minha mãe. Quando consegui ir para a escola da minha mãe eu também fiquei um bom tempo sem nem conseguir pôr o pé na escola. Minha mãe que entregava a documentação. Era muito engraçado às vezes, as vezes que eu tinha que ir

minha mãe literalmente me empurrava para dentro da escola, porque meu corpo travava e ela ia me empurrando, não no sentido bruto da coisa, mas para eu poder chegar. Eu assinava e saía correndo, de tão aversivo que era, que a escola se tornou para mim, o ambiente escolar. Então era cruel. E aí, aos pouquinhos, com a terapia de novo, acho que a terapia é fundamental. A medicação é extremamente importante, mas mais do que a medicação foi a terapia para eu conseguir entender quais eram os meus gatilhos, quais eram os meus problemas para eu conseguir enfrentar e ressignificar.

P - Mas aí você ainda estava em período de licença. A nova readaptação ainda não tinha saído?

E - Não. Eu ainda fiquei afastada acho que uns dois anos, se eu não me engano. Acho que eu fiquei ainda uns dois anos readaptada.

P - Você não chegou a voltar para a escola sem estar readaptada. Enquanto não saía a readaptação você ficou afastada com licença médica?

E - É, em licença médica. O triste é que eu ainda ouvia assim “como você consegue?”, “ficar tanto tempo em licença”, “qual o seu segredo?” – “fica doente para você ver”. Os próprios professores de lá perguntavam para minha mãe “como sua filha consegue?”. Gente, não se tem noção do preço que se paga. Eu fiquei morta, nesse tempo. O que me ajudou, o processo que foi me ajudando a me reestruturar foi eu voltar a estudar. Eu voltei a estudar, então, apesar da prefeitura não dar, além dela não te dar esse respaldo para você fazer essa reabilitação, eles te inibem até de fazer outras coisas, porque você fala para o perito e ele “ah, como você consegue estudar e não consegue dar aula?”, você está me entendendo? É um processo, eu estou retomando, são enfrentamentos. Eu não sou responsável por ninguém, na escola eu só sou responsável por mim, então, você se sente coagida até de dizer “estou estudando”.

P - E você estava fazendo o quê?

E - Eu fui fazer comunicação visual, fiz ETEC, foi o meu primeiro processo de enfrentamento. Até 2014 eu não consegui fazer nada. Você imagina de 2004 a 2014, tirando esta tentativa de cessar a readaptação e voltar para a sala de aula eu não conseguia produzir. Então o meu primeiro passo foi voltar a estudar. Eu fiz o Vestibulinho, passei. Fiz comunicação visual. Amei. Conheci pessoas que foram importantes nesse meu processo, que eu tenho amizade até hoje. Depois disso eu fiz uma outra faculdade, essa eu não consegui concluir, fiz de produção áudio visual, que é uma coisa que eu sempre quis fazer, desde pequena e com animação 3D. só que você imagina, uma área de tecnologia para quem se formou em humanas. Amei o curso mas eu não consegui finalizar. Uma outra coisa que eu acho que faz até um pouco parte da característica do meu problema, eu não consigo muito finalizar as coisas, mas vou conseguir. Então esses enfrentamentos eles vão me dando segurança, para voltar. Depois que eu consegui estudar, que eu comecei, porque é um treino, eu fui para uma escola, eu não conhecia ninguém, mas eu não era responsável por ninguém, só por mim. Então você vai fazendo enfrentamentos, de pessoas estranhas, de criar relação,

então foi um primeiro fator. Na faculdade, ah, e lá eu descobri que eu não precisava ter interação, era uma galera muito diferente da minha, então eu consegui ir até o final mesmo sem confiar em ninguém, sem ter criado vínculo, então isso me fortaleceu. Bom, eu consigo lidar com isso agora, e consegui voltar a readaptada de novo. Hoje em dia, trabalho junto com a minha mãe, mas a relação que eu crio hoje é por mim e não por ela, hoje eu não preciso mais dela para me dizer “olha confia, não confia”, eu já consigo lidar melhor com isso sem o intermédio dela. Aí quem sabe daqui mais uns dois anos eu tento de novo voltar para a sala de aula, como pelo menos última tentativa, para falar “oh cara não dá realmente”.

P - Então isso ainda é um desejo? Voltar para a sala?

E - Não de voltar para a sala, mas de estar plena, como posso dizer, de estar num ponto tão bom que eu consiga fazer o enfrentamento da sala da aula, não sei se você consegue entender a diferença.

P - Queria que você me contasse um pouco melhor como é isso.

E - É igual da questão de conseguir lidar com pessoas estranhas. Hoje eu consigo lidar. Eu acho que talvez o resultado do meu processo de cura seja conseguir enfrentar a sala de aula sem enlouquecer, porque a sala de aula é enlouquecedora. Talvez, eu ainda tenha esperança de que este seja o fechamento do meu processo. Deu para entender agora?

P - Sim. Voltar para a sala de aula significaria reassumir o papel com o qual você iniciou, o papel de um professor regente.

E - Isso. De estar plena de todas as minhas funções

P - Porque o readaptado não é pleno de suas funções. É isso que você está dizendo?

E - Não é isso. É assim que a gente se sente. Não é isso que estou dizendo. Mas é assim que a gente se sente. A gente se sente incompleto, a gente se sente incapaz, a gente se sente limitado. E as pessoas, e a gente se trata também com esse limitador. A gente se apropria.

P - Eu tenho uma percepção interessante que eu queria retomar. Pelo que você estava falando eu entendi que o readaptado não é um profissional pleno. Para você se sentir plena você precisaria voltar para a sala de aula. Aí você disse que não. Você não está dizendo que o readaptado não é pleno, mas que é assim que o readaptado se sente, como um ser não pleno. Qual a diferença?

E - Para mim a questão de voltar para a sala de aula é uma questão de fechamento interno. É eu conseguir ser capaz de olhar para meu gatilho, aquilo que disparou todo esse processo, ele não é o responsável, ele só foi a gota d'água e conseguir enfrentar. Para mim esse é o resultado, eu cheguei num processo terapêutico que eu consegui finalizar, que eu consegui significar tudo, que eu consegui me reestruturar. Me reestruturar de tal forma que eu consiga voltar para a sala de aula e exercer o papel para o qual eu estudei, ou exonerar

de vez, não sei, é que infelizmente a gente precisa sobreviver, eu tenho uma família, eu tenho uma estrutura familiar que depende do meu salário. Eu não posso simplesmente exonerar e começar de novo com quase quarenta. Deu para entender por que para mim é importante voltar, nesse sentido?

P - Sim. Mas eu ainda não entendi por que é que você diz que você não quer dizer que o readaptado é um profissional incompleto, mas que você se sente assim, como um profissional incompleto enquanto readaptada.

E - Eu acho que a gente é incompleto. Não é que sejamos incompletos, mas a gente tem fatores limitadores, senão não haveria readaptação. Mas isso não quer dizer que a gente seja incompleto para fazer qualquer outra função. A gente pode exercer qualquer trabalho respeitando, é igual, bom, quando você começa a não enxergar direito você usa o óculos, a sua visão não é a mesma, ela não tem a mesma potência de antes, você tem o óculos. Mas isso não te impede de trabalhar e de ser um bom profissional. Você, enquanto professor readaptado, o fato de você não estar na sala de aula não quer dizer que você seja um mal profissional, e as pessoas te olham e te colocam dessa forma. Eu escuto dos próprios readaptados, um readaptado falando mal do outro, é engraçado “ó, está de mal vontade”, “ó, está fingindo”, ca##### meu, você está na mesma situação, por que o seu é verdadeiro e o do outro não? E se do outro não é cara, quem é você para julgar? Eu acho que mais nesse sentido. Não é que a gente não seja, a gente tem limitadores, não dá para você falar “olha hoje eu posso ir para a sala de aula”, é um limitador, eu não posso, me faz mal ainda, aquele barulho vai me desestruturando. Eu estou, isso, o que que vai me ajudando a perceber que eu ainda não tenho estrutura, onde eu moro estão construindo prédio, esse barulho constante, só do barulho, ele vai me deixando muito irritada, mas é uma irritação muito forte, então não dá ainda. Mas eu posso fazer outras coisas, tão boas ou melhores do que se eu estivesse na sala de aula, mas a sensação que a unidade escolar acaba, é isso, que você está lá só para ganhar o seu dinheiro e que você não quer trabalhar, e que você não quer exercer um papel, e que você não quer fazer a diferença. E não é assim.

P - Das coisas que você está falando tem duas coisas que eu queria pensar junto, que eu queria que você me contasse um pouco. Como é que você se nomeia hoje? Porque você diz “profissionalmente eu tenha as minhas limitações então eu posso não ir para a sala de aula, mas tem outras coisas que eu posso exercer com tanta competência quanto”. E como você se nomeia? Você se nomeia como professora, independente dessas limitações ou você acha que essas limitações não te nomeiam mais professora?

E - Eu não me sinto mais professora. É, não é nem me nomear, eu não me sinto mais professora. A sensação que eu tenho é que eu não pertencço mais à sala de aula. Eu me nomeio como uma funcionária da prefeitura.

P - Se perguntar “qual a sua profissão”?

E - Eu sou funcionária pública.

P - A sua primeira resposta é “sou funcionária pública”?

E - Sim. Ai quando a... “eu sou professora readaptada, estou fora da sala de aula”, faço questão de dizer.

P - De colocar esse adjetivo como algo que sobrepõe ao substantivo. Readaptado acaba falando mais alto do que o professor, em termos de cargo?

E - Sim. Para mim, pelo menos.

P - E a outra coisa é que você falou que seu desejo é voltar para a sala de aula, que você está trabalhando em termos de fazer terapia. Então você pensa ainda numa possibilidade de avanço de processo para poder voltar para a sala, ou exonerar. Se você pudesse tirar essa questão econômica da frente. Porque você aí coloca um condicional. Então, se a questão econômica não for uma condição. Hoje, olhando toda a situação, a questão econômica não é uma condição que pese na sua vida. O que você faria?

E - Eu exonaria. Com certeza eu exonaria. Me incomoda, me incomoda muito. É realmente assim, eu acho que para mim seria importante esse enfrentamento para ver se eu tenho condições de permanecer ou não. É que, eu não lembro onde eu ouvi, a história do mestre que tinha uma família pobre que tinha uma vaca, era o que dava o sustento do leite. Aí o mestre manda o discípulo matar a vaca e o discípulo fala “mestre como você vai fazer isso... e não sei o quê”, a gente se acomoda. Então eu tenho medo de estar numa posição cômoda que o cargo público me oferece e medo de me dar conta, e talvez por isso para mim seja importante fazer esse enfrentamento de sala de aula, de ver assim, olha eu consigo trabalhar nisso ou eu consigo fazer outra coisa. Talvez eu tenha que empurrar a minha vaca para o brejo para conseguir produzir alguma outra coisa. Porque tem isso, professor readaptado não se sente produzindo, porque você é incumbido de fazer aquilo que ninguém quer fazer, quando é incumbido de. Mas a gente não tem a sensação de ser parte, a gente vive à parte, os comunicados, a gente nunca sabe. A gente sabe “você está sabendo?”, “não”, “vai ter um evento”, “Ah é?”. A gente não é incluído, na maioria das vezes.

P - Você está falando que você recebe, sempre, tarefas que ninguém quer fazer. Então é como se o professor readaptado fosse, na verdade, um profissional à espera de tarefas. Ele não sabe o que ele vai fazer ainda, ele está aguardando receber tarefas para que ele possa cumprir o dia. Seria isso?

E - É. Bem isso. Isso quando eles não pedem algo que a gente não pode fazer. E aí a gente fala e ainda acham ruim.

P - Explica melhor essa situação

E - Por exemplo, eu não posso ter contato direto com crianças nem com secretaria, nenhum fator estressor. Isso está lá no meu rol de atividades. Se eu faço um atendimento na secretaria e eu tenho um pico de ansiedade ou gera uma discussão, eu respondo e quem vai ver, igual, “como é que você estava na secretaria?”. Então você tem que falar toda hora “eu não posso ficar na secretaria, eu não posso”, é complicado, se essa pessoa “olha, mas nem um pouco”, e eu falo “não, nem um pouco, posso fazer serviço de secretaria, não

posso atender pai”, é diferente. Eu posso fazer qualquer coisa de secretaria, documento, planilha, pesquisa, atender pais eu não posso, não dá.

P - E às vezes, mesmo sabendo desse laudo, não existe a compreensão de que não é uma má vontade.

E - Não. Por exemplo, tem evento na escola. Gente, evento na escola para quem tem problema com barulho, é uma puta sacanagem você colocar, poxa põe a pessoa para trabalhar antes, na organização, na preparação, na estruturação, não ficar na hora da muvuca. Tem um monte de gente, um monte de gente falando, às vezes você se perde no seu próprio pensamento. Mas aí se você fala é porque você está de má vontade, porque é frescura. Ou a outra que tem problema de coluna que ela fala “gente eu não posso ficar cortando bilheteinho, convitinho, porque trava minha coluna. O pessoal olha assim, aí a gente faz e aí depois a gente fica mal. Então a gente se sente mal por não fazer, a gente fica mal se faz, é muito complicado. Eu acho, de verdade que assim, o professor está readaptado, não dá para ficar na..., meu tem tantos órgãos da prefeitura que você poderia estar sendo melhor utilizado. A pessoa tem habilidade manual, encaminha a pessoa, olha aquilo que ela tem de bom também, não só aquilo que, não só o rol do que ela não pode fazer. Olha o rol do que ela pode fazer e direciona ela para um outro lugar. Se o meu fator, se o barulho é um fator estressor e eu sou funcional com informática, por que eu não posso ir para um lugar e ser produtiva, e me sentir produtiva de verdade, sem ser fazendo aquelas coisas que ninguém quer fazer. Eu acho que isso acaba colaborando para que você permaneça na doença também, você se sente incapaz, você se sente incompleto. E aí, de repente, para você se sentir completo você precisa fazer o enfrentamento, preciso voltar para a sala de aula para me sentir completa? Para me sentir capaz, para provar para mim mesma que sou capaz? Porque é tanta não capacidade que a gente fica com a sensação que talvez essa minha fixação de tentar voltar para a sala de aula seja mais para conseguir não me sentir assim, não sei.

P - Você citou essa situação das pessoas acharem que é má vontade, que você não faz porque você não quer e acharem que é preguiça. Isso gera tanta sensação de incompetência, de incapacidade, de inutilidade, que acaba adoecendo mais ainda a pessoa. Você acha que depois da readaptação o seu adoecimento piorou? Você acha que a sua situação teve interferência da readaptação?

E - Eu acho que se eu não tivesse um apoio psicológico, de uma terapia, teria colaborado sim, para o adoecimento. E aí eu vou usar a minha mãe como exemplo. A minha mãe sempre foi uma profissional muito, eu brinco que ela era uma workaholic, porque ela sempre foi muito produtiva e sempre foi muito dedicada ao serviço. Quando a perita, a readaptação não foi um pedido da minha mãe, foi o perito que solicitou a readaptação para minha mãe. A minha mãe deprimiu muito. Isso, porque assim, estou dando o exemplo dela porque o meu foi emocional e o dela foi físico. E o impacto foi muito grande, ela deprimiu muito. Não só por ter perdido, ela perdeu a audição de um lado, só que essa perda de

audição ela não consegue identificar o som, então fica só o barulho. O barulho em sala de aula, por exemplo, é enlouquecedor, porque é um monte de criança falando, ela escuta, tem a audição de um lado e do outro fica o barulho. O barulho entra, não tem como. A perita na hora que olhou lá, já pegou readaptação sem nem... Minha mãe chorou “eu não quero me readaptar”, então assim, até ela conseguir se reestruturar demorou um bom tempo para, hoje em dia ela fala “não, está tranquilo”, mas ela ficou muito deprimida. Você se sente inútil. Ela se sentia inútil e aí, tipo, jogada. A gente fica jogada, a gente fica em um canto, a gente não tem nenhum lugar para falar que é meu. A gente tinha uma sala, não tem uma sala. “Ah, não pode, não dá para ficar na sala dos professores porque tem JEIF e não sei o quê”. Tem o horário da JEIF que eu, graças a Deus não faço mais parte, eu declinei de jornada e não me arrependo nem um pouco, porque eu não consigo também participar nem da JEIF, então eu fico super feliz de ter declinado de jornada porque quem faz JEIF agora é obrigado a ficar e eu não preciso mais. Eu não consigo nem ouvir falar sobre educação, para você ter uma ideia, neste momento. Então o meu processo, para voltar para sala de aula, ainda tem uma jornada, um pedaço bom. Isso se eu não mudar de ideia até o final do percurso. Mas eu acho que adoece sim. Você fica, não tem espaço, você fica em um lugar aí a pessoa acha que você está atrapalhando. Quem vai para a secretaria a pessoa da secretaria acha que você está atrapalhando, então te tiram da secretaria e te jogam em outro lugar, te colocam para ficar no almoxarifado pedagógico, que é sujo. Aí você vai tentar organizar. Poxa meu, você estudou tanto. É muito contraditório. Eu acho que adoece sim. Eu acho que eu só não adoeci porque hoje eu consigo mudar um pouco o foco. Hoje eu vivo igual o AA, um dia de cada vez, só por hoje eu vou trabalhar, só por hoje. E é o que tem me ajudado, até antes da pandemia é o que estava me ajudando, só hoje. Eu não faço um planejamento a longo prazo mais, é só hoje. Todo dia vem “aí, eu vou ficar em casa porque, não sei o quê”, não, só por hoje, só hoje, amanhã é outro dia.

P - Quando eu ouço você dizer isso é como se eu ouvisse você falar assim “só hoje eu vou suportar isso porque depois eu vou mudar, então eu vou suportar isso só por mais hoje”. É nesse sentido?

E - É. É nesse sentido

P - E aí você traz outra coisa “isso até antes da pandemia”. Depois da pandemia o que aconteceu? Como você se vê hoje, na pandemia, como profissional?

E - Eu não me sinto mal de estar em casa não, não vou mentir. É chato no sentido da própria pandemia, de você não poder sair, mas eu acho que seria muito mais produtiva trabalhando de casa, por exemplo, fazendo aulas on-line, produzindo, eu me sentiria mais completa do que quando eu estava na escola, por exemplo.

P - Eu estou perguntando porque você traz que lá no presencial vocês ficavam meio que jogado “não dá para ficar aqui hoje, vai para outro canto” e hoje você não está mais jogada, mas e a função? Você fica esperando eles falarem assim “hoje faz uma leitura”, hoje você tem outra função?

E - Tenho, no meu grupo, a gente tem que produzir atividades para educação infantil, eu ajudo na atividade em si e faço a edição, então eu tenho uma função, eu sou a responsável pela edição dos vídeos, pela manipulação, pela junção, pelo recorte, pela colagem do vídeo.

P - Você vê diferença do que você faz com o que o professor regente faz, neste momento?

E - Sim. Eu não tenho contato direto com as crianças e isso para mim faz toda a diferença.

P - Mesmo em tele trabalho o professor regente mantém um contato direto com a criança?

E - Mantém. O professor regente mantém, pelo whatsapp. Eu não tenho esse contato, eu não tenho que conversar com pai, eu não tenho que conversar com as crianças.

P - Fora essa relação, a questão de pesquisa e de organização são coisas que ambos fazem? Tanto você quanto o regente?

E - É. A gente faz mais ou menos juntos. Essa parte de estudo eu acabo meio que passando de... como eu faço a edição a gente meio que faz uma troca. Como eu me responsabilizo pela edição, essa parte de estudo, de responder coisas que são do pedagógico, eu acabo fazendo uma barganha “você fica com isso e eu fico com a edição”, entendeu? Eu não faço mais, eu não consigo, não entra na minha cabeça. Às vezes eu até tento ler, não dá. Então eu fico mais na parte de edição mesmo, de pensar na atividade em si, “ah, a gente vai explorar a experimentação científica, então vamos pensar, qual a atividade para essa faixa etária, o que vamos usar”, isso eu participo. “A gente vai fazer uma leitura dos parâmetros nacionais”, meu, meu cérebro já trava.

P - O teórico não é bem acolhido por você, não te faz bem o teórico, mas a prática, as questões mais práticas ainda te envolvem?

E - Me envolvem. Interpretação, contação de histórias, essas coisas eu consigo produzir numa boa, mas sem o contato direto com a criança. Eu acho que para mim ainda é muito agressivo.

P - Pensando nisso que você falou “um dia de cada vez, eu vou viver o hoje, só hoje eu vou trabalhar”. Com essa situação da pandemia isso melhorou, piorou ou está igual?

E - Olha eu não sei se piorou porque estou grávida, tem a questão hormonal, estou sem medicação por conta da gravidez. Ao mesmo tempo que piorou melhorou porque eu estou conseguindo passar a gestação sem ter que tomar medicação. Estou conseguindo equilibrar bem sem medicação. Estou tomando passiflora, uma coisa mais leve que a ginecologista-obstetra encaminhou. Então eu não sei dizer se está melhor ou pior. Eu acho que tem aspectos que estão piores, mas tem outros fatores além do serviço. Fica a preocupação do que vai acontecer, como minha filha vai chegar, ela vai chegar no meio dessa loucura,

como eu vou fazer, não sei como vai ser daqui para amanhã. Mas se não fosse isso eu estaria bem confortável em trabalhar de casa, sem problemas.

P - Ela está pertinho de chegar?

E - Sim, outubro. Está previsto para 6 ou 7 de outubro

P - um mês e pouco.

E - Acho que vem em setembro, antes de outubro

P - para identificação não usamos o nome da pessoa. Que nome você gostaria de ter. Como gostaria que a nomeasse na entrevista.

E - Não é uma questão de gostar, mas acho que de mais prático, Erika.

P - Pela praticidade?

E - É. Eu não trocaria meu nome. Erika é fácil.

P - Mas você não tiraria o Erika e colocaria o Erika?

E - Não. Faz parte de quem eu sou e eu tenho orgulho disso.

P - Você não se vê com outro nome

E - De jeito nenhum, gosto demais do meu nome, gosto mesmo.

P - O que ele significa para você?

E - Ele significa o resultado de uma luta pela sobrevivência. Sobreviver a mim mesma. Ser o seu melhor amigo e o seu melhor inimigo. Acho que meu nome é bem isso, a junção de duas coisas opostas. É o que me dá força, é o que me identifica, é o que me separa, é o que me diferencia das outras pessoas. Eu gosto do meu nome para caramba.

P - Tem alguma coisa que você gostaria de contar?

E - Se você for aproveitar o seu trabalho para introduzir na prefeitura, que olhem no sentido de fazer uma reabilitação mesmo, sabe. Eu acho que surtiria um resultado tão mais positivo se você olhasse para o readaptado não só para aquilo que ele não pode fazer, mas para as outras habilidades também. Tem professor que produz coisas incríveis, não sei se você se lembra da Carmem, uma pessoa incrível e ela fazia aqueles enfeites, de repente ela poderia, se fosse da vontade, ela poderia estar no roupeiro da prefeitura produzindo peças. É muito mais do que ficar só ali no espaço da sala. O professor que tem uma limitação ele pode ser muito mais produtivo em outros lugares.

P - Se você tivesse esta oportunidade hoje. Se a rede te falasse “no que você gostaria de trabalhar com esses dois cargos?”, você se manteria na rede? Porque quando eu falei esquece a questão econômica você falou “eu exoneraria”. Agora se alguém da rede falasse “no que você gostaria de trabalhar, o que você gostaria de fazer na rede?”

E - Eu gostaria de trabalhar na parte de comunicação. Eu poderia produzir conteúdos voltados para a criança sem ter contato direto com a criança. Eu tenho muito para falar. Eu poderia produzir muita coisa de conteúdo, até mesmo de prevenção de abuso. Então eu acho que assim, iria feliz trabalhar na área da comunicação, oficina pedagógica. Eu acho que eu seria muito mais produtiva, muito mais funcional do que estar lá na escola.

P - e se você fosse você conseguiria se ver realizada profissionalmente? Se você pudesse ter opção. Porque pela sua fala parece que você não está. Quando você fala que gostaria de voltar para a sala de aula numa tentativa de se sentir plena, você está dizendo que não se sente realizada no que está fazendo hoje. Está certo?

E - Sim. Certíssimo

P - E se você tivesse a oportunidade de ir para outra função, a comunicação, por exemplo. Isso faria com que você se sentisse realizada profissionalmente?

E - Eu acho que sim. Eu acho que só de tirar a palavra readaptada, eu acho que já perderia o peso. Eu acho que, de verdade, quando eu falo “eu sou funcionária pública” eu me sinto muito mais confortável do que quando eu digo “eu sou professora”, porque eu não sou professora, eu não exerço a profissão. Eu sou funcionária pública, eu exerço tal atividade. Eu acho que é muito mais enriquecedor para mim. Eu me sentiria plena. Eu não sou a professora readaptada. Eu sou funcionária pública e eu faço isso. Não sei se você entende.

P - Você passaria a ter uma função própria.

E - Isso. Não qualquer coisa. Não um tapa buraco. Eu não sou um tapa buraco, eu sou uma profissional. Eu estudei, eu me dediquei, eu me formei. A readaptação coloca como se a sua incapacidade fosse maior do que a sua capacidade. Eu acho que é isso o diferencial. Eu sou capaz, eu sou capaz de fazer outras coisas. Tão bem ou melhor do que se estivesse em sala de aula.

P - e na verdade esse adjetivo, e não é só o adjetivo, é a maneira como se lida com a situação. Hoje, apesar de você saber que você é capaz de fazer outras coisas, você não sente. Estou dizendo pelo seu relato. Você está dizendo que o fato de ser professora readaptada, o ambiente te coloca sem função. Você deixa de ter uma função, você vai cumprindo tarefas que qualquer um que não tenha estudo, que não tenha formação, que qualquer um poderia cumprir. Então você fica sem função. Então não é o fato de você não ser mais professora regente que te incomoda tanto, te incomoda muito mais o fato do ambiente estar organizado para não te atribuir uma nova função.

E - É. Eu acho que é bem isso. Não é tanto não estar em sala de aula. É não ter uma função, não ter um papel definido. A gente não tem papéis definidos? Em casa eu sou mãe, sou a responsável, sou a provedora. No trabalho eu sou a professora, para quem está em sala de aula. O readaptado é o que no trabalho? Readaptado, só.

P - E isso não diz um papel?

E - Não. Você não tem um papel, você não tem algo para você se organizar. Você até tem, dentro daquele rol de atividades, você tem lá sua rotinha. Você que não tem problema psicológico vai dar uma mão na hora do intervalo, mas percebe, vai tampando buraco.

P - na verdade ele diz o que você não pode fazer, então é o que você falou “vai dar uma mão”, não é função minha, não faz parte do meu papel, “eu vou ajudar, eu vou se alguém me pedir”

E - Sim. Nesta unidade eu até tenho, estou fazendo a catalogação dos livros. Mas aí, eu acho que é um pouco mais complexo também. Eu faço a catalogação dos livros, esse é o meu papel, fazer a catalogação e identificação, e eu consigo trabalhar com isso, isso e isso. Mas como eu sou professora readaptada eu posso fazer qualquer coisa, então eu paro o que eu tenho que fazer para ir fazer alguma coisa “vai lá organizar o armário pedagógico”, não sei se você entendeu. Ah eu tenho que fazer a catalogação, ainda não está pronto, mas “olha, vai ter um evento, você pode confeccionar os cartazes?”. Aí eu paro o que eu tenho que fazer e vou fazer. Eu acho que mais nesse sentido. Eu até tenho minhas funções, mas você é atropelado por outras coisas, aí você não conclui o que tem que fazer. Aí chega no dia “você terminou?”, não, não consegui terminar, “como não terminou?”, nesse meio tempo eu fui fazendo várias outras coisas que eram mais emergenciais na sua visão, na sua percepção. Você vai aprendendo a se posicionar conforme vai melhorando, e consegue falar “isso não dá”.

P - Você pode me contar sobre o processo de escolha pelo Magistério?

E - Eu prestei Vestibulinho pro CEFAM e para ETEC Carlos de Campos, para Desenho de comunicação. Minha mãe ficou muito preocupada com a localização. A escola fica no Brás. No primeiro dia de aula demorei para chegar em casa. Ela ficou muito preocupada. Quando cheguei em casa ela brigou comigo e colocou várias implicações para que eu continuasse a estudar lá, por isso acabei indo para o CEFAM

P - E o que te levou a escolher CEFAM e não desenho de comunicação?

E - Medo de não conseguir cumprir o que me foi imposto...Tinha 14 anos. E também queria me acertar com minha mãe. Isso descobri depois de muita terapia. Queria a aprovação dela

4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LUCIENE

Entrevista realizada dia 06 de outubro de 2020, com a professora Luciene, via Skype.

P - Esta é uma pesquisa para a tese do doutorado. Estou pesquisando os impactos da readaptação na identidade docente, por isso gostaria de ouvir a história dos profissionais. Nós vamos conversando, se você, em algum momento achar que deve parar, ou mesmo que eu não deva usar sua entrevista, tudo bem. Você pode se manifestar e a gente para. É isso. Meu pedido para você é: “me conte sobre você”

E - Tudo? O que exatamente, assim? Desde que eu comecei?

P - Tudo o que você puder e quiser contar sobre você.

E - Eu comecei na prefeitura em 97. Na verdade eu fiz Magistério pensando em dar aula. Gostava já. Depois fui fazer Pedagogia. Quando eu fiz Magistério vi que era isso mesmo que eu queria para minha vida, daí fui fazer Pedagogia, com a intenção de futuramente abrir uma escola particular. Mas no decorrer da carreira, que eu fui vendo, eu mudei de ideia. Porque eu estava fazendo a faculdade ainda e prestei o concurso, e eu passei. Então eu comecei muito nova na prefeitura. Se eu não me engano eu prestei o concurso eu tinha 21 anos e fui chamada com 24, no último ano porque minha classificação não foi muito boa, e eu fui chamada para dois cargos, na época era professor adjunto, professor adjunto de educação infantil e de ensino fundamental. E aí já logo em seguida eu comecei na prefeitura em 97. Já tinha dado aula no estado logo que eu me formei, com 18 anos comecei a dar aula no estado, mas não tinha um vínculo, assim, era estagiária, fiquei dois anos como estagiária. E também fiquei um ano e meio na escola particular. Inclusive quando eu fui chamada na prefeitura eu trabalhava nesta escola particular, uma escola que fica ali perto do metrô Antonieta, que chama colégio Nuvem Azul, trabalhei um ano e meio lá. Aí eu fui chamada em um cargo, continuei trabalhando lá em um período, depois eu fui chamada no outro cargo também, aí eu acabei saindo e fiquei só na prefeitura. Só que aí, logo em seguida, em 97 mesmo ou em 98, teve o concurso para titular e eu prestei. E eu passei só no cargo de ensino fundamental, e era separado na época, professor de ensino fundamental e professor de educação infantil. E eu acabei, eu não tinha intenção mesmo de ficar com dois cargos, acabei exonerando e fiquei com um cargo só. Aí eu acabei ficando exatamente 18 anos na escola ali próximo à Esquina Estrangeira, que é o José Inspetor. Comecei lá em 98 e fiquei lá até 2015, foi meu último ano lá. Enfim, eu sempre gostei muito, sempre me envolvi muito, gostava muito de alunos maiores. Nunca tive muita paciência com crianças muito menores, e eu evitava pegar primeiro ano, porque eu não gostava muito da parte de alfabetização, eu preferia pegar os quartos, quintos anos. A minha linguagem, o meu entendimento, com os alunos maiores, era melhor. Acabei dando muito tempo, aula para quarto, quinto ano, terceiro.

Eu cheguei a pegar primeiro ano também, e assim, sempre dando o melhor, mas não era, alfabetização não era o meu forte mesmo. Esse tempo todo nessa escola, eu fui muito feliz lá, fiz amigos maravilhosos que eu tenho até hoje. Tive a oportunidade de trabalhar na assistência de direção, porque trocou muito de assistente lá, então fui convidada algumas vezes, mas não era o que eu queria, nunca tive essa vontade de ir para a direção, de trabalhar na parte administrativa, tanto que tinha os concursos e eu nem prestava. Eu nunca prestei concurso para diretor, nem para coordenador, nem para nada. Gostava da sala de aula mesmo. Não só pelo fato de gostar da sala de aula, eu não queria aquelas preocupações para mim, porque a gente sabe que o trabalho do coordenador, lidar com o professor hoje não é fácil, e o trabalho do diretor, que é levar a escola inteira, sempre achei assim, que o que ganha não compensa. A diferença de salário hoje, para eu ter todas essas preocupações, não ia compensar. Então eu falei “vou acabar me aposentando como professora mesmo”. E aí, do ano de 98 até o ano de 2004, 2005, mais ou menos, assim, em 2005 eu comecei a perceber que as crianças foram mudando. Foi quando começou a inclusão, começaram a vir alunos de inclusão, e eu comecei a ter alunos muito difíceis. A gente era cobrado, o professor sempre é muito cobrado, que o aluno tem que aprender. Só que assim, a gente não tinha, na minha escola, poucos anos eu peguei aluno de inclusão e eu tinha estagiário para me ajudar. Aí assim, a questão da inclusão foi mexendo muito comigo, tanto que foi o que me fez sair da educação, do ensino fundamental. Em 2015 eu tive um aluno que me deu muito, muito trabalho. Ele me batia, ele batia nas crianças, aí, e, assim, eu tinha uma turma de quinto ano, eu tinha metade que não eram alfabetizados. Então eu tinha que cuidar de um aluno, o menino me dava muito trabalho, tinha que alfabetizar no quinto ano, e aquilo me decepcionou muito, porque eu falava “eu não estou trabalhando com quinto ano, eu queria outras coisas”, com aquele quinto ano eu não conseguia. Então no ano de 2014 para 2015 eu já, aí, algumas amigas foram trabalhar com educação infantil. Eu sempre achei que não era o meu forte educação infantil, mas falei “vamos lá, é desafio, vamos lá”. Aí fui para educação infantil. Eu trabalhei no Dirce, em 2016, mas não me adaptei, não teve jeito, não é o meu forte crianças pequenas. Aí eu falei “ah, espera aí, o que eu vou fazer? Vou voltar para o ensino fundamental?”, aí comecei a pensar, porque eu falei “ainda tenho alguns anos para trabalhar, o que eu vou fazer?”, mas aí eu percebo assim, o professor vai chegando em uma fase que a paciência já não é a mesma. E hoje eu percebo que muitos professores vão saindo da sala, vão se readaptando. Porque não adianta, com vinte e poucos anos de Magistério, você vai chegando numa hora que você, você não tem mais aquela paciência que você tinha há vinte anos atrás. Aí foi quando eu pedi a remoção lá pro Deputada. Eu falei “vou tentar o Deputada, que é uma escola próxima da minha casa”. Mas já de olho na escola de ensino fundamental que era ao lado, que é o Poeta. Eu pensei “eu vou tentar um ano no Deputada, se realmente eu não me adaptar eu vou para o Poeta, que eu estou perto da minha casa”. E aí foi que aconteceu, em 2017, eu fui em 2016 para o Dirce e em 2017 para o Deputada, e aí eu me machuquei logo no começo do ano. Levei um tombo feio, que eu caí de um skate elétrico eu quebrei meu braço, que foi uma fratura muito feia, que eu precisei passar por duas cirurgias, e até hoje meu braço nunca mais é o mesmo, questão

de força, de peso, pesa bastante, eu evito isso em tudo o que eu vou fazer. Na escola mesmo, às vezes carregar algum peso, mesmo estando na secretaria, a parte de carregar algum peso. E hoje, para mim, trabalhar com criança, eu teria algumas limitações, dá? Dá, mas algumas coisas eu não conseguiria fazer, ou se eu fizer eu corro o risco de agravar o meu problema. Tanto que a minha readaptação está terminando agora, peguei por mais um ano, termina agora dia, meio de novembro, acho que dia 18, então já fui ao médico, já peguei os novos documentos para enviar, para continuar. E, assim, hoje eu estou readaptada também por opção, porque eu sei que se eu for para a escola do ensino fundamental eu até acho que consigo trabalhar. Na EMEI eu acho mais complicado, mas no ensino fundamental eu acho que consigo voltar para a sala de aula, mas eu não sei se eu quero hoje, porque assim, faltam quatro anos para eu me aposentar, porque eu não pretendo ficar depois de aposentar. Então se eu continuar assim, do jeito que eu estou, para mim está bom. Lógico eu tento fazer o melhor que eu posso, em qualquer lugar. Se eu tiver que voltar para a sala eu vou ser a melhor professora que eu puder ser. Eu nunca fui aquela pessoa que está insatisfeita, que tira licença e não vai trabalhar. Tanto que qualquer um que vá puxar minha vida profissional vai ver que eu tenho pouquíssimas licenças médicas, faltas justificadas eu tenho uma ou duas, não tenho esse tipo de faltas, eu nunca fui de chegar atrasada. Então, assim, responsabilidade acima de tudo, se eu tiver que voltar para a sala de aula eu vou voltar e fazer o melhor, mas hoje, se eu puder ficar readaptada eu vou ficar.

P - me fala um pouco mais sobre isso, estar readaptada por opção.

E - Então, porque assim, o trabalho do readaptado, eu estou mais na parte administrativa. Eu gosto dessa, assim, eu não tenho a responsabilidade da direção, só que estou envolvida na parte administrativa, e isso é legal. E, assim, não sei se são em todas as escolas, a escola que eu estou existe um respeito muito grande pelo readaptado. Então, já ouvi falar que tem escolas que o readaptado é tratado como um encosto. Lá não, lá o readaptado tem responsabilidade, tem coisas que se eu fizer, eu tenho que fazer, ou alguém vai se virar para fazer, porque é minha responsabilidade, minha parte. E isso em nenhum momento me incomodou. Tem a parte de você ter um pouco mais de liberdade, porque a questão do horário do professor, o professor tem que estar com o aluno ali naquele momento. Já aconteceu, na escola, de eu falar “olha eu posso entrar meia hora mais tarde depois eu compenso?”, sempre existiu esses. Quando você está na sala de aula você não pode fazer isso. Então, assim, algumas vantagens que você acaba tendo. Um professor de sala de aula, se ele quiser sair para ir ao banheiro ele tem que arrumar alguém para ficar no lugar dele. Esse tipo de coisa acaba sendo legal, eu gosto. Eu gosto do contato com os pais ali também. Esse contato com os alunos, de vez em quando, que eu olho, é legal, me faz sentir um pouco de saudade sim, não vou dizer que não. Já são três anos afastada. Às vezes eu olho um trabalho legal de uma professora, eu falo “ai que legal”, aí, nesse momento, me dá uma saudade, assim, uma vontade, mas passa rápido também.

P - permanecer na educação infantil, você está dizendo, que é uma opção porque você está em lugar onde você pode desenvolver um trabalho que te faz bem. É isso?

E - Isso. Isso mesmo. Hoje eu estou readaptada na educação infantil porque, primeiro, é uma escola que respeita o readaptado. O readaptado é bem tratado, o contato com as crianças ali é legal. A equipe da escola que estou eu gosto muito, a Marta, que entrou no seu lugar é muito legal também. Eu tive sorte, porque nos anos que eu entrei, as três coordenadoras que passaram por lá foram muito boas. Então não tenho, não estou falando isso por você não. Eu falava antes também, e a Marta, que está lá, é uma pessoa super paciente, sabe, às vezes acho que ela tem paciência demais, é o que eu falava para você também, você tinha muita paciência, porque olha que o pessoal ali não é fácil não, mas assim, eu sou super bem tratada por todo mundo, então... Permanecer na educação infantil, como readaptada é bom. Se eu tiver que voltar para a sala de aula, eu com certeza, vou repensar se eu vou continuar ali ou não. Porque se estiver me fazendo mal e eu fazendo mal para o aluno, não é legal. Então eu posso sim vir a tentar mudar de escola. Mas, por enquanto, como readaptada, eu vou permanecer sim.

P - eu queria que você me contasse um pouquinho, sobre o PPP das escolas. Você disse que ficou um bom tempo no Inspetor, depois foi para o Dirce. Como é que você percebe seu envolvimento nessa construção? E aí no Deputada, como readaptada, como é esse processo? O que é que tem nos PPPs de projeto?

E - Para te dizer a verdade eu não conheço os PPPs. No Inspetor ainda é daquela época que a CP fazia e ficava na gaveta. Então, pelo que me lembro, os professores ajudavam na construção do PPP, simplesmente passando questionário para os alunos, e ajudando na elaboração do PEA, escolhendo o tema do PEA, mas eu não me lembro de ter participado e nem ter visto esse PPP. Lá no Deputada foi uma época muito tumultuada porque eu tive dois anos e pouco afastada. Esse ano eu sei que está em construção porque ela teve que refazer algumas coisas. A Marta, inclusive, me pediu ajuda, porque parece que teve algumas coisas que ela vai ter que refazer, algumas coisas que, parece que ela olhou o PPP e parece que ela perguntou para o Marcos, parece que a história da Deputada, e parece que ele falou para ela que ele colocou algumas coisas lá, mas que ele não sabe se são reais ou não. Algumas coisas que ele tinha que colocar e não tinha muito tempo de pesquisar e ele acabou colocando, acho que foi desse ano mesmo, mas aí depois ela não falou mais nada. Então assim, eu tive acesso, muito, aos PPPs, mas assim, falta de interesse meu também, isso é.

P - porque na verdade o PPP vai dizer quais são os projetos que a escola vai desenvolver e quais os papéis que cada um vai assumir. Quanto à isso você tem acesso?

E - Sim. São os projetos da escola, eu, por não estar readaptada por psiquiatria, foi conversado para que eu ficasse mais no atendimento aos pais, na parte da

secretaria. Porque assim, os professores que têm o laudo psicológico, psiquiátrico, não podem ter contato com os pais, não devem. Então eu fiquei um pouco mais afastada da parte pedagógica porque eu sou a única, praticamente, que posso atender um guichê, que posso participar de uma reunião, até anotando alguma coisa na reunião, eu posso fazer isso. Eu posso ter contato com os alunos, agora a parte pedagógica mesmo, eu não participo muito mesmo não.

P - mas essa parte de organização de função você participa?

E - Sim

P - conta como isso tem sido feito. Sua readaptação já foi no Deputada, mas eu queria que você contasse um pouco como você percebeu essa movimentação.

E - É. Eu comecei readaptada em 2018. Eu tenho pouco tempo, na verdade como readaptada. Eu comecei em 2018 no meio do ano. Então no ano de 2018 eu não tinha uma função muito definida não. Eu fazia o que precisasse. Eu ficava na sala dos professores ajudando as meninas, se precisasse na secretaria eu também ficava. Então eu ficava onde me chamavam. Em 2019 já teve uma organização um pouco melhor, porque aí a Paula me pediu que eu cuidasse da merenda, que eu fizesse as planilhas de merenda, que essa parte da merenda ficasse um pouco mais por minha conta. Aí eu falei “não tem problema, faço”, e nessa parte de atendimento. Assim, como o ano passado acabou vindo a Carmem, que gosta muito dessa parte de matrículas, da parte de alunos, de cuidar da parte funcional dos professores e dos alunos também, aí eu acabei mais ajudando a Carmem do que fazendo alguma coisa. Até porque eu tenho um cargo só, como ela tem dois, ela passa muito mais tempo na escola. E agora esse ano também teve a mudança de nós termos que participar da JEIF, então esse meu tempo de secretaria acabou diminuindo, porque antes eu ficava todo o tempo do meu horário de JEIF e do horário de trabalho na secretaria. Agora não, agora eu tenho que participar das reuniões, pelo menos no começo do ano. Então acaba tendo menos tempo para o atendimento.

P - como você entendeu essa mudança, essa determinação dos professores readaptados participarem da formação?

E - Eu não tenho problema, eu não tenho problema nenhum. Teve alguns problemas no começo do ano, porque tem algumas professoras, que são readaptadas pela parte psiquiátrica, que elas não querem, elas não, dizem que só de falar nesse assunto já ficam mal. Comigo não, não tenho problema. Só que assim, esse momento que eu estou na reunião, porque a ATE que veio tirou licença, então teve dias de eu ficar na secretaria sozinha e começo de ano é uma loucura, é matrícula. Então a gente até comentou lá, a gente falou “o que a gente faz?”. Porque há alguns professores que não são readaptados, viram essa questão das professoras readaptadas não querer participar da JEIF, não viram com bons olhos, “não, é lei tem que participar”, acharam que as pessoas estavam fugindo da reunião. E aí ficou determinado que todo mundo ia participar. Só que aí veio aquele negócio, “estou na secretaria, a hora que eu for para

reunião vai fechar a secretaria? Quem vai ficar na secretaria na hora?”. Então teve alguns entraves. Até a Paula falou “então como a gente vai fazer? eu posso ficar”, às vezes era a Paula que ficava, mas teve dias de eu não participar da JEIF porque não tinha ninguém para ficar na secretaria. Alguns entraves assim. Ter que participar eu tenho, e gosto, também não ligo. Para mim, assim, é indiferente, falar “ah eu gosto”, não, é indiferente. Eu participar ou não participar para mim tanto faz.

P - se você pudesse escolher?

E - Eu preferia não participar. Assim, eu não pontuo mais, eu estou fora. Se eu tiver que voltar, aí sim, acho que vai me interessar o assunto. Mas eu estou fora da sala e ficar lá ouvindo as professoras falarem dos problemas da sala, tá, é legal, eu me inteiro. Mas para mim aquilo ali não vai servir de nada. E até, assim, os estudos, para quem não está em sala de aula, é interessante, assim, entre aspas, porque você não está utilizando aquilo para nada.

P - e você estava falando que está em uma parte mais administrativa. Então você acha que estar nessa parte mais administrativa acaba te distanciando também dessa questão mais de sala de aula, de formação, mais para o momento pedagógico. É isso?

E - É isso mesmo. Porque eu fico praticamente, agora, as 4 horas dentro da secretaria, então, às vezes eu nem vejo as professoras. Isso foi uma coisa que eu não gostei muito, porque eu gosto desse contato, de ficar com elas, de ficar junto. Ficava na sala dos professores, e assim, você acaba batendo um papo. Você está trabalhando ali mas acaba batendo um papo e hoje eu não tenho isso, então eu me afastei das professoras também, e isso não é legal não. Sempre gostei muito de manter um vínculo com o pessoal

P - você está dizendo que ir para o administrativo e não poder estar ali nos momentos coletivos de café, de diálogo, distancia o vínculo também?

E - Distancia. A gente não fica sabendo o que acontece. Quem está na secretaria não fica sabendo o que acontece, o que as professoras, as professoras saem da sala de aula, elas saem querendo falar o que aconteceu, pode ser uma coisa legal que ela está fazendo, os trabalhos que ela está fazendo. E quem está mais nessa parte pedagógica está envolvido, tanto ajudando quanto escutando ou dando ideias. Quem está na secretaria não sabe de nada o que está acontecendo. De vez em quando é que você vai lá, na hora do seu almoço, que você entra e escuta alguma coisa, mas você não sabe. Isso é uma vantagem da JEIF, que quando você está em JEIF acaba se envolvendo um pouco mais.

P - mas, então, é um distanciamento, de vínculo de intervenção com a criança, não de relação com a outra pessoa. Ou também existe esse distanciamento de relação?

E - Os dois, porque assim, as pessoas entram na secretaria para assinar o ponto “oi, oi e tchau”, assina o ponto e tchau. É raro uma ou outra que pergunta “oi, e aí, como você está?”. Algumas fazem. Sem estar na secretaria não, você sai,

toma um cafezinho, fala da vida pessoal, tanto do trabalho quanto do pessoal, então eu gosto dessa parte. Até porque eu não tenho tantas amizades lá, depois que eu voltei eu estou praticamente dois anos, e ainda o ano passado eu fiquei afastada 4 meses. Então se eu for contar quanto tempo eu tenho de trabalho no Deputada, eu não tenho tanto tempo assim, para já ter um vínculo com as meninas.

P - então vamos lá. A sua readaptação foi por causa de um acidente, é uma readaptação que tem uma razão ortopédica. E em termos de satisfação profissional, você está dizendo que não sentiu diferença, que você encontra satisfação no que você faz hoje, mesmo enquanto professora readaptada.

E - Sabe o que acontece. Eu percebo que eu cheguei num ponto, isso assim, falando pessoal, eu cheguei num ponto que eu estou colocando muito mais a minha vida pessoal na frente do profissional. Então assim, o profissional é para eu ganhar o meu dinheiro para eu poder viver. Então assim, eu já não tenho aquela necessidade de estar, estar feliz no trabalho é bom, só que se eu não estiver também, mas estiver recebendo meu salário, eu não tenho problema com isso. É legal você ir trabalhar num lugar que você gosta, num lugar legal, e eu tenho isso hoje, mas eu não tenho assim, como eu posso dizer, na verdade eu estou em um processo, contando os dias para aposentar. Tem muitas coisas que eu quero fazer na minha vida pessoal ainda que eu preciso de liberdade e isso eu não tenho ainda. E eu quero viajar, eu quero curtir, eu quero sair, quero fazer as coisas. Esse ano, ainda, que a gente teve pandemia, eu tive um contato com meus filhos que eu não tinha há muito tempo, de poder estar junto quando estão fazendo lição de casa, quando estão se trocando. Sabe, de poder ter uma aproximação que eu não tinha. Isso está pegando muito, eu estou querendo parar de trabalhar, estou querendo aposentar, na verdade. Estou sendo assim, sincera com você.

P - você percebe que o seu direcionamento maior hoje é para essa relação com os filhos, com a família. Que o serviço acaba distanciando um pouco, ocupando um tempo que você gostaria de estar dedicando para a família. É isso que você está dizendo?

E - É, porque meus filhos estão adolescentes já. Meu filho tem 16 e minha filha 13. Quanto tempo mais eu vou ter eles perto de mim, então eu percebo, assim, que eu quero aproveitar hoje, o máximo que eu puder para estar junto porque logo logo cada um está com sua vida. A gente não sabe, tem filhos que ficam muito tempo com os pais, mas logo vão para a faculdade, vão ter a vida deles, e aí? Hoje eu já quero ir para algum lugar e eles já não querem ir junto. Então assim, eu sempre trabalhei meio período pensando nisso. Eu nunca quis trabalhar o dia inteiro porque eu falava “eu não vivo para trabalhar, eu trabalho para viver. Eu sempre coloquei a minha vida, e esse é um motivo também pelo qual eu nunca quis a direção, porque eu falava “eu vou ficar oito horas trabalhando, e depois quem vai cuidar? E aí?”. E assim, meu marido sempre teve um serviço que ele trabalha por escalas. Então, às vezes, ele estava trabalhando à tarde, às vezes estava trabalhando à noite, às vezes ele estava trabalhando

final de semana. Eu falei “se eu trabalhar o dia inteiro e meu marido trabalhar final de semana, que hora a gente se vê?”. Então assim, o dinheiro do trabalho tem que servir para eu ter uma vida boa, mas não para eu só pensar em trabalhar e não ter como gastar esse dinheiro. Ou como aconteceu com muita gente que tem que gastar em remédio, em... eu nunca precisei fazer acompanhamento psiquiátrico, psicológico, porque eu acho que sempre consegui manter a cabeça no lugar, eu conheço meu limite, eu não vou me pôr a fazer uma coisa que vai me desgastar psicologicamente.

P - você mantém o foco naquilo que você acha que é muito importante para você.

E - Sim. Eu sei que dinheiro é bom. Se eu tivesse dois cargos seria muito melhor, mas eu vou viver com aquilo que eu posso, com aquilo que eu tenho e vou ser feliz com aquilo. É lógico que depende da situação de cada um, cada um sabe o que tem, e se eu precisasse eu iria, mas eu não cheguei a chegar a esse ponto.

P - como você se sentiu quando o médico disse que você ficaria readaptada, que não daria para voltar? Que sentimentos isso te gerou?

E - Na verdade o médico não me disse isso. Quem disse isso para o médico fui eu. Porque na verdade o médico nem sabia o que fazia. Quando ele me afastou ele me afastou como se eu fosse uma profissional normal e depois ele ia me dar alta. Aí eu falei “olha eu trabalho com crianças pequenas, aí ele falou “aí não é legal, você vai sentir dor”. E aí eu que comentei com o meu médico que na prefeitura existia essa opção de eu trabalhar em outro cargo. Aí me informei também com os médicos da prefeitura, se existiria a possibilidade, e eles falaram que pela gravidade da minha situação sim, poderia. Se bem que, até hoje eu não tenho a readaptação definitiva, porque mesmo o meu quadro sendo um quadro definitivo, não vai existir a melhora, eles vão sempre dando um ano para ver se no próximo ano não tem nenhuma... E eu não me senti mal não, em nenhum momento, muito pelo contrário. Como eu já vinha de um desgaste muito grande, em 2015, como falei para você, eu tive muito problema com uma turma que eu tinha, em 2016 eu fui para o Dirce e o Dirce eu não gostei da escola, uma escola muito pequena e você não tem ambiente para levar as crianças. No Deputada você tem os parques, a brinquedoteca..., no Dirce você só tem a sala de aula e o parque. E assim, eu ficava, como eu era do intermediário, eu só ficava dentro da sala de aula com eles. Eu não gostei da escola, eu não gostei, as turmas eram muito agitadas, foi um ano difícil. Então eu comecei em 2017, já muito descontente, muito assim cansada, esgotada psicologicamente. E aí assim, eu acredito até em força espiritual, porque eu falo assim, eu acho que isso aconteceu melhor para mim, porque eu já estava em um momento que eu estava muito cansada, eu já estava meio assim sem saber para onde ir “vou ficar na educação infantil, vou voltar para o fundamental? Mas o fundamental também não está muito legal. E aí?”. Então eu acho, eu acredito, em nenhum momento eu tive problema com isso não.

P - se for para você hoje escolher “eu posso voltar para a sala de aula ou eu posso me manter na função que eu tenho hoje”, você se mantém ou você volta?

E - Eu me mantenho, eu não queria voltar não. Tanto que eu poderia, a minha readaptação cessa automaticamente agora em novembro e eu poderia simplesmente voltar. Não, eu já fui no médico, já peguei um novo laudo e agora, semana que vem, já vou encaminhar para ver se eu pego mais um ano de readaptação, e assim, como eu falei para você, são 4 anos para eu me aposentar, cada ano de readaptação é um ano a mais. Eu não acho ruim não.

P - tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar, de contar, alguma coisa que você tenha percebido nas escolas com relação à readaptação?

E - Eu percebi sim. Eu não sei se é na educação infantil. Porque na escola que eu trabalhava de ensino fundamental o readaptado não tinha função. Os professores readaptados lá, tanto que eu olhava e falava “meu Deus a pessoa ganha para isso”, porque eles ficavam o tempo inteiro na sala dos professores conversando. Era uma readaptada que ficava na secretaria e assim, fazia algum atendimento, mas quando ela queria. E assim, minha irmã trabalha como ATE na secretaria e ela fala que nessa escola cada vez que se tenta dar uma função para o readaptado ele tira licença. Eu comento que na minha escola é diferente, que os readaptados gostam quando os readaptados tem suas funções, porque os readaptados são muito úteis. Aí ela fala, tanto que ela até tentou se remover o ano passado para lá e não conseguiu, mas ela, é difícil. Pelo que eu sei, não sei se é educação infantil, o professor acaba precisando mais de ajuda. Acho que no ensino fundamental até o professor não precisa tanto, mas trabalho administrativo tem muita coisa para fazer. Nessa escola de ensino fundamental tinha um professor que às vezes tirava xerox quando a gente precisava. Essa professora que às vezes ficava na secretaria. E os outros readaptados, sentados na sala dos professores, conversando. Aí eu acho que, ser pago para isso, eu acho até desonesto.

P - a questão da organização do trabalho

E - É. Porque você não pode fazer uma coisa, mas você pode fazer outra e eu sempre tive isso muito claro. Eu estou lá ganhando meu salário para trabalhar, eu não estou lá para ficar batendo papo. Só que aí, assim, o diretor não consegue dar uma função para o professor readaptado porque ele tira licença. Então onde está errado? Será que é realmente a organização ou o próprio professor que não quer saber de trabalhar. Não estou para julgar ninguém, mas que a gente sabe que tem professor que não gosta de trabalhar existe, existe.

P - Que possa ser não uma questão da legislação ou da equipe gestora, mas sim do profissional que está ali.

E - Eu acho que a legislação com o readaptado é muito boa. O readaptado tem um amparo muito bom, muito legal. Eu acho que, já ouvi falar de diretores que tratam mal, mas não acho que seja a maioria. A maioria tem um respeito. E o readaptado pode ajudar muito, o ATE de secretaria em EMEI é um só, em EMEF é um ATE e a secretária, mas uma escola, às vezes, com mil alunos. Então o readaptado pode estar ajudando bastante nessa parte.

P - trabalho na escola sempre tem. É isso?

E - Sim.

P - Lu muito obrigada

E - Eu não sei se eu falei tudo o que você queria ouvir, mas eu fui muito sincera.

P - Eu queria ouvir mesmo a sua história. Muito obrigada. Qual nome você quer que use para te identificar nesta entrevista?

E - Pode ser o meu mesmo, não tem problema

P - Você quer que deixe seu nome. O que ele representa para você?

E - É minha identidade...não tenho problemas nenhum em usá-lo

5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LAURA

Entrevista realizada dia 09 de outubro de 2020, com a professora Laura, via Meet.

P - minha pesquisa é sobre o impacto da readaptação na identidade docente. Minha proposta é ouvir a história de vocês para entender esse impacto na identidade de vocês. Em qualquer momento que você achar que não está se sentindo bem, que quiser parar, ou mesmo que não queria mais que a entrevista seja usada no trabalho, é só sinalizar. A ideia é te ouvir, e não gerar qualquer tipo de mal estar para você.

E - Combinado

P - me conta sobre você

E - Hoje ou quando eu fiquei doente?

P - gostaria que me contasse tudo o que você pode contar sobre você

E - Então tá. Eu venho de uma família de muitas irmãs e todas elas tinham feito faculdade na área de educação. E eu sou a mais nova, eu não queria ser professora, eu queria ser jornalista. Eu fiz a faculdade de comunicação social e no meio da faculdade eu não me encontrei lá. Eu não achei que eu era boa o suficiente, que eu escrevia bem o suficiente para ser uma jornalista ou que eu tinha esse perfil, sei lá. Durante a faculdade a gente tinha que fazer entrevistas em situações mais, e às vezes, as pessoas não queriam se abrir. E era muito aquela época que tinha o aqui e agora, e a gente, não necessariamente eu ia trabalhar nesse molde. A gente meio que colocava o microfone na boca das pessoas e o câmara vinha atrás. Eu achava isso muito invasivo. Eu pensei em parar, mas eu era muito jovem, eu continuei a faculdade e me formei, mas só fiz estágio, não trabalhei na área. E já trabalhava, desde novinha, com o meu pai, que era comerciante, que tinha a loja. Eu trabalhava com ele. Eu falava assim “eu vou ficar aqui trabalhando com o meu pai, eu não sei até quando ele vai ter loja”, e daí começava a pensar no futuro e dizia assim “meu”, “ai Laura tem um curso é o programa especial de formação pedagógica”, que era o tal do CNE lá, que eu faria só dois anos, eu faria um aproveitamento de disciplinas e eu fui e fiz. Houve uma análise do meu currículo, da grade curricular, que vem as horas, e eu fiz, e saí com licenciatura plena em língua portuguesa. Isso era final de 2000, daí eu tinha duas irmãs, inclusive a Toninha trabalhava no estado, e elas arrumaram umas aulas para mim na mesma escola que eu estudei. Quando eu cheguei lá, fazia dez anos que eu tinha deixado, mais ou menos, já não era a mesma escola. A minha primeira impressão com escola, com sala de aula, não foi boa. Não era EJA no estado aquela época, mas eu peguei noturno. E assim, aquela visão de escola, eu fiquei dois anos nesta escola, ficava como eventual no começo do ano e depois aparecia umas turmas para eu trabalhar. Em 2003 não teve aulas para eu escolher e mandaram a gente para uma atribuição geral

e eu peguei aulas lá na terceira divisão. Eu não quis ir, eu não fui e tinha decidido não ser mais professora, só se eu passasse no concurso. 2004 teve um concurso na prefeitura só para adjunto e as minhas irmãs professoras já vieram com o papel só para eu fazer. Eu fiz. Fui atropelada e quebrei o pé, portanto não ia fazer a prova. Minha irmã e meu cunhado me levaram dois dias, atrás do shopping Ibirapuera, morando aqui na zona leste, para fazer a prova. Achei que tinha ido mais ou menos, mas que não tinha passado. Passei. Daí fui. Entro na prefeitura em 2005 e já no primeiro dia eu não gostava, mas eu precisava ter um emprego. Eu queria ter um emprego que viesse através do estudo, que fosse alguma coisa que eu tinha estudado. Então eu fui indo. No começo me ajudava a pagar minhas contas e eu via tantos colegas, eu falava “eu vou conseguir”, e daí foi 2005, 2006, eu fazia uns tratos comigo, eu falava “se eu aguentar trabalhar no final do ano eu vou viajar, nas férias de janeiro”, “ó eu vi uma roupa legal”, então eu fazia esses tratos, e eu fui aguentando. Só que eu já falei com alguns colegas e eles falam “nossa Laura sua vida foi bem tumultuada na escola”, porque assim, eu fui para uma escola lá em XXXXXX, perto da Soldado, e era uma escola bem tumultuada. No primeiro ano que eu estive lá eu entrei para cobrir uma licença gestante, e quando ela voltou eu fiquei cobrindo uma outra professora, de língua portuguesa mesmo, que pegava licenças mais curtas. Era uma escola terrível, então tudo o que eu lembrava de professores e alunos, quando eu era aluna e os meus professores que eu tanto admirava e respeitava, era tudo diferente. Até alguém espirrar na mão de uma menina, a menina ficar com nojo e passar na minha jaqueta. Eu falava “Senhor, onde eu estou”. Até xingamentos entre eles, brigas, entrar para separar, e eu sempre fui grande assim, eu entrava no meio das brigas deles para separar. Eles me machucavam, eu machucava eles, assim, hoje se tivesse internet, eu penso que, o que eu fiz em sala de aula, eu já teria sido exonerada, porque eu já enfrentei aluno drogado com craque. Ele queria sair da sala e ele estava com os cachimbinhos e queria ir no banheiro. E não era meu papel ali. E eu já estava tão surtada que eu falava “vem, passa por cima”, eu pulei um pouquinho porque isso já era 2008, então hoje com todo celular que tem uma câmera eu já tinha sido exonerada, já tinham colocado um PA (processo administrativo) em mim, eu já teria. Daí fui 2005, 2006. Daí eu comecei a fazer a faculdade de Pedagogia, porque eu falei assim “vou trabalhar com os pequenos, não está dando certo com os grandes, vou trabalhar com os pequenos”. Mas aí eu fiquei, durante o processo da faculdade, daí o negócio se instalou de uma maneira que eu fiquei doente e daí eu não consegui nem trabalhar com os pequenos. Eu lembro que eu ia para a faculdade a noite, primeiro ano, e eu saía lá de XXXXXX e estudava aqui no Bairro, e eu tinha prova. Estava muito frio e eu estava com um casaco bem grande, assim, comprido e eu estava com uma bolsa transversal. Eu não tinha livro didático, eu tirava muita cópia com o meu dinheiro, eu que pagava, eu arrumava minhas aulas, para eu ter um pouco de sossego eu levava tudo pronto para eles, para eu não ir para a lousa. Mas nesse dia eu fui para a lousa e deixei a minha bolsa enroladinha embaixo dos diários e dos livros, e eu tinha um alunos LA (liberdade assistida), era uma sétima série ainda, e ele exercia, lógico, uma liderança muito negativa muito grande ali naquela sala. E ele levantou junto com uma menina e eles abriram minha bolsa, pegaram minha carteira e meu celular. Aí quando eu

saí, era última aula, deu o sinal, todo mundo saiu, e eu vi, e aí eu falei assim “nossa”, apesar de todas as dificuldades eu me esforçava para ser uma boa professora, eu tentava, buscava alternativas, ali parece que aconteceu um, quebrou um elo de confiança. Porque apesar de todas as dificuldade aquela sala ainda representava um negócio que era importante para mim, e daí ali. E daí eu fui ficando doentinha, chorava, olhava muito para a escada. Eu tinha muita vontade de cair da escada da escola, para ter um acidente de trabalho, porém eu não tinha coragem de fazer isso comigo mesma. Eu descia com eles, sabe quando dá o sinal para o intervalo, que eles saem alucinados? Eu me metia no meio. Quem sabe alguém por descuido, ou porque é muita gente, ou porque não gosta de mim mesmo, me derruba. Eu não queria voltar nunca no outro dia. Então era assim, eu ia para a escola, eu rezava o terço inteiro no caminho, e eu pedia para Maria abrir todas as portas para mim. E foi indo, foi indo. Até que, em 2008, eu já estava na DRE de XYZ, em uma escola ali na Vila, foi a pior escola que eu trabalhei, que foi o Desbravador, eu fui cobrir umas aulas de manhã, me pediram porque a professora tinha. E eu estava lá e de repente escuto uns gritos, era a professora do lado. E eu, num instinto assim, de quem está pedindo socorro, eu entro na sala do lado. Tinha 4 meninos em cima dela. Daí eu entrei, um deles falou assim para mim “sai daqui sua vaca” e me deu uma voadora aqui na costela e eu cai, machuquei, fiquei com hematoma, peguei uma licença de curta duração, não fui uma semana para a escola. E ali o negócio tinha quebrado. Eu tinha passado no concurso do estado, estava trabalhando o dia inteiro na escola, isso foi setembro de 2008. E a professora que começou a ser agredida ela foi e fez o BO, eu não fiz. E eu fiquei de setembro até dezembro indo todos os dias na escola. E aqueles meninos que estudavam no período da manhã e eu era do último período, das três às sete, eles se revezavam e ficavam me esperando no portão da escola, e só faziam assim para mim (sinal com os dedos dos olhos dele em direção a ela, indicando que estava de olho nela). E eu devia ter parado, porque eu já não estava bem, eu devia ter ido ao psiquiatra, ao psicólogo fazer terapia já, e eu não fui. Eu fui levando. Eu acho que, até hoje, se eu tivesse ido mais cedo, quem sabe tivesse sido um dano menor que tivesse feito em mim. E daí eu terminei esse ano. 2009 eu comecei com terapia, psiquiatra, medicação. E foi todo um processo que eu fui levando. E eu tentando fazer outras coisas, eu gostei muito da dinâmica de consultório. Eu quis ser psicóloga, terapeuta. Eu fiz um semestre de psicanálise ali na PUC, como é o nome daquele instituto?

P - COGEAE?

E - Eu não sei. É um negócio muito famoso que tem ali em frente a PUC e eu fiz. Daí, com a ajuda do meu psiquiatra, da minha psicóloga, a gente tentando arrumar uma outra, eu queria outra coisa, mas eu achei bem difícil. Mas na minha turma só tinham médicos e duas psicólogas, então assim, estava muito, era difícil de acompanhar. Daí fui, entrei na UNICSUL para fazer psicologia. Mas não sei, eu fiz a noite lá, tinham muitos jovens, me lembrava muito a minha sala de aula, aquele ambiente. E eu muito perdida, aí eu falei “vou ser sacoleira”, aí fui tentar ser sacoleira. Eu ria, às vezes fazia muita piada de mim mesma, tentava não me levar a sério, mas no fundo isso estava, ia me machucando. Até que, como eu

entrei em 2005, era 2009, então nem pensava em readaptação. Eu achava que isso existia só no final da carreira, tipo assim só quando eu tiver quinze anos de prefeitura, quando eu tiver. Daí uma colega falou para mim, e eu falei “ah não, eu não posso”, daí ela começou a conversar, ela pediu, eu liguei no sindicato e conversei. Daí o cara me falou assim “professora, se você adoeceu um dia depois que você entrou na sala de aula você pode se readaptar”, e já fazia cinco anos. Daí eu iniciei um processo de readaptação. Passei no psiquiatra, ele me afastou, isso foi agosto de 2010, eu comecei a ficar de licença e em 2011 eu fui readaptada. E eu idealizei muito essa coisa de ser readaptada, eu achava que eu ia, nossa, eu ia melhorar muito. Realmente foi uma mudança brusca, mas eu ainda continuava onde eu adoeci. Eu trabalhava com o que tinha me deixado doente. E durante os oito meses que eu havia ficado parada, para me readaptar, eu consegui parar de tomar o antidepressivo. Eu voltei, doze dias depois eu já não dormia. Eu fiquei oito meses sem tomar o remédio, quando eu coloquei o pé na escola... E eu fui bem recebida, eu trabalhava na secretaria, eu trabalhava bastante, era a escola Escritor, ali no, XYZ, ali no comecinho da Antonieta ali, nem lembro mais. Eu trabalhei cinco anos lá. Era uma escola grande, a secretaria, o espaço físico era bem grande. Então o pessoal da secretaria super me recebeu bem e eu aprendi a fazer um monte de coisa. Mas ainda, se eu não conseguisse chegar antes das 7h eu ficava no carro até os alunos entrarem, daí eu pagava os vinte minutos depois. Até teve uma coisa muito legal, eu tive uma diretora, era minha coordenadora, mas aí o diretor saiu e ela assumiu no ano seguinte como diretora. E eu não sabia disso, no primeiro dia de aula, aquelas reuniões coletivas para falar sobre as mudanças, ela falou assim “o portão de entrada esse ano vai mudar, não vai ser mais junto com o estacionamento aquela entrada”, e já fazia bastante tempo que era ali, fazia uns quatro ou cinco anos. E o pessoal falou “ah é” e ela disse “é, não, eu vou mudar por causa da Laura. A Laura fica todo dia no estacionamento. E eu falei “Angela”, e eu fiquei muito contente com a atitude dela, fiquei morrendo de vergonha, sei que algumas pessoas acharam que não tinha nada a ver ela ter mudado, mas sei lá, ela conseguiu me olhar de um jeito. E foi muito bacana, eu consegui trabalhar este ano. Quando saiu a minha definitiva em 2015, que daí eu podia entrar como professor readaptado e escolher EMEI foi novamente criado uma outra mega expectativa, eu iria sair e não veria mais adolescente, oh meu Deus, que sonho, obrigada. Mas era escola e também foi difícil. Hoje eu tento me cobrar menos, hoje, eu ainda carrego, mas uma culpa por não ter parado, por não ter procurado. Eu acho que a minha maior, que eu via como maior derrota, era eu não ter chegado e jogado tudo para cima “eu vou fazer outra coisa”, e eu me culpava muito por isso, muito. E hoje eu penso que se eu não mudei ainda e que se eu, é porque ainda não deu, e porque as decisões que apareceram na minha vida naquele tempo, eu pensava diferente, entendeu. Eu tenho que desculpar a Laura de 2009 que só exonerou um cargo e não exonerou os dois. Eu tenho que perdoar ela depois que ela voltou na escola três dias depois que ela tinha apanhado. É difícil me perdoar. Antes disso ainda, eu vou falar para você porque você é o máximo, adoro você. A minha irmã que é professora ela pegou na escola, foi em 2006, conjuntivite, e eu quis pegar dela, eu peguei um algodão que ela tinha feito a limpeza nos olhos e eu passei no meu, para eu não ir para

a escola, para eu não sentir aquela dor. Eu tive uma conjuntivite hemorrágica, e eu fiquei com o olho desse tamanho, com uma dor completamente diferente, parecia que era um castigo por eu ter feito isso. Meus olhos ficaram imensos, até injeção eu tive que tomar porque os colírios antibióticos não estavam dando conta, mas eu preferia a dor física do que a dor que eu sentia aqui (apontou para o peito). Então assim, eu mudo bastante de escola, você sabe que eu me inscrevi e eu vou sair, se Deus quiser. A Carla está em dúvida, é assim, minha situação, se a Carla for eu vou colocar o ZZZZZZZZZ em primeiro lugar porque tem duas vagas. Se a Carla não for eu vou colocar o BORBOLETA como primeira opção. Se ela for o BORBOLETA é minha segunda opção, se não for é a primeira, mas eu vou fazer uma lista grande. E daí, às vezes, as pessoas perguntam “Laura porque você muda? Porque você não consegue?”. É porque aquele monstinho eu já conheço, eu vou atrás de um desconhecido, eu sempre tenho essa esperança, por mais que tenha esse processo dolorido que eu passo, sempre que eu mudo eu tenho um pouquinho de esperança de que pode melhorar.

P - você disse que com os pequenos seria melhor, estar na escola, que você iria para a EMEI e isso iria melhorar. Que expectativa você tinha, exatamente, de melhora, em que sentido você estava pensando isso?

E - E melhorou, melhorou, tá. Eu não ia mais ver adolescente. Lembra quando os alunos do Poeta iam? Você não sabe o que aquilo me pegava. Eu tenho, eu moro aqui perto do BORBOLETA, da praça. Quarta-feira estava muito calor e eu falei assim para o meu marido “vamos dar uma volta?”. Eu estava até sufocada e eu falei “vamos dar uma volta?”. Era umas nove horas da noite, eu, ele e a Dolly, nossa cachorrinha. Mas tinha tanto adolescente na praça. Eu não fiquei 15 minutos. Entendeu? Eu não fiquei 15 minutos. Eu ainda tenho muita aflição deles, ainda mais quando eles se tornam um grupo. Se é um ou outro ok. Mas se eles estão em grupos isso ainda me... então indo para a EMEI eu não tinha mais adolescentes, entendeu? Eu não tinha, era criança. E realmente melhorou muito, mas ainda era escola. A Marcia se readaptou no final do ano passado e aí, eu não sei se alguém já tinha percebido, se teve... eu não vou na sala dos professores quase, eu não fico lá, porque aquilo é muito familiar para mim, é um sentimento que me aproxima muito da minha dor. Até porque eu escuto as professoras, e eu sei que elas tem, elas passam, então aquilo me, então eu não vou. Esse ano eu entrei lá no comecinho do ano e a Marcia olhou e falou “nossa que milagre você aqui”, porque nunca ninguém, eu não sei se nunca ninguém percebeu ou se... e ela quis falar. E eu falei para ela “olha aqui, não é por vocês, mas pelas histórias que eu carrego, eu não me sinto bem na sala dos professores, porque eu estou muito perto de ser professora”, então na secretaria eu me escondo, eu me refugio. Então melhorou, EMEI eu não preciso ver adolescente, teve uma, mas ainda tem essas coisas que agora esse ano, antes da pandemia a Paula ainda, foram poucos dias, 40, e a minha mãe está bem doente, bem você sabe. Em outra situação eu teria me afastado, porque a escola seria mais um fardo além da doença da minha mãe. E eu consegui colocar no meu dia a dia, como eu voltei para a terapia ano passado, me fortaleceu. Então assim a Paula olhava para mim e dizia “nossa Laura, em outros tempos”, e eu dizia “em outros tempos eu estava afastada, eu não ia conseguir administrar as

duas coisas". Não era tempo, não era preguiça, é porque eram duas cargas muito pesadas, a doença da minha mãe e a escola. Então, esse ano, tudo bem que a Paula brincava comigo e dizia "Laura essa é a escola dos sonhos para você? A escola que você não precisa ir lá". Mas assim, eu não, eu estou seguindo. A Carla tem me ajudado porque precisa fazer o diário de bordo, então a Carla tem me ajudado. Mas eu tenho feito coisas administrativas, e não tem sido um tormento para mim, e mesmo não estava sendo lá. Então assim a terapia tem me fortalecido, eu ter tirado um pouco essa culpa de cima de mim. Eu me culpo, eu sei que a gente tem nossa responsabilidade, mas eu acho que eu me culpava demais. Então eu acho que eu diminui um pouco essa culpa e, então melhorou. Na EMEI era assim, a expectativa, eu não tenho adolescente. Agora hoje eu recebi um e-mail da escola que a DRE de TTTTTTTT está pedindo currículo de professores para quem quer trabalhar na DRE. Eu não vou colocar porque é longe. Eu tenho a chance de trabalhar aqui com você do lado, mesmo no AVIADOR ou outra escola. Se fosse a CCCCCCCC... É que nós estamos em um cenário muito diferente. Eles mandaram todos os ATEs embora e agora eles estão à caça de professores readaptados para sugar mesmo. Mas eu até tinha vontade de trabalhar, não é uma crítica, é que ela mesma falou para mim, a Sandra, que ela achava que os professores readaptados tinham que trabalhar na DRE. Aí eu pensei assim comigo "a DRE não é escola, eu concordo com ela". Mas eu falei assim, meu Deus, é tão longe, se pelo menos fosse um pouco mais perto. Então agora, quem sabe, eu indo para o Borboleta, se um dia eu quiser eu posso tentar ir para a DRE. Não vou precisar, espero.

P - você não vai querer sair

E - Não vou querer sair. Mas assim, a expectativa que eu tinha se cumpriu, porque não tem adolescente mesmo.

P - mas ainda dói ir para a escola

E - Dói ir para a escola, dói ir para a escola

P - e uma outra coisa que você disse que é bem marcante. Dói ir para a escola e dói entrar na sala dos professores, porque isso te faz professora. E ficar ali na secretaria faz com que você não seja professora.

E - Sim

P - Você está na administração.

E - Sim

P - e isso dói menos?

E - Dói menos. Esse ano, enquanto a Paula estava em licença, teve a assistente que era prima do Marcos, a Nair, e daí ela ia fazer uma reunião com os professores readaptados. E ela marcou às 10h da manhã, uma única reunião. Eu disse "eu queria muito vir, mas esse horário eu estou com minha mãe". Ela disse "não, não precisa vir, não sei o quê". E daí eu falei "Nair é importante", e eu quis ver a pauta da reunião e ela puxou a pauta da minha mão, assim, e eu

falei “Nair, você não está achando, você não me conhece. Eu venho trabalhando, eu tenho enganado meu cérebro que eu não sou professora, que eu não estou em uma escola”. Daí ela olhou para mim, pensou no assunto e foi. Ela falou “fica tranquila, você não pode vir na reunião eu vou manter esse horário”. Aí no dia da reunião “e a Laura, o que a Laura vai fazer?”, perguntaram. E ela falou “a Laura, eu me entendo com ela”. Quando eu entrei na escola nesse mesmo dia, tinha olhos e olhos para mim, porque não gostaram muito da resposta que ela deu, porque... mas ela não estava me privilegiando, ela só tinha me enxergado. E me dava um monte de coisa para a fazer, e a gente trabalhou junto. Então é isso que você falou. Eu não entro lá para não lembrar do que eu sou. Por exemplo, se eu vou em uma loja, e eu tenho o maior respeito por essa profissão, eu acho linda, eu acho ser professor lindo, eu não falo “ai meu Deus”, não, eu acho lindo, eu acho nobre. Mas se eu vou a alguma coisa que não é documento oficial, eu não coloco que sou professora, eu coloco que sou funcionária pública.

P - qual a diferença de professor e funcionária pública, para você?

E - Porque a funcionária pública, professora é o que me fez doente, o fardo que eu carreguei por estar em uma sala de aula. Então funcionária pública, sei lá, eu posso trabalhar em uma biblioteca, posso trabalhar em um hospital, em um posto de saúde, em qualquer repartição pública, num cemitério, entendeu? Eu, antes de, o pessoal morria de rir comigo, porque ao mesmo tempo que eu me autoflagelo eu tento não me levar tanto a sério, mas acabo me levando, não consigo. Mas eu falava “gente se eu tivesse o salário da prefeitura, eu colocava aquelas roupinhas”, sabe, de quem entrega papel no semáforo, aquele calor, tadinhos, eu me compadeço tanto deles, porque eu não gosto de sol. Eu falava assim “eu ficava aqui entregando”. Juro, eu preferia varrer o pátio do que ficar na sala dos professores, do que ir dar uma aula. Eu trabalhei no Poeta, e eu não tinha as 25 aulas. Eu entrei em licença para me readaptar correndo o risco de ser JBD, de ser chamada antes, porque eu não aguentei terminar o final do ano para ir para uma escola de XYZ, para entrar em jornada nesta escola. Eu falei “eu entrego nas mãos de Deus, se eu tiver que me readaptar vai ser em JBD mesmo, se eu for chamada”. Demorou, eu fui para outra DRE, fui para outra escola, peguei aula, porque lá tem muito mais aula do que aqui em TTTTTTTT. Bom, então eu tinha 15 aulas nessa escola e 10 aulas de CJ, só que eu tinha a tal da hora atividade e isso era muito, mas era muito sagrado para mim. E daí vinha a assistente e ela queria, às vezes, que eu entrasse, e eu tenho dificuldade de falar não, eu tenho. Mas eu falava “não, por favor, não”, e ela falava para mim “mas eu vou te pagar”, e eu falava “mas eu não quero que você me pague, eu não quero”. E daí ela tinha uma certa resistência comigo porque eu não queria entrar, mas deu certo.

P - por duas vezes você coloca em destaque “o diretor, a assistente, a pessoa da gestão, me enxergou”. O quanto isso parece ter sido importante para você.

E - E foi. Marilce, você tem um papel muito importante na minha vida. Você, a Paula. Gente, eu consegui trabalhar por causa de vocês, vocês me acolheram. Eu fui para o Jogador em 2016 e estava saindo uma gestão, em março elas

saíram, e entrou uma professora, a Vilma, Vilminha, que é minha amiga, e a Paula, que também é minha amiga, se tornaram amigas minhas. E a Vilma ela, a gente nem se conhecia muito, mas ela percebia que eu estava muito nervosa, eu não estava me ambientando, e daí ela chegou para mim e me chamou na sala dela. E eu não conhecia, eu achava ela uma pessoa simpática, bacana, mas eu não conhecia. Daí ela falou para mim assim “Laura, o que está acontecendo?”, daí eu falei que eu estava com dificuldade, que era essa ultra expectativa que eu tinha colocado e não estava sendo assim. Aí ela olhou e falou assim “você consegue vir para a escola?”, aí ela falou “dorme no carro, fica jogando no computador, fica na sala dos professores escrevendo, leia um livro, finge que aqui não é escola”. Eu só precisei ir dois dias, e eu consegui trabalhar, e depois eu tive uma outra recaída, que daí era uma outra coisa, porque eu mudei o psiquiatra e a gente mudou o antidepressivo e não começou a funcionar muito bem. Mas assim, eu tive uma diretora que mudou o portão, eu tive uma diretora que falou que eu podia dormir no carro, ela só queria me ver na escola. Eu tive você e a Paula que me pegaram com a mão, a Paula me colocou na sala dela, a minha mesa era colada na mesa dela. São 15 anos de prefeitura, mas eu tive gente que me pegou quase no colo, é que eu sou muito pesada, rs. Um adendo, antes de ficar doente eu pesava 18 quilos a menos, rs. O antidepressivo, eu tomava o venlafaxina e ele engorda mesmo, e eu já tinha uma propensão e eu engordei mesmo, mas tudo bem. Mas assim, eu tenho as minhas pérolas, eu falo que eu tenho um colar de pérolas, ele está indo para o colar, era uma pulseira, as pérolas que Deus foi colocando em cada escola que eu passei, em cada ano que eu passei. Assim, é uma história bonita no final.

P - sim, realmente. Me conta um pouco um pouco como você via essas escolas e como era a organização dessa distribuição de funções. Como era o PPP, essa organização do PPP, nessas escolas por onde você passou.

E - Eu vou ser bem sincera, eu nunca cheguei a ver PPP, e com funções. Você quer dizer assim de readaptados, essas coisas?

P - essa organização. Por exemplo, você falou que a Nair fez a reunião e a divisão de tarefas, essa opção dos horários. Isso já tinha acontecido com o Marcos também. E nas outras escolas? Como era essa organização? Pelo que você disse, ali na Deputada existe uma divisão, uma organização democrática de distribuição das tarefas, das funções. E é isso que vai compor o PPP e que vai fazer parte do projeto da escola. Cada um vai contribuir de uma maneira, você vai contribuir com o administrativo, a Lais vai contribuir com o pedagógico... cada um vai contribuindo de uma maneira. Nas outras escolas como era isso?

E - Eu já me adaptei no Ator e eu tinha pego o noturno e eu podia trabalhar no noturno, eu achei que eu ia trabalhar como readaptada no noturno, que ia ter um número de salas menor, menos alunos, um público com muitos jovens, mas com muitos adultos. A diretora não deixou, era uma diretora bastante autoritária e ela me disse, que esse discurso é meio, assim, que eu precisava trabalhar no período que a escola necessitava, e ela precisava de mim pela manhã. Aí, estava começando, tudo bem. A diretora era chata, trabalhei três anos com ela, ela era

chata, gostava de pegar no pé. E a gente como professor tem, eu tinha uma autonomia maior dentro da sala de aula, eu me lascava, mas assim. Ela ligava na secretaria e falava “vem na minha sala agora”, tirando esses desmandos dela, o pessoal da secretaria foi super, mega receptivo comigo. Já tinha uma professora readaptada que trabalhava com eles no período da tarde, então, naquela época os D.Os eram em papel mesmo. Então eu fazia a leitura de D.O, eu fazia anotação no livro ponto. Tinha muito serviço, a escola era muito grande. Eu adorava trabalhar com aqueles papeizinhos. Eu aprendi a fazer A.F., daí eu fazia muitas pesquisas no livro ponto, aquela coisa de vai incorporar ou não a jornada, então eu fazia toda aquela pesquisa, naqueles livros empoeirados. E eu ficava feliz. Se a minha cabeça tivesse lembrando que eu não estava na escola, se eu não estivesse escutando aqueles, como chama, que eles faziam na hora do intervalo, que eles queriam sair e batiam no portão, ou eles estouravam umas bombas, eu não sei como conseguiam. E eu saía correndo e ia para a praça da frente, eu falava “eu não posso ficar aqui” e eu ia para a frente da escola, era uma pracinha, mas era bem pertinho. Então nessa escola eu não tive problema, porque tinha muito serviço, então eu ficava das 7h às 13h bem ocupada. Daí o pessoal falava “o Laura, será que eles não estão te explorando?”, eu não sentia assim. Eu não senti assim, então eu trabalhei bem. Daí eu tive, depois eu fiz uns exames mais específicos e eu também tenho, o gatilho sim foi a escola, o estopim foi tudo isso, que eu nunca tinha tido nada a respeito. Mas, assim, o meu cérebro falta, ele não produz uma substância que agora me fugiu o nome, que eu sempre esqueço todos os dias. Então, mesmo eu tomando o remédio, se ele não produz uma mínima gota, não tem como o remédio fazer efeito. Então, vamos supor que em todo o mundo, seja assim, o meu cérebro várias vez vai fazer como o de uma pessoa normal, tem dia que ele vai fazer só gotinha, daí o remédio vai lá e produz para o meu cérebro ficar bem. Só que tem dias que meu cérebro não produz nada, e daí eu poderia tomar três caixas de remédio que a tristeza, é... E aí, foi em 2015 que eu fiquei definitiva então eu vislumbrei a possibilidade de ir para uma escola mais próxima de casa, uma EMEI, tudo pequenininho, longe de adolescente. Eu falei “opa”, e daí eu fui, mas daí eu senti esse baque, que eu achei que ia ser tão legal, tão legal, e ainda continuava escola, eu via colegas sofrendo. E a minha psicóloga lá no início, que assim eu faço terapia hoje e eu gosto muito dela, mas a Alzira, que era a minha primeira psicóloga, e ela dizia para mim que eu olhava muito para os alunos. Então assim, no estado tinha cantina, eu dava aula de recuperação, quer dizer, eu ganhava quase nada, eu comprava lanche para os alunos, porque eles vinham lá da região distante, lá da NNNNNN, para ter aula comigo meio dia, e eles iam sair 6 horas e para chegar em casa, tinham uns que vinham sem almoçar. Aquela situação de pobreza, de fome, eu não tinha visto aquilo ainda. E eu acho que aquelas crianças que. Eu lembro que eu estava nesta escola que foi a pior de todas e eu tinha um aluno, e ele era feio, não vou usar outra palavra, ele era feio. E daí todos os meninos já estavam namorando e ele não tinha namorada. E zoavam porque ele era feio. Daí começaram assim “não”, ele falou que estava namorando, e ninguém estava acreditava nele. Daí ele falou e a escola inteira ficou sabendo que ele estava namorando, porque tadinho. Sabe quem era a namorada dele? O irmão de nove anos. E ele tinha relações com o irmão de

nove anos. Apareceu um pai chorando, chorando, era o pai desses dois meninos, que a mulher tinha deixado ele tinha uns seis meses, ele pegou os dois. Então assim, essas histórias, em mim, batiam de um jeito, sabe, então, eu falo “meu Deus”. E aí quando eu fui para essa EMEI, do Jardim Elegante, e pra nossa ali, mas que é da comunidade. Então esse ano tinha um, o Marcos falava, “Laura ele é um bichinho”, porque era completamente abandonado. Então assim, ele era aluno acho que da Sandra, não sei se era da Sandra esse ano. Então essas histórias sempre bateram, bate em todo mundo, mas não sei, eu tinha muita dificuldade de processar, de elaborar, essas crianças com esse histórico de muita dor. E eu ia pegando, e eu ia pegando. Então eu cheguei na EMEI e eu pensei “eu vou ver só criança, criança não sofre, criança não tem dor”, mas tem. E por mais que eu tenha, uma escola pequena, eu ouvia, eu via, e daí um pedaço da dor caminha comigo, entendeu. Dessas escolas, então, eu trabalhei 5 anos, eu trabalhava, era útil, eu não estava onerando os cofres públicos, como tem muita gente que fala dos readaptados. Eu senti que tem um preconceito com os readaptados, eu senti, tem mesmo, existe, de muitos colegas. Muitos sabem e fazem questão de mostrar. Outros está implícito na fala, no jeito, mas as pessoas nem percebem. Tem, eu senti, não é lenda, coisa que a gente inventa para se fazer de vítima, não é. Mas foi bem, eu me sentia útil, não era aquela pessoa “agora eu não faço nada”, eu fazia muito mais do que eu faço na EMEI, porque tinha mais serviço na escola, e tinha muita coisa da área administrativa que não precisava ser feita em computador, porque assim, eu tenho muito limite na parte tecnológica. E naquela época não, aquela escola tinha tanto prontuário para eu arrumar, tanta ficha de saúde, faltava professor e me pediam para ligar para as mães da primeira série, porque a professora não ia vir de manhã, se pudesse, ia ser dividido a sala, ia ficar com outra professora, para eles mandarem menos. Então assim, eu me sentia até mais segura, em relação ao serviço, na EMEF, porque tinha mais serviço para eu fazer, então eu não precisava, de repente, fazer um bilhete com um desenhinho do lado “ai meu Deus”, rs. Ou cortar alguma coisa, porque eu sou péssima com tesoura “ai Jesus”. Então tinha papel, “pega lá Laura” daí eu chegava a embrulhar aquelas várias edições de diário oficial. “Dá aqui Laura, é pesado”, “não, não é pesado, deixa que eu faço”. Acho que foi meu encontro com os papeizinhos, com a poeira, foi gostoso.

P - e hoje, quando você olha, se você pudesse, você está dizendo que está indo de uma escola para outra para poder se encontrar de uma maneira mais feliz, mais saudável. Se você pudesse, hoje, escolher um fazer, uma atividade, o que você faria?

E - Eu continuaria lendo DO, que eu gosto, é uma coisa que eu acho que eu fico bem informada. Eu gosto também de mexer no livro ponto. Esse ano eu não fiz, é claro, eu não estava lá com a Paula, mas eu estava aprendendo. Essa coisa de fez tantos JEX, marca lá, ela estava me ensinando. Eu esqueci tudo, mas tem uma tabelinha, acho legal fazer isso. Atender telefone também não é nada que. Agora assim, lidar com público não, não. Na EMEF eu nunca atendi uma janelinha, nunca, porque tem muito funcionário, tem muito trabalho mas tem mais gente, eu nunca atendi uma janelinha. Daí eu chego no Jogador, “ah Laura você pode”, “é, posso”, a minha dificuldade de dizer não, mas não era difícil, até em

espanhol eu fiz atendimento no Jogador. Meu espanhol estava bem travadinho naquela época e continua, mas até tinham muitos pais bolivianos, e procuravam por mim ainda. Iam de manhã e procuravam por mim, a professora que, a mulher que atendia.

P - porque você os entendia

E - É. Mas aí teve um dia que, pai e mãe, essa coisa que não pode buscar, que pode buscar, tem autorização de juiz, não tinha. Eu estava sozinha e estava escrito lá que não podia deixar o pai pegar. Só que porém, não tinha nada do juiz. Eu pensei “o que eu vou fazer?”. Eu peguei o telefone e o pai falou assim, “se você ligar eu vou meter um”, como chama, ele estava com um negócio na mão, ele falou “eu vou quebrar na sua cabeça”, eu consegui reverter aquela situação. Mas eu fiquei com tanto medo, com tanto medo, que eu fui para a Deputada e eu falei “eu não quero atender”, fazer aquele primeiro atendimento tudo bem, mas é que você nunca sabe, “oi, boa tarde, como vai”, “ó, marquei horário para minha filha”, mas se o negócio já começa que eu preciso elaborar, me aflige, me aflige.

P - sim. A situação de conflito acaba te prejudicando, te fazendo mal. E se você pudesse escolher não só na escola. Hoje, você disse de coisas que você faria, mas faria dentro da escola. Se você pudesse escolher você se manteria na escola?

E - Eu faço essa pergunta há muito tempo e eu me cobro muito disso, de não descobrir. Porque assim, eu lembro que eu quis ser psicóloga, psicanalista, terapeuta. Eu quis ser, vender roupa, sacoleira. Eu fui três vezes para Orlando, aí, de repente o dólar vai, sobe daquele jeito, já não compensava mais. Eu tentei, ah daí eu falei assim “já sei”, olha minha ilusão, “vou fazer letras, ao invés de ser letras português-inglês, vou fazer espanhol, que eu vou dar aulas em cursos de língua, já sou professora”, a idade limite era 35, eu já tinha 34. E daí eu também me cobro porque o que eu gosto de fazer, o que eu sei fazer? E hoje eu estou tentando ser mais boazinha comigo, mas teve muitas vezes que eu achei que eu sou uma fralde, que eu não sou boa, eu não tenho nenhum talento.

P - tem sim

E - Eu achei que eu soubesse escrever. Hoje eu tenho um pouco de bloqueio de escrever, eu não gosto de escrever. E eu gostava de escrever no colégio, na escola. Fui fazer jornalismo porque eu escrevia bem. Ali eu percebi que eu não escrevia. Meu tipo de escrita não era tão boa como precisava. Daí eu criei um trauma ali. Eu gosto de escrever, eu não sou boa em nada de manual, assim, atividades manuais, eu sou péssima. Tecnologia eu também sou ruim. No que eu sou boa?

P - você sabe que eu tenho que discordar? Eu tenho que discordar. Você sabe o trabalho que você faz.

E - É. Eu caminhei, porque eu estou perguntando. Antes eu falava que eu não era boa em nada. Agora eu estou perguntando. Eu caminhei. Eu preciso descobrir no que eu sou boa.

P - você é boa em muitas coisas. Você sabe disso. Só o comprometimento e toda a organização, tudo o que você fazia que deixava em ordem ali. Você sabe da qualidade do seu trabalho. Você sabe que você é boa em muitas coisas.

E - Lembra o dia que eu te ensinei aquele negocinho, eu não esqueço. Esse ano, eu não sei o que estava lá. Daí a Nair olhou para a minha cara e falou “meu Deus, é xaropeta mesmo”. Eu falei “você não sabe, um dia eu ensinei um coisa para a Marilce, eu ensinei”. Daí ela olhava e falava assim “essa daí é xaropinha”, e morria de rir. Mas eu não esqueço.

P - mas é isso. A gente vai ensinando um para o outro a vida inteira. Tem sim, muitas qualidades, muito valor.

E - A doença da minha mãe, esse processo de separação que está acontecendo, é que, a gente não sabe, a gente pode estar conversando e amanhã alguém falar “nossa a Laura morreu”, “morreu?”, “morreu ontem à noite”, mas assim, se as coisas caminharem e se der esse processo de separação, além de eu estar perdendo o amor da minha vida, perdendo não, não ter a presença física dela, eu acho que a coisa que eu fiz melhor na minha vida é ser filha. E, assim, por um lado, antes eu via, a única coisa que eu sei que eu sou boa, que eu posso falar, encher a boca, que eu sou uma ótima filha, e eu já fui para o meu pai, eu não vou ser mais. Mas agora eu vejo assim, eu vou continuar sendo. Mas era uma coisa que eu estava me debatendo bastante comigo isso. Porque assim, a coisa que eu me reconhecia, que eu me via com valor, talvez, aqui no nosso mundo físico, esteja terminando. Eu não vou exercer essa função depois, tanto tempo. Mas é bom, porque quem sabe eu descubra outras coisas.

P - isso que eu ia falar. Talvez você precise olhar para as outras funções que você exerce. E se pararmos ali, só no âmbito familiar, pelo que eu saiba, você é uma tia amadíssima. E não seria se não fosse boa. Então, se olhar só no âmbito familiar, ali. Mas existem outras relações, mesmo você não se sentindo confortável, por se tratar de uma escola, pelo papel do professor te trazer recordações que não são positivas, mas você sabe o papel que desempenha, você sabe o quão você é compromissada e é correta, esforçada e se preocupa. Realmente acho que é isso que você está dizendo mesmo, é poder olhar e enxergar as outras coisas que você faz, e que faz bem.

E - É. Eu sempre falei “foi difícil”, mas enquanto eu estiver em sala de aula eu nunca vou ser aquela “ah, mas você...”. Eu sempre tentei dar o melhor. Então eu sempre busquei alternativas, coisas novas, diferentes. Às vezes, eu estava no meio de uma aula, eu via que não estava rendendo, eu tinha plano B. E mesmo que eu não tivesse, às vezes eu improvisava, e dali eu criava algumas coisas. Então assim, eu... Foi legalzinho, entendeu. Não foi um, eu me dou uma nota 7 ou sete e meio, entendeu.

P - talvez você ainda esteja se cobrando demais. Porque não é qualquer um que leva um plano B ou que é capaz de olhar e dizer “espera aí, não está rendendo”, de ter esse olhar para o outro, de poder falar o que eu estou trabalhando, eu não estou dando aula, eu estou construindo conhecimento. Quando você olha para a dor do outro a ponto de falar “eu não estou ganhando muito, mas a dor dele é muito maior, então vou pagar o almoço dele”, então, eu acho que isso não tem preço. É claro, a gente tem que tomar o cuidado para que não nos afete tanto. Mas dizer que não houve competência, que não houve qualidade ou que você não foi boa nisso, acho que isso você precisa rever.

E - Tá bom. Amanhã tem terapia, rs.

P - diz para mim como você quer que eu te chame nessa entrevista. Qual o nome que você quer ter nessa entrevista?

E - Laura

P - por que Laura?

E - Laura, porque eu queria chamar Laura.

P - Por que?

E - Porque eu acho lindo esse nome, acho lindo. E se eu tivesse uma filha, quando lá atrás eu quis ter uma filha, ia chamar Laura. E daí eu tinha uma cabelereira há muito tempo, e ela perguntou, porque AAAAAA é um nome bem comum, mas não é um nome que, por exemplo, eu nunca tive alguém da minha idade que chame AAAAAA, na escola eu sempre fui a única AAAAAA. Daí a cabelereira falava assim “mas você não tem cada de AAAAAA, como você quer chamar?”, “Laura”. Então sempre que eu olhava na agenda dela ela escrevia Laura, quando eu ia cortar o cabelo, e eu gosto desse nome Laura.

P - o que ele te traz? Você gosta desde sempre?

E - Eu gosto desde sempre. Eu acho ele alegre. Então já que você vai me identificar como uma professora e já que eu contei histórias que são dolorosas, doloridas, mas tem beleza. Hoje eu consigo ver que tem beleza. Então Laura me remete a alegria.

P - tem alguma coisa que você gostaria de perguntar, de esclarecer?

E - Não. Eu falei bastante já. Se você quiser perguntar alguma coisa.

P - não. A gente foi conversando. Eu adorei. Muito obrigada pela contribuição.

E - Me desculpa eu ter demorado a responder. Eu estou com um péssimo hábito. Eu olho a mensagem e não quero responder rapidinho, mas aí eu esqueço. Eu sei que se eu dissesse não você ia me entender, mas eu disse sim. No primeiro momento eu disse sim para você e para mim, porque eu acho importante contar a minha história. Na correria do dia a dia, numa escola, você não pode contar, você não quer contar, o outro também não tem tempo. Então assim, eu acho bacana a gente contar nossa história. Valeu muito a pena, eu que agradeço, muito obrigada.

P - imagina eu que só tenho a agradecer. Eu sei bem como é isso, porque também faço. Você está na correria e “daqui a pouco eu respondo” e fica. Então não tem nada que desculpar, não. Mais uma vez muito obrigada. Boa sorte no seu processo de remoção.

6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSEMEIRE

Entrevista realizada dia 16 de outubro de 2020, com a professora Rosemeire, via Teams.

P - Já te contei minha proposta de pesquisa, começamos a gravar e meu pedido para você é que você me conte sua história.

E - Eu já vou te avisar, que eu não sei se é o processo do envelhecimento, se é o momento que estou vivendo ou se é o assunto, mexe muito com meu emocional. Ontem aquele dia de festa, eu curti muito, mas eu me emociono. É um recorte da minha história de vida. Um resumo da história profissional, assim, rapidinho?

P - é. Eu gostaria que você me contasse o que você puder contar sobre você. Já vou também reforçar essa questão, se em algum momento você quiser parar, você não estiver se sentindo bem ou se você quiser desistir, sinta-se à vontade.

E - É emocionante para mim, mas não é desse nível “ah, vou passar mal, vou sofrer”, não, é a vida, é a pele, brota fora, tudo isso é muito forte para mim. Então deixa eu te contar. Eu fui fazer Magistério por uma contingência social. Eu era muito evangélica, tive um namorado, ia casar, então tinha que ter uma profissão, e deixei meu sonho de ser jornalista, escritora, para ser professora. Hoje eu agradeço muito porque. Eu ingressei no Magistério público em 1984, como professora efetiva. Eu nunca tinha dado uma aula na vida. Eu entrei dentro da sala de aula dona do meu lugar. Não tinha a menor noção do que fazer. Alguns anos depois eu pedi exoneração por causa do meu histórico de vida e voltei, acho que quase dez anos depois. Eu pedi exoneração em 89 e eu voltei em 96. Aí eu já era eu mesma, eu já tomava conta da minha própria vida, e retomei a minha carreira como professora. Aí eu comecei a aprender, comecei a fazer JEIF, comecei a estudar. Porque até então eu não tinha feito nada disso. Os problemas pessoais me impediam, eu não conseguia me dedicar. Ai eu comecei a estudar, comecei a aprender, fui trabalhar no SESI também. Eu dei aula 4 anos e meio no SESI. Isso também me ajudou muito. Nessa época do SESI eu cheguei a acumular 3 empregos, porque eu não tinha faculdade, eu era 11^a na prefeitura. O dinheiro não dava para criar dois filhos e eu cometi essa loucura de ter três empregos. Aí pedi demissão no SESI, saí, e minha vida foi começando. Eu fui fazer faculdade já com 39 anos, mas, assim, o curso de Pedagogia, embora na universidade do Sonho, lá em Origem, mas o primeiro ano foi tão bom, tinha professores tão bons. Tinha uma professora de filosofia da USP, eu ficava deslumbrada. E o conhecimento mexeu muito com a minha vida pessoal, com as minhas crenças. Eu fui descrendo dos mitos, das instituições. O curso de Pedagogia abriu essa janela enorme na minha vida. E eu segui trabalhando, apaixonada pelo conhecimento. Fazia muito curso, fiz curso de teatro, que foi outra coisa que, eu saía de lá pior do que de uma terapia, sem chão. Mas eu fui me constituindo uma professora um pouco melhor. Fui aprendendo no decorrer

do caminho a ser uma pessoa melhor e uma professora melhor. Aí eu me apaixonei pela alfabetização. Eu tinha um cargo na EMEF e outro na EMEI, me apaixonei pela alfabetização. Não conta para ninguém tá, mas eu alfabetizava nos dois lugares. Na EMEI, brincando, cantando, mas muitos alunos evoluíram muito na parte escrita. E eu trabalhei no Coronel com a Nathalia, você conhece?

P - sim. Foi formadora na DRE

E - Também foi outra pessoa, meu Deus do céu, aquela mulher me tocou profundamente. O trabalho dela fez uma revolução em mim, o trabalho que ela propunha. E ela acompanhava muito de perto, tudo. Eu não transgredia não, não ficava dando folhinha mimiografada para criança não. Eu fui aprendendo a trabalhar. E nesse meio de caminho eu já via colegas readaptadas e eu julgava, cá com meus botões, eu achava um absurdo a pessoa estar lá na secretaria. Enfim, trabalhei até me aposentar em um dos cargos. Quando eu completei 50 anos, já estava com os dois cargos em EMEI, mas fazia muito pouco tempo, eu gostava bastante de EMEF. Trabalhei 13 anos no Inspetor junto com a Letícia. Só depois eu trouxe os dois cargos para a EMEI, mas logo me aposentei de um. Quando me aposentei de um cargo, essa vida inteira fazendo JEIF, JBD, correndo para lá e para cá, coincidiu que a minha mãe faleceu, a minha filha casou e mudou. E eu fiquei assim, encontrei um caminho, fui fazer curso de fotografia, fui fazer curso de astronomia. Fui buscando fazer tudo o que eu gosto e que antes eu não tinha tempo. E assim, trabalhar num cargo só, dar aula de manhã, até as 11 da manhã e ir embora para minha casa, parecia que eu nem tinha trabalhado. E foi assim, nossa foi maravilhoso. Trabalhei um ano lá. No segundo ano, porque eu gostava muito de infantil 2, no segundo ano eu tive um probleminha com uma colega, uma amiga. Ela escolheu na minha frente, ela estava readaptada por um motivo gravíssimo, mas ela escolheu na minha frente. E vai que ela voltasse ela precisava do infantil 2 e eu peguei infantil 1. E nessa sala tinha uma criança com problema. E assim, eu sou uma pessoa controladora, eu sou mandona, eu sou uma mulher forte, determinada. Eu fui à luta em todas as situações da minha vida. Eu virei o jogo, eu passei por dois casamentos de relacionamentos abusivos, difíceis. Mas eu sempre tentei dar a volta por cima. Aí nesse ano, eu me deparei com essa criança que me desafiava o tempo inteiro, e eu não dei conta. O menino saiu correndo e eu sai correndo atrás dele que nem uma idiota. Pela primeira vez na vida eu saí da sala de aula chorando que nem uma desesperada. E as crianças gritando lá dentro, porque ele gritava e as crianças, totalmente inocentes, uns bebezinhos, gritavam junto. Uns com medo, chorando, outros porque ouviram alguém gritando e saíram gritando também. E eu não conseguia mais sentar todo mundo, fazer uma roda, contar uma história, não conseguia. Foi difícil, levei até julho. Mas em julho eu despiroquei. Eu não sabia lidar com a situação. Eu não aceito ser, como vou falar isso, eu não aceitei o desafio desse tamanho, eu não aceitei não dar conta de uma situação. Como eu não dava conta de uma criança de 3 anos? Aí eu fui ao médico, fui no psiquiatra e ele me afastou, mas assim, eu fiz, terapia. Eu já fazia terapia para me equilibrar. E nesse período eu reforcei, intensifiquei os períodos, porque não dar conta, não conseguir, fiquei muito mal. Ele colocava todo mundo doido dentro da escola, porque se ele entrava no banheiro, você colocava ele dentro do

banheiro para lavar a mão, ele não saía, alguém tinha que ir lá tirar. Se ele ia para o parque ele não voltava, enfim, o meu médico disse que possivelmente ele deveria ter TOD, Transtorno Opositor Desafiador, eu nunca tinha visto uma coisa destas e eu não dei conta desse desafio. E isso me fez me sentir incapaz, mexeu com os meus brios de professora e, assim, com esse poder. Porque a sala de aula, ela te dá um poder muito grande. Você fala e todo mundo presta atenção no que você está falando, você fala com pai, o pai te ouve, você fala na JEIF, todo mundo te ouve. E esse menino não me ouvia, não me obedecia, e isso me fez um mal terrível. Ele deixou a escola muito tumultuada. A professora que pegava a sala no meio, saiu também, a menina, enfim, foi isso. Daí eu tive que lidar com a sensação de impotência, com a vergonha, porque eu tive e tenho uma certa vergonha. Tanto que eu entrei com uma documentação o ano passado para mudar o meu laudo, porque esse laudo de psiquiatria, ele é pesado demais para mim. Eu estou com outros problemas, ortopédicos, que hoje ficaria muito difícil para eu dar aula, eu estou com várias questões aí. Mas isso é um desafio para mim. Eu não quero ser aposentada readaptada na psiquiatria. Eu quero ser readaptada por um outro motivo. Isso dói em mim, essa sensação de impotência. E assim, aí, eu me removi, eu fiquei de licença esse ano e me removi para uma escola que ninguém me conhecia. Tive um problema com datas, perdi 51 dias de trabalho, quando eu passei pelo processo de readaptação, que eu deveria ter voltado e eu achei que eu tinha que continuar de licença. Perdi tudo isso. Fiquei dois anos ali naquela escola, mas eu não tinha uma função. Esse não ter uma função, também, me incomoda muito. Aí eu me removi para a Deputada, aonde eu me deparei com a Paula e o Marcos, que eles estavam lá na EMEI que eu trabalhei quando aconteceu este fato. E eu falei isso várias vezes para a Paula, eu tinha vergonha de olhar para ela. Sabe eu tinha vergonha, porque ela viu a minha fraqueza, o meu momento de vulnerabilidade, ela presenciou quando eu não dei conta. E a forma como eu via os professores readaptados, foi difícil para eu me ver. Eu me sentia culpada, porque assim, é certo eu não estar trabalhando, por causa desse problema? Eu não queria mais enfrentar uma situação como essa, mas eu senti muita culpa. Não é confortável. Agora, neste momento de pandemia, eu não sei se você sabe como está acontecendo lá no Deputada. Eu faço parte da equipe de moderadoras, eu sou moderadora de mídia. Então eu dei a ideia de ter um whatsapp com os pais e eu estou trabalhando bastante, eu inventei um trabalho para mim, porque eu não tinha uma coisa específica para eu fazer. Tem muito readaptado lá, eu ficava procurando coisas para eu fazer, mas não tinha uma função e agora eu encontrei. Ontem, por exemplo, eu estive o dia inteiro envolvida. Não era dia de trabalho, mas eu estive o dia inteiro envolvida no que ia surgindo nos grupos, no, enfim, essa é a minha história.

P - eu queria que você me contasse um pouco essa história de você criticar os readaptados. Como você via o readaptado?

E - Eu achava que era gente folgada. Eu tinha uma colega que ela teve um câncer, ela teve um câncer de intestino, fez cirurgia, os tratamentos e se curou, mas nunca mais ela voltou para a sala de aula, foi readaptada definitivamente. Eu não sei das questões emocionais, o que aconteceu na vida dela. Eu achava

isso um absurdo, uma pessoa jovem, passou o resto da vida na secretaria. E, assim, várias pessoas, da EMEF que eu trabalhava. Ah, teve um problema de saúde e não voltou mais. Eu não ficava falando para ninguém, porque escola, você não sabe quem é seu amigo, mas eu achava um absurdo, uma pessoa jovem não dar aula, porque eu era muito mais velha do que todo mundo, sempre fui, até porque eu parei um tempo, depois voltei, mas eu adorava trabalhar. Eu achava um absurdo, eu achava que tinha uma certa folga e que tinha uma acomodação.

P - e aí depois você fala da questão da vergonha

E - É. Exatamente. Porque eu julguei e depois eu me vi na posição de vidraça. Porque as pessoas vinham perguntar para mim “mas o que aconteceu?”. Ai eu fiquei mudando de escola, entendeu.

P - procurando lugares onde não te conheciam?

E - Não. Todo mundo já me conhecia, porque eu voltei para uma escola que eu já tinha trabalhado, depois eu vim para o Deputada, onde já tinha, quando você já tem mais de 30 anos na rede, não tem um lugar onde ninguém te conhece, ainda mais quem teve dois cargos, uma hora aqui, outra hora ali. Mas eu não gostei, não gostei dessa situação. Olha, a pessoa que escolheu a sala lá na minha frente que era muito amiga, que eu trouxe para a minha vida devido o problema que ela teve. Depois disso essa pessoa não era mais a mesma coisa para mim, porque mudou toda a minha vida, não era isso que eu pretendia para mim. Eu pretendia continuar cantando, fazendo roda, contando história. Eu era quase uma Meire, quase. Gostava muito.

P - então você está dizendo que atribui a esta pessoa a situação que aconteceu com você?

E - Não. Não atribuo a esta pessoa, isso não tem cabimento. No momento eu achei ruim, eu atribui naquele momento. “Caramba, eu estou passando isso, sem necessidade, porque a pessoa fez aquela escolha, que ela não ia voltar para sala de aula”. O problema dela não era para voltar para sala de aula mesmo. Mas hoje eu sei que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu estou contando para você porque fez parte do processo. A culpa não é dela. Eu me senti incapaz, eu não consegui lidar. Eu não aprendi a lidar. Porque tudo tem um jeito. Você teria um jeito. Mas naquele momento eu não tinha um jeito de lidar. A culpa não foi de ninguém, muito menos dela. A culpa foi de falta de conhecimento. Eu acho que o conhecimento ele abre as portas. Eu acredito nisso. Só que eu achava que eu sabia tudo. Tudo não. Eu achava que eu sabia bastante, lidar com as situações. E quando apareceu aquela situação que me mostrou a minha impotência, tirou o meu poder, eu baqueei.

P - do jeito que você conta, do jeito que você fala, você diz “você teria encontrado um jeito”. Você acha que se fosse uma outra pessoa com essa sala teria vivido a situação sem ter esses efeitos?

E - Olha, a pessoa que dividia a sala comigo, logo depois que eu sai de licença, saiu também. A criança ficou assim, tinha uma professora que ele ficava de boa com essa professora. Era uma negra, alta, não era brava nem nada. Rolava, lá rolava. Ela também não exigia nada. Ele ficava lá num canto, mas ele, a pessoa que ficou, a Roberta, ela ficou, pegava a sala no período do meio, ficava duas horas. E ela falou que assim, que a sala era ótima, mas que ela não conseguia trabalhar também. Consequia levar a situação, mas também não conseguia desenvolver um trabalho. Foi uma sala muito prejudicada

P - você citou uma outra situação que foi a vergonha de olhar para a Paula. Me explica melhor isso, porque você disse agora que com o tempo de trabalho você acaba conhecendo várias pessoas. Mas do jeito que você falou, parece que ela tem um peso maior nessa relação, de vergonha.

E - Ela era a assistente. Ela viveu essa situação junto, entendeu. E foi nesse momento que eu assumi uma impotência, uma incapacidade. E estar diante da Paula era reviver essa sensação. O peso que ela teve foi esse. Ela sabia da situação. Ela viveu várias situações com esse menino, de tentar trazer para dentro da sala, de tentar contornar uma situação ou outra. Ela, o Marcos, a coordenadora, era uma ótima coordenadora também. Mas eu me removi de lá. Entrei no processo de readaptação, fiquei de licença e já entrei em remoção. O ano seguinte eu já estava em outro lugar.

P - e aí você já foi para a outra escola readaptada.

E - Sim. O processo de readaptação foi em janeiro.

P - uma das coisas que você falou foi sobre a dificuldade de não ter a função. Ali, no começo do ano, na organização do PPP, existe um diálogo, uma distribuição de tarefas. E mesmo com essa distribuição, você não sentiu que o que lhe foi atribuído compunha uma função?

E - Sim. Tinha uma função, mas essa função não ocupava a jornada inteira. Quando eu era solicitada para fazer alguma coisa, nossa eu fazia. Mas, não ficava o tempo inteiro fazendo coisas, como quando você está na sala de aula.

P - então, às vezes, a função que lhe é atribuída, então, por exemplo, no Deputada sua função era lidar com essa questão da mídia, com o face, com a comunicação. Só que isso não te ocupava o tempo integral do trabalho. Então, a questão é que, às vezes, a função atribuída não te ocupa suficientemente o tempo. É isso?

E - É. Agora eu estou ocupada o tempo inteiro, agora eu estou ocupada o tempo inteiro. E, olha, isso me faz muito bem. Eu fico pensando. Inclusive estive conversando com duas colegas essa semana. Uma já tem idade e tempo, mas não pediu a aposentadoria, porque fica com medo do que vem depois. Ou com medo do que não vem depois, eu penso muito nisso também. Eu preciso me sentir importante. Não sei se isso é de personalidade. Eu acho que o trabalho, ele também forma nossa personalidade, ele complementa nossa personalidade. E o professor tem um protagonismo o tempo inteiro. Ou você está num pequeno

grupo conversando com uma criança, ou você está conversando com todos, mas você está o tempo inteiro. E eu fico imaginando como seria a minha vida, como será, porque um dia será, sem isso. Em quem eu vou mandar? E quem vai mandar em mim? O que eu vou fazer com esse tempo todo? Isso me preocupa. Até porque, como eu já tenho 56 anos, a maioria das minhas amigas mais próximas estão aposentadas. E o assunto delas eu já acho um pouquinho assim, vago, sabe. Eu gosto de ter assuntos mais atuais. Igual, eu consigo conversar com os professores que estão vivendo essa realidade virtual. Eu converso com as mães. Eu consigo dialogar nesse novo campo de trabalho. Eu me encontrei nesse momento. Eu encontrei a importância da minha função.

P - um momento em que as mídias estão sendo tão exigidas. E já fazia parte da sua atribuição essa comunicação midiática. E agora que a exigência dessa comunicação é maior...

E - É. Agora eu me sinto mais viva, mais importante, mais, assim, fazendo um trabalho importante. Sabe, as mães fazem várias vezes a mesma pergunta. Tem mãe que está perguntando do uniforme ainda, e da matrícula. Porque assim, foram tantos avisos sobre o procedimento. Aí depois que passa o prazo, algumas pessoas vem atrás, porque se dão conta que 2021 está aí. Eu me sinto tão importante, quando eu mando um áudio para a mãe falando “olha você precisa fazer assim” ou “você não precisa fazer nada, será automático”. Eu me sinto muito importante, eu me sinto muito bem, eu encontrei uma função.

P - e você estava falando da aposentadoria porque você já tem o tempo que precisa nesse cargo?

E - Não. Mas já estou pensando

P - é, porque do jeito que você falou, você já está antecipando a situação. Falta muito para esse cargo?

E - Uns dois anos e meio.

P - falta pouco

E - Mas assim, eu não conto os dias

P - você estava falando que agora se sente ocupada, se sente importante, útil, então a pandemia veio trazer algo bom, nesse sentido de ocupação, de função?

E - Isso

P - e para você tudo bem o fato do espaço. O fato de estar em casa, de não estar indo até o local não está fazendo diferença. Ou está?

E - Não. Pelo contrário. Quando eu ia lá eu não tinha tanta coisa para fazer. E aqui eu tenho. Toda hora eu tenho uma coisa. Toda hora eu pego o celularzinho aqui, velhinho, que é só para a escola, quando eu abro ele tem 70 mensagens, 100 mensagens, não é tudo para mim. As professoras estão interagindo dentro dos grupos, algumas. Mas eu tenho que olhar, dar uma olhada. Eu sou os olhos

da administração para ver se tem alguma questão que posso ajudar, alguma questão que eu tenho que interferir. Nossa, eu tenho o poder agora.

P - essa questão que você estava trazendo da utilidade e da potência. Ter uma atividade, uma função que te faça sentir ocupada e contribuindo para esse processo.

E - Isso.

P - e aí você disse outra coisa, que é a questão do peso do laudo da psiquiatria. Então eu queria que você me contasse um pouco mais que peso é esse. Ser readaptada por uma questão ortopédica, para você estaria tudo bem, mas como psiquiatria, aí... Porque você fala “eu não quero me aposentar com um laudo de psiquiatria”. Então ser aposentada como professora readaptada, desde que seja um laudo de ortopedia. É isso?

E - Isso. Porque hoje eu não me vejo com as limitações que me levaram a essa readaptação. Eu não tenho essas limitações psiquiátricas. Pelo menos assim, a forma como eu me vejo. Eu não faço mais tratamento, eu não tomo mais medicamento. Até terapia eu dei um tempo agora. Sei que a gente sempre tem questões para tratar, mas neste aspecto eu estou bem. Então eu acho que é uma mentira eu estar afastada por este motivo que não existe mais neste momento.

P - o seu laudo é definitivo ou temporário?

E - Temporário

P - e como fica essa conversa com o perito?

E - Eu não tive ainda, eu não fui chamada. Agora, há uns dois meses atrás, saiu o retroativo de uma ano e mais um ano que vale até março de 2021. Foi publicado, porque estava muito atrasado isso. E eu estou fazendo tratamento com o ortopédico. Estou em tratamento. Talvez, se eu estivesse na escola esse tempo inteiro, eu teria ficado um período de licença, porque estou com um problema na cervical, que judiou e está judiando muito de mim, estou tratando. Então eu acho que isso é a minha condição médica nesse momento. É isso. Se eu for chamada eu vou levar essa documentação. E se o médico falar “mas você pode dar aula com esse problema aqui da coluna, isso aqui não tem problema”, então tudo bem, voltamos para a sala de aula.

P - e tudo bem?

E - Mas eu não vou voltar ao psiquiatra para pegar um laudo “ah, eu quero continuar readaptada, eu não tenho condições emocionais”, não eu não vou fazer isso.

P - então se o perito disser que você está bem para voltar para a sala de aula, que a questão ortopédica não é o suficiente para te manter fora da sala de aula. Tudo bem voltar para a sala de aula?

E - Vai ser uma nova aprendizagem. Porque quatro anos se passaram, e quatro anos eu vou te falar. Eu fico com os meus dois netinhos aqui, chega uma hora que eu não sei mais o que fazer. Vai ser difícil, porque a criança pequena você também precisa ter energia, uma mente ativa. Quando você faz muito uma coisa você vai fazendo melhor. Quando você para de fazer dá uma enferrujada. É a função, o que você não usa perde a função. Eu sei que teria dificuldades, mas eu não vou atrás de laudo de psiquiatra, para falar que eu estou maluca, que eu não estou bem. Isso não, eu não vou não.

P - psicologicamente falando você se sente bem. Se você pudesse optar hoje entre voltar para a sala de aula ou se manter readaptada, sua opção seria qual?

E - Me manter readaptada, mas por um outro motivo.

P - e por que essa seria a sua opção?

E - Porque eu tenho um certo medo de não dar conta mais. Eu tenho um certo medo de não dar conta de 30 criancinhas.

P - na verdade você diz assim “doeu muito eu não ter dado conta daquela criança, eu ter me sentido impotente”, doeu tanto que até o ano passado você ainda olhava para a Paula e se sentia envergonhada porque ela conhecia a sua impotência, a sua fragilidade.

E - E assim, quando a Paula e o Marcos vieram para a escola, foi nesse começo de ano, que eu já peguei essa sala com esse menino. Eles não me viram trabalhando no meu melhor. Eles não me conheceram como uma professora normal, que o negócio estava tudo certo, que levava as crianças para o pátio e cantava, e cantava para os pais também. Então eu tinha uma certa vergonha. Assim, o que eles acham de mim? Como eles me veem?

P - a preocupação do julgamento do outro.

E - Sim. Porque o julgamento existe, você querendo ou não. Você precisa ser uma pessoa muito madura, muito inteligente, muito informada, para ter maturidade para não julgar. E você não sabe quem tem todo esse know-how.

P - então, na verdade, quando você fala “eu preferia me manter readaptada” você traz junto esse medo de que tudo aconteça. Você hoje se sente estabilizada emocionalmente, se livrou do medicamento, se sente bem psicologicamente. Mas existe um medo de que você perca essa estabilidade conquistada, se for necessário reassumir uma turma de pequeninos. É isso?

E - Isso

P - me conta como você vê essa organização do PPP da escola. Essa organização da distribuição das funções, dos projetos... como você vê esse PPP na escola?

E - Olha. A documentação e a filosofia que rege a criação desses documentos ela é muito bem pensada. Nós temos que fazer uma carta de intenções. Você tem que se colocar na situação, você tem que encontrar um caminho dentro da

unidade que você trabalha, para você, enquanto professor, enquanto readaptado. A documentação ela é muito boa e muito bem embasada. É que, às vezes, no dia a dia, eu acho que, no meu caso, faltou talvez um pouco mais de empenho meu, de procurar mais coisas, de me ocupar por mais tempo, entendeu. Tanto que esse ano eu fiquei transitando pela secretaria e sala dos professores. Porque na sala dos professores, também, é difícil de você competir com a Sofia. Ela faz tanta coisa, tão rápido e tão bem feito, que eu não tinha o que fazer ali do lado dela, a não ser dobrar um papel. Daí eu me senti assim “o que eu vou fazer agora?”

P - e na secretaria?

E - Na secretaria sempre aparece uma mãe lá, perguntando alguma coisa, um documento para arquivar, uma pesquisa na internet. Sempre tem.

P - porque você falou que ficou transitando entre a secretaria e a sala dos professores. Então quando você foi para a sala dos professores, esse trânsito, não era porque na secretaria estava faltando serviço.

E - Faltando serviço?

P - é que você falou que ficou transitando entre a secretaria e a sala dos professores. Por que desse trânsito?

E - Porque não tinha muito o que fazer na sala dos professores.

P - aí quando você chegava na secretaria tinha.

E - Sempre tem o que fazer na secretaria.

P - mas não dava para você permanecer ali?

E - Não, porque a minha função não era aquela.

P - entendi. A questão do que foi combinado antes.

E - É

P - eu vou precisar te dar um nome na transcrição

E - Pode dar o meu nome mesmo, não tem problema. Essa é a história da minha vida.

P - se for para trocar, para colocar um outro nome. Que nome você gostaria de ter?

E - Ai meu Deus do céu, que coisa difícil.

P - você preferiria manter o seu?

E - Sim

P - que significado tem?

E - Eu tenho lutado tanto para ser eu mesma. Eu não me importo que apareça em um documento, em uma tese. Inclusive assim, é claro que eu gostaria de

estar contando para você uma história de sucesso, um recorte do período que eu fui alfabetizadora. Sabe, outras coisas. Mas, essa é a minha história, essa pessoa sou eu, aconteceu isso na minha vida. E eu vou te falar, um dos meus medos, porque eu fui no médico, porque eu falei não dá mais, porque o meu medo era pegar aquela criança pelo pescoço e apertar. Porque era um desafio muito grande, que com as ferramentas que eu utilizava não funcionava. E eu tinha medo da minha reação. Porque nós temos um instinto humano não racional. Dentro de nós mora o homo sapiens primitivo. É a nossa raiz, e eu tinha muito medo disso.

P - e você fala, “eu queria contar uma história de sucesso, essa não é uma história de sucesso”. Você não percebe sucesso nesse período pós readaptação?

E - Olha. Pós pandemia surgiu uma luz, um brilho, entendeu. A coordenadora me deu essa oportunidade de criar esse campo de trabalho para mim. As meninas mais jovens, a Joana, a Vilma, elas dão um banho de tecnologia. Nossa, sabem tudo, mas eu não me sinto perdida. E nem atrás, nem diminuída. Eu me sinto ali uma, que eu tenho coisas também para contribuir. Esse período de tele-trabalho me trouxe um espaço gratificante.

P - e antes você não via esse espaço?

E - Não.

P - você não via uma possibilidade de desenvolver essa escolha do fazer?

E - Olha, eu tentei, mas na escola são muitas professoras readaptadas, no Deputada. Não tem trabalho para tanta gente. É muita gente. E todo mundo, todas as pessoas, são pessoas que querem fazer coisas, que se colocam, que fazem centenas de coisas. Então eu não achava muito assim, que o meu trabalho estivesse contribuindo.

P - você diz que o presencial tem muita gente e acaba o serviço sendo muito distribuído e você não sente o seu tempo ocupado. Agora na pandemia você ocupou esse tempo, porque a necessidade do uso das tecnologias aumentou. Você imagina o retorno ao presencial como vai ser essa função que você encontrou para você nesse momento de pandemia?

E - Essa função será mantida. Porque a escola precisa ter um whatsapp também à disposição dos pais. Eu acho que ajuda muito.

P - nós tínhamos passado por uma resistência muito grande por parte dos professores, nenhum professor queria o whatsapp quando estávamos no presencial. Você acha que o fato dele ter vindo como uma necessidade imprescindível neste momento de pandemia, faz com que ele permaneça depois? Quebrou a resistência dos professores?

E - Não. Não quebrou. Tem professores que não estão em contato com as famílias. Tem professores que estão em contato com as famílias, que criaram um grupo com as famílias, mas não é o grupo que eu criei. O professor criou um

outro grupo só para ele e ele não participa do grupo da escola. Eu criei um grupo para cada sala e tem professor que não está neste grupo, mas criou um outro particular. Então, ainda tem uma resistência, mas eu acho que isso é uma coisa que veio para ficar, para passar os informes, para passar os bilhetes. Então eu acho que é uma coisa que veio para ficar. É mais uma ferramenta de comunicação

P - que você acha que vai permanecer

E - E os pais não perturbam mais do que se fosse por telefone, do que se fosse presencialmente. Quando eles precisam eles procuram. A mesma coisa pelo telefone. O medo dos professores parece que os pais vão pular daqui de dentro e vão roubar alguma coisa de você, porque vai ter seu número de telefone. Ninguém está nem aí, ninguém está nem aí, para você chegar nos pais, eu não sei como é na sua escola, mas para você chegar nesse pai, para esse pai fazer alguma coisa proposta, é difícil, é intransponível quase, em muitas situações.

P - tem alguma coisa que você acha importante acrescentar, dizer, sobre a questão da readaptação, sobre sua história?

E - Eu acho que foi bem colocado. Eu coloquei tudo o que eu sentia, tudo o que eu vivi. O preço que eu paguei, as dores que eu vivi. As voltas que a vida dá. Porque uma coisa é quando você vê de fora, outra coisa é quando você está na situação. Isso me trouxe uma humildade bem forçada. Eu já falei, a profissão ela empodera muito, tanto que eu encontrei um outro lugar de poder, você sabe. Eu encontrei a câmera fotográfica, que também me dá uma felicidade e uma sensação de poder.

P - por que a câmera te dá essa sensação?

E - Porque eu sempre fui muito reprimida. E eu achava que eu era uma pessoa muito tímida também. Quando eu comprei essa câmera, a primeira vez que eu fui com ela para a rua, foi para o Parque do Carmo com a minha amiga, o esposo, o ex-marido. Eu sentia vergonha de estar com aquele objeto tão grande, que eu achava que as pessoas iam ficar me olhando, achando que eu queria aparecer. Eu tinha dificuldade, por mais que eu estava apaixonada, e fui fazer o curso, e fui me encantando, eu tinha vergonha de segurar aquele objeto. Mas isso foi, eu fui me apropriando do objeto, e rapidamente ele se tornou um motivo de destaque e um objeto que eu empunho com um orgulho enorme. E que também me dá um certo poder, porque enquanto está todo mundo fazendo as coisas, vivendo o momento, eu estou enxergando, através daquela lente, coisas que as pessoas não estão enxergando. Depois quando eu mostro isso, “nossa onde estava isso?”. Estava lá. Isso me traz uma felicidade ímpar. Eu não consigo deixar de gostar, de falar desse assunto, de viver isso. Por algum momento, sempre na vida, tenho sempre uma foto para mexer, uma foto para editar. Agora eu estou até me inscrevendo em concursos, através de um amigo que estava me dando umas dicas. Eu fui para a final de um concurso de fotografia, se eu ganhar algum prêmio, uma menção honrosa eu já ganhei por ter sido classificada, a foto que eu ganhar eu vou mandar para você.

P - eu quero ver

E - Isso me traz uma felicidade imensa. Isso também. Esse meu outro trabalho também pode acrescentar muito no meu trabalho da escola. Eu fiz o vídeo do dia das crianças e eu usei algumas fotos lá do Parque da Água Branca. Eu fiz um vídeo para o dia dos professores, também usei os bambus que eu fotografei lá no Parque da Água Branca, naquele dia maravilhoso. Então eu acho que isso traz, também agrega valor ao meu trabalho na escola.

P - é isso que eu ia falar, sobre os registros do ano passado. Você contribui muito com os registros das professoras.

E - As pessoas me mandaram fotos, “cadê fulana de tal, cadê fulana?”. Aí me mandaram uma foto, uma foto que fiz, no dia do seu Barba, as meninas do apoio, da limpeza, com troféu, com as medalhas, eu tinha feito aquela foto. Quando alguém aparece com uma foto legal, passou por perto de mim aquilo, também, entendeu. Eu gosto muito. Eu acho que eu tenho muito a contribuir, ainda, para a escola, com o meu trabalho de readaptada.

P - sim. E isso evidencia sua potência. Aquilo que você é capaz e que você faz muito bem feito. O seu trabalho de captar essas imagens contribuiu muito para os registros que as professoras estavam fazendo. É o que você falou, o que elas trazem para recordação, você está ali

E - Exatamente. E eu me sinto lá. Não precisa aparecer minha cara na foto. Eu sei que estou lá, no melhor ângulo.

P - fazendo parte do processo, pertencente a este lugar. É o que você falou, tem muito a contribuir, muito mesmo.

E - E eu quero contribuir. Eu não me sinto bem quando eu acho que estou ganhando dinheiro sem fazer jus a ele.

P - e uma outra coisa que você acabou de citar, as voltas que a vida dá. Que você criticava muito as professoras readaptadas e você se viu readaptada. Hoje você não tem mais críticas às profissionais readaptadas ou ainda tem?

E - Alguma coisa a gente tem que aprender nos processos. E eu só tenho uma coisa a te dizer, cada vida, cada pessoa é um universo. Eu vou te contar uma coisa. Quando eu cheguei no Deputada, na reunião de atribuição, eu sentei no cantinho, e uma pessoa falou para mim “nossa eu não suporto isso, eu não posso ouvir falar em sala de aula”, fez aquele desabafo assim. Eu não conhecia a pessoa, eu não conhecia ninguém. Depois quando eu comecei a trabalhar, que eu passei a conhecer a pessoa, meu Deus que pessoa maravilhosa, que fez a vida inteira um trabalho, que eu não conheci também, mas com certeza fez um trabalho muito bem feito, muito bom, e de repente se viu nessa situação. Eu cheguei a ver essa pessoa passando mal, passando mal, de ver uma situação, adoecer assim, na minha frente. Então hoje me resta “cada ser tem a sua história”. Se eu conseguir dar conta da minha, se eu conseguir me manter equilibrada dentro de tudo o que eu vivi, de tudo o que estou vivendo, dar conta do meu emocional, nossa “oh glória”, que bom, que o outro também consiga.

P - a visão muda

E - Eu não acho assim também “ah eu tinha que passar por isso, era o meu carma”, não, nada disso, aconteceu. “Eu precisava passar por isso para eu aprender a ver o outro”, nada disso, aconteceu.

P - aconteceu e você buscou tirar as melhores aprendizagens do acontecido.

E - É. Se eu não consegui tirar todas ainda, pelo menos, boquinha fechada é melhor. Não que eu falasse, saísse falando, mas dentro de mim pensava. E hoje não penso mais nada.

P - muito obrigada.

E - Eu tenho uma história, não sei se você já ouviu falar do museu da pessoa.

P – já

E - Eu tenho uma história escrita lá. Que foi um trabalho com a sala de leitura, sala de leitura não, laboratório de informática. A professora propôs e a DRE Origem fez um livro com essas histórias. E a minha crônica, minha história, meu recorte, está nesse livro. E assim, eu tenho um blog pessoal onde eu conto histórias, é que eu não estou alimentando, porque não estou conseguindo. Mas eu terei um orgulho imenso se eu puder ter contribuído.

P - com certeza

E - E eu gostaria de ler, depois, essa transcrição, com muito prazer.

P - Vou encaminhar, com certeza. Muito obrigada mais uma vez.

E - Foi um prazer.

7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS nº 196 de 10 de outubro de 1996)

TÍTULO DA PESQUISA: “Impactos da readaptação na constituição da identidade docente”

Esta pesquisa envolve uma tese de doutorado que visa compreender a interferência da readaptação na identidade dos professores e, para tanto, envolve, através de entrevistas não-diretivas, a escuta de professores da rede municipal de ensino que encontram-se readaptados.

Caso a pessoa entrevistada se sinta desconfortável, em qualquer momento da entrevista, poderá solicitar a interrupção e exclusão da mesma.

Esclareço, ainda, que o nome da entrevistada será mantido em sigilo, sob um nome fictício escolhido pela própria.

A entrevista precisará ser gravada para garantir a fidelidade ao que a entrevistada falou e será transcrita para acompanhar a tese, como apêndice, mantendo os cuidados necessários para que a pessoa não seja identificada.

As pessoas entrevistadas serão esclarecidas sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, bem como, poderão retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento da entrevista. Sua participação é voluntária.

Esclarece-se, ainda, que a participação não acarretará custos e não será disponível nenhuma compensação financeira.

Declaro que concordo com a utilização do meu depoimento na entrevista como informação para a pesquisa.

Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, o qual tive a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante

Data